



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CAROLINE PRESTES VILLA

O CONCEITO DE SEXUALIDADE EM B. F. SKINNER

Londrina
2021

CAROLINE PRESTES VILLA

O CONCEITO DE SEXUALIDADE EM B. F. SKINNER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Camila Muchon de Melo.

Londrina
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração
AUTOMÁTICA DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UEL

Villa, Caroline Prestes.

O conceito de sexualidade em B. F. Skinner / Caroline Prestes Villa. -Londrina, 2021.
210 f.

Orientador: Camila Muchon de Melo.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do
Comportamento, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Sexualidade - Tese. 2. Análise do Comportamento - Tese. 3. Comportamentalismo
Radical - Tese. I. Melo, Camila Muchon de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro
de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III.
Título.

CDU 159.9

CAROLINE PRESTES VILLA

O CONCEITO DE SEXUALIDADE EM B. F. SKINNER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.
Área de concentração: Análise do Comportamento

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Camila Muchon de Melo
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^ª. Dr^ª. Carolina Laurenti
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof^ª. Dr^ª. Marina Souto Lopes Bezerra de Castro

Londrina, 18 de janeiro de 2021

Agradecimentos

Os meus primeiros agradecimentos não poderiam ser a outras pessoas que não os primeiros responsáveis por todas as minhas conquistas até aqui. Agradeço à minha mãe e ao meu pai, Nanci e Maurílio, que batalharam uma vida toda para me proporcionarem um bom estudo e uma boa educação. Só posso dizer que suas jornadas triplas de trabalho e os dias que vocês me levavam junto para assistir suas aulas na faculdade foram mais do que essenciais nessa minha jornada acadêmica.

Em segundo lugar, agradeço à minha irmã e aos meus irmãos, que abriram caminho desbravando o mundo universitário antes de mim e me ensinaram a seguir meu próprio rumo. Obrigada Cris, por ser a primeira a bater as asas longe do ninho. Obrigada Marco e Murillo, por me receberem de braços abertos em uma cidade desconhecida no ano de vestibular e apoiarem minha decisão de deixar vocês e vir para Londrina trilhar minha própria caminhada.

Agradeço também a todas as pessoas que cruzaram meu caminho pela UEL e foram importantíssimas na minha formação de psicóloga e também no trajeto do mestrado. Obrigada Isa, Camila e Dai, por dividirem os momentos maravilhosos e também os momentos de perrengue durante a graduação, e obrigada por começarem a compartilhar comigo a paixão pela Análise do Comportamento. Obrigada Cassi, por ter sido a professora que me mostrou um lado diferente da AC e me ensinou tanto e tão bem para que eu entrasse bem colocada no mestrado. Obrigada Ti e Dê, por fazerem as aulas do mestrado mais gostosas e leves. Obrigada Marcelo, por todas as discussões profundas sobre Comportamentalismo Radical e por todas as risadas que amenizavam as conversas tensas durante o mestrado. Obrigada Luiza e Heitor, que se aproximaram pela Análise do Comportamento, mas permanecem até hoje porque são amigos queridos.

Agradeço à Ana, minha querida psicóloga, que esteve comigo antes e durante uma parte do mestrado, me ajudando a discriminar e descrever meus próprios comportamentos e identificar os reforçadores que se aliavam aos meus valores, me fazendo perceber o quanto eu gosto da vida acadêmica. Obrigada de verdade por me ajudar a ter um pouco mais de confiança e segurança em mim mesma.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Camila, que desde o começo apoiou as minhas ideias mesmo quando eu chorei em supervisão, que foi sempre cuidadosa em todas as correções de texto e orientações, e que fez questão de que o produto final da dissertação fosse um grande reforçador para mim. Obrigada de verdade, foi sempre muito fácil ser sua orientanda.

Obrigada Carol e Marina, que participaram das minhas bancas de qualificação e defesa, e fizeram apontamentos essenciais para que a pesquisa tomasse o rumo que tomou. Suas contribuições foram de extrema importância e é incrível ter tido duas mulheres tão inteligentes e maravilhosas como parte desse processo.

Obrigada CAPES, que permitiu que eu me dedicasse integralmente à minha pesquisa, o que fez toda a diferença para a qualidade do trabalho.

Por fim, o meu maior agradecimento vai para a pessoa que apareceu para melhorar a minha vida e todo o meu mestrado. Rê, não tenho palavras para agradecer por todas as vezes que você sentou comigo e me ajudou a estruturar minha dissertação, todas as aulas sobre filosofia e pesquisa conceitual que você me dava durante um almoço ou um jantar, por todas as vezes que você me abraçou e disse que eu ia dar conta, e por todas as milhares de leituras e correções dos meus textos. Obrigada meu amor, por compartilhar comigo sua paixão por aprender e por compartilhar também a vida. Eu te amo!

*“Quero me encontrar, mas não sei onde estou
Vem comigo procurar algum lugar mais calmo
Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita
Tenho quase certeza que eu não sou daqui”*

Legião Urbana – Meninos e Meninas

VILLA, C. P. **O Conceito de Sexualidade em B. F. Skinner**. 2021. 211 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

RESUMO

A sexualidade humana vem sendo objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, tendo passado por diversas definições ao longo do tempo. Na Análise do Comportamento, procedimentos terapêuticos com o objetivo de modificar o comportamento homossexual foram realizados nas décadas de 1960 e 1970 e são amplamente criticados atualmente, fator que pode ter afastado a área de estudos atuais sobre o respeito à diversidade sexual. Ainda assim, alguns esforços vêm sendo realizados para demonstrar que a Análise do Comportamento pode ser útil na superação de problemas sociais (e.g., racismo, homofobia), no entanto, a área ainda carece de uma base teórica sólida para discutir o tema da sexualidade. Essa base poderia ser buscada na obra de B. F. Skinner e, em especial, no Comportamentalismo Radical, a filosofia que embasa a essa ciência do comportamento. Dessa maneira, o objetivo desta pesquisa foi conceituar sexualidade por meio da literatura skinneriana. Para tanto, foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual cujas fontes foram textos fundamentais de Skinner e textos auxiliares de comentadores e autores de outras áreas do conhecimento. Os textos fundamentais foram selecionados por meio da busca pelo radical sex a partir do recurso de busca no interior do documento em 10 livros digitalizados de Skinner; e os textos auxiliares foram selecionados por busca bibliográfica. Foi realizada uma análise quantitativa dos textos fundamentais a partir da categorização das ocorrências do radical sex e das palavras e expressões em que ele estava inserido. Também foi realizada uma análise interpretativa, dividida entre (i) textos com cinco ou mais ocorrências do radical, que foram lidos na íntegra e sistematizados em tabelas; e (ii) textos com menos de cinco ocorrências, em que foram lidos trechos, também sistematizados em tabelas. Os textos auxiliares foram analisados por meio de fichamento de transcrição e todas as análises foram agrupadas em um texto interpretativo. Como resultado, o radical sex apareceu 317 vezes nos 10 livros selecionados, sendo que se destacaram as expressões relacionadas ao comportamento sexual e reforçamento sexual. A partir da análise interpretativa, entende-se a sexualidade como um fenômeno comportamental complexo, explicado por meio de variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais. O comportamento sexual, entendido na contingência de três termos, é apresentado na forma de ações diversas em diferentes situações antecedentes, tendo como função a produção do contato sexual como um reforçador primário, de reforçadores condicionados a ele, e do afeto como um reforçador generalizado. Outras variáveis descritas foram as operações de privação e saciação, que podem alterar a função dos reforçadores sexuais. Variáveis de controle social do comportamento sexual foram explicitadas em termos de controle pessoal, controle pelo grupo e agências de controle (i.e., religião, governo, educação, economia e psicoterapia). Por fim, foram descritas relações entre os problemas de superpopulação e a sexualidade, abordado o tema da orientação sexual e consideradas possíveis releituras dos escritos de Skinner, que envolvem aspectos relacionados à desigualdade de gênero e heteronormatividade. Considera-se que Skinner discorreu sobre importantes aspectos da sexualidade que podem servir como base para futuros estudos analítico-comportamentais sobre o tema.

Palavras-chave: sexualidade; comportamento sexual; sexo; análise do comportamento; comportamentalismo radical.

VILLA, C. P. **The Concept of Sexuality in B. F. Skinner**. 2021. 211 p. Thesis (Master's in Behavior Analysis). State University of Londrina, Londrina, 2021.

ABSTRACT

Human sexuality has been the object of study in different areas of knowledge, having gone through several definitions over time. In Behavior Analysis, therapeutic procedures aiming to modify homosexual behavior were carried out in the 1960s and 1970s and are widely criticized today, factor that may have pushed away the area of current studies on the subject of respect to sexual diversity. Even so, some efforts have been made to demonstrate that Behavior Analysis can be useful in overcoming social problems (e.g., racism, homophobia). However, the area still lacks a strong theoretical basis to discuss the topic of sexuality. This basis could be sought in B. F. Skinner's work, particularly in Radical Behaviorism, the philosophy that underlies this science of behavior. Thus, this research aimed to conceptualize sexuality through Skinnerian literature. For that, a theoretical-conceptual study was carried out, whose sources were fundamental texts by B. F. Skinner and auxiliary texts by commentators and authors from other areas of knowledge. The fundamental texts were selected by searching for the radical "sex" using the search feature inside the document in ten digitized books by Skinner; auxiliary texts were selected through bibliographic search. A quantitative analysis of the fundamental texts was carried out by categorizing the occurrences of the radical "sex" and the words and expressions in which it was inserted. An interpretative analysis was also carried out, divided into (i) texts with five or more occurrences of the radical, which were read in full and systematized in tables; and (ii) texts with less than five occurrences, in which excerpts were read, also systematized in tables. Auxiliary texts were analyzed using transcription files and all analyzes were grouped into an interpretative text. As a result, the radical "sex" appeared 317 times in the ten selected books, with expressions related to sexual behavior and sexual reinforcement standing out. From the interpretative analysis, sexuality is understood as a complex behavioral phenomenon, explained by phylogenetic, ontogenetic, and cultural variables. Sexual behavior, understood in the contingency of three terms, is presented in the form of different actions in different antecedent situations, having the function of producing sexual contact as a primary reinforcer, reinforcers conditioned to it, and of affection as a generalized reinforcer. Other variables described were the deprivation and satiation operations, which can alter the function of sexual reinforcers. Social control variables of sexual behavior were explained in terms of personal control, group control, and controlling agencies (i.e., religion, government, education, economic control, and psychotherapy). Finally, relationships between the problems of overpopulation and sexuality were described, the topic of sexual orientation was addressed and possible re-readings of Skinner's writings were considered, which involve aspects related to gender inequality and heteronormativity. It can be considered that Skinner wrote about important aspects of sexuality that can serve as a basis for future analytical-behavioral studies on the subject.

Key words: sexuality; sexual behavior; sex; behavior analysis; radical behaviorism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Frequência Total de Ocorrências do Radical Sex por Livro.....	27
Figura 2	Frequência de Ocorrência das Categorias Relacionadas à Sexualidade	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Sistematização dos Textos Fundamentais com cinco ou mais ocorrências do radical sex.....	25
Tabela 2	Sistematização dos Textos Fundamentais com menos de cinco ocorrências do radical sex.....	26
Tabela 3	Capítulos Seleccionados	29
Tabela 4	Termos Incluídos em cada Categoria da Análise Quantitativa.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	21
2.1	GERAL	21
2.2	ESPECÍFICOS	21
3	MÉTODO	22
3.1	NATUREZA DA PESQUISA	22
3.2	PROCEDIMENTO	22
3.2.1	Etapa 1: Seleção dos Textos	22
3.2.1.1	Seleção dos textos fundamentais	22
3.2.1.2	Seleção dos textos auxiliares	23
3.2.2	Etapa 2: Análise dos Textos	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1	ANÁLISE QUANTITATIVA.....	27
4.1.1	Ocorrências do Radical Sex nos Livros.....	27
4.1.2	Ocorrências do Radical Sex nos Capítulos.....	28
4.1.3	Contextos de Ocorrência do Radical Sex	31
4.1.3.1	Comportamento sexual	32
4.1.3.2	Reforçamento sexual	33
4.1.3.3	Drive/privação e saciação	34
4.1.3.4	Sexo biológico/gênero	34
4.1.3.5	Outros	35
4.1.3.6	Aspectos biológicos	36
4.1.3.7	Aspectos sociais e/ou culturais	36
4.1.3.8	Orientação sexual.....	37
4.1.3.9	Evento antecedente	37
4.2	ANÁLISE INTERPRETATIVA	39
4.2.1	Comportamento Sexual	39
4.2.1.1	Ação.....	43
4.2.1.2	Situação antecedente.....	46

4.2.1.3	Operações de privação e saciação.....	48
4.2.2	Consequências Mantenedoras do Comportamento Sexual.....	55
4.2.2.1	Reforçadores primários: o contato sexual.....	55
4.2.2.2	Reforçadores condicionados.....	59
4.2.2.3	Reforçadores generalizados: o afeto.....	63
4.2.3	Controle Social do Comportamento Sexual	68
4.2.3.1	Controle pessoal.....	69
4.2.3.2	Controle pelo grupo	73
4.2.3.3	Agências de controle.....	76
4.2.3.3.1	<i>Religião e Governo</i>	76
4.2.3.3.2	<i>Educação</i>	80
4.2.3.3.3	<i>Economia</i>	83
4.2.3.3.4	<i>Psicoterapia</i>	90
4.2.4	Práticas Culturais e Sexualidade.....	95
4.2.5	Problemas de Superpopulação	100
4.2.6	Orientação Sexual	107
4.2.7	Releituras	114
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS	128
	APÊNDICES	141
APÊNDICE A	Buscas do radical sex nos livros de Skinner	142
APÊNDICE B	Tabelas de sistematização dos textos fundamentais com cinco ou mais ocorrências do radical sex	145
APÊNDICE C	Tabelas de sistematização dos textos fundamentais com menos de cinco ocorrências do radical sex	176

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo no mundo ocidental, a sexualidade foi vista única e exclusivamente como o ato sexual, sendo abordada pela arte e literatura por meio de quadros, esculturas, romances e até mesmo em obras filosóficas (e.g., escritos de Platão sobre o amor *eros*, o qual representava os desejos sexuais) (Oliveira, 2009). Segundo Ribeiro (2009), “em 3200 a. C., os primeiros povos da Mesopotâmia já esculpiam estátuas com destaques para os órgãos genitais femininos e, na Grécia, no século VII a. C., era comum vasos e cálices terem pinturas e desenhos retratando relações sexuais” (p. 131). No entanto, um campo teórico específico de estudo da sexualidade surgiu apenas na Idade Média, com maior ênfase depois do século XV, principalmente pela Igreja Católica e pela Medicina. A Igreja interessava-se em estabelecer o que era permitido ou proibido em relação às práticas sexuais e a Medicina procurava estudar a saúde sexual, concepção e gravidez (Ribeiro, 2009).

No século XIX, os saberes da Igreja e da Medicina se unificaram, pois os médicos eram, em geral, burgueses herdeiros das tradições católicas e, então, o estudo “científico” da sexualidade passou a ter caráter normativo e classificatório, tendo como foco os desvios sexuais e doenças advindas de práticas sexuais tidas como inadequadas, sendo então adotada uma postura moralista (Ribeiro, 2005, 2009; Senem & Caramaschi, 2017). Isso teve repercussão também no Brasil, onde médicos defendiam que os estudos sobre sexualidade deveriam ocorrer “por meio de pressupostos higienistas e eugênicos” (César, 2009, p. 40).

Com a apropriação do “saber científico”, médicos institucionalizaram os estudos sobre sexualidade e o que antes era tratado em termos de erotismo cedeu lugar à Biologia da Reprodução, a qual sustentava concepções essencialistas e normatizadoras: “entendo que a institucionalização do conhecimento sexual ocorreu quando os médicos elaboraram, desenvolveram e se apropriaram de teorias e ideias que foram consideradas ‘científicas’ e

capazes de dar a sustentação que necessitavam para o seu discurso sexual normatizador” (Ribeiro, 2009, p. 131).

De acordo com César (2009), a sexualidade serviu neste momento para delimitar o que eram práticas sexuais “corretas” e o que seriam atitudes que ficariam além da norma:

O sexo bem educado ou normatizado, isto é, as práticas heterossexuais, monogâmicas, consolidadas pelo matrimônio e reprodutivas, foram observadas pelos olhares e ouvidos atentos de médicos e psiquiatras, que podiam até mesmo prescrever mais sexo e a intensificação do prazer. As práticas outras, ou as sexualidades não normativas, deveriam ocupar o lugar das margens, além de serem também esquadrihadas por médicos e terapeutas que produziram saberes que definiram as configurações e nomenclaturas desses outros da sexualidade – o homossexual, a histérica, o onanista¹. (p. 43)

Esse discurso normatizador era pautado, principalmente, em um determinismo biológico e ideias essencialistas (Louro, 2007; Paiva, 2008). Tais ideais foram os que sustentaram, por exemplo, a homossexualidade como doença ou insanidade durante um longo período de tempo; e que fomentaram a busca por determinações biológicas desse fenômeno, por meio de estudos genéticos e cerebrais (e.g., Hamer et al., 1993; LeVay & Hamer, 1994). Mais tarde, os mesmos discursos recaíram sobre a epidemia da AIDS, a qual era associada principalmente aos homossexuais e “apresentada como uma terrível advertência sobre os efeitos da revolução sexual” (Weeks, 2000, p. 36).

Diante desses contextos, emergiram estudos sociais e culturais sobre a sexualidade como uma resposta à perspectiva biologizante sobre o tema: “deve-se considerar a problemática transposição de categorias das ciências naturais para o entendimento de questões que, em nossa concepção, são de ordem social/cultural” (Souza & Dinis, 2010, p. 123). A dimensão biológica continuou sendo considerada importante em algumas discussões

¹ Segundo o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, onanista significa “que ou aquele que se entrega ao onanismo; masturbador; quiromaníaco”.

sobre o assunto, mas fez-se necessário incluir estudos sobre a dimensão “psicossocial” da sexualidade (Senem & Caramaschi, 2017). Como afirma Weeks (2000): “embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo” (p. 36).

Dessa maneira, algumas vertentes das ciências humanas “passaram a considerar o estudo das atitudes e comportamentos sexuais como área merecedora de reflexões e proposição de teorias” (Ribeiro, 2009, p. 131). Esses novos estudos se voltaram para outros aspectos da sexualidade que não se restringiam às características biológicas, propondo uma divisão entre a definição de sexo e de sexualidade:

Inicialmente, é preciso que tenhamos clareza sobre o significado do sexo e da sexualidade. O primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual. ... Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual. (Figueiró, 2009, pp. 143-144)

Ribeiro (2005) faz uma descrição similar de sua percepção sobre a sexualidade, porém, com alguns detalhes adicionais:

A sexualidade, no nosso entender, é um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo ou à vida sexual. É um conceito amplo, que envolve a *manifestação do impulso sexual e o que dela é decorrente: o desejo, a busca de um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para realizar o desejo* [ênfase adicionada], a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, *a religião, a sublimação, a repressão* [ênfase adicionada]. Em sua essência, a sexualidade é biológica, e tem como objetivo primordial – aqui com o significado de

fonte, princípio, origem – *a perpetuação da espécie* [ênfase adicionada]. Mas o ser humano, com o uso da razão e das outras faculdades mentais, pôde ir além do impulso biológico e usar a manifestação da sexualidade para outros fins. (p. 1)

A sexualidade passa assim a ser definida por estudiosos das ciências humanas como uma característica humana que engloba “componentes biológicos, psicológicos e sociais” (Maia & Ribeiro, 2011, p. 75). Em outras palavras, “a sexualidade humana possui influências biológicas, psicológicas e culturais, constituindo-se como uma experiência ampla e complexa, polimorfa e diversa” (Senem & Caramaschi, 2017, p. 170). Esse enfoque diferente da sexualidade também ressalta que os indivíduos a expressam em todas as fases do desenvolvimento, desde o nascimento até a idade adulta (Oliveira, 2009). Além disso, “ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos e apreendidos durante a socialização” (Maia & Ribeiro, 2011, pp. 75-76).

Ainda que diferentes áreas e autores abordem a sexualidade, algumas críticas são tecidas a estudos biológicos sobre o tema: “percebe-se que ainda existe uma mescla de conteúdos relacionando esta com a reprodução humana” (Oliveira, 2009, p. 176). Segundo a autora, isso acaba carregando uma visão biologizante da sexualidade em alguns contextos até a contemporaneidade, “sem estabelecer uma relação com a sexualidade que envolve emoções, hormônios e sensibilidade, entre outros aspectos” (Oliveira, 2009, p. 176). Entretanto, estudos da área da genética concluíram, por exemplo, que a orientação sexual é um fenômeno multifatorial no qual fatores biológicos desempenham um papel, mas em que os aspectos psicossociais são de extrema importância (e.g., Bancroft, 1994). Em um estudo mais recente, considera-se o papel dos hormônios na orientação sexual e ressalta-se a importância de resistir a conclusões simplistas, já que “os fenótipos comportamentais são

complexos, as descobertas genéticas são rudimentares e há uma longa história de uso indevido de resultados genéticos para fins sociais” (Ganna et al., 2019, p. 7).

Percebe-se assim que algumas áreas das ciências humanas e biológicas consideram que os aspectos psicológicos também são importantes para a constituição da sexualidade, tornando a Psicologia uma área do conhecimento que pode discorrer sobre o assunto. Ribeiro (2009) afirma que “atribui-se à sexualidade um caráter essencialmente interdisciplinar, no qual são conferidos diferentes olhares de diversas áreas do conhecimento” (p. 130), e cita a “Psicologia/Psicanálise” como uma dessas áreas. Além disso, alguns autores (e.g., Oliveira, 2009; Senem & Caramaschi, 2017; Weeks, 2000), ao citar o estudo da sexualidade pela Psicologia, referem-se primordialmente a Sigmund Freud (1856 – 1939) e sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1984).

Nota-se que a Psicanálise parece ser uma das únicas áreas do conhecimento psicológico citada nos estudos sobre sexualidade, principalmente por ter em Freud (1905/1984) uma obra sobre o tema em específico. Assim, mesmo também sendo considerada uma área psicológica, a Análise do Comportamento não parece ser reconhecida por desenvolver estudos relacionados à sexualidade. Assim, duas hipóteses podem ser levantadas para explicar esse afastamento: (i) as pesquisas analítico-comportamentais sobre o tema ainda são incipientes; (ii) existem estudos sobre o tema, mas a área não dialoga com outras áreas que o estudam. Uma revisão da literatura analítico-comportamental realizada por Carvalho et al. (2011) parece apontar para a primeira opção:

Destaca-se o baixo número de artigos publicados sobre sexualidade humana no JABA.

Apesar de a busca por documentos ter sido abrangente, examinando o amplo período de 42 anos e excluindo as réplicas, foram publicados apenas sete artigos tendo a sexualidade como tópico principal. Isso resulta na média de apenas um artigo a cada seis anos. (p. 79)

Desses artigos encontrados, a maioria foram estudos realizados até o fim da década de 1970, os quais tratavam sobre a homossexualidade, entendida na época como desvio ou patologia. Nesse contexto, procedimentos terapêuticos baseados em modificação do comportamento e aprendizagem respondente foram fortemente utilizados para “alterar a orientação sexual de homossexual para heterossexual” (Carvalho et al. 2011, p. 74), fator que pode ter afastado a Análise do Comportamento das discussões atuais sobre sexualidade e dificultado o diálogo com outras áreas.

Os estudos que envolviam a alteração da orientação sexual nas décadas de 1960 e 1970 geralmente eram realizados com homens homossexuais, e frequentemente eram efetuadas medidas da ereção peniana por meio de um pletismógrafo² ou instrumento semelhante (e.g., Abel et al., 1975; Bancroft, 1970; Barlow & Agras, 1973; Conrad & Wincze, 1976). Regularmente utilizavam-se imagens (e.g., Bancroft, 1970; Barlow & Agras, 1973; Conrad & Wincze, 1976), fitas de áudio (e.g., Abel et al., 1975) ou “fantasias” (e.g., Abel & Blanchard, 1974; Bancroft, 1970; Conrad & Wincze, 1976) como dicas eróticas ou estímulos para a ereção.

Entre os procedimentos utilizados, destacaram-se: a (i) terapia de aversão, que se caracterizava, primordialmente, pela apresentação de choque quando se verificava a ereção na presença de um “estímulo homossexual” (e.g., Bancroft, 1970; Conrad & Wincze, 1976); a (ii) dessensibilização sistemática, que tinha como objetivo eliminar ou diminuir a ansiedade relacionada ao comportamento heterossexual por meio da exposição real ou imaginada a uma hierarquia de situações (e.g., Bancroft, 1970), podendo ou não ser associada à terapia de aversão (Barlow, 1973); o (iii) emparelhamento ou recondicionamento orgásmico, que consistia, geralmente, na apresentação de um “estímulo homossexual” durante a masturbação, seguido de um “estímulo heterossexual” próximo à ejaculação, procedimento que tinha como

² Segundo o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, pletismógrafo é um “instrumento para determinar e registrar variações no tamanho de um órgão ou membro, em razão do afluxo de sangue”.

objetivo aumentar a excitação sexual diante de “estímulos heterossexuais” (e.g., Conrad & Wincze, 1976); e o (iv) *fading*, que se resumia na apresentação de uma alteração gradual de imagens masculinas para imagens femininas durante a ereção, também com o objetivo de aumentar a ereção diante de “estímulos heterossexuais” (e.g., Barlow & Agras, 1973).

Ainda que alguns autores já tivessem argumentado contra o uso da terapia de aversão, defendendo procedimentos menos agressivos e “mais eficazes” (e.g., Barlow, 1973; Nordyke et al., 1977), a postura heteronormativa³ se mantinha, principalmente com a justificativa de que a homossexualidade se determinava pelo medo ou esquiva da heterossexualidade e podia causar depressão ou outros transtornos (Barlow, 1973; Barlow & Agras, 1973). Entretanto, nessa década, a visão da homossexualidade como uma patologia já estava sendo questionada e criticada (cf. Nordyke et al., 1977; Winkler, 1977), sendo retirada do manual de transtornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria em 1973, recebendo apoio da Associação Americana de Psicologia em 1975 (Barreto, 2020; Carvalho et al., 2011; Mizael, 2018).

Em uma publicação recente, a Sociedade de Análise Experimental do Comportamento e a editora chefe do *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) realizam uma “expressão de preocupação” em relação a um popular artigo de Rekers e Lovaas (1974), em que os pesquisadores utilizaram de procedimentos aversivos para reduzir comportamentos considerados femininos em uma criança do sexo masculino. Nessa expressão de preocupação, SEAB & LeBlanc (2020) mencionam que atualmente tal pesquisa seria considerada antiética e não seria aprovada, financiada ou publicada. No entanto, os autores afirmam que “a evidência disponível não deixa claro que o estudo original era antiético para os padrões da época” (p. 1832), justificando assim a expressão de preocupação ao invés da retratação do artigo.

³ Heteronormatividade pode ser definida como a imposição social da heterossexualidade e da expressão de gênero coerente com o sexo biológico (Caproni Neto, 2018).

Essa posição do JABA gerou diversas controvérsias, pois apenas uma expressão de preocupação pode não ser suficiente para retratar os danos produzidos pelas terapias de reversão sexual. Alguns desses danos foram explicitados em uma publicação da Associação Americana de Psicologia (2009), que concluiu que os procedimentos de reversão sexual não alteravam o desejo sexual, seja diminuindo o desejo por pessoas do mesmo sexo ou aumentando o desejo por pessoas do sexo oposto; e que alguns procedimentos geraram malefícios aos indivíduos, como, por exemplo, depressão, ansiedade e perda do desejo sexual (Carvalho et al., 2011; Mizael, 2018). Assim, mesmo que atualmente muitas associações profissionais condenem a terapia de reversão sexual (e.g., Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia), o próprio acesso a tais publicações pode ser usado como justificativa para o uso de tais procedimentos, o que possibilita argumentar em defesa da retirada dessas publicações do ar. Diante disso, constata-se neste estudo que as tentativas de alterar a orientação sexual realizadas nas décadas de 1960 e 1970 marcam um desserviço da Análise do Comportamento para a sociedade⁴, e podem ter repercutido na diminuição de publicações e pesquisas sobre sexualidade humana na área ao longo do tempo; além de restringir os poucos estudos realizados ao tema da orientação sexual e não à sexualidade como um todo.

Com isso, alguns esforços vêm sendo feitos recentemente a fim de demonstrar que a Análise do Comportamento pode também “ser útil na superação de problemas sociais relevantes” (Mizael, 2018, p. 17), como o preconceito contra os homossexuais. Nesse sentido, Mizael (2018) realizou uma revisão bibliográfica que objetivou “revisar a produção científica analítico-comportamental sobre questões relacionadas à homossexualidade” (p. 23), encontrando quatro pesquisas que não mencionavam explicitamente a homossexualidade como patologia, fator que a autora atribuiu às mudanças ocorridas nas associações de

⁴ Rutherford (2006), apesar de não abordar especificamente as tentativas de alteração da orientação sexual, discorre extensivamente sobre os problemas éticos das técnicas de modificação do comportamento (i.e., *Behavior Modification*), principalmente as aversivas, utilizadas na década de 1970.

psiquiatria e psicologia. Dentre os artigos encontrados, o de Mallot (1996) tentou estabelecer um panorama geral sobre a sexualidade humana, mas ainda com foco na explicação da orientação sexual. O autor analisa a heterossexualidade e a homossexualidade a partir de uma ótica analítico-comportamental. Os papéis sexuais (i.e., normas estabelecidas pela cultura sobre o que é masculino e o que é feminino), a orientação sexual e os valores sexuais seriam necessariamente aprendidos a partir de contingências de reforçamento e punição no decorrer da vida, segundo esse autor.

Além disso, Mallot (1996) afirma que a estimulação física de zonas erógenas provavelmente tem seu valor reforçador selecionado pela história filogenética, o qual contribui para a reprodução e sobrevivência da espécie. Porém, a fonte dessa estimulação (i.e., indivíduos do mesmo sexo, do sexo oposto ou de ambos os sexos) seria selecionada pela história ontogenética, indicando que os indivíduos nascem suscetíveis a reforçadores sexuais de fontes variadas e essas são modificadas pela história comportamental. A concepção do autor sobre aspectos da sexualidade parece estar condizente com os pressupostos comportamentalistas radicais. Porém, Sant’Ana et al. (2019) mencionam uma confusão de Mallot (1996) em relação aos conceitos de orientação sexual e expressão de gênero, afirmando que o autor inclui esta última como parte da primeira, sendo que ela estaria relacionada à identidade de gênero. Os autores recorrem à Associação Americana de Psicologia para explicar esses termos: a orientação sexual é definida como a atração sexual, emocional ou afetiva por indivíduos, enquanto que “a identidade de gênero diz respeito a como a pessoa se sente e se identifica em relação aos padrões comportamentais, atividades e atributos que um contexto social específico considera adequado ao sexo biológico” (p. 142).

Observa-se assim uma confusão conceitual em relação à sexualidade que pode estar relacionada ao caráter incipiente das pesquisas analítico-comportamentais sobre o tema, que foi demonstrado por Carvalho et al. (2011) e Mizael (2018). Isso também indica que os

poucos estudos que estão sendo realizados carecem de uma base sólida para discutir o conceito, que acaba muitas vezes sendo abordado somente em termos de orientação sexual. Alguns autores (e.g., Sant’Ana et al., 2019) abordam a sexualidade pautando-se em definições já pré-estabelecidas para aproximá-las dos pressupostos comportamentalistas radicais, inferindo de antemão que o conceito de sexualidade está “pouco presente na obra de Skinner” (p. 145). É certo que não há uma obra específica sobre sexualidade em Skinner, mas sabe-se, por exemplo, que o autor refere-se ao sexo em termos de *drive* (Skinner, 1938, 1953/2005) e ao contato sexual como um reforçador primário (Skinner, 1953/2005), o que abre a possibilidade de haver outras discussões sobre o tema espaçadas em sua obra.

Muitos temas estudados atualmente pela Análise do Comportamento avançam as contribuições skinnerianas, mas partiram do Comportamentalismo Radical. Exemplos destes temas são encontrados nos estudos sobre cultura e metacontingência (e.g., Glenn et al., 2016); nas discussões sobre motivação e operações estabelecedoras (e.g., Michael, 2000; Pereira, 2013); em uma proposta de autocontrole (e.g., Rachlin & Green, 1972); em proposições acerca do controle aversivo (e.g., Hunziker, 2017; Sidman, 1989); e em definições de agências controladoras (e.g., De Souza, 2018). Portanto, uma base para a discussão sobre sexualidade em Análise do Comportamento poderia ser buscada na obra de Skinner, e em especial no Comportamentalismo Radical, a filosofia que orienta tal ciência e que foi assim denominada pelo próprio autor a partir de 1945 (Skinner, 1945a, 1945b, 1953/2005, 1974). Isso poderia contribuir para (i) validar o estudo da sexualidade pela Análise do Comportamento; (ii) suscitar novas pesquisas e discussões analítico-comportamentais sobre sexualidade que não tenham como foco somente a orientação sexual; (iii) possibilitar o avanço das discussões analítico-comportamentais sobre sexualidade; e (iv) proporcionar o diálogo com outras áreas que se debruçam extensivamente sobre o estudo da sexualidade como um fenômeno complexo (e.g., ciências sociais e biológicas).

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Conceituar sexualidade por meio da literatura skinneriana.

2.2 ESPECÍFICOS

- Caracterizar quanto e como a sexualidade aparece na obra de B. F. Skinner.
- Identificar as variáveis explicativas da sexualidade e sua natureza (filogenética, ontogenética, cultural).
- Definir comportamento sexual por meio da especificação de suas consequências mantenedoras.
- Explicitar as contingências de controle social do comportamento sexual.
- Examinar tópicos da produção textual de B. F. Skinner sob a ótica de estudos recentes a respeito da sexualidade.

3 MÉTODO

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Este estudo consiste em uma pesquisa teórico-conceitual. Segundo Laurenti e Lopes (2016), em psicologia, “a pesquisa conceitual pode ser definida como uma interpretação da teoria ou texto psicológico” (p. 43), podendo abranger em seu escopo desde um conceito em um texto de um único autor até diversos conceitos em diversos textos de diferentes autores. Sendo assim, o objeto de estudo de uma pesquisa conceitual em psicologia é o texto psicológico e um de seus objetivos é esclarecer os conceitos que compõem esse texto a partir de um processo de interpretação (Laurenti & Lopes, 2016). Partindo dessa definição, esta pesquisa abrange em seu escopo a interpretação de um conceito e sua rede conceitual com base em diversos textos de um único autor, ou seja, visa esclarecer o conceito de sexualidade na obra de B. F. Skinner (1904-1990).

3.2 PROCEDIMENTO

3.2.1 Etapa 1: Seleção dos Textos

Os textos selecionados para a presente pesquisa foram divididos em duas categorias: textos fundamentais, que compreenderam os escritos de Skinner; e textos auxiliares, que compreenderam textos de comentadores de Skinner e de outras áreas que discorrem sobre o tema da sexualidade. Os textos auxiliares serviram como apoio no processo de interpretação dos textos fundamentais.

3.2.1.1 Seleção dos textos fundamentais

Primeiramente, para a seleção dos textos fundamentais, foram identificados todos os livros que compõem a obra de Skinner por meio do artigo: “Acesso a Skinner pela sua própria obra: publicações de 1930 a 1990” (Carrara, 1992b). Foram selecionados apenas os

livros encontrados digitalizados em sua língua original e que tinham Skinner como único autor, totalizando 10:

- (1) *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis* (1938);
- (2) *Science and Human Behavior* (1953);
- (3) *Verbal Behavior* (1957);
- (4) *The Technology of Teaching* (1968);
- (5) *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969);
- (6) *Beyond Freedom and Dignity* (1971);
- (7) *About Behaviorism* (1974);
- (8) *Reflections on Behaviorism and Society* (1978);
- (9) *Upon Further Reflection* (1987);
- (10) *Recent Issues in the Analysis of Behavior* (1989).

Os livros foram baixados e separados em uma pasta. A partir disso, foi buscado o radical *sex* por meio do recurso de busca no interior do documento (i.e., *ctrl+f*) em todos os livros. Foram agrupadas as seguintes informações em uma tabela: referência do livro; número de ocorrências do radical no livro e em cada capítulo; nome dos capítulos em que o radical aparece e número das páginas em que ele aparece (ver Apêndice A). Os critérios iniciais de seleção foram: conter o radical pesquisado no título do livro ou do capítulo; ou ter no mínimo cinco ocorrências do radical pesquisado no corpo dos capítulos. Após um refinamento dos critérios de seleção, todos os capítulos em que o radical apareceu foram selecionados para análise.

3.2.1.2 Seleção dos textos auxiliares

Os textos auxiliares de críticos e comentadores de Skinner foram selecionados por meio de busca bibliográfica de acordo com os temas relevantes para cada tópico da dissertação. As buscas foram realizadas em bases de dados mais amplas, como o Google

Acadêmico; e em revistas especializadas da área, nacionais e internacionais: *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (RBTCC), *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* (ReBAC), *Behavior and Social Issues*, *Acta Comportamentalia*, *Perspectives on Behavior Science*, *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) e *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (JEAB). Além disso, outros textos foram selecionados no decorrer da pesquisa por meio de referências dos primeiros artigos encontrados e também por meio de indicação da orientadora ou com base na história intelectual prévia da autora.

Uma segunda categoria de textos auxiliares foi composta por escritos de outras áreas que discorrem sobre o tema da sexualidade. Esses textos também foram selecionados por meio de busca bibliográfica no Google Acadêmico e com base nas referências dos textos encontrados.

3.2.2 Etapa 2: Análise dos Textos

Foi realizada uma análise quantitativa das ocorrências do radical *sex* nos textos fundamentais selecionados e dos contextos em que o radical apareceu. Essa análise foi feita por meio de catalogação em tabelas do número de ocorrências do radical nos livros e nos capítulos e também por meio da leitura dos trechos em que o radical apareceu para identificação do contexto.

A análise interpretativa dos textos fundamentais foi dividida em duas etapas: (i) análise dos capítulos com cinco ou mais ocorrências do radical *sex* (ii) análise dos capítulos com menos de cinco ocorrências do radical *sex*. No primeiro caso, a análise foi realizada por meio da leitura integral e sistematizada dos textos (ver Apêndice B). A Tabela 1 apresenta como foi realizada essa sistematização: a referência do capítulo foi inserida na primeira linha; durante a leitura, as definições de sexualidade trazidas pelo texto foram transcritas, bem como definições de outros conceitos relacionados (e.g., afeto, homossexualidade, privação e

saciação etc.); foram levantadas também as teses tradicionais, críticas e teses alternativas que se relacionavam com o tema da sexualidade e essas foram inseridas na tabela com as próprias palavras da pesquisadora. Segundo Laurenti e Lopes (2016), “uma tese é uma afirmação que o autor faz em relação a um determinado assunto” (p. 57), sendo que as teses tradicionais são proposições feitas por outros autores e que serão discutidas e criticadas pelo autor do texto e as teses alternativas são as propostas do autor para substituir as teses tradicionais.

Abaixo da descrição das teses, foi identificado na tabela se o texto descreve aspectos filogenéticos, ontogenéticos e/ou culturais da sexualidade e isso foi demarcado com um “X” para que essa informação ficasse mais visível; foram transcritos os trechos em que o texto aponta essas variáveis (i.e., filogenéticas, ontogenéticas e/ou culturais) e abaixo foram feitos comentários da pesquisadora em relação aos trechos; por fim, a tabela apresentou as principais contribuições do texto para o cumprimento dos objetivos da pesquisa.

Tabela 1

Sistematização dos Textos Fundamentais com cinco ou mais ocorrências do radical sex

Referência do capítulo			
Definição de sexualidade			
Definição de outros conceitos relacionados			
Tese Tradicional			
Crítica			
Tese Alternativa			
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
Aspectos filogenéticos relevantes			
Comentários			
Aspectos ontogenéticos relevantes			
Comentários			
Aspectos culturais relevantes			
Comentários			
Principais contribuições			

No caso dos textos fundamentais em que o radical *sex* apareceu menos de cinco vezes, foram lidos primeiramente os parágrafos em que o radical estava contido e, quando necessário, foram lidos os parágrafos anterior e posterior. Em alguns casos, foi necessária a leitura de outros parágrafos ou até mesmo a leitura integral do capítulo. Diferentemente da análise efetuada com os primeiros capítulos selecionados, as informações coletadas neste momento foram inseridas em tabelas divididas por temas (ver Apêndice C). A Tabela 2 apresenta como foi realizada essa sistematização: na primeira linha da tabela foi escrito o tema a que ela se referia e abaixo foram construídas duas colunas, uma com citações diretas retiradas dos capítulos e outra com comentários da autora.

Tabela 2

Sistematização dos Textos Fundamentais com menos de cinco ocorrências do radical sex

Tema		
Citação		Comentários

Após a análise dos textos fundamentais por meio das tabelas, foi realizada uma análise conceitual interpretativa dessas informações com a ajuda dos textos auxiliares. Todos os textos auxiliares foram lidos na íntegra e foram realizados fichamentos de transcrição com as partes que eram relevantes para a discussão. Com base em todo o exposto, foi redigido um texto interpretativo que buscou (i) caracterizar quanto e como a sexualidade aparece na obra de B. F. Skinner, (ii) identificar as variáveis explicativas da sexualidade e sua natureza (filogenética, ontogenética, cultural), (iii) definir comportamento sexual por meio da especificação de suas consequências mantenedoras, (iv) explicitar as contingências de controle social do comportamento sexual e (v) examinar tópicos da produção textual de B. F. Skinner sob a ótica de estudos recentes a respeito da sexualidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

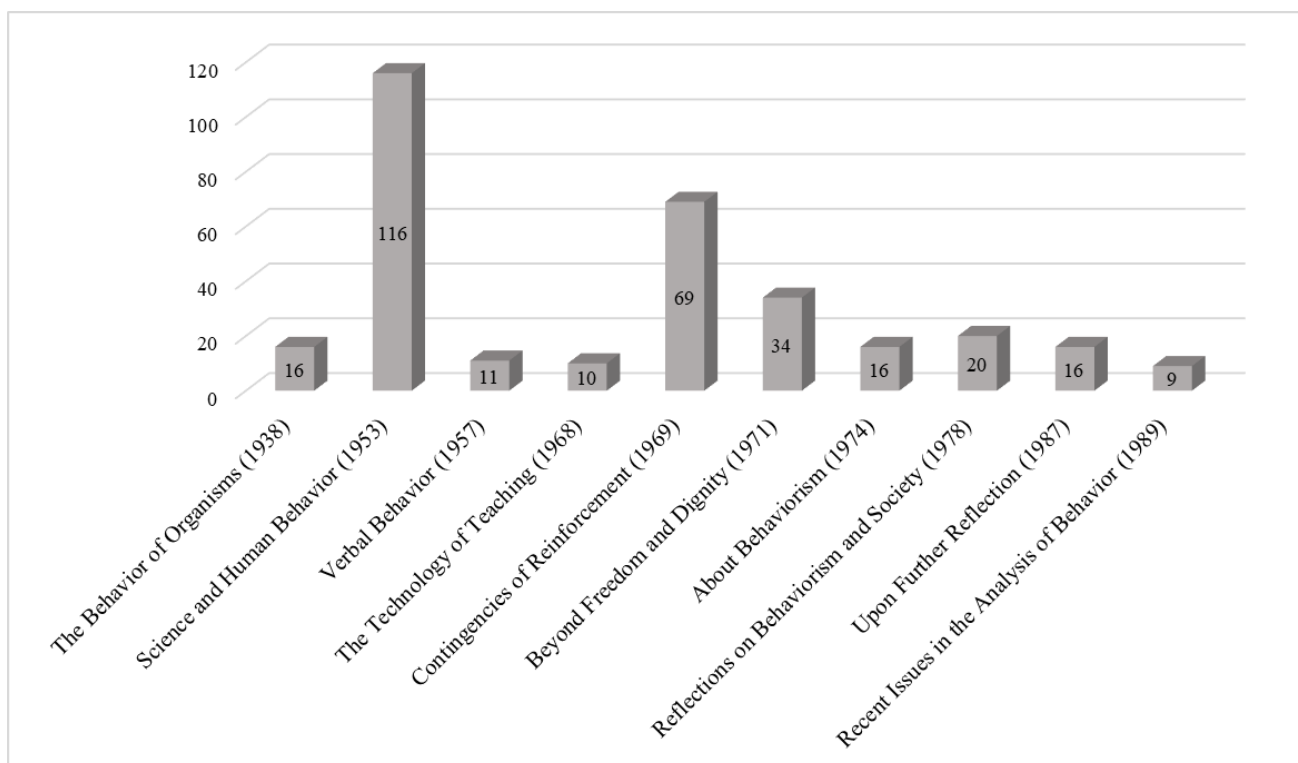
A análise quantitativa foi dividida em três partes: (i) ocorrências do radical *sex* nos livros; (ii) ocorrências do radical *sex* nos capítulos; e (iii) contextos de ocorrência do radical *sex*.

4.1.1 Ocorrências do Radical Sex nos Livros

Todas as ocorrências recuperadas a partir da busca pelo radical *sex* foram relacionadas à sexualidade e só não foram contabilizadas as ocorrências nos Index dos livros. Sendo assim, o radical *sex* apareceu 317 vezes nos 10 livros selecionados, com uma média de 31,7 ocorrências por livro. A Figura 1 apresenta a distribuição das ocorrências em cada livro selecionado:

Figura 1

Frequência Total de Ocorrências do Radical Sex por Livro



O livro em que o radical *sex* apareceu mais vezes foi *Science and Human Behavior* (1953), que representa 36,59% das ocorrências totais (i.e., 116 ocorrências), seguido do livro *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969), com 21,76% das aparições do radical (i.e., 69 ocorrências). Esses dois livros juntos contêm mais da metade das ocorrências totais, ou seja, 58,35% (i.e., 185 ocorrências), tendo destaque nas discussões sobre sexualidade na obra de Skinner selecionada. O terceiro livro que mais contém o radical *sex* é *Beyond Freedom and Dignity* (1971), com 10,72% da quantidade total (i.e., 34 ocorrências). Em seguida, o livro *Reflections on Behaviorism and Society* (1978) representa 6,3% das ocorrências totais (i.e., 20 ocorrências), seguido de três livros com a mesma quantidade de aparições do radical: *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis* (1938), *About Behaviorism* (1974) e *Upon Further Reflection* (1987), que representam cada um 5,04% do total de ocorrências do radical *sex* nos livros pesquisados (i.e., 16 ocorrências). Os três livros com menor ocorrência do radical e com menos destaque quantitativo nas discussões sobre sexualidade foram *Verbal Behavior* (1957), *The Technology of Teaching* (1968) e *Recent Issues in the Analysis of Behavior* (1989), com 3,47%, 3,15% e 2,83% das ocorrências totais, respectivamente (i.e., 11, 10 e nove ocorrências, respectivamente).

4.1.2 Ocorrências do Radical Sex nos Capítulos

Todos os capítulos que apresentaram o radical *sex* na busca realizada com o recurso de busca no interior do documento foram selecionados para análise. Ao todo, foram 66 capítulos, sendo 15 do livro *Science and Human Behavior* (1953), oito do *Beyond Freedom and Dignity* (1971), sete do *Reflections on Behaviorism and Society* (1978), sete do *Upon Further Reflection* (1987), seis do *Verbal Behavior* (1957), seis do *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969), seis do *About Behaviorism* (1974), quatro do *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis* (1938), quatro do *Recent Issues in the Analysis of Behavior* (1989) e três do livro *The Technology of Teaching* (1968).

A Tabela 3 apresenta, em ordem cronológica, todos os capítulos selecionados e o número de ocorrências do radical *sex* em cada capítulo.

Tabela 3

Capítulos Selecionados

Livro	Capítulos⁵	Número de Ocorrências
<i>The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis</i> (1938)	II. <i>Scope and method</i>	1
	IX. Drive	11
	X. <i>Drive and conditioning: the interaction of two variables</i>	2
	XIII. <i>Conclusion</i>	2
<i>Science and Human Behavior</i> (1953)	V. Operant behavior	14
	IX. Deprivation and satiation	32
	XI. <i>Aversion, avoidance, anxiety</i>	4
	XII. <i>Punishment</i>	2
	XIII. <i>Function versus aspect</i>	3
	XIV. <i>The analysis of complex cases</i>	4
	XV. "Self-control"	6
	XVII. Private events in a natural science	7
	XVIII. <i>The self</i>	4
	XIX. <i>Social behavior</i>	2
	XX. <i>Personal control</i>	3
	XXIII. <i>Religion</i>	3
	XXIV. Psychotherapy	5
	XXVII. Culture and control	25
XXVIII. <i>Designing a culture</i>	2	
<i>Verbal Behavior</i> (1957)	2. <i>General problems</i>	1
	5. <i>The tact</i>	3
	6. <i>Special conditions affecting stimulus control</i>	3
	8. <i>The verbal operant as a unit of analysis</i>	1
	10. <i>Supplementary stimulation</i>	2
<i>The Technology of Teaching</i> (1968)	17. <i>Self-strengthening of verbal behavior</i>	1
	4. <i>The technology of teaching</i>	1
	6. <i>Teaching thinking</i>	2
<i>Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis</i> (1969)	9. Discipline, ethical behavior, and self-control	7
	1. <i>The role of the environment</i>	1
	2. <i>Utopia as an experimental culture</i>	3
	3. The environmental solution	37
	4. <i>The experimental analysis of behavior</i>	1
<i>Beyond Freedom and Dignity</i> (1971)	7. The phylogeny and ontogeny of behavior	25
	8. <i>Behaviorism at fifty</i>	2
	1. A technology of behavior	5
	2. <i>Freedom</i>	1
	3. <i>Dignity</i>	2
	4. Punishment	15
	6. <i>Values</i>	3
	7. <i>The evolution of a culture</i>	2
	8. The design of a culture	5
9. <i>What is man?</i>	1	

⁵ Os números dos capítulos dos livros *The behavior of organisms: An Experimental Analysis* (1938) e *Science and human behavior* (1953) estão grafados em algarismos romanos, pois foram mantidos como no original.

	3. <i>Innate behavior</i>	4
	4. <i>Operant behavior</i>	4
<i>About Behaviorism</i> (1974)	5. <i>Perceiving</i>	3
	8. <i>Causes and reasons</i>	1
	9. <i>Knowing</i>	1
	10. <i>The inner world of motivation and emotion.</i>	3
	2. <i>Are we free to have a future?</i>	4
	3. <i>The ethics of helping people</i>	2
<i>Reflections on Behaviorism and Society</i> (1978)	4. <i>Humanism and behaviorism</i>	3
	7. <i>Can we profit from our discovery of behavioral science?</i>	3
	8. <i>Why I am not a cognitive psychologist?</i>	4
	15. <i>Reflections on meaning and structure</i>	3
	17. <i>Freedom and dignity revisited</i>	1
	1. <i>Why we are not acting to save the world</i>	1
	2. <i>What is wrong with daily life in the western world?</i>	1
<i>Upon Further Reflection</i> (1987)	3. <i>News from nowhere, 1984</i>	2
	4. <i>Selection by consequences</i>	8
	5. <i>The evolution of behavior</i>	1
	10. <i>Intellectual self-management in old age</i>	1
	14. <i>Some thoughts about the future</i>	2
	1. <i>The place of feeling in the analysis of behavior</i>	5
<i>Recent Issues in the Analysis of Behavior</i> (1989)	3. <i>The initiating self.</i>	1
	7. <i>The operant side of behavior therapy</i>	2
	8. <i>The school of the future</i>	1

Os capítulos que apresentaram cinco ou mais ocorrências do descritor *sex* e que estão destacados em negrito na Tabela 3 totalizaram 15, distribuídos em sete livros. Dessa maneira, os outros 51 capítulos apresentaram menos de cinco ocorrências do radical, sendo que foram sete capítulos com quatro ocorrências, 12 capítulos com três, 14 com duas ocorrências e 18 capítulos com apenas uma aparição do descritor.

Em relação ao número de ocorrências do radical *sex*, os capítulos que mais se destacam são: “*The environmental solution*”, do livro *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969), que possui 37 ocorrências do radical; “*Deprivation and satiation*” do *Science and Human Behavior* (1953), com 32 ocorrências; seguidos de “*Culture and control*” e “*The phylogeny and ontogeny of behavior*”, ambos com 25 ocorrências, sendo que o primeiro faz parte do livro de 1953 e o segundo de 1969.

Outros capítulos que também se destacam por apresentarem mais de 10 ocorrências do descritor *sex* são: “*Punishment*” do livro *Beyond Freedom and Dignity* (1971), em que *sex*

apareceu 15 vezes; “*Operant behavior*” de *Science and Human Behavior* (1953), com 14 ocorrências do radical; e “*Drive*” do livro *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis* (1938), capítulo em que o descritor *sex* apareceu 11 vezes.

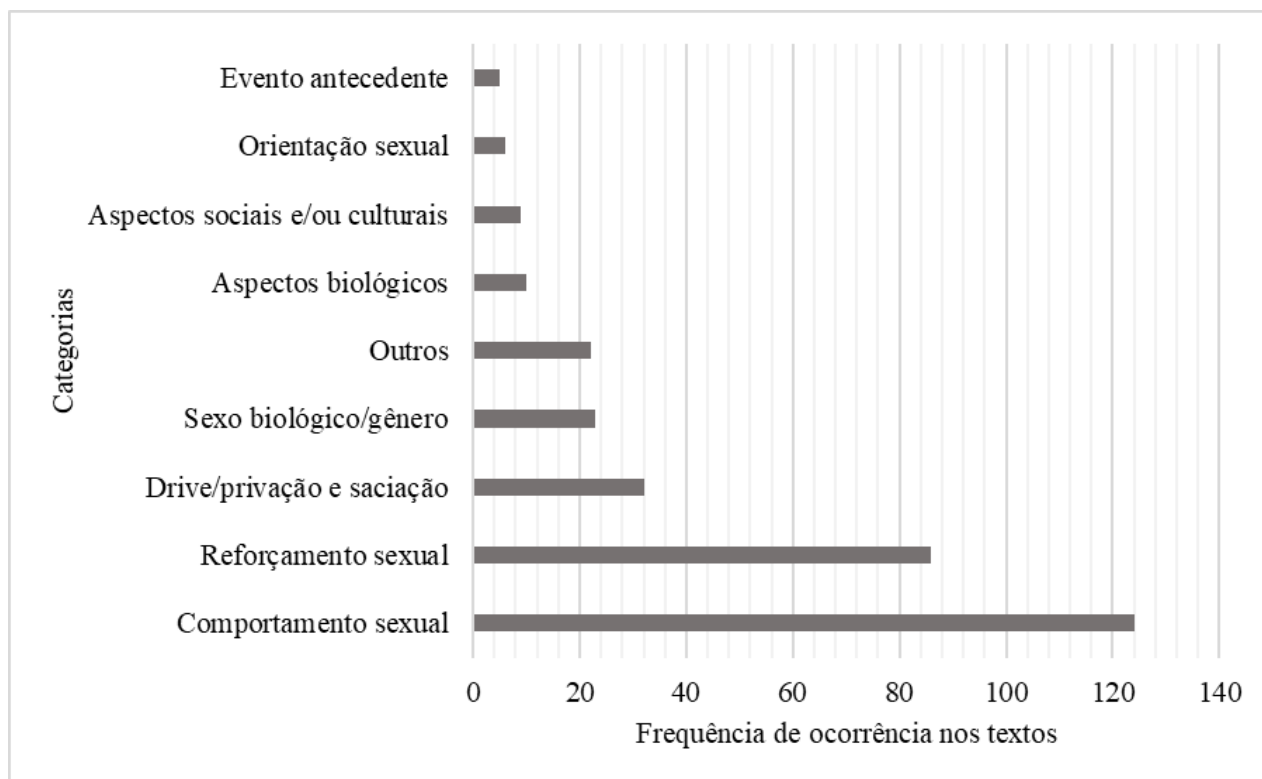
4.1.3 Contextos de Ocorrência do Radical Sex

Nesta análise, foram considerados como contextos de ocorrência do radical *sex* as palavras e expressões em que ele estava contido. Estas foram agrupadas em nove diferentes categorias que podem ser observadas na Figura 2, juntamente com a frequência de ocorrência de cada uma delas em todos os livros selecionados. Ressalta-se que a divisão das categorias foi realizada de maneira didática e podem se entrelaçar, como na separação entre “Comportamento Sexual” e “Reforçamento Sexual”, que foi feita pelo destaque dos termos específicos de cada categoria⁶, mas podem se unir na medida em que um comportamento é definido por suas consequências. Outro exemplo pode ser observado na categoria “*Drive*/privação e saciação”, que poderia ser uma parte da categoria “Aspectos Biológicos”, por envolver aspectos da história filogenética, mas que também foi separada por ter sido a discussão sobre privação e saciação mais evidente ao longo dos textos selecionados.

⁶ Todos os termos inseridos em cada categoria podem ser observados na Tabela 4, ao final da Análise Quantitativa.

Figura 2

Frequência de Ocorrência das Categorias Relacionadas à Sexualidade



4.1.3.1 Comportamento sexual

A categoria que mais teve destaque ao longo da obra selecionada foi a denominada de “Comportamento Sexual”, que contém 13 diferentes palavras e expressões, sendo que a expressão “*sexual behavior/behaviour*” foi a que mais apareceu, com 90 das 124 ocorrências dessa categoria. Essa expressão em específico só não aparece nos livros *The Technology of Teaching* (1968) e *About Behaviorism* (1974).

As outras palavras e expressões dessa categoria aparecem 34 vezes ao longo da obra, sendo que nenhuma delas aparece mais de 10 vezes. São elas: “*sex*”, como sinônimo de comportamento, que aparece nove vezes ao longo da obra; “*sexual activity*” e “*sex activity*”, que aparecem seis e duas vezes, respectivamente, ao longo da obra; “*sex play*”, que aparece cinco vezes no livro *Beyond Freedom and Dignity* (1971); “*sex*” como sinônimo de comportamento sexual verbal, que aparece três vezes no livro *Verbal Behavior* (1957);

“*sexual act*”, que aparece duas vezes no livro *Science and Human Behavior* (1953); “*behaving sexually*”, que também aparece duas vezes, uma no livro de 1953 e outra no livro *Upon Further Reflection* (1987); “*sexual reflexes*”, que aparece uma vez no livro *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis*, no qual Skinner (1938) se referia a reflexo como sinônimo de comportamento; “*sex practices*”, “*sexual self-stimulation*” e “*sexually aggressive response*”, que aparecem uma vez cada, no livro *Science and Human Behavior* (1953); e “*nonsexual behavior*”, que também aparece uma vez, no livro *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969).

4.1.3.2 Reforçamento sexual

A segunda categoria com maior ocorrência nos livros pesquisados foi denominada de “Reforçamento Sexual”, e nela foram incluídas sete diferentes palavras e expressões referentes a eventos reforçadores e ao processo de reforçamento sexual. Das 86 ocorrências dessa categoria, a expressão “*sexual contact*” teve destaque, com 32 ocorrências ao longo dos livros, não aparecendo em *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis* (1938) e em *Verbal Behavior* (1957). Contudo, nesses livros, Skinner (1938, 1957) utiliza o termo “*sex*” como sinônimo de evento reforçador, palavra que aparece 21 vezes nos livros selecionados e foi incluída nessa categoria.

A expressão “*sexual reinforcement*”, que indica o processo de reforçamento sexual, apareceu 27 vezes ao longo da obra, não sendo encontrada em três livros: *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis* (1938), *Verbal Behavior* (1957) e *The Technology of Teaching* (1968). Os outros termos e expressões dessa categoria apareceram uma ou duas vezes nos livros selecionados, são eles: “*sexual stimulation*”, com duas ocorrências, uma no livro *Science and Human Behavior* (1953) e outra em *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969); “*sexually reinforced*”, que apareceu apenas no livro de 1969 uma vez; “*reinforce sexually*”, que teve duas ocorrências no livro *Beyond Freedom and*

Dignity (1971); e “*affetion is mainly sexual*”, expressão que apareceu uma vez em *Science and Human Behavior* (1953) e indica o afeto como um reforçador generalizado sexual.

4.1.3.3 Drive/privação e saciação

Já com uma frequência de ocorrência muito menor ao longo da obra, a terceira categoria que mais apareceu foi “*Drive/privação e saciação*”, com 32 ocorrências ao todo e nove diferentes palavras e expressões. A expressão mais frequente dessa categoria foi “*sex drive*”, com 17 ocorrências distribuídas em quatro livros: *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis* (1938), *Science and Human Behavior* (1953), *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969) e *About Behaviorism* (1974). Em seguida, a expressão “*sex/sexual deprivation*” aparece sete vezes, nos livros *Science and Human Behavior* (1953) e *Verbal Behavior* (1957). Também relacionada a privação sexual, a expressão “*sexually deprived*” aparece três vezes em dois livros: *Science and Human Behavior* (1953) e *About Behaviorism* (1974). As outras expressões dessa categoria aparecem uma vez cada: “*sex self-deprivation*”, “*sexual satiation*” e “*sexless*” no livro de 1953; “*sexually aroused*” em 1957; e “*sexual exhaustion*” em 1969.

4.1.3.4 Sexo biológico/gênero

Na categoria denominada “Sexo biológico/gênero” foram incluídas palavras e expressões que Skinner utilizou para se referir ao sexo biológico (i.e., macho, fêmea), tanto de seres humanos quanto de animais não humanos em casos de experimentos; e a gênero (i.e., homem, mulher, masculino, feminino)⁷. Com um total de 23 ocorrências ao longo da obra, os termos dessa categoria são: “*sex*” como sinônimo de sexo biológico ou gênero, que apareceu oito vezes ao longo dos livros selecionados; “*opposite sex*”, que teve seis ocorrências distribuídas em três livros: *Science and Human Behavior* (1953), *The Technology of*

⁷ Não foram consideradas aqui as pessoas intersexuais ou não-binárias porque elas não apareceram nas discussões de Skinner, apesar de se considerar importante neste estudo que atualmente deve se levar em conta as identidades e sexualidades que fogem desse padrão binário.

Teaching (1968) e *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969); “sexes”, que apareceu cinco vezes em três obras: *The Technology of Teaching* (1968), *Beyond Freedom and Dignity* (1971) e *Upon Further Reflection* (1987); “same sex”, que apareceu duas vezes no livro de 1968; e “sexual identity”, com duas ocorrências no livro *Reflections on Behaviorism and Society* (1978).

4.1.3.5 Outros

A categoria “Outros” foi composta por termos que apareceram uma ou duas vezes ao longo da obra, portanto não eram suficientes para compor uma categoria extra, e que não se adequavam às categorias já criadas. Dessa maneira, com um total de 22 ocorrências, essa categoria possui 15 diferentes palavras e expressões. Algumas delas foram utilizadas em contextos em que Skinner estava descrevendo ou criticando teses tradicionais: “sexual impulses”, que apareceu duas vezes em *Science and Human Behavior* (1953); “highly sexed person”, “sex complex”, e “sexual preoccupations”, que apareceram uma vez cada, também no livro de 1953; “possessing sexually”, que apareceu uma vez em *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969); “psychosexual functions”, com uma ocorrência em *Upon Further Reflection* (1987); “sexuality”, com duas ocorrências, uma em 1969 e outra em 1987; e “psychosexual adjustment”, que apareceu uma vez em *Beyond Freedom and Dignity* (1971).

Outros termos e expressões inseridos nessa categoria foram utilizados em diferentes contextos: “sexual modesty”, que foi utilizado duas vezes em *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969) no sentido de pudor ou modéstia sexual; “sexual partner”, para se referir ao parceiro sexual, apareceu duas vezes, uma em 1969 e outra em *About Behaviorism* (1974); “sexually excited”, como referência a emoções ou sentimentos, apareceu duas vezes, uma em *Verbal Behavior* (1957) e outra no livro de 1974. A expressão “sexual love” foi utilizada duas vezes em *Recent Issues in the Analysis of*

Behavior (1989); “sex” ou “sexual” como conceitos apareceram duas vezes, uma em *The Behavior of Organisms* (1938) e outra em *Verbal Behavior* (1957); e por fim, “sexual idiosyncrasy” e “sexually free”, que apareceram uma vez cada, a primeira em *Beyond Freedom and Dignity* (1971) e a segunda em *Reflections on Behaviorism and Society* (1978).

4.1.3.6 Aspectos biológicos

Nessa categoria, foram incluídos termos referentes ao nível filogenético de seleção ou a características biológicas individuais, por exemplo, características herdadas. Com apenas 10 ocorrências, foram incluídas nessa categoria oito diferentes palavras e expressões: “sexual cycles”, que tem uma ocorrência no livro *The Behavior of Organisms* (1938); “sexual area”, no sentido de área do corpo humano, que aparece uma vez em *Science and Human Behavior* (1953); “sexual competition” e “sexual competitor”, que aparecem duas vezes cada em *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969); “active sexually”, “oversexed” e “sexually below normal”, que aparecem uma vez cada, também no livro de 1969; e “sexual potency”, com uma ocorrência em *Beyond Freedom and Dignity* (1971).

4.1.3.7 Aspectos sociais e/ou culturais

Algumas expressões utilizadas por Skinner (1953/2005, 1969, 1978) em suas discussões sobre sexualidade se referiam a aspectos sociais ou culturais. Com nove ocorrências e oito diferentes expressões, essa categoria apareceu em três obras selecionadas: *Science and Human Behavior* (1953), *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969) e *Reflections on Behaviorism and Society* (1978). No livro de 1953, as expressões foram: “sexual relations”, com duas ocorrências; “sexual control”, com uma ocorrência; e “sex education”, também com uma ocorrência. Já no livro de 1969, foram inseridas nessa categoria três expressões que apareceram uma vez cada: “sexual morality”, “sexual displays” e “sexual seduction”. Por fim, os termos que apareceram no livro de 1978 foram “sexual standard” e “sexual code”, com uma ocorrência cada.

4.1.3.8 Orientação sexual

Na categoria denominada “Orientação sexual”, foram incluídos termos especificamente relacionados à orientação sexual, que na obra de Skinner foi tratada apenas em termos de heterossexualidade e homossexualidade. Foram incluídas quatro diferentes palavras e expressões, com um total de seis ocorrências. A palavra “*homosexuality*” apareceu duas vezes nos livros selecionados, uma em *The Technology of Teaching* (1968) e outra em *Beyond Freedom and Dignity* (1971). A palavra “*homosexual*” também apareceu duas vezes, porém em livros diferentes: *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969) e *About Behaviorism* (1974). Em relação à heterossexualidade, foram utilizadas as expressões “*heterosexual behavior*” e “*behaves heterosexually*”, a primeira uma vez no livro de 1971 e a segunda também uma vez no livro de 1974.

4.1.3.9 Evento antecedente

A categoria que apareceu com menor frequência ao longo da obra foi a que se referia a eventos antecedentes relacionados ao comportamento sexual. Foram inseridas cinco diferentes expressões que apareceram uma vez cada nos livros selecionados: “*sexual art*”, “*sexual objects*” e “*sex occasions*”, que apareceram em *Science and Human Behavior* (1953); “*anti-sex drugs*” que apareceu em *Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis* (1969); e “*sexual episode*”, que foi utilizada uma vez em *About Behaviorism* (1974).

Na Tabela 4 estão listados todos os termos incluídos em cada categoria da Análise Quantitativa.

Tabela 4*Termos incluídos em cada categoria da Análise Quantitativa*

Categoria	Termos
Comportamento sexual	<i>Sexual behavior/behaviour</i> <i>Sexual reflexes</i> <i>Sex practices</i> <i>Sexual self-stimulation</i> <i>Sex activity</i> <i>Sexually aggressive response</i> <i>Sex play</i> <i>Sexual act</i> <i>Nonsexual behavior</i> <i>Sex (behavior)</i> <i>Sexual activity</i> <i>Behaving sexually</i>
Reforçamento sexual	<i>Sexual contact</i> <i>Affection is mainly sexual</i> <i>Sexual reinforcement</i> <i>Sex (reforçador)</i> <i>Sexual stimulation</i> <i>Sexually reinforced</i> <i>Reinforce sexually</i>
Drive/Privação e saciação	<i>Sex self-deprivation</i> <i>Sex deprivation</i> <i>Sex drive</i> <i>Sexual satiation</i> <i>Sexual exhaustion</i> <i>Sexual deprivation</i> <i>Sexually aroused</i> <i>Sexless</i> <i>Sexually deprived</i>
Sexo biológico/Gênero	<i>Opposite sex</i> <i>Sexes</i> <i>Sex (masculino/feminino/macho/fêmea)</i> <i>Sexual identity</i> <i>Same sex</i>
Outros	<i>Sexual impulses</i> <i>Sexuality</i> <i>“Highly sexed person”</i> <i>Sex complex</i> <i>Psychosexual adjustment</i> <i>Psychosexual functions</i> <i>Sexual modesty</i> <i>Sexual preoccupations</i> <i>Sexual partner</i> <i>Sexually excited</i> <i>Possessing sexually</i>

	<i>Sexual idiosyncrasy</i> <i>Sexually free</i> <i>Sexual love</i>
	<i>Sex e sexual como conceito</i>
Aspectos biológicos	<i>Sexual cycles</i> <i>Sexual competition</i> <i>Sexual competitor</i> <i>Active sexually</i> <i>Oversexed</i> <i>Sexually below normal</i> <i>Sexual potency</i> <i>Sexual area</i>
Aspectos sociais e/ou culturais	<i>Sexual relations</i> <i>Sexual control</i> <i>Sex education</i> <i>Sexual morality</i> <i>Sexual displays</i> <i>Sexual seduction</i> <i>Sexual standard</i> <i>Sexual code</i>
Orientação sexual	<i>Homosexuality</i> <i>Homosexual</i> <i>Heterosexual behavior</i> <i>Behaves heterosexually</i>
Evento antecedente	<i>Sexual episode</i> <i>Sexual art</i> <i>Sexual objects</i> <i>Sex occasions</i> <i>Anti-sex drugs</i>

4.2 ANÁLISE INTERPRETATIVA

4.2.1 Comportamento Sexual

A sexualidade humana foi considerada por muitos autores como um fenômeno que engloba aspectos biológicos, psicológicos e sociais (e.g., Maia & Ribeiro, 2011; Senem & Caramaschi, 2017). Quando se trata dos aspectos psicológicos, a maioria das concepções sobre a sexualidade perpassam noções internalistas, focadas principalmente em emoções e sentimentos relacionados ao fenômeno e tratando-os como causa dos comportamentos. Segundo Moore (2017), isso é comum nas explicações do comportamento: “explicações do comportamento na psicologia tradicional tipicamente apelam a vários atos, estados,

mecanismos e processos de um domínio não-comportamental - tipicamente mental ou cognitivo - como causas antecedentes, mecânicas, seja como causas organísmicas iniciadoras ou mediadoras” (p. 55).

No Comportamentalismo Radical de Skinner, o autor nega a concepção de um agente iniciador interno e adota como modelo explicativo a seleção pelas consequências (Skinner, 1981/1987). Nessa concepção, o comportamento humano é explicado por três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural. Segundo o autor:

O comportamento humano é o produto conjunto de a) contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies, e b) contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros, incluindo c) contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído⁸. (Skinner, 1981/1987, p. 55)⁹

Dessa maneira, considerando que comportamento, para o Comportamentalismo Radical, é definido como uma *relação* entre organismo e ambiente (Lopes, 2008), a sexualidade pode ser definida em termos comportamentais. Ela se tornou importante primeiramente na história da espécie, tendo em vista que a reprodução é um dos fatores que permite a atuação da seleção natural e, no caso da espécie humana, acontece por meio da reprodução sexuada (Moore, 2017). Assim, comportamentos que levassem à reprodução e sobrevivência da espécie foram selecionados ao longo da filogênese:

Organismos que *anunciavam sua disponibilidade* [ênfase adicionada] como potenciais parceiros, não apenas por meio de *aparência visual* [ênfase adicionada], mas também por meio de *vocalizações ou de comportamentos rituais* [ênfase adicionada] para

⁸As citações diretas dos textos de Skinner foram traduções livres realizadas pela autora.

⁹ Original: Human behavior is the joint product of (1) the contingencies of survival responsible for the natural selection of the species and (2) the contingencies of reinforcement responsible for the repertoires acquired by its members, including (3) the special contingencies maintained by an evolved social environment.

outros da mesma espécie que estivessem receptivos a tais características, tiveram maior probabilidade de se reproduzir. (Moore, 2017, p. 53)

Entende-se então que parte do comportamento sexual (e.g., anunciar a disponibilidade por meio de vocalizações ou comportamentos rituais) foi selecionada pela sua importância na variação e seleção de organismos de uma espécie. Entretanto, na história ontogenética, os processos de condicionamento respondente e operante possibilitam o estabelecimento de novas formas de comportamento, que não necessariamente terão valor de sobrevivência (Skinner, 1953/2005, 1974). A evolução de suscetibilidades especiais ao reforçamento¹⁰ por contato sexual, por exemplo, permite que comportamento sexual não relacionado à procriação seja fortalecido (Skinner, 1981/1987).

Além disso, um terceiro tipo de seleção envolve práticas culturais que são selecionadas por possibilitarem a sobrevivência de uma cultura (De Souza, 2018; Skinner, 1971). Nesse nível, destacam-se as práticas exercidas por um grupo e também por instituições mais organizadas, que exercem controle sobre o comportamento dos indivíduos. Práticas culturais relacionadas à sexualidade envolvem, por exemplo, o uso de preservativos nas relações sexuais, propostas de educação sexual etc.

Segundo Moore (2017), essa explicação do comportamento por meio da seleção pelas consequências “produz, em última análise, uma compreensão mais efetiva do comportamento” (p. 55). Contudo, a seleção por consequências é um processo complexo e a divisão entre os três níveis pode não ser tão clara quando se observa o comportamento. A diferenciação entre os três níveis de seleção deixa claro que alguns comportamentos serão selecionados pela sobrevivência da espécie, outros mais especificamente no nível individual pelas contingências de reforçamento e outros pela sobrevivência das culturas. Todavia, a

¹⁰ O termo “reforçamento” aqui se refere a palavra em inglês “*reinforcement*”. Nas citações diretas de Skinner, o leitor poderá encontrar a expressão original em nota. Nas citações indiretas, todas as vezes que se ler “reforçamento”, essa palavra se referirá a “*reinforcement*”, como um processo; e quando se ler “reforçador”, a palavra será referente ao termo em inglês “*reinforcer*”, como um evento.

seleção na história ontogenética possui vantagens por ocorrer em tempo passível de observação: “o condicionamento operante é a seleção ocorrendo. O processo se assemelha a cem milhões de anos de seleção natural ou a mil anos de evolução de uma cultura condensados em um período muito curto de tempo” (Skinner, 1981/1987, p. 55)¹¹.

Além disso, as contingências de seleção em cada nível podem se misturar: “um organismo pode se comportar agressivamente como resultado de influências filogenéticas, ontogenéticas ou culturais” (Moore, 2017, p. 56). Em um exemplo dado por Skinner (1981/1987):

O comportamento descrito como defesa do território pode dever-se a (a) contingências de sobrevivência durante a evolução das espécies, provavelmente envolvendo o suprimento de alimento ou práticas reprodutivas; (b) contingências de reforçamento para o indivíduo, provavelmente envolvendo uma fração dos reforçadores disponíveis no território; ou (c) contingências mantidas pelas práticas culturais de um grupo, promovendo comportamentos que contribuem para a sobrevivência do grupo. (p. 60)¹²

O mesmo pode ser afirmado em relação ao comportamento sexual e, cabe, em alguns casos, especificar o nível de seleção ou não. Como o propósito desta pesquisa consiste em um exame minucioso da sexualidade, explicada aqui em termos comportamentais, deve-se levar em consideração o entrelaçamento das contingências envolvidas em cada nível de seleção, mesmo que as descrições realizadas sejam focadas em um ou outro nível para fins didáticos.

Além de especificar o nível de seleção em alguns momentos do texto, este tópico seguirá uma estrutura baseada na contingência de três termos. Como afirma Skinner (1969):

“uma formulação adequada da interação entre um organismo e seu ambiente deve sempre

¹¹ Original: Operant conditioning is selection in progress. It resembles a hundred million years of natural selection or a thousand years of the evolution of a culture compressed into a very short period of time.

¹² Original: Behavior described as the defense of territory may be due to (1) contingencies of survival in the evolution of a species, possibly involving food supplies or breeding practices; (2) contingencies of reinforcement for the individual, possibly involving a share of the reinforcers available in the territory; or (3) contingencies maintained by the cultural practices of a group, promoting behavior which contributes to the survival of the group.

especificar três coisas: (1) a ocasião em que uma resposta ocorre, (2) a própria resposta, e (3) as consequências reforçadoras” (p. 7)¹³. Assim, serão primeiro descritas as classes de respostas sexuais identificadas na obra de Skinner, denominadas aqui como ações. Como ocasiões para as respostas, serão descritas as situações antecedentes e operações de privação e saciação relacionadas ao comportamento sexual e, por fim, serão descritas as consequências mantenedoras (i.e., reforçadoras) do comportamento sexual.

4.2.1.1 Ação

Um primeiro aspecto a ser levado em consideração ao se definir o comportamento sexual é a ação do indivíduo. De maneira geral, Skinner (1953/2005, 1969) descreveu diferentes topografias do comportamento sexual, algumas das quais não são classificadas como sexuais em um sentido tradicional. Nesse tópico, serão descritas as diversas ações citadas pelo autor e serão explicitados os motivos pelos quais apenas a descrição da ação não é suficiente na definição de um comportamento.

Uma primeira ação considerada sexual por Skinner (1969) está mais diretamente relacionada ao nível filogenético por levar à procriação. Denominada pelo autor como copulação, essa é a forma de comportamento sexual mais descrita ao se observarem acepções tradicionais e do senso comum. Skinner (1969) explica que “aqueles para quem o reforçamento sexual era mais poderoso deveriam ter alcançado a copulação mais rapidamente e deveriam ter continuado a *copular* [ênfase adicionada] com mais frequência” (pp. 50-51)¹⁴. Sendo assim, a ação de copular teve importância na história filogenética por possibilitar a procriação e reprodução da espécie, mas por meio da história ontogenética pode ser modificada e emitida com maior ou menor frequência.

¹³ Original: An adequate formulation of the interaction between an organism and its environment must always specify three things: (1) the occasion upon which a response occurs, (2) the response itself, and (3) the reinforcing consequences.

¹⁴ Original: Those for whom sexual reinforcement was most powerful should have most quickly achieved copulation and should have continued to copulate most frequently.

Outra topografia do comportamento sexual foi descrita em termos de masturbação e sua explicação parece estar mais direcionada ao nível ontogenético:

O jovem rapaz que descobre a masturbação sozinho pode parecer estar recordando uma topografia rítmica exibida pelos seus antepassados...; mas a topografia pode ser moldada simplesmente pelos efeitos reforçadores de certos contatos e movimentos, sendo a capacidade de ser assim reforçada possivelmente tudo o que é herdado. (Skinner, 1969, p. 206)¹⁵

Estando assim relacionada à suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual, a masturbação pode ser considerada uma das diferentes formas de comportamento sexual que pode ou não ser selecionada na história ontogenética de cada indivíduo.

Ao explicar por meio de um exemplo como as variáveis filogenéticas e ontogenéticas se entrelaçam na explicação de um comportamento, Skinner (1969) também descreve a sedução como uma ação sexual. O autor considera que um “Don Giovanni”, mais conhecido no Brasil como “Don Juan” (i.e., indivíduo considerado sedutor), pode ter uma condição herdada que o torna “obcecado por sexo” (p. 66)¹⁶, mas provavelmente seu comportamento é “produto de um esquema de reforçamento particularmente efetivo” (p. 66)¹⁷. Skinner (1969) afirma que: “uma suscetibilidade moderada ao reforçamento sexual deve ser suficiente para fazer de cada garota atraente a ocasião para uma tentativa de *sedução* [ênfase adicionada] se os sucessos iniciais forem favoravelmente programados” (p. 66)¹⁸.

Além da copulação, da masturbação e da sedução, que já são em geral formas de comportamento consideradas sexuais, Skinner (1953/2005) descreveu outras possíveis topografias desse tipo de comportamento. Uma delas é o imaginar ou sonhar com objetos ou

¹⁵ Original: The young boy discovering masturbation by himself may seem to be recalling a rhythmic topography exhibited by his ancestors...; but the topography may be shaped simply by the reinforcing effects of certain contacts and movements, the capacity to be thus reinforced being possibly all that is inherited.

¹⁶ Original: “Oversexed”.

¹⁷ Original: The product of a particularly effective schedule.

¹⁸ Original: A moderate susceptibility to sexual reinforcement should be enough to make every attractive girl the occasion for attempted seduction if early successes are favorably programmed.

atividades sexuais. Conforme afirma o autor, a privação excessiva de contato sexual pode, além de facilitar o engajamento em atividades sexuais mais explícitas (e.g., autoestimulação sexual), fazer com que um indivíduo imagine ou sonhe com objetos e atividades sexuais, mesmo na ausência de estímulos relevantes.

Ademais, alguns exemplos de Skinner (1953/2005) explicitam uma relação entre a arte e a sexualidade. Tanto o comportamento do artista que trabalha com figuras ou modelos do corpo humano quanto o comportamento de quem aprecia esse tipo de trabalho artístico pode ter relação com o comportamento sexual. Segundo Skinner (1953/2005), como algumas formas de comportamento sexual são comumente punidas socialmente, as pessoas passam a se comportar por meio da arte de forma a produzir efeitos reforçadores similares aos de ações sexuais mais explícitas e evitar a punição social. Um exemplo pode ser observado em composições musicais: “uma composição musical simboliza o comportamento sexual se for reforçadora por causa de uma semelhança no padrão temporal e se for emitida no lugar de tal comportamento porque é diferente o suficiente para escapar da punição” (Skinner, 1953/2005, p. 293)¹⁹.

Tendo essas diferentes topografias de comportamento sexual em vista, é possível perceber que não basta olhar para a ação para identificar o que é ou não sexual, pois elas podem ser muito diferentes em sua forma e o que define um comportamento é a sua função. Conforme afirma Tourinho (2006):

Ações que de um ponto de vista físico (topográfico) são muito diferentes podem ter uma mesma função no contexto de determinadas relações (compondo uma mesma classe de respostas), assim como uma mesma ação pode ter funções diversas em contextos diferentes (compondo classes de respostas diferentes). (p. 3)

¹⁹ Original: A musical composition symbolizes sexual behavior if it is reinforcing because of a similarity in temporal pattern and if it is emitted in place of such behavior because it is different enough to escape punishment.

O próprio Skinner (1938) já havia afirmado que é difícil determinar o que seriam comportamentos sexuais apenas em termos topográficos, pois assim seria possível denominar grande parte do comportamento de um organismo de sexual apenas porque se encaixa em algum esquema de classificação. Contudo, “um mero registro da topografia, no entanto, não será suficiente para uma análise funcional” (Skinner, 1969, p. 88)²⁰. Assim, é preciso olhar para o efeito no comportamento, para as operações de privação e saciação e para o contexto (i.e., situações antecedentes) em que a ação ocorreu (Skinner, 1953/2005). Apenas olhando para todas essas variáveis é possível definir um comportamento como sexual.

4.2.1.2 Situação antecedente

Outro termo da contingência de três termos que é importante para definir um comportamento é a situação antecedente, que pode ser entendida como ocasião para a emissão de determinado comportamento. Conforme descreve Todorov (1985), a situação antecedente “pode ser descrita em termos de estímulos chamados discriminativos pela função controladora que exercem sobre o comportamento” (p. 75). O controle pelo estímulo discriminativo acontece quando sua presença tende a evocar a emissão de uma resposta, por esta ter sido frequentemente reforçada na presença desse mesmo estímulo no passado (Todorov, 1985).

As situações antecedentes à ação sexual não foram exploradas explicitamente por Skinner em sua obra, contudo, é possível observar sua descrição em alguns exemplos dados pelo autor. Em um exemplo já citado no tópico anterior, Skinner (1969) descreve que uma “garota atraente” pode ser ocasião para a ação sexual de um indivíduo. No contexto do exemplo, esse indivíduo tem uma história específica, ou seja, é um homem heterossexual considerado sedutor. Ao ampliar a análise, pode-se considerar que, a depender da história de

²⁰ Original: A mere record of topography, however, will not suffice for a functional analysis.

vida de cada um, a presença de uma pessoa considerada atraente para aquele indivíduo em específico pode ser estímulo ou ocasião para a emissão de ações sexuais.

Em outro exemplo mais amplo, ao diferenciar a privação de contato sexual da apresentação de estimulação apropriada, Skinner (1953/2005) afirma que: “um indivíduo cujo comportamento sexual não é visível em um dado momento pode ser excitado por *conversas excitantes, imagens, apresentações* [ênfase adicionada] e assim por diante” (pp. 207-208)²¹. Nesse sentido, tais estímulos podem ser considerados como ocasião para a emissão de uma ação sexual, ou seja, como situações antecedentes. Além disso, tais estímulos podem também exercer função eliciadora de uma resposta sexual reflexa, que pode ocorrer em conjunto com uma ação operante. O tipo de conversa, imagem ou apresentação que servirão de estímulo discriminativo ou condicionado pode variar para cada indivíduo, pois depende de diversos fatores da história ontogenética e cultural.

Skinner (1953/2005, 1974) também explicita a arte sexual ou objetos sexuais como possíveis eventos antecedentes tanto para uma ação sexual mais explícita quanto para a ação de olhar para tais estímulos quando o indivíduo está em extrema privação de contato sexual. O autor afirma que: “o indivíduo sexualmente privado vê falos ou vaginas em objetos com pouca semelhança geométrica com esses órgãos” (Skinner, 1974, p. 75)²². Nesse exemplo, o controle exercido pelos estímulos é fraco em comparação ao nível de privação de contato sexual do indivíduo. Em outro recorte, a ação de imaginar objetos ou episódios sexuais pode ser considerada um evento antecedente a uma ação sexual mais explícita, como a masturbação (Skinner, 1974).

²¹ Original: An individual in whom sexual behavior is at the moment not conspicuous may be aroused by exciting conversations, pictures, performances, and so on.

²² Original: The sexually deprived see phalluses or vaginas in objects bearing little geometrical similarity to those organs.

4.2.1.3 Operações de privação e saciação

Um fenômeno importante relacionado ao comportamento sexual é o que tradicionalmente foi denominado *drive*. Skinner (1938) já tecia críticas à noção internalista atrelada ao conceito e buscou operacionalizá-lo para explicar fenômenos como a fome, a sede e o sexo²³. Em alguns escritos posteriores, Skinner (1953/2005, 1969, 1974) gradualmente abandona o uso do termo e passa a se referir a este campo de estudos principalmente se referindo às operações de privação e saciação e seus efeitos sobre o comportamento. As críticas à concepção de *drive* e os estudos relacionados às operações de privação e saciação também embasam algumas discussões sobre motivação em estudos analítico-comportamentais recentes (e.g., Pereira, 2013; Rocha, 2014; Verneque et al., 2012).

Conforme afirma Skinner (1938), a noção tradicional de *drive* se constitui como uma maneira de explicar a variabilidade no comportamento de um organismo:

O problema do *drive* surge porque muito do comportamento de um organismo apresenta uma variabilidade aparente. Um rato nem sempre responde à comida colocada diante dele, e um fator chamado “fome” é evocado como uma forma de explicação. É dito que um rato come apenas quando está com fome. É porque comer não é inevitável que somos levados a levantar a hipótese de um estado interno ao qual devemos atribuir a variabilidade. (Skinner, 1938, p. 341)²⁴

Estendendo o exemplo a outros *drives* mencionados pelo autor, a sede seria tradicionalmente o estado interno que explicaria o comportamento de beber água e o *drive*

²³ Embora Skinner (1938, 1953/2005) tenha usado tanto o termo “sexo” quanto a expressão “*drive* sexual” para se referir ao *drive* relacionado ao comportamento sexual, optou-se no presente trabalho pela utilização da expressão, uma vez que o termo “sexo” pode também fazer referência ao comportamento sexual, ao contato sexual e às diferenças relacionadas ao sexo biológico, o que gera uma confusão na utilização do conceito. Dessa maneira, nas citações diretas de Skinner em que o termo “sexo” for utilizado como “*drive* sexual”, ele será sinalizado com um asterisco (e.g., sexo*).

²⁴ Original: The problem of drive arises because much of the behavior of an organism shows an apparent variability. A rat does not always respond to food placed before it, and a factor called its 'hunger' is invoked by way of explanation. The rat is said to eat only when it is hungry. It is because eating is not inevitable that we are led to hypothesize an internal state to which we may assign the variability.

sexual explicaria o comportamento sexual. Aqui, é possível perceber que o *drive* sexual não recebe uma denominação correlata ao que Skinner (1938, 1953/2005) chamou de *fome* e *sede*, o que indica que, apesar de discutir o fenômeno, o autor não tem como foco de seus estudos esse tipo de *drive*.

De toda forma, a ideia tradicional dos *drives* compartilharia a noção de necessidade ou estado interno como explicação para a variabilidade no comportamento. Mesmo autores que tentavam buscar a explicação do comportamento no ambiente, passaram a considerar o *drive* como um estado interno gerado por uma estimulação ambiental (e.g., escassez de comida gerando a fome). Skinner (1969) afirma que as dores no estômago geradas quando um indivíduo está com fome poderiam confirmar essa teoria, mas “a estimulação comparável das vesículas seminais inchadas, que Watson achava que poderia explicar o comportamento sexual, era menos plausível” (p. 4)²⁵. Um estado interno ou fisiológico não explicaria a variabilidade no comportamento.

Assim, desde o início de suas publicações, Skinner (1938) já afirmava que a ideia de *drive* como um estado interno não leva à explicação das variáveis das quais a variabilidade observada no comportamento é função:

Soluções tradicionais para o problema da fome e de *outros drives* [ênfase adicionada] não são nossa presente preocupação. Como em qualquer caso de variabilidade na força de um reflexo, o problema aqui é encontrar a variável ou variáveis das quais a força é função e expressar tal relação em um conjunto de leis.²⁶ (pp. 341-342)²⁷

²⁵ Original: Comparable stimulation from swollen seminal vesicles, which Watson thought might explain sexual behavior, was less plausible.

²⁶ Vale ressaltar que Skinner (1938) ainda não havia estabelecido completamente o paradigma operante, considerando o comportamento como sinônimo de reflexo. Por essa razão, a própria concepção de *drive* se dava como uma lei dinâmica do reflexo, que mais tarde viria a ser tratada exclusivamente no campo do comportamento operante (Pereira, 2013).

²⁷ Original: Traditional solutions of the problem of hunger and other drives are not our present concern. As in any case of variability in reflex strength, the problem here is to find the variable or variables of which the strength is a function and to express the relationship in a set of laws.

Skinner (1938) procurou descrever uma alternativa à concepção tradicional do conceito, sendo que ainda considerava o termo como um artifício conceitual útil, mas apenas por “expressar a complexa relação obtida entre várias operações igualmente eficazes e um grupo de formas de comportamento que covariam” (p. 368)²⁸. Segundo Pereira (2013), a justificativa do uso de *drive* como um “termo intermediário hipotético” (p. 51) estaria no fato de que o fenômeno constitui uma relação complexa entre um grande número de operações que têm um mesmo efeito sobre um grande número de respostas relacionadas:

Por exemplo, o *drive* fome envolveria uma relação complexa entre um grande número de operações (e.g. privação de alimento, ingestão de certas drogas, perda de nutrientes etc.) que têm um mesmo efeito (no caso, aumento da força) sobre um grande número de respostas relacionadas à ingestão de alimento (e.g. procurar alimento, pedir alimento, salivar na presença de alimento). (Pereira, 2013, p. 51)

Já no *drive* sexual, as operações que se relacionam de maneira complexa envolveriam privação e saciação de contato sexual, além de alterações hormonais e de ciclo sexual, principalmente. Elas teriam o efeito de aumentar a força de um grande número de respostas relacionadas ao ato sexual, como as diferentes formas de acasalamento observadas em diferentes espécies, buscar um parceiro sexual, e até mesmo a auto estimulação sexual.

A partir dessa nova definição, Skinner (1938) aponta que uma unidade de *drive* (e.g., fome, sede e *drive* sexual) pode surgir se o comportamento variar em força como resultado de operações como privação e saciação. O *drive* sexual é tratado como uma unidade quando Skinner (1938) afirma que: “nós não listamos um *drive* pela contração da pupila do olho porque essa parte de comportamento é relativamente invariável. Se os reflexos sexuais

²⁸ Original: Expressing the complex relation that obtains between various similarly effective operations and a group of co-varying forms of behavior.

fossem igualmente invariáveis, nós não deveríamos ter um *drive* sexual, mas somente comportamento sexual” (p. 371)²⁹.

Desse modo, o *drive* sexual surge porque operações como a privação e saciação de contato sexual afetam a força do comportamento sexual na medida em que tal comportamento varia a depender de como essas operações vigoram no ambiente:

Nesse caso, estabelecemos fome, sexo*, e assim por diante como *drives* relativamente inclusivos relevantes para uma grande variedade de formas de comportamentos. A unidade do *drive* depende da covariação dos reflexos aos quais se refere. E, se um dado reflexo pertence ou não a um dado *drive* deve ser determinado considerando-se a covariação, e não qualquer propriedade específica do comportamento. Desta forma, a velha questão de se *grande parte do comportamento é sexual* [ênfase adicionada] não seria uma questão sobre o comportamento ser sexual *em sua natureza*, mas se varia com as operações que definem esse *drive*. (Skinner, 1938, pp. 371-372)³⁰

Essa citação remete a uma questão importante abordada por Skinner (1938, 1953/2005): seria o *drive* sexual mais forte do que a fome? Como medir a força de um *drive*? Skinner (1938, 1953/2005) critica as tentativas realizadas por outros estudiosos de medir a força de um *drive*. Ele afirma que a maneira mais simples de determinar se a fome é mais forte do que o *drive* sexual, por exemplo, é colocando os estímulos apropriados diante do organismo ao mesmo tempo. Contudo, se for argumentado que os *drives* exercem influência um sobre o outro e, por esse motivo, o grau máximo de dois *drives* não pode existir ao

²⁹ Original: We do not list a drive for contracting the pupil of the eye because that bit of behavior is relatively invariable. If sexual reflexes were equally as invariable, we should not have a sex drive but only sexual behavior.

³⁰ Original: In this way we set up hunger, sex, and so on, as fairly inclusive drives relevant to a wide variety of forms of behavior. The unity of the drive depends upon the covariation of the reflexes to which it refers. And whether or not a given reflex belongs to a given drive must be answered by considering covariation rather than any essential property of the behavior itself. Thus, the old question as to whether most behavior is sexual is not a question as to whether it is sexual *in nature* but whether it varies as a function of the operations which define that drive.

mesmo tempo, essa questão da comparação se torna meramente acadêmica e deve ser ignorada. Além disso, o autor afirma que:

Qualquer método de medição do *drive* é prejudicado pelo fato de que, se mais de uma medição for realizada, ou o *drive* deve ser modificado por um reflexo de consumação após a primeira medição, ou o grau de condicionamento deve ser afetado pela retenção do estímulo reforçador. O sexo* é particularmente difícil de medir por essa razão. (Skinner, 1938, p. 403)³¹

Ao voltar a questionar a força dos *drives* e se um deles seria mais forte que o outro, Skinner (1953/2005) afirma que: “há pouco sentido em comparar *privações* [ênfase adicionada], a menos que surjam naturalmente situações em que as magnitudes relativas de seus efeitos sejam importantes” (p. 154)³². Essas situações, no entanto, não são satisfeitas tão facilmente, pois um estado de privação extremo pode afetar comportamentos relacionados a outro estado de privação. Por exemplo, muitos organismos severamente privados de água não conseguem comer comidas secas; mas, ao limitar a ingestão de água, o efeito é semelhante ao da saciação por comida. Da mesma forma, “comportamento sexual é enfraquecido quando um organismo é severamente privado de comida por um longo tempo” (p. 154)³³.

É possível perceber que em alguns momentos, Skinner (1953/2005) já se limita à descrição das operações de privação e saciação ao discorrer sobre os diferentes *drives*, demonstrando gradualmente o abandono deste conceito. Nessa obra, o autor argumenta que o termo *drive* não ajuda em uma análise experimental e, “por vezes, Skinner parece até mesmo evitar o termo *drive*, fazendo referência direta às duas principais operações que definem o campo: privação e saciação” (Pereira, 2013, pp. 63-64). Nas palavras do autor:

³¹ Original: Any method of measuring drive is handicapped by the fact that if more than one measurement is to be taken, either the drive must be modified by a consummatory reflex after the first measurement or the degree of conditioning must be affected by withholding the reinforcing stimulus. Sex is particularly hard to measure for that reason.

³² Original: There is little point in comparing deprivations unless situations arise naturally in which the relative magnitudes of their effects are important.

³³ Original: Sexual behavior is weakened when an organism is severely deprived of food for a long time.

Um *drive* não precisa ser entendido como mental ou fisiológico. O termo é simplesmente um modo conveniente de se referir aos efeitos da privação e saciação e de *outras operações* [ênfase adicionada] que alteram a probabilidade do comportamento mais ou menos da mesma maneira. (Skinner, 1953/2005, p. 144)³⁴

Também se faz claro, ao ler as explicações do autor relacionadas a este campo de estudo, que o comportamento de ingerir alimentos foi foco de suas pesquisas experimentais e a privação de alimento é a principal operação citada por ele. Talvez por isso o autor faz referência direta às operações de privação e saciação e não a outras que podem ter efeitos semelhantes na probabilidade de outros comportamentos, como o sexual. Entretanto, alguns autores que se dedicaram ao estudo do comportamento sexual de ratos machos e fêmeas concluíram que as respostas de aproximação de parceiros sexuais em ratas fêmeas adultas são mais consistentes durante o período fértil do que em outros períodos (Eliasson & Meyerson, 1975; Keller & Schoenfeld, 1950/1995; Peirce & Nutall, 1961). Isso indica que o comportamento sexual também pode variar regularmente em função de alterações hormonais e de ciclo sexual.

É importante ressaltar que as operações de privação e saciação e outras operações que definem este campo operam durante a história de vida do indivíduo, mas foram importantes para a sobrevivência das espécies. Foi necessário que os organismos se comportassem em função dessas operações, ou seja, buscassem por alimento quando privados ou se comportassem sexualmente em períodos férteis, para que a espécie e o próprio indivíduo pudessem ter sobrevivido (Skinner, 1953/2005). Alguns autores afirmam, entretanto, que a atividade sexual está mais ligada à sobrevivência da espécie do que à do indivíduo (Crawford et al., 1993; Todorov, 1985), e por isso ela “não pode ser entendida apenas por extensão do

³⁴ Original: A drive need not be thought of as mental or physiological. The term is simply a convenient way of referring to the effects of deprivation and satiation and of other operations which alter the probability of behavior in more or less the same way.

que se conhece a respeito de privação e saciação de outros estímulos reforçadores” (Todorov, 1985, p. 84). Dessa maneira, os escritos de Skinner a respeito das operações de privação e saciação, focalizados no comportamento de ingestão de alimentos, talvez não sejam suficientes para explicar a variabilidade no comportamento sexual que ocorre em função dessas e de outras operações.

No entanto, assim como no caso do comportamento de comer, é necessário não só entender como operam a privação e saciação e outras operações, mas também explicar o comportamento sexual por meio de suas consequências mantenedoras, ou seja, por seus reforçadores. Não é possível separar essas operações do processo de reforçamento, pois elas só adquirem sentido em uma análise do comportamento a partir da sua relação com tal processo (Pereira, 2013; Skinner, 1953/2005). Antes mesmo de estabelecer completamente o paradigma operante e de abandonar o uso do termo *drive*, Skinner (1938) já atribuía importância ao reforçamento ao afirmar que uma unidade de *drive* (e.g., fome, sede e *drive* sexual) era estabelecida por meio desse processo:

Em um operante condicionado, o *drive* controlando a força é determinado pelo reforçamento. Se pressão à barra foi reforçada com alimento, a força varia com a fome; se foi reforçada com água, varia com a sede; e assim por diante. Um operante pode ser reforçado por estímulos em mais de uma classe de *drives*, e sua força é, então, determinada por dois ou mais *drives*. ... Todos os casos desse tipo devem ser identificados pela presença de reforçadores em mais de uma classe de *drive*. (p. 372)³⁵

Da mesma forma que o alimento pode reforçar uma resposta de pressão à barra e sua força variar com a fome (i.e., privação e saciação de alimento ou outras operações); o contato

³⁵ Original: In a conditioned operant the drive governing the strength is determined by the reinforcement. If pressing the lever has been reinforced with food, the strength varies with hunger; if with water, it varies with thirst; and so on. An operant may be reinforced with stimuli in more than one drive class, and its strength is then determined by two or more drives. ... All cases of this sort may be identified by the presence of reinforcements in more than one drive-class.

sexual pode, por exemplo, reforçar uma resposta de elogiar alguém e sua força variar com a privação e saciação sexual. Sendo assim, a importância desse tipo de operação no estudo do comportamento está no argumento de que elas ajudam a prever o quão reforçador um dado evento será e o quanto um indivíduo se engajará em comportamento relevante (Skinner, 1974).

4.2.2 Consequências Mantenedoras do Comportamento Sexual.

4.2.2.1 Reforçadores primários: o contato sexual

Na literatura analítico-comportamental, o contato sexual é constantemente atrelado à sua importância biológica: “o reforçamento sexual está intimamente ligado à sobrevivência biológica em todas as espécies de interesse para a análise do comportamento” (Matthews et al., 1997, p. 400). Assim, muitos experimentos foram realizados com animais não humanos a fim de esclarecer e delimitar o contato sexual como reforçador. Tais experimentos foram realizados mais comumente com ratos (Baquero et al., 2009), mas também incluem estudos com porquinhos-da-índia (e.g., Seward & Seward, 1940), macacos-*rhesus* (e.g., Keverne, 1976; Michael & Keverne, 1968) e codornas (e.g., Baquero et al., 2009).

Algumas evidências indicavam que o contato sexual era reforçador porque reduzia o *drive* sexual. Entretanto, ao analisarem o comportamento sexual de ratos machos, alguns autores perceberam que a monta e a intromissão³⁶, sem a ejaculação³⁷, são também eventos reforçadores (Crawford et al., 1993; Whalen, 1961). Isso indica que em ratos machos, o reforçamento por contato sexual acontece de diferentes maneiras. Uma importante característica da ejaculação é que ela é “seguida de um período refratário de 4 a 8 minutos (no qual o macho não apresenta nenhuma atividade copulatória)” (Alvarenga, 2011, p. 2),

³⁶ “A *monta* é caracterizada pela presença de movimentos pélvicos do macho, porém sem inserção do pênis na vagina da fêmea. Por sua vez, a *intromissão* (montas com inserção peniana) se diferencia da monta por apresentar movimentos pélvicos profundos, seguidos de uma desmonta mais abrupta” (Alvarenga, 2011 p. 2).

³⁷ “A *ejaculação* caracteriza-se por inserção pélvica profunda (com emissão do líquido seminal dentro da vagina), seguida de movimento lateral da pata anterior e uma desmonta lenta” (Alvarenga, 2011, p. 2).

corroborando com a definição de Skinner (1953/2005) de saciação, na qual “a saciação sexual parece ser o resultado do mero exercício do comportamento sexual, bem como da consequência especial conhecida como orgasmo” (p. 142)³⁸³⁹.

Em ratas fêmeas, contudo, a operacionalização do contato sexual como reforçador parece ser mais difícil. Peirce e Nuttall (1961) apontam que a rata fêmea não mostra sinais específicos de orgasmo e saciação como acontece com o rato macho e, além disso, os autores consideram que a atividade do macho domina a situação de acasalamento. Ainda assim, experimentos demonstraram que a monta parece ser um evento mais reforçador do que a intromissão com ejaculação do macho para as ratas fêmeas (Bermant, 1961; Matthews et al., 1997; Peirce & Nuttall, 1961). Além disso, quando mais de um rato macho é apresentado a uma rata fêmea, o tempo de duração da sessão e a taxa de reforçamento são maiores, pois o término da sessão é estabelecido pela fêmea e não pela ejaculação do macho (Matthews et al., 1997).

De maneira geral, entende-se que o contato sexual é um importante reforçador biológico e é efetivo na modelagem de respostas com baixo nível operante. Entretanto, ele se difere de outros reforçadores biologicamente importantes, como o alimento, pois não é um reforçador de ingestão e não é homeostático⁴⁰ (Matthews et al., 1997). Skinner (1953/2005, 1969, 1971, 1974, 1978, 1987) também citou o contato sexual como um reforçador que se tornou importante na história filogenética, mas não operacionalizou sistematicamente tal evento reforçador, o que torna os experimentos realizados por outros autores importantes para identificar essas características especiais do contato sexual.

³⁸ Original: Sexual satiation appears to be the result of the mere exercise of sexual behavior as well as of the special consequence known as the orgasm.

³⁹ Como visto no tópico anterior, as operações de privação e saciação estão relacionadas com o processo de reforçamento, e especialmente ligadas aos reforçadores primários (Pereira, 2013). Aparentemente, são os reforçadores primários os eventos que levam à saciação.

⁴⁰ Segundo o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, homeostático é aquilo “que envolve ou realiza homeostasia”, sendo que homeostasia é o “estado de equilíbrio das várias funções e composições químicas que ocorrem no corpo, como, por exemplo, temperatura, pressão sanguínea, pulso, taxa de açúcar no sangue etc”.

Por outro lado, o comportamento sexual do ser humano se difere consideravelmente do comportamento sexual de animais não humanos, além de ser de difícil experimentação. Keller e Schoenfeld (1950/1995) afirmam que o ciclo sexual de ratas fêmeas e de mulheres acontece de maneira diferente, e que homens respondem a características sexuais secundárias das mulheres, além de precisarem de tempo para aprender as respostas envolvidas na copulação, diferente dos ratos machos. Além disso, os autores citam que as leis da sociedade e o viés do experimentador são empecilhos para a realização de estudos controlados sobre a sexualidade humana, e “o resultado é que evidências reais sobre as características e modos de comportamento e desenvolvimento sexual humano são muito escassas” (p. 310).

Dessa maneira, a descrição mais ampla feita por Skinner permite uma maior generalização do contato sexual como reforçador para outras espécies, como a espécie humana. Segundo o autor, em muitas espécies o comportamento sexual ocorre somente quando tem a possibilidade de levar à procriação; a espécie humana parece ser uma das poucas espécies em que tal comportamento ocorre sem estar relacionado à ovulação (Skinner, 1969). Portanto, o contato sexual parece caracterizar uma classe de reforçadores e não apenas um evento específico.

Assim, é importante entender o que são reforçadores e o motivo do contato sexual ser considerado um reforçador primário. Reforçadores são eventos consequentes que, quando contingentes à emissão de uma ação, aumentam a probabilidade de ações do mesmo tipo ocorrerem no futuro (Skinner, 1953/2005, 1974). Reforçadores primários são eventos que se tornaram reforçadores por adquirir importância na seleção natural. Segundo Skinner (1953/2005), “nós dificilmente podemos ignorar o grande significado biológico dos reforçadores primários. Comida, água, e *contato sexual* [ênfase adicionada], assim como

escapar de condições prejudiciais, estão obviamente conectados com o bem-estar do organismo” (p. 83)⁴¹.

Nos tempos em que a fome e a peste destruíam a população e não havia meios de solucionar esses problemas, as pessoas precisavam reproduzir em cada oportunidade e com isso uma alta suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual evoluiu (Skinner, 1971, 1978, 1987, 1989): “sem [essas suscetibilidades] a espécie provavelmente não estaria aqui hoje” (Skinner, 1978, p. 32)⁴². Assim, o contato sexual foi primeiramente importante para a evolução da espécie. Da mesma forma que a competição por parceiros tende a selecionar os indivíduos mais poderosos e habilidosos, ela também seleciona os indivíduos mais suscetíveis ao reforçamento por contato sexual (Skinner, 1974). Como resultado, “a espécie humana, como outras espécies, é fortemente reforçada por ... contato sexual” (p. 47)⁴³.

Contudo, como o comportamento sexual na espécie humana não acontece somente quando há a possibilidade de procriação, a história filogenética não é suficiente para explicar esse tipo de comportamento. Skinner (1974) afirma que em alguns casos há uma mescla entre as contingências de sobrevivência e as contingências de reforçamento. Por exemplo, o comportamento agressivo pode ser explicado de três maneiras diferentes:

Pode ser inato e liberado por circunstâncias específicas nas quais o valor de sobrevivência é plausível. ... Pode ser modelado e mantido porque as pessoas são suscetíveis ao reforçamento por sinais de dano a outros. ... Ou, em terceiro, o comportamento pode ser reforçado por consequências não explicitamente relacionadas à agressão. (p. 42)⁴⁴

⁴¹ Original: We can scarcely overlook the great biological significance of the primary reinforcers. Food, water, and sexual contact, as well as escape from injurious conditions, are obviously connected with the well-being of the organism.

⁴² Original: Without them [the susceptibilities to reinforcement] the species would probably not be here today.

⁴³ Original: As a result, the human species, like other species, is powerfully reinforced by ... sexual contact.

⁴⁴ Original: May be innate and released by specific circumstances in which survival value is plausible. ... May be shaped and maintained because people are susceptible to reinforcement by signs of damage to others. ... Or, third, the behavior may be reinforced by consequences not explicitly related to aggression.

Na primeira explicação, o comportamento agressivo é emitido sem necessidade de ter sido aprendido, ou seja, é inato. Já na segunda, o comportamento ainda tem valor de sobrevivência, mas somente porque a suscetibilidade ao reforçamento por sinais de danos a outros permite uma aprendizagem mais rápida. Por fim, outras consequências podem reforçar o comportamento, como o próprio contato sexual ou o alimento, se eles forem obtidos por meio da agressão (Skinner, 1974). Dessa maneira, pode-se entender que o comportamento sexual também pode ser explicado de diferentes maneiras. Por ter valor de sobrevivência, pode ser inato ou aprendido facilmente na história ontogenética por conta da suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual. Contudo, ele também pode ser explicado por meio de consequências não explicitamente relacionadas ao contato sexual: um indivíduo pode se comportar sexualmente porque em algum momento esse comportamento foi reforçado com alimento, por exemplo. Os comportamentos emitidos até a produção de um reforçador primário produzem outros tipos de reforçadores e por isso também é importante entender o comportamento sexual como função de reforçadores condicionados.

4.2.2.2 Reforçadores condicionados

Como apontado nos tópicos anteriores, a importância biológica dos reforçadores primários acabou, tradicionalmente, levando à ideia de que os reforçadores reforçam porque reduzem um estado de privação. Skinner (1953/2005) afirma que as operações de privação e saciação podem ser importantes para o condicionamento, mas o reforçamento nem sempre reduz a privação; tudo o que se pode afirmar é que o tipo de evento que reduz a privação também é reforçador. Assim, alguns eventos reforçadores adquirem tal função na história de vida do indivíduo e, mesmo que sejam influenciados pelas operações de privação e saciação, não precisam alterá-las.

O “ver operante” é um comportamento que tem como variáveis controladoras o reforçamento operante e a privação. Quando relacionado à sexualidade, ele se caracteriza

pelo ver “objetos ou atividades sexuais na ausência de estímulos relevantes” (Skinner, 1953/2005, p. 272)⁴⁵. Um exemplo para isso seria alguém extremamente privado sexualmente que, além de se engajar em comportamento sexual ou auto estimulação sexual quando possível, também imagina ou sonha com objetos ou atividades sexuais (Skinner, 1953/2005). Uma das características do “ver operante” é que ele não altera o estado de privação, ainda que produza reforçadores: “o homem ... sexualmente privado é reforçado pelo aparecimento ou presença de objetos relevantes, tanto quanto por vê-los quando estão ausentes. Esse reforçamento não depende de uma verdadeira redução no estado de privação” (Skinner, 1953/2005, pp. 272-273)⁴⁶.

Além disso, uma explicação comportamental do processo de *sublimação* demonstra como a privação pode operar na história ontogenética e não ser alterada. Skinner (1953/2005) afirma que: “um comportamento que é fortalecido por meio da privação não precisa reduzir tal privação” (p. 152)⁴⁷. Isso acontece porque uma operação (e.g., privação) que exerce influência sobre a força de uma resposta também o faz com respostas semelhantes, ou com a mesma resposta em ocasiões parecidas (Skinner, 1953/2005). Dessa forma: “o artista ‘sublima’ o comportamento sexual trabalhando com figuras ou modelos do corpo humano” (p. 152)⁴⁸. Tal comportamento pode se fortalecer por meio da privação de contato sexual, “mas a resposta fortalecida por indução pode perfeitamente não ter efeito sobre a privação, mesmo que a resposta da qual empresta sua força exerça esse efeito” (p. 153)⁴⁹.

Pode-se perceber em tais exemplos que os reforçadores citados (i.e., aparição ou presença de objetos sexuais e figuras ou modelos do corpo humano), mesmo aumentando a

⁴⁵ Original: Sexual objects or activities in the absence of relevant stimuli.

⁴⁶ Original: The ... sexually deprived man is reinforced by the appearance or presence of relevant objects, as well as by seeing them when they are absent. Such reinforcement is not dependent upon an actual reduction in the state of deprivation.

⁴⁷ Original: Behavior which is strengthened through deprivation need not reduce that deprivation.

⁴⁸ Original: The artist "sublimates" sexual behavior in working on pictures or models of the human body.

⁴⁹ Original: But a response strengthened through induction may very well have no effect upon the deprivation, even though the response from which it borrows its strength does have such an effect.

probabilidade das respostas, não reduzem o estado de privação sexual, pois não configuram um reforçador primário (i.e., contato sexual). Isso acontece porque esses reforçadores foram condicionados na história ontogenética e provavelmente são relacionados ao contato sexual. Assim, o contato sexual também se torna importante na ontogênese por meio dos reforçadores condicionados:

Os reforçadores condicionados são frequentemente o produto de contingências naturais. Geralmente, alimento e água são recebidos apenas depois de o organismo ter se engajado em um comportamento “precorrente” – depois de ter operado no ambiente para criar a oportunidade de comer ou de beber. Os estímulos gerados por esse comportamento precorrente, portanto, se tornam reforçadores. Assim, antes que possamos transferir alimento do prato à boca com sucesso, precisamos chegar perto do prato, e qualquer comportamento que nos leve em sua direção é automaticamente reforçado. O comportamento precorrente é, portanto, sustentado em força. Isso é importante, já que apenas uma pequena parte do comportamento é imediatamente reforçada com alimento, água, contato sexual, ou outros eventos de importância biológica óbvia. Apesar de ser característico do comportamento humano que reforçadores primários podem ser efetivos após um longo atraso, isso ocorre, presumivelmente, porque eventos intervenientes tornam-se reforçadores condicionados. (Skinner, 1953/2005, p. 76)⁵⁰

Estendendo a explicação dada acima para o contato sexual, pode-se dizer que um indivíduo, antes de produzir tal reforçador, engaja-se em comportamentos precorrentes e as

⁵⁰ Original: Conditioned reinforcers are often the product of natural contingencies. Usually, food and water are received only after the organism has engaged in "precurrent" behavior—after it has operated upon the environment to create the opportunity for eating or drinking. The stimuli generated by this precurrent behavior, therefore, become reinforcing. Thus before we can transfer food from a plate to our mouth successfully, we must get near the plate, and any behavior which brings us near the plate is automatically reinforced. The precurrent behavior is, therefore, sustained in strength. This is important since only a small part of behavior is immediately reinforced with food, water, sexual contact, or other events of obvious biological importance. Although it is characteristic of human behavior that primary reinforcers may be effective after long delay, this is presumably only because intervening events become conditioned reinforcers.

consequências geradas por eles se tornam reforçadores condicionados. Uma analogia possível em relação ao exemplo do alimento seria dizer que, antes de produzir o reforçador denominado contato sexual, o indivíduo pode se engajar, por exemplo, no comportamento de ir a uma festa, e as consequências de tal comportamento podem se tornar reforçadores condicionados. Um exemplo claro de reforçador condicionado relacionado ao contato sexual é o beijo. Uma pessoa pode ir a uma festa e então beijar alguém e o beijo é seguido, em algum momento, de uma relação sexual. Quando essa mesma pessoa for a uma festa novamente, provavelmente ela se comportará em função de beijar alguém novamente, porque no passado o beijo criou a oportunidade de contato sexual.

Dessa forma, mesmo que o contato sexual seja um reforçador para a espécie em geral, cada indivíduo irá se comportar sexualmente de maneira diferente e produzir reforçadores sexuais diferentes: “os indivíduos diferem, assim como as espécies ... na extensão em que se engajam em comportamento sexual ou em que são afetados por reforçamento sexual” (Skinner, 1971, p. 77)⁵¹. Essas diferenças se devem tanto a variações genéticas que podem fazer com que um indivíduo seja mais ou menos suscetível a reforçamento por contato sexual quanto a contingências de reforçamento que vigoram na história ontogenética: “muito [do comportamento sexual] pode ser atribuído a contingências de reforçamento. As primeiras condições sob as quais uma pessoa jovem é sexualmente reforçada determinam a extensão e a forma de sua atividade sexual posterior” (Skinner, 1969, p. 56)⁵².

Skinner (1953/2005) ressalta a importância da ontogênese e dos reforçadores condicionados ao afirmar que, em alguns casos, é quase impossível identificar a gênese de

⁵¹ Original: Individuals presumably differ, as species differ ... in the extent to which they engage in sexual behaviour or are affected by sexual reinforcement.

⁵² Original: Much [of sexual behavior] can be traced to contingencies of reinforcement. The conditions under which a young person is first sexually reinforced determine the extent as well as the form of later sexual activity.

um reforçador, ou seja, é difícil rastrear o condicionamento entre reforçador primário e reforçador condicionado:

Um bebê é reforçado, não somente por comida, mas também pelo toque de um sino ou pelo brilho de um objeto. O comportamento que é consistentemente seguido por tais estímulos mostra uma probabilidade aumentada. É difícil, *se não impossível* [ênfase adicionada], rastrear esses efeitos reforçadores a uma história de condicionamento. (p. 83)⁵³

Como alternativa a essa busca pela gênese dos reforçadores, Skinner (1953/2005) assume ser plausível argumentar que “uma capacidade para ser reforçado por qualquer estímulo do ambiente seria biologicamente vantajosa, já que prepararia o indivíduo para manipular o ambiente efetivamente antes que um dado estado de privação pudesse se desenvolver” (p. 83)⁵⁴. Assim, não parece ser útil buscar pela gênese de todo e qualquer reforçador condicionado, pois, em alguns casos, basta saber que ele possui função reforçadora, independentemente de sua relação com os reforçadores primários (e.g., alimento, água, contato sexual). Entretanto, alguns tipos de reforçadores podem acabar sendo tidos como primários quando o seu efeito é generalizado, e por isso merecem uma atenção especial.

4.2.2.3 Reforçadores generalizados: o afeto

Tradicionalmente, é comum dizer que os seres humanos têm uma “necessidade de afeto”, como uma condição primária de privação (Skinner, 1953/2005). Alguns autores, embasados em estudos da etologia tradicional cunhada primeiramente por Konrad Lorenz (1903-1989), consideram que o apego e as relações afetivas são produto de seleção natural.

⁵³ Original: A baby is reinforced, not only by food, but by the tinkle of a bell or the sparkle of a bright object. Behavior which is consistently followed by such stimuli shows an increased probability. It is difficult, if not impossible, to trace these reinforcing effects to a history of conditioning.

⁵⁴ Original: A capacity to be reinforced by any feedback from the environment would be biologically advantageous, since it would prepare the organism to manipulate the environment successfully before a given state of deprivation developed.

De Toni et al. (2004) argumentam que tanto o nascimento do apego quanto o desenvolvimento da instituição familiar têm origem na fragilidade do filhote humano, um artifício da natureza, que exige cuidados parentais mais prolongados. Além disso, “como geralmente nascia apenas um filhote por prole, o investimento parental se tornava fundamental para o sucesso da espécie” (p. 101).

Mesmo assim, algumas teorias argumentavam que o afeto surgiria da satisfação da alimentação gerada pela mãe com seu filhote (De Toni et al., 2004). Entretanto, um estudo clássico de Harlow (1959) demonstrou que filhotes de macacos *rhesus* tinham preferência por se aproximar de uma macaca de tecido ao invés de uma macaca de arame, mesmo sendo alimentados pelas duas. A partir de estudos como esse, uma extensa discussão a respeito do afeto se difundiu e foi cunhada a teoria do apego, de John Bowlby (1907-1990). Segundo essa teoria, o apego seria “um comportamento biologicamente programado, como o mecanismo de alimentação e da sexualidade” (Dalbem & Dell’Aglío, 2005, p. 13), e as primeiras relações de apego estabelecidas na infância afetariam as relações afetivas ao longo da vida do indivíduo.

Entretanto, as explicações dadas para essa evolução natural do afeto, tanto as embasadas na teoria do apego quanto as que partiram dos estudos da etologia de Lorenz, são principalmente fundamentadas no cognitivismo. A ideia é que um aparato cognitivo foi selecionado pela história filogenética (Dalbem & Dell’Aglío, 2005; Garcia, 2005). Para Skinner (1977), esse aparato cognitivo trata-se de uma internalização das contingências de reforçamento que não auxilia na explicação ou controle do comportamento. Além disso, as analogias entre os experimentos realizados com animais para explicar o afeto humano parecem caracterizar um salto na explicação do comportamento que ignora a possibilidade de serem fenômenos controlados por contingências diferentes.

Mesmo tecendo diversas críticas a essa noção, Skinner (1969) considera que há uma base filogenética no afeto, citando-o como o oposto filogenético da agressão: “a sobrevivência é promovida pela agressão contra os competidores e pelo afeto em relação aos membros da mesma espécie. Cuidados maternos, procurar e proteger um companheiro ou companheiros, e comportamento sexual são exemplos desse último” (pp. 212-213)⁵⁵. Aqui, o autor estabelece a relação entre comportamento sexual e afeto considerando que o primeiro seria um exemplo do último, em termos filogenéticos.

Contudo, a discussão mais ampla feita por Skinner (1953/2005) em relação ao afeto o define como um reforçador generalizado, assim como a atenção e o dinheiro, por exemplo. O autor afirma que tais reforçadores vigoram na sociedade humana há tão pouco tempo que dificilmente foram selecionados pelo processo de evolução da espécie. Além disso, “eles não representam formas fixas de estimulação, já que eles dependem das idiosincrasias de grupos particulares” (p. 80)⁵⁶, o que indica também uma influência da cultura em relação a esses reforçadores. Segundo o autor, os reforçadores generalizados são definidos como reforçadores condicionados pareados com mais de um reforçador primário e, nesse caso, pode ser importante identificar o que evoluiu pela sobrevivência da espécie e o que faz parte de uma história de condicionamento.

Entre os reforçadores generalizados, o afeto merece uma atenção especial por estar diretamente relacionado à sexualidade. Conforme afirmou Skinner (1953/2005): “um reforçador generalizado ainda mais forte é o afeto. Ele pode estar *especialmente relacionado ao contato sexual* [ênfase adicionada] como reforçador primário, mas quando alguém que

⁵⁵ Original: Survival is furthered by aggression toward competitors and by affection toward members of the same species. Maternal care, foraging for and protecting a mate or mates, and sexual behavior are examples of the latter.

⁵⁶ Original: They do not represent fixed forms of stimulation, since they depend upon the idiosyncrasies of particular groups.

mostra afeto também fornece outros tipos de reforçadores, o efeito é generalizado” (p. 78)⁵⁷. Dessa forma, o afeto parece ter uma relação especial com o contato sexual, porém, tem também suas particularidades como um reforçador generalizado:

Na medida em que o afeto é principalmente sexual, pode ser relacionado com uma condição primária de privação que é, até certo ponto, independente da história pessoal do indivíduo, mas os “sinais de afeto” que se tornaram reforçadores por sua associação com o contato sexual ou com outros reforçadores dificilmente poderiam ser reforçadores por razões genéticas. (Skinner, 1953/2005, p. 80)⁵⁸

Sendo assim, os denominados “sinais de afeto” se tornariam reforçadores a partir da história do indivíduo e de cada grupo em particular. Os reforçadores generalizados são necessariamente sociais, já que o processo de generalização depende da mediação de outro organismo (Skinner, 1953/2005). Outros autores que enfatizam a evolução biológica do afeto também não desconsideram a influência da cultura, afirmando, por exemplo, que “nosso aparato perceptivo inato integra-se a uma superestrutura cultural” (Garcia, 2005, p. 96) e que “a vinculação afetiva não é somente o resultado automático da fisiologia, pois somos seres biologicamente culturais” (De Toni et al., 2004, p. 102).

Outra característica do afeto como reforçador generalizado é que é difícil defini-lo, observá-lo e medi-lo, o que faz com que o indivíduo que se comporta em função dele não consiga identificar claramente o que fazer para obtê-lo. Segundo Skinner (1953/2005), a atenção, a aprovação e o afeto “não são coisas, mas aspectos do comportamento de outros. Suas dimensões físicas sutis apresentam dificuldades não só para o cientista que precisa

⁵⁷ Original: A still stronger generalized reinforcer is affection. It may be especially connected with sexual contact as a primary reinforcer but when anyone who shows affection supplies other kinds of reinforcement as well, the effect is generalized.

⁵⁸ Original: Insofar as affection is mainly sexual, it may be related to a condition of primary deprivation which is to some extent independent of the personal history of the individual, but the "signs of affection" which become reinforcing because of their association with sexual contact or with other reinforcers can scarcely be reinforcing for genetic reasons.

estudá-los, mas também para o indivíduo que é reforçado por eles” (p. 79)⁵⁹, fazendo com que tais indivíduos apresentem um comportamento persistente que é resultado de reforçamento intermitente.

Por fim, uma última característica dos reforçadores generalizados é que, eventualmente, estes podem ser efetivos, mesmo que, por um longo período de tempo, não sejam acompanhados pelos reforçadores primários dos quais se originaram. Dessa forma, “o afeto nem sempre é seguido por um reforçamento sexual mais explícito” (Skinner, 1953/2005, p. 81)⁶⁰, e ainda assim pode continuar sendo efetivo como reforçador. Skinner (1971) chama atenção para o mal uso de reforçadores sociais como o afeto. Quando o afeto não se tornou efetivo por si só e é apresentado sem uma conexão com outro reforçador efetivo, ele é visto como falso, como, por exemplo, no caso da bajulação e outras formas de “conquistar amigos”.

Entende-se assim que compreender a sexualidade para Skinner consiste em entender também o papel do afeto nas relações que envolvem a sexualidade. Mesmo que haja uma base filogenética no afeto como reforçador, o seu valor é altamente modificado pela história ontogenética e, principalmente, pelas contingências sociais e culturais. Dessa maneira, o afeto pode ser considerado um reforçador sexual se estiver relacionado ao contato sexual, podendo adquirir outras funções não relacionadas à sexualidade durante a história de vida do indivíduo. Sendo um reforçador generalizado, o afeto pode se relacionar ao alimento e a outros reforçadores primários e, por isso, está presente em muitas relações interpessoais, principalmente entre crianças e seus cuidadores. Portanto, é importante analisar a função do afeto em cada relação particular para determinar sua relação com a sexualidade.

⁵⁹ Original: They are not things but aspects of the behavior of others. Their subtle physical dimensions present difficulties not only for the scientist who must study them but also for the individual who is reinforced by them.

⁶⁰ Original: Affection is not always followed by a more explicit sexual reinforcement.

4.2.3 Controle Social do Comportamento Sexual

Como já descrito no tópico sobre reforçadores generalizados, os outros indivíduos e grupos também exercem influência sobre o comportamento. Neste tópico, serão descritos os diversos tipos e técnicas de controle social relacionados especificamente ao comportamento sexual que foram discutidos por Skinner nos textos analisados. Conforme afirma Carrara (1992a), no Comportamentalismo Radical skinneriano, emprega-se o termo *controle* “para deixar claro que, intencionalmente ou não, conscientemente ou não, discriminando ou não, as pessoas detêm contingências que determinam, em maior ou menor grau, o comportamento de seus semelhantes” (p. 111).

Tendo isso em vista, pode-se dizer que os indivíduos detêm contingências que controlam também o comportamento sexual de outros indivíduos e têm seu próprio comportamento sexual controlado por eles. Assim, o tipo de comportamento sexual em que um indivíduo se engaja depende, em parte, das práticas do grupo em que ele está inserido (Skinner, 1953/2005). Como reitera o autor, o comportamento sexual “dependerá, não somente da disponibilidade de membros do sexo oposto⁶¹, mas do controle ético das relações sexuais, de restrições governamentais e religiosas, da educação sexual e assim por diante” (p. 422)⁶².

Para fins de uma explicação mais didática, será feita uma subdivisão do controle social do comportamento sexual em *controle pessoal*, *controle pelo grupo* e *agências de controle*. No controle pessoal, “uma pessoa comporta-se de uma maneira que altera o comportamento de outra por causa das consequências que o comportamento dessa segunda tem para a primeira” (Sá, 1983, p. 141). O controle pelo grupo caracteriza-se pelo controle ético descrito por Skinner (1953/2005) e se dá quando variáveis são manipuladas por duas ou

⁶¹ Essa citação voltará a ser discutida no tópico “Releituras”.

⁶² Original: Sexual behavior will depend, not only upon the availability of members of the opposite sex, but upon the ethical control of sexual relations, upon governmental and religious restrictions, upon sex education, and so on.

mais pessoas e elas exercem um efeito comum sobre o comportamento de outra pessoa, sendo assim um controle mais poderoso que o controle pessoal. Por fim, o controle exercido por agências é mais organizado e envolve a manipulação de variáveis específicas mais complexas, caracterizando tal tipo de controle muitas vezes como mais efetivo do que o exercido por um indivíduo ou pelo grupo (Sá, 1983). O próprio Skinner (1953/2005) afirma que ao comparar o controle pessoal com o controle exercido pelas agências, o primeiro acaba sendo fraco. As agências de controle descritas pelo autor foram o governo, a religião, a educação, a economia e a psicoterapia. Dito isso, esses diferentes tipos de controle serão descritos com mais rigor a seguir.

4.2.3.1 Controle pessoal

De acordo com Skinner (1953/2005), quase todos os indivíduos controlam variáveis relevantes que afetam o outro e utilizam disso para seu próprio benefício, e esse processo é então definido como controle pessoal. O autor explica que “o tipo e extensão [do controle] dependem da dotação pessoal e da habilidade do controlador” (p. 314)⁶³, e afirma, por exemplo, que uma pessoa forte pode manipular variáveis que derivam de sua força e que a moça bonita ou a pessoa sexualmente atraente utiliza de reforçadores sexuais, primários ou condicionados⁶⁴ (Skinner, 1953/2005, 1971).

Entende-se assim que a “dotação pessoal” de um indivíduo estaria relacionada a uma posição favorável desta em relação à pessoa a ser controlada, a qual, no caso do controle pessoal, parece depender tanto do contexto dessa relação de controle quanto de um contato prévio entre controlador e controlado (Skinner, 1953/2005). Por exemplo, a pessoa “sexualmente atraente” descrita pelo autor só controla efetivamente o comportamento de outro indivíduo por meio dessa característica se esta for estímulo para o controlado, e isso

⁶³ Original: The kind and extent [of personal control] depend upon the personal endowment and skill of the controller.

⁶⁴ Essa citação voltará a ser discutida no tópico “Releituras”.

muitas vezes depende de uma relação prévia entre as duas pessoas. Ainda assim, os indivíduos envolvidos na relação de controle não necessariamente são conscientes desse processo, ou seja, nem sempre discriminam as contingências envolvidas nessa relação de controle. Um bebê controla o comportamento de sua mãe quando chora e recebe sua atenção e claramente não consegue descrever o que estava fazendo (Skinner, 1953/2005).

As técnicas de controle pessoal são, em sua maioria, descritas em termos de processos comportamentais. Assim, uma primeira técnica de controle descrita por Skinner (1953/2005) é o reforçamento. Considerando que, em geral, o comportamento sexual produz consequências reforçadoras e que esse tipo de reforçamento requer, em muitos casos, a presença de outro indivíduo, a estimulação sexual é “amplamente utilizada no controle pessoal” (Skinner, 1953/2005, p. 317)⁶⁵. Frequentemente, nessa relação de controle, o reforçador sexual primário é precedido de reforçadores condicionados mais imediatos (e.g., promessas verbais, afeto, dinheiro, elogios etc.).

Vale ressaltar que, nesse recorte, o contato sexual é a técnica utilizada como evento reforçador no controle de um comportamento, seja este sexual ou não. Dessa forma, não necessariamente é apenas o comportamento sexual que está sendo controlado. Por exemplo, em um relacionamento amoroso, o indivíduo A dá um presente ao indivíduo B e, contingente a isso, o indivíduo B apresenta contato sexual ao indivíduo A. Para o indivíduo A, o contato sexual apresentado pelo indivíduo B é consequência da sua ação de “dar presentes”, mas também pode ser uma consequência idiossincrática da própria ação sexual. Assim, o contato sexual pode tanto estar reforçando o comportamento do indivíduo A de “dar presentes” quanto o comportamento sexual envolvido na relação sexual.

Em outras circunstâncias, contudo, a apresentação de contato sexual a outro indivíduo pode ser caracterizada como punição, outra técnica de controle do comportamento que foi

⁶⁵ Original: Sexual stimulation is a common form of reinforcement and is widely used in personal control.

descrita por Skinner (1953/2005). Ainda que o contato sexual seja um reforçador primário, algumas operações do ambiente (e.g., privação e saciação) alteram o seu valor reforçador e, além disso, o reforçamento depende do contexto em que a consequência é apresentada. Em uma situação em que a pessoa A se comportou sexualmente extensivamente, a ponto de chegar à plena saciação, a apresentação do reforçador sexual por parte da pessoa B pode se tornar aversiva e punir o próprio comportamento sexual da pessoa A (i.e., suprimir ou reduzir a probabilidade de comportamentos como esse serem emitidos no futuro).

Em um exemplo mais específico, casos de abuso sexual ou estupro frequentemente configuram um controle do comportamento baseado em punição. Quando um indivíduo A não está se comportando em função de produzir contato sexual e este é apresentado a ele pelo indivíduo B de maneira abrupta ou forçada, esse evento pode punir qualquer comportamento que esteja sendo emitido pelo indivíduo A (e.g., caminhar pela rua sem companhia) e também o próprio comportamento sexual. Além disso, frequentemente esse tipo de relação envolve restrição física, pela qual o indivíduo é impedido de emitir certos comportamentos (e.g., fugir da situação). Esse tipo de controle foi criticado por Skinner (1953/2005) por ter diversas desvantagens como, por exemplo, funcionar exclusivamente para prevenir comportamento, não sendo eficaz no aumento de probabilidade do comportamento do outro; e gerar fortes disposições emocionais ao contra-ataque no controlado.

Nesses exemplos, o indivíduo controla o comportamento do outro por meio da punição positiva. Contudo, Skinner (1953/2005) também afirma que uma pessoa pode manipular as consequências de modo a punir negativamente o comportamento de outra. Um exemplo dado pelo autor é a “recusa de contato sexual costumeiro” (p. 318)⁶⁶. Nesse caso, entende-se que um indivíduo apresenta contato sexual a outro frequentemente e esse evento é reforçador para o outro. Quando a retirada desse evento reforçador é contingente a um

⁶⁶ Original: Refusing customary sexual contact.

comportamento do outro e suprime tal comportamento, diz-se que ele foi punido negativamente. Por exemplo, um indivíduo A grita ou briga com o indivíduo B e este recusa o contato sexual que era frequente no passado. Essa recusa é a retirada do evento reforçador que caracteriza a punição do comportamento de gritar ou brigar se esse comportamento diminuir de frequência ou for suprimido. Nesse caso, mais uma vez, não é necessariamente o comportamento sexual que está sendo controlado, mas o contato sexual que está sendo manipulado como forma de controle de outros comportamentos, podendo ser o próprio comportamento sexual ou não.

Além do uso de reforçamento, punição e restrição física, outra técnica de controle do comportamento apresentada por Skinner (1953/2005) se baseia nas operações de privação e saciação. Quando um indivíduo tem conhecimento sobre o nível de privação de outro, esse conhecimento pode ser utilizado com propósitos de controle (Skinner, 1974). Se um indivíduo pode administrar reforçadores que reduzam o nível de privação de outro indivíduo (e.g., alimento, contato sexual), este pode acabar se comportando em função desse controle. De maneira semelhante, os efeitos da privação e saciação podem ser simulados tanto por meio da administração de hormônios ou afrodisíacos que intensificam o comportamento sexual, quanto por meio do uso de fármacos que reduzem a probabilidade de tal comportamento (Skinner, 1953/2005). Por fim, vale ressaltar que essas técnicas podem ser utilizadas tanto de um indivíduo para outro quanto no controle do próprio comportamento, ou seja, no autocontrole. Nesse sentido, muitas pessoas se engajam em exercício físico pesado “na suposição de que o exercício tem o suficiente em comum com o comportamento sexual para produzir um tipo de saciação transferida” (Skinner, 1953/2005, p. 235)⁶⁷.

⁶⁷ Original: Heavy exercise is often recommended in the control of sexual behavior on the assumption that exercise has enough in common with sexual behavior to produce a sort of transferred satiation.

4.2.3.2 Controle pelo grupo

Ampliando as possibilidades do controle pessoal, no controle pelo grupo “o indivíduo é submetido a um controle mais poderoso” (Skinner, 1953/2005, p. 323)⁶⁸. Nesse contexto, variáveis que exercem um efeito comum no comportamento de um indivíduo são manipuladas por duas ou mais pessoas e o controle é exercido, principalmente, por meio do poder do grupo de reforçar ou punir. O controle pelo grupo também foi denominado por Skinner (1953/2005) como controle ético (De Souza, 2018).

Dessa maneira, por meio do controle ético, o comportamento do indivíduo é considerado como “bom/certo” e “ruim/errado” a depender das consequências que ele produz para os outros membros do grupo. Ou seja, se as consequências do comportamento de um indivíduo forem reforçadoras para os outros, esse comportamento é chamado de “bom” ou “certo”. De outro modo, se as consequências forem aversivas, o comportamento é chamado de “ruim” ou “errado” (Skinner, 1953/2005). De acordo com De Souza (2018), “em geral, o controle exercido pelo grupo impede a obtenção de reforçadores imediatos ao indivíduo que possam produzir consequências aversivas ao grupo” (p. 23).

Diversas formas de comportamento sexual, por exemplo, são frequentemente punidas por membros de diferentes grupos e, pela característica filogenética reforçadora do contato sexual, um conflito acaba se configurando. Segundo Skinner (1953/2005), “o indivíduo está fortemente disposto a se engajar em comportamento que produza reforçamento como contato sexual ou a infligência de danos a outros. Esses tipos de comportamento, no entanto, são precisamente os que têm maior probabilidade de serem punidos” (pp. 293-294)⁶⁹. O autor exemplifica esse tipo de controle afirmando que quando um indivíduo vê a figura de uma pessoa nua, essa estimulação provavelmente é reforçadora por conta de uma história prévia

⁶⁸ Original: The individual is subjected to a more powerful control.

⁶⁹ Original: The individual is strongly disposed to engage in behavior which achieves such reinforcements as sexual contact or the infliction of damage upon others. These kinds of behavior, however, are precisely the sort most likely to be punished.

de reforçamento sexual. Entretanto, “em muitas *sociedades* [ênfase adicionada], o comportamento de olhar a tais figuras é severamente punido” (p. 292)⁷⁰. Considera-se assim que o controle exercido pelo grupo pode produzir desvantagens ao indivíduo, mesmo que temporárias (Skinner, 1953/2005).

Entendendo então que o grupo controla o comportamento dos indivíduos por meio do reforçamento de comportamentos considerados “bons/certos” e da punição de comportamentos considerados “ruins/errados”, pode-se dizer que algumas formas de comportamento sexual são consideradas por diversos grupos como “ruins” ou “erradas”. Para além dessa classificação, a punição desse tipo de comportamento exercida pelo grupo também é responsável pelo desenvolvimento de comportamentos de autocontrole ou de auto estimulação aversiva. Segundo Skinner (1953/2005), o grupo reforça comportamentos de autocontrole que reduzem alguns tipos de reforçamento primário, principalmente o reforçamento sexual. Além de diminuir o engajamento em comportamentos sexuais abertos, o indivíduo que teve seu comportamento punido pelo grupo também não se engaja em algumas formas de comportamento sexual encoberto sem “auto estimulação aversiva automática” (p. 294)⁷¹.

Mesmo com a alta probabilidade de punição de algumas formas de comportamento sexual, Skinner (1953/2005) aponta que em circunstâncias especiais esse tipo de comportamento não é punido pelo grupo. Ao se engajar em comportamentos literários ou artísticos relacionados à sexualidade, por exemplo, um indivíduo pode até mesmo ter seu comportamento reforçado pelo grupo. Além disso, em relações de casamento, o comportamento sexual é mais amplamente permitido por diferentes grupos. Esse tipo de controle ético diferencial em relação ao comportamento sexual ainda parece não esclarecer como as consequências desse tipo de comportamento seriam aversivas ou reforçadoras aos

⁷⁰ Original: But in many societies the behavior of looking at such figures is severely punished.

⁷¹ Original: Automatic aversive self-stimulation.

membros de um grupo. Cabe questionar também se essas consequências estão mesmo produzindo algum efeito nessa relação.

Quanto a isso, Skinner (1953/2005) afirma que as práticas vigentes do grupo podem não ser completamente consistentes com a definição de controle pelo grupo descrita anteriormente. O autor aponta que um grupo pode continuar classificando um comportamento como “bom” ou “ruim” mesmo que sua primeira classificação tenha surgido a partir de uma relação mínima com eventos aversivos ou reforçadores. Além disso, um comportamento pode continuar recebendo a mesma classificação por um longo período de tempo ainda que as condições tenham mudado e ele já não produza consequências aversivas ou reforçadoras aos membros do grupo.

Outro ponto a ser levantado é que a ação de um indivíduo pode gerar diferentes consequências a diferentes membros de um grupo e ser classificada como “boa” por uns e “ruim” por outros. Isso pode fazer com que subdivisões de um grupo conflitem umas com as outras na direção do controle do comportamento (Skinner, 1953/2005). O autor exemplifica esse conflito ao afirmar que membros da família provavelmente utilizam de diferentes técnicas controladoras a depender da idade e também que “a família como um todo pode diferir substancialmente de outros grupos dos quais o indivíduo é membro” (Skinner, 1953/2005, p. 421)⁷².

Por fim, uma última característica do controle exercido pelo grupo é que a classificação entre “bom” e “ruim” nem sempre é explícita, muitas vezes os indivíduos a inferem por meio da observação das práticas de controle. Juntamente a isso, os grupos não são tão organizados e muitas de suas práticas não são consistentemente mantidas por si só. Quando parte do grupo como um todo se torna mais organizada e opera com mais sucesso em

⁷² Original: The family as a whole may differ substantially from other groups of which the individual is a member.

suas práticas controladoras, essa parte pode ser considerada uma agência de controle (Skinner, 1953/2005).

4.2.3.3 Agências de controle

As agências controladoras descritas por Skinner (1953/2005) foram: religião, governo, educação, economia e psicoterapia. Cada uma delas exerce controle sobre o comportamento dos indivíduos de maneira particular por meio da manipulação de variáveis específicas. Todas as técnicas de controle pessoal e pelo grupo descritas acima podem ser utilizadas pelas agências que obtiverem o poder necessário para exercer tal controle (Skinner, 1953/2005). As especificidades do controle do comportamento sexual exercido por cada uma das agências serão apresentadas a seguir.

4.2.3.3.1 *Religião e Governo*

Segundo Skinner (1953/2005), “não é incomum encontrar uma sobreposição considerável na composição de agências religiosas e governamentais” (p. 336)⁷³. Ademais, religião e governo parecem caminhar lado a lado quando se trata do controle do comportamento sexual. Por esse motivo, essas duas agências de controle serão abordadas em um mesmo tópico, com alguns apontamentos para suas particularidades.

Do mesmo modo que o grupo classifica os comportamentos dos indivíduos como “bons/certos” ou “ruins/errados” a depender das consequências que eles produzem para seus membros, as agências governamental e religiosa também utilizam classificações, porém mais específicas. O governo classifica o comportamento dos indivíduos como “legal” ou “ilegal” e a religião como “virtuoso” ou “pecaminoso”, e reforçam ou punem tais comportamentos de acordo (Skinner, 1953/2005). No caso do governo, é a lei que codifica as práticas controladoras e especifica os comportamentos que estão sob seu controle e como serão

⁷³ Original: It is not unusual to find a considerable overlap in the composition of religious and governmental agencies.

administradas as consequências (De Souza, 2018; Skinner, 1953/2005). Já no caso da religião, o controle deriva de uma relação com o sobrenatural, “por meio da qual a agência arranja ou altera certas contingências que envolvam boa ou má sorte no futuro imediato; ou bênção eterna ou condenação na vida futura” (Skinner, 1953/2005, p. 352)⁷⁴.

Ambas as agências pautam seu controle principalmente em técnicas aversivas. Segundo De Souza (2018), as práticas controladoras do governo envolvem “reforçamento negativo (quando a agência apresenta ameaça de punição para fortalecer comportamentos ‘legais’ e garantir a paz e a ordem social), além da punição negativa e a punição positiva (contingentes aos comportamentos ‘ilegais’)” (p. 37). De outro modo, a agência religiosa pune comportamentos considerados “pecaminosos” de tal forma que produz condições aversivas descritas pelos indivíduos como um “senso de pecado” (Skinner, 1953/2005, p. 353)⁷⁵. Além disso, o controle exercido pela agência religiosa não parece ser sensível à mudança de contingências nas condições em que o grupo vive, “mantendo regras criadas de acordo com um contexto já antigo, discrepante das contingências atuais” (De Souza, 2018, p. 41).

De acordo com Skinner (1953/2005), o governo costumava funcionar de maneira parecida, no qual as classificações dos comportamentos em “legais” ou “ilegais” eram imutáveis. Contudo, uma visão moderna parece aceitar que o governo e a lei dependem das circunstâncias de uma determinada cultura ou época e as práticas legais passaram então a ser interpretadas a partir do seu efeito sobre os indivíduos e o Estado. É notório que atualmente as leis passam por modificações, mas elas parecem favorecer principalmente os membros das agências de controle.

⁷⁴ Original: Through which the agency arranges or alters certain contingencies involving good or bad luck in the immediate future or eternal blessedness or damnation in the life to come.

⁷⁵ Original: “Sense of sin”.

A sobreposição entre as agências religiosa e governamental também acaba produzindo uma manutenção de práticas legais baseadas em crenças religiosas que não representam todos os grupos. No Brasil, isso pode ser observado por meio de algumas pautas como o casamento homoafetivo, a legalização do aborto e a inserção de educação sexual nas escolas. Líderes religiosos que também se encontram em posição de poder no governo baseiam suas decisões na suposição de que práticas desse tipo fomentariam comportamentos “pecaminosos” e boa parte dos indivíduos acaba sendo prejudicada. Pessoas que não seguiam regras religiosas, ou que seguiam regras de outra religião que não aquela que tem mais poder, passam a ter que se submeter a esse controle, pois o que antes era apenas classificado como “pecaminoso” pode passar a ser considerado “ilegal”.

Algumas dessas sobreposições já haviam sido consideradas por Skinner (1953/2005) por meio da afirmação de que:

As agências religiosas tendem a favorecer a censura de filmes, peças de teatro e livros, a *aplicação de leis* [ênfase adicionada] que regem a modéstia do vestuário, a proibição da venda de bebidas alcoólicas e assim por diante, porque essas medidas reduzem ocasiões para comportamento pecaminoso. (p. 354)⁷⁶

No entanto, em muitas circunstâncias, o controle exercido pela religião e pelo governo atua em concordância com o controle ético exercido pelo grupo. Uma dessas circunstâncias se observa no controle de comportamentos individuais considerados egoístas. Tais comportamentos são caracterizados por beneficiarem apenas o organismo que está se comportando, não produzindo consequências reforçadoras aos outros (Guimarães, 2019; Skinner, 1953/2005, 1971). Nesse contexto, nem o grupo como um todo e nem a religião e o governo se beneficiam com as consequências de tais comportamentos e, assim, atuam em

⁷⁶ Original: Religious agencies are likely to favor censorship of movies, plays, and books, the enforcement of laws governing modesty of dress, the prohibition of the sale of alcoholic beverages, and so on, because these measures reduce occasions for sinful behavior.

conjunto visando restringir sua emissão. No caso da religião, Skinner (1953/2005) considera que, mesmo em consonância com o grupo, o controle é muito mais rigoroso:

onde o comportamento sexual é controlado pelo grupo principalmente em certas situações competitivas, a agência religiosa pode incentivar a castidade e o celibato como um programa geral e pode tolerar o comportamento sexual mesmo no casamento apenas para fins de procriação. (p. 356)⁷⁷

Essa forma de controle mais rigorosa, entretanto, pode ser observada também em diferentes estruturas de governo. Ao comparar a vida dos jovens americanos com a dos jovens chineses, Skinner (1978) aponta que os últimos parecem obedecer a um controle moral rigoroso, um código sexual puritano, enquanto os americanos são vistos como sexualmente livres. Conforme explica o autor, não é tão simples afirmar que os chineses seguem esse tipo de controle só porque o governo diz para que eles o façam, mas parece claro que eles obedecem às normas de seu governo “pela grande glória da China” (p. 198)⁷⁸. Provavelmente o controle exercido pelo governo é congruente com o controle exercido pela família, pelos amigos, educação, religião, trabalho etc., e se fortalece dessa forma.

Observa-se assim que tanto a religião quanto o governo, de forma geral, controlam o comportamento dos indivíduos de maneira mais específica e mais poderosa que o grupo como um todo e, quando se trata do comportamento sexual, esse controle parece ser exercido de modo semelhante ou até sobreposto. Além disso, variáveis que também envolvam as outras agências de controle descritas por Skinner (1953/2005) podem ser manipuladas pelas agências religiosa e governamental. A educação, por exemplo, também possui suas particularidades para além do que pode ser visto em tais agências, contudo, em diversas

⁷⁷ Original: Where sexual behavior is controlled by the group mainly in certain competitive situations, the religious agency may encourage chastity and celibacy as a general program and may tolerate sexual behavior even in marriage only for the purpose of procreation.

⁷⁸ Original: All for the greater glory of China.

circunstâncias o seu controle também é perpassado por crenças religiosas ou práticas governamentais.

4.2.3.3.2 Educação

A educação foi definida por Skinner (1953/2005) como “o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para os outros em algum momento futuro” (p. 402)⁷⁹. Nessa concepção, o controle educacional se difere do controle exercido pela religião e pelo governo no sentido em que enfatiza a aquisição de comportamento e não sua manutenção. Tal aquisição se dá por meio de reforçamento artificial (e.g., notas, medalhas, prêmios, elogios) em circunstâncias especiais, como o contexto educacional formal. Segundo Skinner (1953/2005), o comportamento adquirido por meio da educação se torna importante para o indivíduo ou para o grupo quando ele passa a ser emitido em contextos não educacionais: “a educação não teria sentido se outras consequências não fossem vindouras, uma vez que o comportamento do controlado no momento em que ele está sendo educado não é de importância particular para ninguém” (pp. 402-403)⁸⁰.

Como uma agência de controle, a educação profissionaliza alguns papéis (e.g., professores) e, portanto, o que mantém primeiramente seus membros engajados é o reforçamento econômico. Além disso, os reforçadores advindos do controle ético e os comportamentos daqueles que mantêm as instituições educacionais são de extrema importância na explicação de seu funcionamento. O estabelecimento do que será ensinado por uma escola, por exemplo, geralmente é dado pelo currículo, que precisa ser aprovado pela agência que financia aquela organização. Dessa forma, escolas mantidas por uma instituição religiosa ensinam comportamentos que se adequem aos princípios dessa agência, da mesma forma que escolas públicas mantidas pelo governo terão seu currículo adequado às suas

⁷⁹ Original: Education is the establishing of behavior which will be of advantage to the individual and to others at some future time.

⁸⁰ Original: Education would be pointless if other consequences were not eventually forthcoming, since the behavior of the controllee at the moment when he is being educated is of no particular importance to any one.

regras. Do contrário, a agência educacional pode perder seu apoio financeiro e perecer (De Souza, 2018; Skinner, 1953/2005).

Desse modo, o controle do comportamento sexual exercido por algumas agências educacionais é consoante com o que é imposto pela religião e pelo governo e baseia-se, também, na restrição ou punição de tais comportamentos. Um exemplo dado por Skinner (1953/2005) parece ser condizente com essa afirmação: “instituições não coeducacionais tentam controlar certos tipos de comportamento sexual tornando o sexo oposto inacessível”⁸¹ (p. 232)⁸². Conforme o autor, a segregação das pessoas por sexo nas escolas é uma forma de evitar a emissão de comportamentos passíveis de punição. Quando esse tipo de controle se estende a outros comportamentos, a restrição passa a ser tão ampla que também evita que comportamentos desejáveis sejam emitidos (Skinner, 1968/2003). A relação com o controle religioso e governamental pode ser observada no argumento de que qualquer forma de comportamento sexual deve ser punida e, portanto, cabe às instituições educacionais evitar a emissão de qualquer comportamento relacionado à sexualidade.

Essa influência religiosa e governamental sobre o controle educacional acaba sendo conflitante com o objetivo principal da educação: promover comportamentos vantajosos ao indivíduo e aos outros. A classificação do comportamento sexual como algo “ruim” ou “inadequado”, advinda principalmente da agência religiosa e amparada pelo governo, perpassa as instituições educacionais quando elas buscam evitar qualquer tipo de comportamento sexual e também quando evitam discutir a sexualidade com os estudantes, não planejando uma educação sexual formal. Segundo Brandão e Lopes (2018), não incentivar discussões sobre sexualidade nas escolas “contribui para a persistência das desigualdades e discriminações sociais, bem como para expressões de violência, no espaço

⁸¹ Essa citação voltará a ser discutida no tópico “Releituras”.

⁸² Original: Noncoeducational institutions attempt to control certain kinds of sexual behavior by making the opposite sex inaccessible.

escolar ou em outros ambientes sociais” (p. 102), consequências que podem ser consideradas desvantajosas a diversos grupos e indivíduos.

Além disso, diferentemente do que acreditam algumas autoridades religiosas e governamentais, os indivíduos aprendem sobre sexualidade mesmo sem a inclusão de um ensino formal nas escolas. Segundo Skinner (1953/2005), as variáveis manipuladas pela agência educacional também podem ser utilizadas por outros grupos ou agências, sendo “possível a educação estar presente em diversos setores da sociedade sem a necessidade de uma instituição educacional organizada, centralizando todas as atividades educativas” (De Souza, 2018, p. 43). A família, por exemplo, funciona como uma agência educacional na medida em que ensina os indivíduos a andarem, falarem, se vestirem etc., utilizando reforçadores primários ou condicionados (Skinner, 1953/2005).

Tendo isso em vista, pode-se considerar que a educação sexual acontece desde a infância pela família ou outros grupos, por meio do reforçamento diferencial de comportamentos considerados sexuais. Por exemplo, quando o órgão genital de uma criança se torna estímulo para ela, fazendo com que ela emita comportamentos como perguntar sobre isso para os familiares ou até mesmo tocar o próprio órgão genital, a consequência estabelecida pelos familiares modela comportamentos semelhantes da criança que possam ou não voltar a ser emitidos no futuro. É comum que esse tipo de comportamento seja punido pelos familiares de forma verbal (e.g., “não pergunte mais sobre isso”, “é proibido tocar nessa parte do seu corpo”), e até por meio de agressões físicas (e.g., dar um tapa na mão da criança quando ela toca no órgão genital). No entanto, o que deve ser reforçado ou punido em relação ao comportamento sexual precisa ser definido levando-se em consideração as consequências vigentes e futuras para o próprio indivíduo e para os outros, e não por meio de valores estáticos que não mais se adequam às contingências do momento atual.

4.2.3.3.3 *Economia*

A análise do controle econômico realizada por Skinner (1953/2005) consistiu na descrição de interações de troca entre bens e serviços, nas quais o dinheiro é o principal componente por se caracterizar como um reforçador generalizado. Como tal, o dinheiro pode ser trocado por outros bens, como comida, roupas, abrigo etc., caracterizados como reforçadores positivos primários ou condicionados. Considerando essa relação, “em um exemplo simples de controle econômico, um indivíduo é induzido a executar trabalho por meio de reforçamento com dinheiro ou bens” (Skinner, 1953/2005, p. 384)⁸³.

Ademais, a economia como uma agência de controle é definida pelo uso que se faz do controle econômico e não pelo seu tamanho ou estrutura. Dessa forma, a agência econômica pode ser altamente organizada como uma grande indústria, mas também pode consistir em uma única pessoa (Skinner, 1953/2005). O controlador aqui é identificado como aquele que possui os bens ou o dinheiro necessário para exercer o controle e que age em função de preservar a sua posição como controlador. Comumente, “aqueles que possuem riqueza podem agir juntos para protegê-la e para controlar o comportamento daqueles que a ameaçam” (Skinner, 1953/2005, p. 400)⁸⁴. Por consequência, o grupo como um todo e outras agências de controle podem impor limites àqueles que controlam por meio do poder econômico. Por exemplo, o grupo pode classificar o uso excessivo da riqueza como “ruim” ou “errado”, bem como a religião pode classificar a mesma coisa como o “pecado da avareza”. Além disso, o governo pode estabelecer leis que proíbam ou restrinjam algumas transações econômicas por meio de tarifas, taxas etc. (Skinner, 1953/2005).

A relação entre a economia e a sexualidade não foi muito explorada por Skinner em sua obra; contudo, o autor menciona a prostituição como um dos campos em que leis são

⁸³ Original: As a simple example of economic control an individual is induced to perform labor through reinforcement with money or goods.

⁸⁴ Original: Those who possess wealth may act together to protect wealth and to control the behavior of those who threaten it.

aplicadas para limitar o controle econômico (Skinner, 1953/2005). Um exemplo dessa relação pode ser observado no Brasil, onde o exercício da prostituição é considerado legal uma vez que está inserido na legislação trabalhista (Soares et al., 2015). No entanto, contribuir, incentivar ou retirar algum proveito da prostituição alheia são considerados crimes (Benitez, 2009; Burbulhan et al., 2012; Ceccarelli, 2008). Conforme descreve Russo (2007), “a prostituição remete a uma profissão, uma vez que exige qualificações específicas, remete a um mercado particular e se concretiza a partir do pagamento por um serviço prestado” (p. 501). Assim, o dinheiro e a prostituição passam a ter uma ligação importante com o advento do capitalismo na medida em que o indivíduo que se prostitui “faz de seu corpo seu instrumento de trabalho, oferecendo-o em troca de dinheiro” (Guimarães, 2007, p. 53).

Tendo isso em vista, um exame da prostituição como profissão pode ser um dos caminhos para delinear uma relação entre a sexualidade e a agência econômica descrita por Skinner (1953/2005)⁸⁵. Levando em conta que grande parte do mercado em volta da prostituição é criminalizado, o controle econômico estabelecido nessa relação não tem a mediação de uma instituição organizada e é perpassado pelo cliente, a profissional do sexo⁸⁶ e, em alguns casos, pelo agenciador, popularmente conhecido como cafetão. Nesse sentido, o controlador nessa relação específica seria o cliente que possui o dinheiro necessário para comprar pelo serviço oferecido pela prostituta, que é paga de acordo com o trabalho que executa. O agenciador, como mediador dessa relação, pode ser visto como controlado pelo cliente, que obtém o dinheiro; e como controlador em relação à prostituta, pois é ele quem administra e possibilita que o dinheiro chegue até ela.

⁸⁵ É importante ressaltar que há muitas questões acerca da prostituição que não foram discutidas nesse tópico, pois focalizou-se apenas a relação de controle econômico. Contudo, não se pode perder de vista todas as implicações atuais do exercício da prostituição, que ainda é permeada por estigmas, marginalização, preconceitos e violência (Burbulhan et al., 2012; Guimarães, 2007; Russo, 2007).

⁸⁶ Mesmo que a prostituição possa ser exercida por homens e mulheres, “historicamente a prostituição feminina é mais frequente que a masculina” (Ceccarelli, 2008, p. 1). Por esse motivo, serão utilizados pronomes femininos para se referir às profissionais dessa área, que ainda são, em sua maioria, mulheres cis e transexuais.

Para quem está comprando, o valor econômico é estabelecido com base no quanto aquele produto ou serviço é reforçador (Skinner, 1953/2005). Em alguns casos, o próprio comportamento se torna positivamente reforçador e assim adquire valor econômico, como exemplificado por Skinner (1953/2005) no caso do artista que trabalha com entretenimento. De forma semelhante, o valor econômico no trabalho da prostituta também é estabelecido pelo seu comportamento, que pode ser considerado um reforçador positivo sexual para o cliente que compra pelo seu serviço.

De acordo com o exposto, considera-se que “uma relação econômica baseia-se em um equilíbrio entre vantagens e desvantagens de realizar um trabalho ou pagar por algum serviço ou mercadoria” (De Souza, 2018, p. 49). Nesse sentido, Skinner (1953/2005) explica que sempre haverá consequências aversivas envolvidas na relação, mas que elas podem ser mais ou menos compensadas pelo reforçamento econômico:

A parte do comportamento do trabalhador que está sob controle econômico gera estímulos aversivos – da natureza do trabalho em si ou do fato de impedir o trabalhador de se engajar em atividades que seriam reforçadoras de outras maneiras. ... Uma comparação semelhante é feita pelo empregador. Como aqueles que usam o controle econômico devem desistir dos bens ou dinheiro com os quais reforçam o comportamento, o reforçamento econômico é, por definição, aversivo ao controlador. (p. 391)⁸⁷

No contexto da prostituição, o trabalho em si produz consequências aversivas que, por vezes são compensadas pelo dinheiro como um reforçador generalizado econômico e, outras vezes, superam as consequências reforçadoras. Burbulhan et al. (2012) afirmam que “se, por

⁸⁷ Original: That part of the behavior of the worker which is under economic control generates aversive stimuli—from the nature of the work itself or from the fact that it prevents the worker from engaging in activities which would be reinforcing in other ways. ... A similar comparison is made by the employer. Since those who use economic control must give up the goods or money with which they reinforce behavior, economic reinforcement is by definition aversive to the controller.

um lado, eventualmente, o dinheiro acaba pagando também pelo prazer das prostitutas, por outro esse mesmo dinheiro paga pelos riscos envolvidos na prostituição” (p. 674). Tais riscos envolvem a possibilidade de contrair infecções sexualmente transmissíveis, mesmo com o uso frequente de preservativos, e aspectos referentes à falta de segurança no trabalho. Conforme os autores, esse tipo de risco não afeta a atuação das profissionais, que continuam exercendo seu trabalho (i.e., reforçadores superam os aversivos). Por outro lado, consequências aversivas como a violência não acordada previamente entre profissional e cliente não são compensadas pelo dinheiro (i.e., aversivos superam os reforçadores): “para as profissionais do sexo, não há dinheiro que pague pela violência. ... Apesar de a prostituição caracterizar-se como uma relação de troca, como prestação de serviços, nem tudo pode ser trocado ou vendido” (Burbulhan et al., 2012, p. 676).

Ainda que as consequências aversivas do exercício da prostituição sejam muitas e variadas, observa-se que o fator que mantém os indivíduos nessa profissão é majoritariamente o dinheiro; é por ele e por tudo o que ele representa que as pessoas entram e se mantêm na prostituição (Russo, 2007). O que o dinheiro “representa” são os outros reforçadores pelos quais ele pode ser trocado (e.g., comida, abrigo, segurança), e para as prostitutas, “uma quantia em dinheiro [é] capaz de garantir, mesmo que, em alguns casos, minimamente, a manutenção das necessidades do dia-a-dia” (Russo, 2007, p. 502). Quanto ao dinheiro, Skinner (1953/2005) já havia afirmado que “a escala monetária é considerada como uma dimensão primária de valor. Mas a escala não teria sentido apartada de uma comparação com outras consequências” (p. 392)⁸⁸.

Outro caminho possível para delinear uma relação entre a sexualidade e a agência econômica se dá por meio de uma temática pouco abordada na obra de Skinner, mas que está diretamente ligada aos tópicos de interesse: a pornografia. Assim como a prostituição, a

⁸⁸ Original: The monetary scale is regarded as a primary dimension of value. But the scale would have no meaning apart from the comparison of other consequences.

pornografia é uma parte do que hoje pode ser considerado o comércio sexual, que vêm crescendo e inclui também atividades como shows de sexo, agências de acompanhantes, turismo sexual etc. (Bernstein, 2008; Cronin & Davenport, 2001). Ao longo do tempo, a pornografia foi ganhando diferentes significados e, ainda atualmente, existe uma dificuldade na delimitação do que pode ser considerado pornográfico (Benitez, 2009). Dessa forma, nem todas as definições de pornografia consistem em uma relação com fatores econômicos. Mawhinney (1998), por exemplo, define pornografia como “estímulos projetados para aumentar a excitação sexual no observador” (p. 162). De forma semelhante, o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa traz como uma de suas definições “figura(s), fotografia(s), filme(s), espetáculo(s), obra literária ou de arte, etc., relativos a, ou que tratam de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo” (Marzochi, 2003, p. 231).

Complementando essas definições e considerando o crescimento da pornografia como indústria, alguns autores passam a caracterizá-la como “o *mercado* [ênfase adicionada] de materiais e serviços que representam ou apoiam a fantasia sexual” (Cronin & Davenport, 2001, p. 37), dando enfoque ao caráter econômico do fenômeno. Nesse cenário, diferente da relação de controle econômico estabelecida na prostituição, há diversos grupos interagindo para que a relação de compra e venda se efetue. É possível constatar a amplitude dessa relação por meio da quantidade de dinheiro movimentada pela indústria pornográfica. Já há mais de 20 anos, Mawhinney (1998) afirmou que “ela progrediu de uma indústria desorganizada, secreta e de baixo lucro para um negócio generalizado de vários bilhões de dólares” (p. 164). Em consonância, outros autores destacam que o objetivo principal do entretenimento adulto, como também é denominada a indústria pornográfica, é a obtenção de dinheiro; movimentando milhões em todo o mundo e impactando também outros setores, como companhias de cabos e tecnologia de informação (Bernstein, 2008; Marzochi, 2003;

Simpson, 2004). No contexto nacional, a situação é semelhante: “o mercado pornô brasileiro, embora muito aquém do mundial, movimenta um volume de dinheiro considerável em relação à economia do país” (Benitez, 2009, p. 219).

Nessas circunstâncias, há diferentes integrantes no universo da pornografia atual: “atores, atrizes, criadores, produtores, diretores, assistentes, fornecedores, recrutadores, distribuidores” (Benitez, 2009, p. 14), que participam da produção e venda do material; além dos indivíduos que compram o produto final. Considerando novamente que uma relação econômica é baseada no equilíbrio entre vantagens e desvantagens de produzir, trabalhar ou de comprar por algum serviço ou produto (De Souza, 2018; Skinner, 1953/2005), pode-se entender, a partir da grande movimentação de dinheiro do mercado da pornografia, que, de forma geral, as vantagens superam as desvantagens tanto para quem vende quanto para quem compra. No entanto, serão abordadas algumas especificidades dessa relação focalizando-se dois agentes específicos: (i) os atores e atrizes que participam da produção de vídeos pornográficos e (ii) os indivíduos que consomem o material. Esse recorte foi escolhido por envolver comportamentos sexuais mais explícitos por parte desses indivíduos.

Conforme afirma Benitez (2009), há diversas razões pelas quais uma pessoa se engaja na atuação em pornografia. Entre elas, destaca-se o dinheiro: “nas redes do pornô, o dinheiro é recorrentemente objetivado, ao menos no discurso, como a maior ou única motivação da incursão neste universo, especialmente no caso das mulheres” (p. 194). A autora constata que, em alguns casos, as atrizes são prostitutas que aceitam atuar em filmes porque os benefícios são maiores, mesmo que o dinheiro recebido seja menor. Na produção de um filme pornográfico, os contratos fornecem maior segurança às mulheres. Pelo fato de saberem quem são as pessoas que vão atuar em conjunto e de a produção contar com diversas outras

pessoas no local, os riscos de sofrerem violência são menores⁸⁹. Além disso, as atrizes e atores realizam testes de HIV com frequência, o que diminui também os riscos de contágio em comparação com a prostituição. Nesse exemplo específico, há mais reforçadores (positivos e negativos) envolvidos na venda do serviço para as empresas produtoras de filmes pornográficos do que para os clientes da prostituição. Em outros casos, indivíduos ingressam no universo da pornografia para realizar fantasias sexuais e, quando atingem tal objetivo, abandonam a profissão (Benitez, 2009). Nessas situações, ou as consequências aversivas do trabalho passam a superar os reforçadores sexuais e econômicos na relação, ou outras atividades concorrentes se tornam mais reforçadoras.

Quanto ao indivíduo que consome a pornografia, algumas considerações históricas podem ser levantadas. Na década de 1980, a pornografia crescia exponencialmente, podendo ser encontrada em teatros, cinemas, vídeos caseiros, discos compactos e por meio de serviços de assinatura da televisão, telefone ou computador. A partir dessa época, houve uma transição em que a pornografia passou a sair dos teatros, lugares mais públicos, para as residências dos consumidores por meio do vídeo cassete (Mawhinney, 1998). Desde então, com o desenvolvimento da tecnologia, a produção de pornografia tornou-se mais fácil e se intensificou, assim como facilitaram-se as formas de acesso que, atualmente, se resumem a alguns cliques na internet. Até mesmo as transações econômicas foram facilitadas, haja vista que para acessar as áreas pagas dos *websites* pornográficos, basta inserir as informações de um cartão de crédito (Cronin & Davenport, 2001).

Segundo Cronin e Davenport (2001), a pornografia na internet possibilita aos consumidores uma sensação de segurança, pois “essas tecnologias trazem pornografia de

⁸⁹ É importante ressaltar que essa análise foi feita considerando-se as produções pornográficas legais, nas quais atuam mulheres e homens maiores de 18 anos, com consentimento. Ainda assim, algumas autoras que discutem a pornografia pela ótica do feminismo radical apontam que ela se enquadra como um “exercício institucional de violência contra a mulher” (Bernhardt et al., 2019, p. 157), vista assim como parte do sistema opressor atual que fortalece a desigualdade de gênero. Como o foco desta análise é na relação entre a agência econômica e a sexualidade, essas questões também muito importantes não foram discutidas.

maneira fácil e discreta (consumo discreto) para o espaço pessoal do consumidor. ... Assim, eles ignoram muitas das normas sociais e controles informais” (p. 43). Nessa perspectiva, a relação de controle econômico para o consumidor é vantajosa pelo baixo custo de resposta e por eliminar desvantagens como a punição social. Outro fator importante na compra de pornografia é o nível de privação: “como o dinheiro que um homem dará em troca de bens é uma medida do efeito reforçador dos bens, ele varia com o nível de *privação*” (Skinner, 1953/2005, p. 394)⁹⁰. Sendo assim, o valor reforçador do material pornográfico que está sendo consumido varia, variando também a quantidade de dinheiro que o indivíduo gastará com o produto. O dinheiro gasto também depende “das consequências aversivas de entregar o dinheiro” (p. 394)⁹¹, que podem estar diretamente relacionadas à quantidade de dinheiro que o indivíduo possui.

A partir do exposto, entende-se que a economia como agência de controle se relaciona com a sexualidade em diversos aspectos, sendo que as discussões sobre prostituição e pornografia são alguns caminhos possíveis para estabelecer essa relação. Percebe-se que há uma gama de possibilidades de análise, já que se pode partir da perspectiva dos consumidores, dos trabalhadores ou, de maneira mais ampla, da sociedade em geral, impactada por essas práticas. Além disso, o foco no controle econômico não esgota todas as discussões a respeito dos fenômenos, que são perpassados também pelo controle por outras agências e possibilitam análises mais amplas em termos de práticas culturais, por exemplo.

4.2.3.3.4 *Psicoterapia*

Assim como religião, governo, educação e economia, a psicoterapia é descrita por Skinner (1953/2005) como uma agência de controle, e administra reforçadores específicos no controle do comportamento. Não se trata de uma agência tão organizada como a religião e o governo

⁹⁰ Original: Since the money which a man will give in exchange for goods is a measure of the reinforcing effect of the goods, it will vary with the level of *deprivation*.

⁹¹ Original: Depends upon the aversive consequences of giving up money.

e, assim como no caso da educação, se caracteriza como uma profissão. Portanto, as primeiras razões para o engajamento de um psicoterapeuta são econômicas; seus serviços são reforçadores o suficiente para o cliente a ponto de possibilitar sua troca por dinheiro. Tais serviços consistem principalmente em lidar com comportamentos que podem ser indesejáveis ou perigosos ao próprio indivíduo ou aos outros (Skinner, 1953/2005).

Esse tipo de comportamento geralmente é resultante de controle aversivo excessivo ou inconsistente exercido por outras agências ou grupos e cabe à psicoterapia reverter esses efeitos: “a principal técnica da psicoterapia destina-se assim a reverter as mudanças comportamentais que aconteceram como resultado da punição. Muito frequentemente, essa punição tem sido administrada por agências religiosas ou governamentais” (Skinner, 1953/2005, p. 371)⁹². Dessa maneira, os subprodutos desse tipo de controle por punição são o campo particular da psicoterapia; eles foram descritos por Skinner (1953/2005) como efeitos no comportamento operante e, em especial, no campo das emoções.

Um primeiro subproduto gerado pela punição é um padrão emocional de medo, composto por respostas reflexas eliciadas pelos estímulos aversivos da punição e, mais tarde, por qualquer estímulo que ocorra ao mesmo tempo (Skinner, 1953/2005). Segundo Silveira et al. (2019), um padrão emocional pode ser definido como “um conjunto característico de respostas reflexas e operantes observado durante um estado emocional” (p. 487), sendo que o estado emocional é entendido como uma modificação momentânea na força de comportamentos característicos de um repertório comportamental. Em conformidade com essa definição, Skinner (1953/2005) alega que esse padrão emocional pode ser acompanhado por mudanças no comportamento operante: “um aumento na força de qualquer comportamento que leve à fuga e um enfraquecimento geral de outras formas [de

⁹² Original: The principal technique of psychotherapy is thus designed to reverse behavioral changes which have come about as the result of punishment. Very frequently this punishment has been administered by religious or governmental agencies.

comportamento]” (p. 361)⁹³. Esse enfraquecimento pode ocorrer como um baixo interesse em comida, *sexo* e atividades artísticas. Além disso, quando essa estimulação aversiva surge da ocasião em que o comportamento punido ocorreu, o indivíduo passa a ter medo de ocasiões semelhantes: “assim, se ele foi punido por comportamento sexual, ele pode ficar indevidamente com medo de qualquer coisa que tenha a ver com sexo” (Skinner, 1953/2005, p. 361)⁹⁴.

Em muitas circunstâncias, a punição do comportamento sexual é utilizada na suposição de que esse comportamento, considerado desajustado ou indesejável, não mais ocorrerá. Porém, Skinner (1971) afirma que a questão não é tão simples assim, pois o comportamento punido pode reaparecer quando as contingências punitivas forem retiradas e a punição pode gerar emoções incompatíveis. Por exemplo, um garoto que foi severamente punido por “brincar sexualmente” pode voltar a fazê-lo quando a punição for retirada e, ao mesmo tempo, pode sentir vergonha, culpa ou um senso de pecado, a depender do agente punidor (e.g., pelos pais, pelo governo ou pela religião) (Skinner, 1971).

Essas emoções incompatíveis podem vir acompanhadas de um padrão comportamental também caracterizado como um subproduto desse tipo de punição: a autoestimulação aversiva (e.g., masoquismo). Apesar de ser de difícil explicação, pode-se argumentar que esse tipo de comportamento se dá por meio do condicionamento de estímulos incompatíveis:

Na punição, estímulos aversivos são pareados com as fortes consequências reforçadoras do, por exemplo, comportamento sexual. O resultado esperado é que o comportamento sexual automaticamente gere estimulação aversiva condicionada –

⁹³ Original: An increase in the strength of any behavior which has led to escape and a general weakening of other forms.

⁹⁴ Original: Thus if he has been punished for sexual behavior, he may become unduly afraid of anything which has to do with sex.

mas o estímulo aversivo usado na punição pode se tornar positivamente reforçador nesse mesmo processo. (Skinner, 1953/2005, p. 367)⁹⁵

Além disso, a autoestimulação aversiva poderia reduzir “um estado sustentado de vergonha, culpa ou pecado” (Skinner, 1953/2005, p. 367)⁹⁶, considerados eventos ainda mais aversivos. Skinner (1953/2005) explica que a prática de chamar uma ação de errada, vergonhosa ou pecaminosa é um exemplo de estimulação aversiva condicionada. Nesse sentido, qualquer comportamento que reduza tal estimulação é negativamente reforçado. Segundo o autor, a força e duração desses efeitos da punição, normalmente exercidas pelas agências religiosa e governamental, são características de muitos dos problemas que surgem em psicoterapia.

São várias as razões pelas quais um indivíduo procura pela psicoterapia, mas geralmente ele está sob uma condição aversiva e o alívio ou promessa de alívio dessa condição, fornecidos pelo terapeuta, são reforçadores (Skinner, 1953/2005). A princípio, o terapeuta é para o cliente mais um membro da sociedade, similar àqueles que utilizam a punição como técnica de controle do comportamento. Por isso, o processo de terapia se inicia com a tentativa do terapeuta de se colocar em uma posição diferente e isso se dá pelo que foi denominado de audiência não punitiva: o terapeuta “evita consistentemente o uso de punição” (Skinner, 1953/2005, p. 370)⁹⁷. Em adição a uma audiência não punitiva, o terapeuta também exerce controle pessoal, é membro do grupo ético e pode utilizar de variáveis do seu repertório que relembram o controle exercido pela família do cliente ou outras agências que já tenham estabelecido um tipo de controle efetivo (Skinner, 1953/2005).

⁹⁵ Original: In punishment aversive stimuli are paired with the strongly reinforcing consequences of, say, sexual behavior. The expected result is that sexual behavior will automatically generate conditioned aversive stimuli—*but the aversive stimuli used in punishment may become positively reinforcing in the same process.*

⁹⁶ Original: Reduces a sustained state of shame, guilt, or sin.

⁹⁷ Original: Consistently avoids the use of punishment.

Quando o terapeuta obtém sucesso no controle do comportamento sem utilizar punição, o cliente passa a emitir os comportamentos antes suprimidos por outros grupos e, por não serem punidos na psicoterapia, isso facilita a reversão dos efeitos da punição. Como afirma Skinner (1953/2005): “o aparecimento de comportamento previamente punido na presença de uma audiência não punitiva torna possível a extinção de alguns dos efeitos da punição” (p. 371)⁹⁸. Entendendo, por exemplo, que o comportamento de conversar sobre sexualidade é punido pelo grupo ético e pela agência religiosa, um dos efeitos pode ser o engajamento em autoestimulação aversiva, que vem acompanhado de sensações de culpa e pecado. Ao não ter esse comportamento punido na psicoterapia, “o paciente se sente menos errado, menos culpado, ou menos pecaminoso” (Skinner, 1953/2005, p. 371)⁹⁹, e o comportamento de autoestimulação aversiva pode vir a ser extinto.

A psicoterapia parece exercer então um papel essencial na sociedade como um todo ao buscar estratégias de modificação do comportamento que desenvolvam nos indivíduos um repertório de autoconhecimento e autogoverno, fazendo-os reconhecer o controle aversivo exercido sobre o próprio comportamento. Contudo, o controle exercido pela psicoterapia dificilmente pode ser considerado uma ameaça ao controle religioso e governamental. Segundo Skinner (1953/2005), o psicoterapeuta opera com alguns limites éticos, religiosos e legais, e as variáveis manipuladas por ele são fracas em relação a esse tipo de controle. Consequentemente, em contrapartida a essa noção da psicoterapia como uma solucionadora de problemas, “existe sempre a possibilidade, como em qualquer agência controladora, de que o controle seja mal utilizado” (Skinner, 1953/2005, p. 383)¹⁰⁰. O mau uso da psicoterapia pode ser exemplificado pelos procedimentos baseados em modificação do comportamento

⁹⁸ Original: The appearance of previously punished behavior in the presence of a nonpunishing audience makes possible the extinction of some of the effects of punishment.

⁹⁹ Original: The patient feels less wrong, less guilty, or less sinful.

¹⁰⁰ Original: There is always the possibility, as in any controlling agency, that the control will be misused.

utilizados nas décadas de 1960 e 1970 com o objetivo de modificar a orientação sexual dos indivíduos e adequá-los a um padrão heterossexual, que hoje não são mais permitidos¹⁰¹.

Entende-se assim que a psicoterapia como agência controladora vem passando por modificações em relação ao controle do comportamento sexual. Para alguns grupos, pode-se dizer que a psicoterapia passou a exercer um controle ainda mais forte do que outras agências. Contudo, de maneira geral, ainda parece ser plausível a afirmação de Skinner (1953/2005) de que ela se configura como uma agência mais fraca do que a religião, o governo e a economia, que exercem um controle ainda poderoso atualmente. As mudanças em relação às normas de atuação dos psicoterapeutas quanto à orientação sexual podem ser consideradas um avanço em termos de respeito à diversidade sexual e direitos sexuais. Todavia, é preciso ter um olhar crítico em relação à psicoterapia, visto que suas práticas nem sempre foram éticas e que as agências de controle como um todo “agem para a manutenção das contingências predominantes que as beneficiam” (De Souza, 2018, p. 65). Assim, é preciso questionar se o controle exercido pela psicoterapia está sendo utilizado a favor do bem dos indivíduos e grupos ou com a função de manter seu papel controlador.

4.2.4 Práticas Culturais e Sexualidade

Enquanto no tópico de controle social do comportamento sexual buscou-se abordar o efeito do controle exercido por outras pessoas, por grupos e pelas agências controladoras sobre o indivíduo, esse tópico terá uma abrangência maior e discorrerá sobre práticas culturais relacionadas à sexualidade. Nessa perspectiva, a prática cultural será entendida, como na obra de Skinner (1953/2005, 1971), em termos de terceiro nível de seleção. Segundo Moore (2017), “esse nível envolve a seleção de práticas culturais por meio da interação com o ambiente durante o tempo de vida de um grupo social” (p. 54).

¹⁰¹ Esse tema voltará a ser abordado no tópico “Orientação Sexual”.

Skinner (1971) faz uma analogia entre uma cultura e uma espécie, afirmando que assim como descrevemos uma espécie por meio de suas características anatômicas, também descrevemos uma cultura por meio de suas práticas. De modo semelhante, são os membros de uma cultura que carregam e transmitem suas práticas, assim como são os membros de uma espécie que carregam e transmitem suas características anatômicas. Nesse caso, uma das diferenças é que as práticas de uma cultura podem ser transmitidas “não apenas para novos membros, mas para contemporâneos ou para membros sobreviventes de uma geração anterior” (Skinner, 1971, p. 129)¹⁰².

Dessa maneira, assim como acontece com uma espécie, uma cultura evolui. Práticas culturais surgem como mutações e, se possibilitarem a sobrevivência do grupo aumentando as chances de que ele resolva seus problemas, a prática sobreviverá (Skinner, 1974). Conforme afirma De Souza (2018): “a cultura é um produto da seleção de uma miríade de práticas culturais. Uma cultura evolui, isto é, modifica-se, quando novas práticas são selecionadas ou quando práticas antigas desaparecem” (p. 29). No entanto, Skinner (1971) aponta que o surgimento de uma prática cultural não necessariamente estará relacionado ao seu valor de sobrevivência e que algumas práticas podem ser valiosas para a cultura por motivos não relacionados. Por exemplo, uma lei alimentar pode surgir da alergia de um forte líder, assim como uma prática de casamento pode surgir de uma idiossincrasia sexual (Skinner, 1971).

Ao analisar algumas práticas culturais relacionadas à sexualidade, Mawhinney (1998) considera que: “o comportamento sexual é uma variável potente na evolução das sociedades. Em seu nível mais elementar, o comportamento sexual é pré-requisito para as contingências genéticas, comportamentais e culturais que determinam os resultados evolutivos culturais” (p. 160). Esse autor considera que as mudanças nas práticas culturais relacionadas ao

¹⁰² Original: Not only to new members but to contemporaries or to surviving members of an earlier generation.

comportamento sexual seriam um exemplo de mudanças excessivamente rápidas, que foram citadas por Skinner (1971) como algo a ser evitado:

Uma cultura deve ser razoavelmente estável, mas também deve mudar, e provavelmente será mais forte se puder *evitar o respeito excessivo pela tradição* [ênfase adicionada] e o medo da novidade, por um lado, e *mudanças excessivamente rápidas* [ênfase adicionada], por outro. (p. 150)¹⁰³

Quando se trata das práticas relacionadas à sexualidade, pode-se observar que agências religiosas e governamentais buscam manter tradições ao ainda utilizarem de controle punitivo do comportamento sexual. Por outro lado, observam-se diversas mudanças em algumas práticas de outros grupos e Skinner (1953/2005) já havia discorrido sobre algumas delas.

Skinner (1953/2005) considera que não há contingências de controle universalmente observadas em uma cultura, ou seja, ela não é unitária. Por esse motivo, um mesmo indivíduo pode ser afetado por uma extensa mudança no ambiente cultural. Ao discorrer sobre as mudanças nas práticas de controle do comportamento sexual que ocorreram na América, o autor afirma que, em práticas passadas, a mulher solteira era sujeita a um controle extremo exercido pelo grupo ético, pela religião, governo e sistema educacional. Qualquer estímulo que pudesse levar ao comportamento sexual era retirado do ambiente imediato; fatos sobre o comportamento sexual que não podiam ser ocultos eram explicados de maneira fictícia; a anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutivos permaneciam obscuras e qualquer comportamento que pudesse alterar essa condição era punido.

O uso de punição, juntamente com outros procedimentos, gerava um comportamento que refletia em “pureza” ou “modéstia” como uma forma de autocontrole. Além disso,

¹⁰³ Original: A culture must be reasonably stable, but it must also change, and it will presumably be strongest if it can avoid excessive respect for tradition and fear of novelty on the one hand and excessively rapid change on the other.

também era severamente punido qualquer comportamento sexual incipiente, não apenas com estimulação aversiva, “mas com punições condicionadas poderosas como desaprovação, vergonha e ameaças de ostracismo” (Skinner, 1953/2005, p. 420)¹⁰⁴. Isso gerava um comportamento de autoestimulação aversiva, que, juntamente com o reforçamento de outros comportamentos de autocontrole, provocavam respostas emocionais incompatíveis com o comportamento sexual (Skinner, 1953/2005).

Essas práticas culturais eram justificadas com o argumento de que o comportamento sexual era errado, mas muito poderoso. Portanto, “o comportamento sexual agressivo dos homens deveria ser prevenido com defesas excepcionais da mulher”¹⁰⁵ (Skinner, 1953/2005, p. 420)¹⁰⁶. Segundo o autor, essas medidas severas de controle geraram subprodutos indesejáveis: o controle que deveria ser direcionado apenas a relações pré-maritais acabou estendendo seus efeitos às relações conjugais, fazendo com que os indivíduos não mais aproveitassem suas relações sexuais de forma saudável (Skinner, 1953/2005).

Assim, as práticas culturais passaram por mudanças e a “versão moderna do controle sexual é muito diferente” (Skinner, 1953/2005, pp. 420-421)¹⁰⁷. Conforme afirma o autor, parecia não haver um programa claramente formulado, mas era reconhecido que a ansiedade em relação ao comportamento sexual era desnecessária. As novas práticas priorizavam o ensino da anatomia e função do sexo, além de instrução quanto às consequências do comportamento sexual ao invés de remover do ambiente qualquer estímulo que pudesse levar a tal ou mesmo punir esse comportamento. Além disso, “relações amigáveis com o sexo oposto são mais livremente permitidas” (Skinner, 1953/2005, p. 421)¹⁰⁸. Skinner (1953/2005) discorre sobre essas mudanças:

¹⁰⁴ Original: But with such powerful conditioned punishments as disapproval, shaming, and threats of ostracism.

¹⁰⁵ Essa citação voltará a ser discutida no tópico “Releituras”.

¹⁰⁶ Original: Aggressive sexual behavior on the part of the male must be met with exceptional defenses on the part of the female.

¹⁰⁷ Original: The modern version of sexual control is very different.

¹⁰⁸ Original: Friendly relations with the opposite sex are more freely permitted.

É possível que essas técnicas não sejam tão efetivas quanto as medidas anteriores. O comportamento sexual provavelmente não é tão profundamente reprimido, e é provavelmente muito mais comum também abertamente. O resultado final pode ou não ser vantajoso para o indivíduo e para o grupo. Em todo caso, o adolescente de hoje é afetado por técnicas conflitivas que mostram uma transição de uma prática cultural para outra. Em geral, os controles religiosos e governamentais ainda seguem o padrão antigo. Dentro da família, os membros de diferentes idades frequentemente diferem em suas técnicas controladoras. A família como um todo pode diferir substancialmente de outros grupos dos quais o indivíduo é membro. Não podemos dizer que um único conjunto de práticas com respeito ao controle do comportamento sexual é característico da cultura dessa pessoa. (p. 421)¹⁰⁹

Entende-se assim que mudanças nas práticas culturais geram conflitos entre gerações e já na época em que Skinner (1953/2005) publicou *Science and Human Behavior*, as mudanças em relação ao controle do comportamento sexual eram evidentes. Uma consideração a ser feita em relação ao que afirmou o autor vai ao encontro das discussões de gênero muito pertinentes atualmente: a mulher sofria mais repressões em relação ao comportamento sexual do que os homens (Couto & Dittrich, 2017). Mesmo que as discussões sobre sexualidade e gênero sejam de campos diferentes, as duas questões estão intimamente relacionadas (Paiva, 2008).

Outra consideração a ser feita é em relação às próprias mudanças nas práticas de controle. Skinner (1953/2005) mesmo afirmou que as novas práticas, as quais priorizavam a

¹⁰⁹ Original: It is possible that these techniques are not so effective as earlier measures. Sexual behavior is probably not so deeply repressed, and it is also probably commoner at the overt level. The net result may or may not be to the advantage of the individual and the group. In any case, the adolescent of today is affected by conflicting techniques which show a transition from one cultural practice to the other. In general, religious and governmental controls still follow the earlier pattern. Within the family, members of different ages frequently differ in their controlling techniques. The family as a whole may differ substantially from other groups of which the individual is a member. We cannot say that a single set of practices with respect to the control of sexual behavior is characteristic of the culture of such a person.

não punição e a instrução em relação ao comportamento sexual, podem não ser tão efetivas quanto as práticas antigas. É possível problematizar o que significaria essa efetividade e a quem ela deveria servir, mas cabe ressaltar que as mudanças ainda eram incipientes e era realmente difícil prever os efeitos que elas poderiam gerar. Hoje, há argumentos fortes a favor de uma educação sexual de qualidade que priorize o respeito à diversidade sexual, a autonomia dos jovens e relacionamentos sexuais saudáveis (Figueiró, 2009; Maia & Ribeiro, 2011).

Por fim, uma consideração feita por Skinner (1953/2005) se faz presente nos dias atuais. As agências de controle religiosa e governamental ainda parecem utilizar técnicas de controle baseadas na punição e na restrição. Como afirma Guimarães (2007), “ainda hoje é possível encontrar na sexualidade e nas práticas sexuais sinais legados pelo cristianismo para a história da civilização ocidental, associados a interditos (proibições), como a noção de culpa” (p. 24). Atualmente, a postura religiosa e governamental se choca com práticas de outros grupos formados por indivíduos que lutam pela igualdade de gênero e pelo direito à diversidade sexual. Enquanto alguns governos e religiões se unem em prol de preservar uma “moral tradicional”, outros grupos reivindicam seu direito à liberdade e educação sexual (Gegenfurtner & Gebhardt, 2017).

4.2.5 Problemas de Superpopulação

Ao longo de sua obra, e principalmente em seus últimos trabalhos, Skinner (1969, 1971, 1978, 1987, 1989) descreveu diversos problemas que a humanidade enfrenta e procurou prescrever soluções para tais problemas baseando-se em uma tecnologia comportamental. Um desses problemas está relacionado à sexualidade: a superpopulação. No decorrer dos séculos, a taxa de crescimento da população se acelerou de maneira a gerar preocupação em diversos setores da sociedade. O número de pessoas no mundo era de um bilhão em 1800, e o crescimento da população aconteceu de maneira consideravelmente lenta

até 1950, chegando a um total de 2,5 bilhões. Contudo, durante a segunda metade do século XX, a população cresceu sem precedentes: “como resultado, a população mundial mais do que dobrou para 6,5 bilhões em 2005” (Bongaarts, 2009, p. 2985).

Para Skinner (1953/2005, 1969, 1971, 1978, 1987, 1989), a superpopulação e outros problemas que advêm dela estão relacionados à suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual. Segundo o autor, o reforçamento sexual oferecia uma vantagem biológica decisiva em condições de peste e guerra vigentes há centenas de anos (Skinner, 1953/2005, 1969, 1971). Contudo, no ambiente atual, “essa mesma suscetibilidade conduz a uma séria superpopulação com seus males correspondentes” (Skinner, 1969, p. 51)¹¹⁰. O autor mantém seu argumento ao afirmar que:

Quando a espécie vivia em um mundo longe de ser hospitaleiro e era periodicamente dizimada pela fome e pela peste, era importante que as pessoas procriassem com a maior frequência possível. Uma elevada suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual evoluiu, que agora é responsável pelo perigo e miséria da superpopulação. (Skinner, 1987, p. 4)¹¹¹

Entre os problemas que a superpopulação poderia causar, um dos que gerou maior preocupação foi a fome. Isso decorreu da teoria de Thomas Malthus (1766-1834) de que o aumento da produção agrícola obedeceria a uma progressão aritmética enquanto o aumento populacional obedeceria a uma progressão geométrica (Abramovay, 2010). Dessa maneira, chegaria um momento em que a população não teria comida suficiente e seria tomada por uma fome geral. Todavia, com o desenvolvimento de tecnologias na produção de alimentos, essa teoria não se confirmou e hoje, pode-se dizer que a fome é “provocada muito mais pela

¹¹⁰ Original: The same susceptibility leads to serious overpopulation with its attendant ills.

¹¹¹ Original: When the species was living in a far-from-hospitable world and was periodically decimated by famine and pestilence, it was important for people to breed as often as possible. A heightened susceptibility to reinforcement by sexual contact evolved, which is now responsible for the danger and misery of overpopulation.

impossibilidade de acesso a alimentos existentes do que pela escassez absoluta na oferta” (Abramovay, 2010, p. 38).

Entretanto, isso não quer dizer que o grande número de pessoas vivendo no mundo não gera problemas. A tecnologia que permite produzir alimentos suficientes para os indivíduos e que não foi prevista por Malthus é hoje associada a diversos problemas ambientais. Tanto o crescimento do número de habitantes no mundo quanto o modo de vida baseado no consumo excessivo e desperdício em diversas populações produzem efeitos adversos em sociedades e principalmente nos diferentes ecossistemas que estão esgotando seus recursos (Abramovay, 2010; Bongaarts, 2016). Mesmo não tendo descrito diretamente os problemas gerados pela superpopulação, Skinner (1987) já havia demonstrado sua relação com os avanços tecnológicos:

Como já salientei em outro lugar, as suscetibilidades humanas ao reforçamento por açúcar e sal, contato sexual, e sinais de dano agressivo podem ter tido valores de sobrevivência muito maiores do que têm agora. Os avanços tecnológicos na produção, armazenamento e distribuição de alimentos, no controle de pestes, e no aprimoramento de armas podem ter tornado essas suscetibilidades mais prováveis de serem letais. (p. 72)¹¹²

Entende-se assim que a suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual associada aos avanços tecnológicos que modificaram o modo de viver dos seres humanos são, para Skinner, os principais determinantes da superpopulação. Bongaarts (2009) concorda com o segundo argumento e especifica que foi a disseminação de tecnologia médica que levou a uma diminuição nas taxas de mortalidade enquanto as taxas de natalidade ainda eram altas¹¹³.

¹¹² Original: As I have pointed out elsewhere, the human susceptibilities to reinforcement by sugar and salt, sexual contact, and signs of aggressive damage may once have had much greater survival values than they have now. Technological advances in the production, storage, and distribution of foodstuffs, in the control of pestilence, and in the improvement of weapons may have made these susceptibilities more likely to be lethal.

¹¹³ Em alguns países mais desenvolvidos (e.g., Rússia e Japão), é possível observar um declínio da população por conta da diminuição na taxa de natalidade e fertilidade. Algumas projeções indicam que esse estágio da

Pensando em solucionar o problema da superpopulação e outros problemas advindos dessas suscetibilidades a alguns eventos reforçadores, Skinner (1971) afirma que: “é uma das funções de uma cultura corrigir essas disposições inatas por meio do planejamento de técnicas de controle, e particularmente de autocontrole, que moderam os efeitos do reforçamento” (p. 173)¹¹⁴.

Esse planejamento deveria se pautar em mudanças de práticas culturais baseadas em modificações nas contingências de reforçamento. Entretanto, Skinner (1969) aponta que algumas soluções propostas têm como premissa que o comportamento sexual, além de outros comportamentos relacionados a reforçadores primários, é instintivo ou movido por uma necessidade interna. Nessa concepção, as soluções para os problemas da humanidade se concentram nas mudanças dessas necessidades, o que faz com que a solução para o problema comportamental seja ignorada (Skinner, 1969).

A primeira solução criticada pelo autor é denominada de “solução puritana”. Nesta, o reforçamento é contrabalanceado com a punição, a qual é exercida pelas agências de controle por meio da classificação de certos comportamentos como ruins, errados, ilegais, pecaminosos ou desajustados. Segundo Skinner (1969), essa solução não é efetiva porque a punição sempre gerará subprodutos indesejáveis. Outra solução que Skinner (1969) criticou se baseia em uma mudança corporal que se adequa às necessidades de sobrevivência atuais. No caso do reforçamento sexual, ela tem sido utilizada por meio de medicamentos ou até mesmo no caso do jejum extremo, o qual pode gerar mudanças químicas no corpo, praticado por algumas religiões com o propósito de enfraquecer o comportamento sexual. Um

transição demográfica deve atingir o mundo como um todo e a população mundial se estabilizar até o final do século. Contudo, diferentes regiões estão passando por diferentes estágios da transição e algumas, como a África Subsaariana, têm previsões de um crescimento populacional substancial nas próximas décadas (Bongaarts, 2009; Chamie, 2005).

¹¹⁴ Original: It is one of the functions of a culture to correct for these innate dispositions through the design of techniques of control, and particularly of self-control, which moderate the effects of reinforcement.

problema dessas técnicas é que elas podem debilitar efeitos reforçadores desejáveis (Skinner, 1969).

Por fim, a solução chamada de sibarita também foi criticada por Skinner (1969), mas merece uma atenção especial. Segundo o autor, “a solução sibarita para o problema do reforçamento sexual é a relação sexual irresponsável ou a prevenção das consequências por meio da contracepção ou de formas de sexo que não levem à procriação” (p. 53)¹¹⁵. Skinner (1969) não exemplifica o que seria a relação sexual irresponsável, mas critica essa solução ao afirmar que, mesmo que ela seja tentadora, pois os reforços primários estariam disponíveis em abundância, ela é “perigosamente irresponsável ou deliberadamente improdutiva” (p. 52)¹¹⁶. Em outro momento, contudo, o próprio autor defende o uso de bons contraceptivos, mas ainda afirma que o desenvolvimento deles não é suficiente, já que o seu uso tem a ver com contingências de reforçamento (Skinner, 1971). No entanto, o autor não volta a se posicionar em relação às relações sexuais que não levam à procriação, o que atualmente pode gerar críticas éticas, já que relações homossexuais se encaixam nessa definição.

Em resumo, a maior crítica de Skinner (1969, 1971) às soluções tradicionais propostas para resolver os problemas da humanidade é que elas se baseiam na mudança de estados internos:

Dizem-nos que, para controlar o número de pessoas no mundo, precisamos mudar *attitudes* em relação às crianças, superar o *orgulho* no tamanho da família ou na potência sexual, construir algum *senso de responsabilidade* em relação à prole e reduzir o papel desempenhado por uma família numerosa em dissipar a *preocupação* com a velhice. (Skinner, 1971, p. 15)¹¹⁷

¹¹⁵ Original: The sybaritic solution to the problem of sexual reinforcement is either irresponsible intercourse or the prevention of consequences through contraception or nonprocreative forms of sex.

¹¹⁶ Original: Dangerously irresponsible or deliberately nonproductive and wasteful.

¹¹⁷ Original: We are told that to control the number of people in the world we need to change *attitudes* toward children, overcome *pride* in size of family or in sexual potency, build some *sense of responsibility* towards offspring, and reduce the role played by a large family in allaying *concern* for old age.

Conforme afirma o autor, essas soluções quase nunca são questionadas, mesmo que nada parecido tenha sido feito na física ou na biologia. Isso pode explicar o motivo pelo qual uma ciência e uma tecnologia do comportamento têm sido adiadas por muito tempo. Ainda há uma concepção muito forte de que comportamentos são causados por sentimentos e que as mudanças devem se direcionar a eles. Segundo Skinner (1971), é possível negligenciar qualquer estado mental ou mediacional e partir direto para a relação entre organismo e ambiente. Apenas o desenvolvimento de tecnologias da medicina e da biologia podem não ser suficientes para solucionar os problemas citados, pois alguns deles se encontram no campo comportamental (Skinner, 1971).

Sendo assim, uma solução alternativa seria justamente modificar as contingências de reforçamento: “reforçadores podem se tornar contingentes a um comportamento produtivo ao qual não eram originalmente relacionados” (Skinner, 1969, p. 61)¹¹⁸. O casamento parece ser um exemplo de como isso já é feito: ele frequentemente é descrito como um sistema no qual o contato sexual ilimitado com um parceiro é contingente a outros comportamentos que trazem benefícios à cultura, como sustentar e administrar a casa e a família, bem como abandonar a atividade sexual em outros lugares (Skinner, 1969). Essa solução, conforme afirma o autor, seria bem aceita pelos defensores das soluções sibarita, puritana e de mudança corporal, pois não faltaria reforçamento, o ser humano deveria trabalhar por seus reforçadores e os mesmos seriam úteis, e não mais produziriam problemas. Todavia, “a solução ainda não foi satisfatoriamente elaborada. As contingências de reforçamento positivo arranjadas pelas agências governamentais e religiosas são primitivas, e as agências continuam a se apoiar fortemente na solução puritana” (Skinner, 1969, p. 63)¹¹⁹.

¹¹⁸ Original: Reinforcers can be made contingent on productive behavior to which they were not originally related.

¹¹⁹ Original: The solution has not yet been satisfactorily worked out, however. The contingencies of positive reinforcement arranged by governmental and religious agencies are primitive, and the agencies continue to lean heavily on the puritanical solution.

Outros autores que vêm se preocupando com os problemas da superpopulação e propondo soluções também encontram empecilhos na religião. Uma das soluções que vêm trazendo resultados positivos são os programas de planejamento familiar. Segundo Bongaarts (2016), tais programas investem na ampla disseminação de contraceptivos e na educação, principalmente de mulheres, a respeito da saúde sexual e dos benefícios socioeconômicos de usar os contraceptivos e de ter uma família menor. O autor afirma que alguns países que implementaram programas de planejamento familiar têm tido alterações rápidas no comportamento reprodutivo dos indivíduos. Contudo, a religião tem sido enfática em sua posição: “a Igreja Católica, por muito tempo oposta ao controle artificial da natalidade e ao aborto, assumiu uma postura cada vez mais agressiva em oposição aos programas de planejamento familiar patrocinados pelo governo em todo o mundo” (Bongaarts, 2016, p. 411).

Percebe-se assim que, independente das alternativas propostas para a resolução desse tipo de problema, algumas agências religiosas continuarão se opondo ao controle da natalidade por continuarem obedecendo a regras que não estão de acordo com o contexto atual. Dessa maneira, por mais que Skinner (1969, 1971) tenha sustentado sua proposta de solucionar o problema da superpopulação na ciência comportamental, o autor também defendeu ao longo de sua obra o investimento na educação (cf. Skinner, 1968/2003); assim, talvez seja interessante aliar as contribuições de outras agências, como a educacional, à proposta de Skinner. Abramovay (2010) aponta que um dos determinantes da redução de pessoas no mundo é a educação das mulheres atrelada ao aumento do poder de decisão delas: “o acesso à educação, aos serviços de saúde e a métodos modernos de contracepção auxilia a que a maternidade seja uma opção e não uma fatalidade ou, pior, o resultado de decisões que não são das próprias mulheres” (p. 41).

Tendo isso em vista, se a população mundial precisa ser reduzida com urgência, é importante olhar para as mudanças realizadas que estão tendo um resultado não só efetivo, mas que também tenha em vista a melhora na qualidade de vida de todos os indivíduos. Skinner (1969) já havia afirmado que: “a questão não é se o comportamento procriador humano é principalmente instintivo ou aprendido, ou se o comportamento de outras espécies é relevante, mas se o comportamento pode ser controlado por meio de variáveis acessíveis” (p. 199)¹²⁰. Tais variáveis parecem envolver tanto mudanças nas contingências de reforçamento que também produzirão mudanças nas práticas culturais quanto o investimento em soluções que abarquem uma educação sexual abrangente. Em outras palavras: “investir em educação, melhorar a qualidade de vida, ampliar as liberdades dos indivíduos e o acesso aos serviços de saúde são os principais meios de se evitar a persistência do crescimento demográfico” (Abramovay, 2010, p. 41).

4.2.6 Orientação Sexual

Nas últimas décadas, o tema da orientação sexual tem sido amplamente abordado por diferentes áreas do conhecimento que se dedicam ao estudo da sexualidade (Menezes & Carvalho Neto, 2015). Historicamente, o estudo da orientação sexual pode ser observado em diversas pesquisas que tiveram como objetivo encontrar uma determinação da homossexualidade, que foi por muito tempo considerada como doença ou patologia (Barreto, 2020; Carvalho et al., 2011; Mizael, 2018). Como já citado, a homossexualidade passou a ser vista como mais uma expressão da sexualidade humana pela primeira vez em 1973, com a sua retirada da Classificação Internacional de Doenças pela Associação Americana de Psiquiatria. Nos anos seguintes, essa decisão foi apoiada pela Associação Americana de

¹²⁰ Original: The question is not whether human procreative behavior is primarily instinctive or learned, or whether the behavior of other species is relevant, but whether the behavior can be controlled through accessible variables.

Psicologia em 1975, pela Organização Mundial de Saúde na década de 1990 e, no Brasil, com regulamentação específica para a atuação dos psicólogos em 1999 (Barreto, 2020; Carvalho et al., 2011; Mizael, 2018).

Dessa maneira, a maior parte dos estudos e publicações realizados por Skinner aconteceram em um contexto em que ainda se considerava a homossexualidade uma doença. Ainda que o autor não tenha se dedicado ao estudo da orientação sexual, como fizeram outros analistas do comportamento (e.g., procedimentos que visaram a alteração da orientação homossexual), algumas citações a respeito desse tema podem ser encontradas em sua obra.

Na primeira vez em que Skinner (1968/2003) se refere à orientação sexual, ele cita justamente os procedimentos que eram amplamente realizados naquela época e que visavam a alteração da orientação homossexual. O autor descreve um procedimento experimental utilizado para o “tratamento” da homossexualidade: “o paciente ocasionalmente recebe um choque elétrico enquanto olha para fotos de pessoas do mesmo sexo, mas não recebe o choque, e pode até ser positivamente reforçado, enquanto olha para figuras do sexo oposto” (Skinner, 1968/2003, para. 28)¹²¹.

A única consideração feita por Skinner (1968/2003) sobre tal procedimento é que a forma como o paciente se sente em relação aos sexos muda conforme as respostas emocionais são condicionadas, mas as mudanças no comportamento operante é que seriam o real objetivo da terapia: “o paciente deve evitar certos tipos de relação com membros do mesmo sexo e se aproximar de membros do sexo oposto mais livremente” (para. 28)¹²². Nesse exemplo, pode-se observar que Skinner (1968/2003) não se posicionou criticamente em relação ao experimento, mas a própria descrição sugere uma posição desfavorável em relação à

¹²¹ Original: The patient occasionally receives an electric shock while looking at pictures of people of the same sex, but is not shocked, and may even be positively reinforced, while looking at pictures of the opposite sex.

¹²² Original: The patient is to avoid certain kinds of relations with members of the same sex and to approach members of the opposite sex more freely.

homossexualidade, o que pode ser explicado pelo contexto, em que a homossexualidade era vista como uma patologia. Barreto (2020) faz algumas considerações a respeito dessa citação:

Por se tratar de uma obra de 1968, observa-se que a perspectiva de Skinner estava alinhada com o momento histórico e político em que as ideias predominantes entre os profissionais da saúde eram as de que a homossexualidade era um comportamento problemático, uma doença e um desvio passível de reversão. (pp. 59-60)

Já na obra seguinte, Skinner (1969) volta a mencionar a homossexualidade, dessa vez exemplificando as práticas homossexuais da educação grega. Ao defender que fortes reforçadores como comida, contato sexual e agressão, fossem tornados contingentes a comportamentos produtivos para solucionar alguns problemas culturais (e.g., superpopulação e obesidade), o autor exemplifica como isso já tinha sido realizado: “o reforçamento homossexual era explícito na educação grega” (Skinner, 1969, p. 62)¹²³. Nesse sentido, o reforçamento homossexual parece estar sendo tratado de maneira mais neutra pelo autor (i.e., sem ser favorável ou desfavorável), como um forte reforçador sexual que foi tornado contingente ao comportamento produtivo de ensino em determinada cultura. No entanto, é necessário contextualizar que o comportamento homossexual na Grécia Antiga era bastante diferente do que se defende atualmente em termos de orientação sexual. Barreto (2020) também explicita esse ponto ao afirmar que:

As relações homoeróticas na Grécia antiga, por exemplo, eram aceitas a partir de um ordenamento institucional expresso nas práticas militares e pedagógicas. Tais relacionamentos se davam a partir do contato entre um homem mais velho e um jovem que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18 e tinha como finalidade a transmissão de conhecimentos. A pederastia, ou seja, a relação entre um rapaz

¹²³ Original: Homosexual reinforcement was explicit in Greek education.

representando a passividade e um adulto representando o lado ativo, era bastante institucionalizada. (p. 19)

Outro momento em que Skinner (1971) aborda a orientação sexual, ele cita tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade. O autor menciona que uma forma de evitar o uso de punição em comportamentos puníveis (e.g., comportamento sexual) é criar circunstâncias em que tais comportamentos não sejam emitidos. Assim, “o comportamento heterossexual é impossível quando os sexos são segregados” (p. 67)¹²⁴, contudo, tais medidas podem ter consequências não previstas, pois “a segregação dos sexos pode levar à homossexualidade indesejada” (p. 68)¹²⁵.

Pode-se perceber que, nessa passagem, o autor exemplifica tanto o comportamento heterossexual quanto o homossexual como algo a ser evitado, já que o exemplo começa com a segregação dos sexos como uma medida para evitar comportamento heterossexual. Todavia, mesmo que Skinner (1971) estivesse apenas descrevendo o contexto da época (i.e., que considerava o comportamento heterossexual como algo a ser evitado e a homossexualidade como indesejada), a afirmação “homossexualidade indesejada” carrega uma conotação negativa, e mesmo que ela ainda fosse considerada como doença em 1971, já havia discussões que visavam a retirada desse rótulo e que “refletiam sobre outras possibilidades de compreensão do sujeito homossexual” (Barreto, 2020, p. 63).

Por fim, uma última passagem em que Skinner (1974) cita a heterossexualidade e a homossexualidade se dá um ano após a retirada desta da Classificação Internacional de Doenças pela Associação Americana de Psiquiatria. Nessa citação, o autor traz a tese tradicional de que a personalidade dos indivíduos é algo interno e explica sua tese alternativa de que: “um *self* ou personalidade é, na melhor das hipóteses, um repertório de

¹²⁴ Original: Heterosexual behaviour is impossible when the sexes are segregated.

¹²⁵ Original: Segregation of the sexes may lead to unwanted homosexuality.

comportamento transmitido por um conjunto organizado de contingências” (p. 149)¹²⁶. Sendo assim, diferentes contingências organizadas produzem diferentes repertórios comportamentais, e, portanto, diferentes “*selves*” ou personalidades. Essas personalidades são exibidas pelo mesmo indivíduo, e podem entrar em conflito caso as contingências entrem em conflito:

Contingências conflitantes levam a repertórios conflitantes de comportamento, mas todos eles são exibidos por um corpo, por um membro da espécie humana. O corpo que se comporta de maneira atenciosa na maior parte do tempo é o mesmo corpo que ocasionalmente é insensível ou cruel; *o corpo que se comporta heterossexualmente na maior parte do tempo é o mesmo corpo que ocasionalmente é homossexual* [ênfase adicionada]. (Skinner, 1974, p. 150)¹²⁷

Algumas considerações podem ser feitas a partir desse escrito. As contingências conflitantes que levam a repertórios conflitantes foram tratadas pelo autor como algo comum na sociedade, como também exemplificado por ele no caso de um jovem no seu ambiente familiar ou com os amigos. Assim, ao usar o exemplo do corpo que se comporta hetero e homossexualmente a depender das contingências, pode-se interpretar que esse fenômeno também seria comum, visão diferente daquela que trata a homossexualidade como uma patologia ou um desvio. Todavia, outra interpretação possível colocaria a heterossexualidade como o repertório comportamental mais comum, já que ela é tida como a que acontece “na maior parte do tempo”. Isso faz sentido na medida em que, naquela época e até os dias atuais, a maior parte das contingências sociais não são tão punitivas para comportamentos

¹²⁶ Original: A self or personality is at best a repertoire of behavior imparted by an organized set of contingencies.

¹²⁷ Original: Conflicting contingencies lead to conflicting repertoires of behavior, but they are all exhibited by one body, by one member of the human species. The body that behaves in a considerate way most of the time is the same body that is occasionally callous or cruel; the body that behaves heterossexually most of the time is the same body that is occasionally homosexual.

heterossexuais e são altamente aversivas quando os indivíduos emitem comportamentos homossexuais.

Em contrapartida, ao dizer que o mesmo corpo se comporta dessas duas maneiras, pode-se defender, considerando discussões mais recentes, que tal corpo seria bissexual; e então as contingências seriam conflitantes pela não aceitação por parte da sociedade em geral de pessoas bissexuais. Essa interpretação vai ao encontro de alguns estudos analítico-comportamentais sobre a orientação sexual. Mallot (1996) talvez tenha sido o primeiro analista do comportamento a afirmar que os indivíduos nascem suscetíveis ao reforçamento por uma ampla variedade de estimulações sexuais, sendo assim bissexuais ou multissexuais, e que é a partir de controle aversivo que essas fontes de estimulação são restringidas. Mais recentemente, Menezes e Brito (2007) também apontam que evolutivamente o sexo possuiria diversas funções e, assim, “o organismo pode ter evoluído no sentido de ser suscetível a uma ampla variedade de estimulações sexuais” (p. 135). Dessa maneira, a exclusividade nas relações sexuais seria um produto cultural, ou seja, a heterossexualidade e a homossexualidade seriam adotadas pelos indivíduos por meio de regras e normas sociais que impõem a prática de se relacionar com apenas um sexo.

Ainda discutindo as diferentes personalidades constituídas por diferentes contingências, Skinner (1974), logo em seguida da citação anterior, faz uma afirmação que pode ir ao encontro de discussões analítico-comportamentais recentes sobre a orientação sexual:

O que uma pessoa realmente é poderia significar como ela teria sido se pudéssemos tê-la visto antes que seu comportamento fosse submetido à ação de um ambiente. Devíamos então ter conhecido sua “natureza humana”. Mas a dotação genética não é

nada até que tenha sido exposta ao ambiente, e a exposição a altera imediatamente. (p. 150)¹²⁸

Ao fazer essa citação logo após exemplificar que um corpo que se comporta heterossexualmente também é ocasionalmente homossexual, Skinner (1974) poderia estar dizendo que esse tipo de comportamento não depende somente de determinação genética, mas também da ação do ambiente a partir do momento em que o indivíduo é exposto a este. Como já visto anteriormente, essa discussão sobre uma determinação genética ou ambiental da orientação sexual tem sido alvo de pesquisas em diversas áreas do conhecimento, como a Biologia e as Ciências Sociais (e.g., Hamer et al., 1993; Weeks, 2000).

Na Análise do Comportamento, Barreto (2020) resume a questão da orientação sexual ao analisar diversos trabalhos analítico-comportamentais sobre o tema e afirma que:

A sexualidade precisa ser compreendida estudando-se a suscetibilidade humana aos mais variados estímulos reforçadores e aversivos que podem estar presentes nos aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais. Neste sentido, podemos dizer que a sexualidade humana vai se constituindo tanto pela herança biológica da espécie humana que tornou nosso organismo amplamente sensível às mais variadas estimulações sexuais, quanto pela história individual de aprendizagem e contato com estímulos reforçadores e/ou aversivos relacionados ao sexo, bem como a partir do aprendizado que se dá pelas regras culturais determinantes de como e quais práticas afetivas e sexuais serão incentivadas ou execradas. (p. 107)

Por fim, é importante ressaltar que o estudo da orientação sexual por diversas áreas do conhecimento não é somente perpassado por aspectos científicos, mas também por questões sócio-políticas. Por isso, torna-se importante que os estudiosos da orientação sexual levem

¹²⁸ Original: What a person is really like could mean what he would have been like if we could have seen him before his behavior was subjected to the action of an environment. We should then have known his "human nature." But genetic endowment is nothing until it has been exposed to the environment, and the exposure immediately changes it.

em consideração as implicações éticas e sócio-políticas de tal estudo, discutindo limites e alcances de seus achados de maneira contextualizada (Menezes & Carvalho Neto, 2015).

4.2.7 Releituras

Este tópico tem como objetivo levantar reflexões a respeito de alguns escritos de Skinner, considerando discussões sobre sexualidade mais contemporâneas. É importante ressaltar que o tema da sexualidade é até hoje um tema sensível de ser discutido, permeado por preconceitos e compreensões equivocados advindos de concepções tradicionais. Assim, não se pretende neste trabalho apresentar críticas descontextualizadas, desconsiderando as concepções vigentes na época em que Skinner realizou suas publicações, mas sim atualizar algumas discussões ao contexto vigente e possibilitar o avanço do estudo da sexualidade pela Análise do Comportamento.

Ao longo da história, a sexualidade foi abordada e vivenciada pelos indivíduos de diferentes maneiras, mas as regras e normas de conduta sexual estabelecidas pela Igreja no mundo ocidental abriram espaço para um contexto social de repressão da sexualidade¹²⁹. Conforme afirmam Senem e Caramaschi (2017), a partir do Concílio de Trento (1545-1563), o sexo passou a ser mais fortemente normatizado e condenado pela religião: “o inferno tornou-se o lugar dos pecadores, fornicadores, prostitutas e homossexuais” (p. 179). Uma das principais imposições estabelecidas pela Igreja, respaldada por nomes como São Paulo, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, era a de que “o sexo só deveria acontecer dentro do casamento e com o único objetivo de procriação” (Ribeiro, 2005, p. 5). Assim, estabelecia-se a relação sexual como fruto do pecado, aceita somente para fins de procriação dentro do casamento, sendo ainda mais condenada em casos de prostituição, homossexualidade,

¹²⁹ A repressão sexual está sendo tratada aqui como um conjunto de normas, valores, regras e interdições estabelecidos historicamente e pela cultura com fins de controle da sexualidade (Chauí, 1984). Entende-se que a hipótese repressiva da sexualidade foi questionada por Foucault (1976/2018), tendo em vista que o discurso sobre a sexualidade se multiplicou a partir do século XVII. Contudo, o mesmo autor parece concordar que esse discurso, por vezes, buscava fixar uma linha de divisão entre o lícito e o ilícito.

adultério, autoerotismo e fornicação (Chauí, 1984; Ribeiro, 2005; Senem & Caramaschi, 2017).

Essas normas religiosas se expandiram ao longo do tempo e, no século XIX, foram ainda mais fortalecidas porque foram respaldadas também pelo conhecimento médico. Alguns fenômenos que antes eram vistos como pecado, passaram a ser tratados também como doença (Senem & Caramaschi, 2017). Foucault (1976/2018), ao discorrer sobre o que ele denominou de *scientia sexualis*, afirma que o discurso científico sobre a sexualidade da época era voltado ao que fugia do normal (i.e., aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais) como uma forma de esquiva de se falar do próprio sexo. Além disso, “era, também, uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas” (pp. 59-60). Dessa maneira, Ribeiro (2005) constata que:

O século XIX tornou-se o palco ideal para a repressão sexual, baseada em padrões e normas negativistas e restritivas, que sustentavam o controle sexual pregado pela moral médica: católicos, protestantes, médicos, educadores, todos se aliavam para normatizar as atitudes e comportamentos sexuais. (p. 7)

Assim, considerando que os princípios da moral cristã foram reproduzidos também por outros tipos de conhecimento, “cujos preceitos eram constrictivos e cujo alcance era universal” (Foucault, 1984/2018, p. 29); e também que “nós, indivíduos do século XXI, ainda sofremos as consequências desta moral anti-sexual rígida, austera, contida que influenciou profundamente as atitudes em relação à sexualidade” (Ribeiro, 2005, p. 8), percebe-se que esse discurso também foi reproduzido em algumas publicações de Skinner. Algumas dessas citações já foram mencionadas ao longo deste trabalho, contudo, neste tópico serão focados quatro pontos: a ideia de comportamento sexual socialmente aceitável, a prostituição, a desigualdade de gênero e a heteronormatividade.

Em alguns momentos de sua obra, Skinner (1953/2005, 1971) considera que o comportamento sexual é um comportamento passível de ser punido. Ao discorrer sobre os efeitos da punição, o autor utiliza o comportamento sexual como exemplo, afirmando que, por meio de condicionamento, a severa punição do comportamento sexual pode fazer com que a emissão de tal comportamento no futuro produza reações emocionais que podem interferir em sua conclusão (Skinner, 1953/2005). Entretanto, o autor questiona essa forma de controle do comportamento ao afirmar que: “uma dificuldade dessa técnica é que a punição por comportamento sexual pode interferir em um comportamento semelhante em circunstâncias socialmente aceitáveis - por exemplo, no casamento” (p. 187)¹³⁰. Nessa mesma obra, Skinner (1953/2005) atribui à religião o controle mais rigoroso do comportamento sexual, que mesmo no casamento, é tolerado apenas para fins de procriação, o que demonstra que as normas e regras estabelecidas pela Igreja sobre a conduta sexual séculos antes, ainda eram constantes na sociedade de Skinner.

Skinner (1971) volta a tratar o comportamento sexual como passível de punição, juntamente com outros comportamentos como o comer excessivo, comportamentos agressivos e o consumo de álcool e outras drogas. O autor critica algumas formas tradicionais utilizadas para minimizar a ocorrência desses comportamentos puníveis, como por exemplo, arranjar circunstâncias nas quais o comportamento pode ocorrer sem ser punido: “São Paulo recomendou o casamento como um meio de reduzir formas censuráveis de comportamento sexual, e a pornografia foi recomendada pelas mesmas razões” (Skinner, 1971, p. 68)¹³¹. O autor critica essas medidas ao afirmar que elas podem ter consequências não previstas, e que suprimir comportamentos que de outra forma seriam reforçados pode levar à deserção. Entretanto, Skinner (1971) também afirma que: “esses problemas são essencialmente

¹³⁰ Original: One difficulty with the technique is that punishment for sexual behavior may interfere with similar behavior under socially acceptable circumstances—for example, in marriage.

¹³¹ Original: Saint Paul recommended marriage as a means of reducing objectionable forms of sexual behaviour, and pornography has been recommended for the same reasons.

solúveis, no entanto, e deve ser possível projetar um mundo em que o comportamento passível de punição raramente ou nunca ocorra” (pp. 68-69)¹³², o que talvez indique que o autor criticava a forma como as soluções tradicionais lidavam com os comportamentos passíveis de punição, e não necessariamente a premissa de que eles deveriam ser minimizados.

Em outros momentos, essa visão de que o comportamento sexual deve ser evitado volta a ser descrita por Skinner (1953/2005, 1989). Como já visto no tópico de “Práticas Culturais”, o autor considerou que as novas práticas de controle do comportamento sexual, que visavam ensinar sobre anatomia e função do sexo e não eram mais tão punitivas, poderiam não ser tão efetivas porque o comportamento sexual aberto provavelmente passou a ser emitido com maior frequência (Skinner, 1953/2005). Levando em consideração que as agências de controle, principalmente a religiosa, que tinha grande influência sobre o comportamento dos indivíduos na época e até os dias atuais, considera o comportamento sexual como pecaminoso e visa diminuir a sua emissão, as novas práticas poderiam mesmo ser consideradas não efetivas do ponto de vista dessa agência. Contudo, Skinner (1953/2005) não especifica o que seria essa efetividade e nem a quem ela serviria.

Além disso, ao discorrer sobre a escola do futuro, Skinner (1989) defende que, por meio da instrução programada, os alunos poderiam estudar assuntos de seu interesse, obtendo reforçadores por meio da educação e, assim, “eles terão menos motivos para buscar seus reforçadores em outro lugar - por exemplo, sexo, violência e drogas” (p. 95)¹³³. Assim como quando Skinner (1953/2005) exemplificou comportamentos passíveis de punição, aqui ele também coloca o sexo em correspondência com a violência e o uso de drogas. O tratamento do comportamento sexual dessa maneira parece carregar uma conotação negativa e de que ele

¹³² Original: These problems are in essence soluble, however, and it should be possible to design a world in which behavior likely to be punished seldom or never occurs.

¹³³ Original: They will have fewer reasons to turn elsewhere for their reinforcers—for example, to sex, violence, and drugs.

deve ser restringido ou evitado, assim como o comportamento agressivo e o uso de drogas. Assim, pode-se levantar a hipótese de que colocar esse rótulo no comportamento sexual é reproduzir normas e regras impostas por uma sociedade que carrega tradições cristãs e condena a expressão da sexualidade, visão essa que atualmente está sendo questionada.

Outro tópico importante a ser reavaliado e que apareceu em alguns momentos nas publicações de Skinner (1953/2005, 1971) é o da prostituição. O autor descreve que a estimulação aversiva condicionada pode ser usada para fornecer reforçamento negativo e exemplifica como programas educacionais buscam controlar a propagação de doenças venéreas quando os indivíduos fogem ou se esquivam de ter contato com prostitutas (Skinner, 1953/2005). O autor aponta que “descrições ou fotos de tais pessoas são combinadas com informações aversivas sobre doenças venéreas” (p. 174)¹³⁴, e isso pode ter dois resultados para o indivíduo: uma forte reação emocional ao ver uma prostituta e o comportamento de desviar o olhar ou se afastar dela, reforçado negativamente pela redução do estímulo aversivo condicionado. Apesar de Skinner (1953/2005) estar fazendo uma descrição de um procedimento que parecia comum na época, o autor não questiona a ética dessa relação entre doenças venéreas e prostitutas, o que também pode ser justificado pela visão nociva que se instaurou em relação a elas. Segundo Guimarães (2007):

A partir do final do século XIX, e início do XX, a prática da prostituição se tornou alvo de repressão e estigma em quase todo o mundo, sendo as mulheres responsabilizadas pela disseminação de doenças venéreas, passando então a serem controladas por policiamento e sujeitas à prisão. (p. 49)

Essa visão nociva da prostituição também aparece em outra descrição de Skinner (1953/2005) a respeito da saciação. O autor considera que a saciação é colocada em uso prático quando a legalização da prostituição é recomendada “com o argumento de que

¹³⁴ Original: Descriptions or pictures of such people are paired with aversive information about venereal disease.

diminui a probabilidade de comportamento sexual em membros da população que, se não estiverem saciados, podem atacar mulheres inocentes” (p. 147)¹³⁵. Novamente o autor não se posiciona explicitamente em relação a essa recomendação, contudo, apoiar a legalização da prostituição para evitar que “indivíduos não saciados” ataquem “mulheres inocentes” é uma posição que possui ao menos duas implicações importantes e problemáticas: (i) que a privação de contato sexual seria justificativa para um ataque a “mulheres inocentes”, o que parece reduzir a explicação do ataque a apenas uma variável; e (ii) que as prostitutas seriam pessoas diferentes das “mulheres inocentes” e passíveis de ataque, já que se considerou que elas entrariam em contato com os “indivíduos não saciados”, visão esta que pode incitar preconceito e discriminação em relação às prostitutas.

Relacionado ao tópico da prostituição, outro tema importante que avançou em termos de estudos e discussões ao longo das últimas décadas é o da desigualdade de gênero. Além de diversos tipos de preconceitos e discriminações afetarem majoritariamente as profissionais do sexo do gênero feminino, as mulheres em geral também enfrentam maiores dificuldades do que os homens quando consideramos a desigualdade de gênero promovida por meio de práticas culturais estabelecidas já há muito tempo em nossa sociedade (Couto & Dittrich, 2017). Dessa maneira, mesmo que essa questão estivesse sendo debatida teoricamente já na época em que Skinner realizou suas publicações, algumas citações do autor parecem reproduzir essas desigualdades.

É possível observar uma descrição de como essas desigualdades de gênero estavam presentes na sociedade de Skinner (1953/2005) quando o autor menciona as mudanças nas práticas culturais relacionadas ao controle do comportamento sexual. As práticas anteriores à mudança, segundo o autor, visavam principalmente o controle extremo do comportamento da “mulher solteira”, com a justificativa de que as mulheres deveriam ser protegidas do

¹³⁵ Original: On the ground that it reduces the probability of sexual behavior in members of the population who might, if unsatiated, otherwise attack innocent women.

comportamento sexual agressivo dos homens (Skinner, 1953/2005). Em contrapartida, o autor coloca a mulher em uma outra posição quando explica que, no controle pessoal, os indivíduos manipulam variáveis a fim de obter vantagens: “a garota bonita usa de reforçamento sexual primário ou condicionado” (Skinner, 1953/2005, p. 314)¹³⁶. No primeiro exemplo, a descrição da mulher como um ser frágil a ser protegido é um dos estereótipos que se busca combater atualmente. Já no segundo, utilizar como exemplo “a garota bonita” como um indivíduo que pode usar de reforçamento sexual no controle pessoal abre para a interpretação de um outro estereótipo: da objetificação e sexualização da mulher. Em relação a este tópico, é importante ressaltar que analistas do comportamento já vêm realizando esforços para aproximar a Análise do Comportamento a teorias feministas que visam combater a desigualdade de gênero (cf. Couto & Dittrich, 2017; Ruiz, 1995).

Por fim, um último tópico presente na obra de Skinner e já comentado no tópico “Orientação Sexual” é o da heteronormatividade. O autor reproduziu visões heteronormativas em suas publicações ao exemplificar como algumas instituições educacionais tentavam controlar o comportamento sexual dos alunos ao tornarem o sexo oposto inacessível e, mais tarde, ao afirmar que essa separação dos sexos poderia produzir uma “homossexualidade indesejada” (Skinner, 1953/2005, 1971). Essas citações podem ser vistas apenas como descrições de como a sociedade reprimia as orientações sexuais não heterossexuais. Por outro lado, Skinner (1953/2005) também chegou a afirmar que o comportamento sexual dependeria também do controle social, para além da “disponibilidade de membros do sexo oposto”. Apesar de poder ser justificada pelo contexto em que apenas a heterossexualidade era considerada correta, atualmente, é preciso considerar que o comportamento sexual não se direciona apenas a membros do sexo oposto, mas sim que as fontes de reforçamento sexual variam a depender da história de vida de cada indivíduo (Barreto, 2020; Mallot, 1996).

¹³⁶ Original: The pretty girl uses primary or conditioned sexual reinforcement.

Em resumo, este tópico buscou apresentar algumas citações de Skinner que podem ser repensadas e revistas de um ponto de vista atual. Muitas dessas discussões relacionadas ao controle do comportamento sexual, à desigualdade de gênero e ao preconceito direcionado a pessoas não heterossexuais já estão sendo realizadas por estudiosos da Análise do Comportamento (e.g., Barreto, 2020; Couto & Dittrich, 2017; Mallot, 1996; Ruiz, 1995), mas na obra de Skinner elas não estiveram muito presentes. É importante considerar que o tema da sexualidade, que perpassa todas essas discussões, não foi um dos focos principais de estudo do autor, fator que não favorece a ampla discussão sobre esses temas. Além disso, deve-se considerar que essas releituras só podem ser realizadas por conta de estudos recentes, que eram muito incipientes e não presentes no contexto de Skinner, um homem heterossexual que não era substancialmente afetado pelas pautas das lutas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo conceituar sexualidade por meio da literatura skinneriana. A partir dos resultados obtidos, pode-se considerar que alguns dos escritos de Skinner sobre sexualidade se aproximam de estudos recentes a respeito do tema, ainda que suas últimas publicações tenham sido há muito tempo. Como apontado na introdução, alguns autores das ciências biológicas e sociais entendem a sexualidade como um fenômeno multidimensional, que engloba componentes biológicos, psicológicos e sociais (Figueiró, 2009; Ganna et al., 2019; Maia & Ribeiro, 2011; Ribeiro, 2005, 2009; Senem & Caramaschi, 2017; Weeks, 2000). De maneira semelhante, é possível compreender a sexualidade na obra de Skinner como um fenômeno comportamental, sendo assim multideterminado e explicado a partir de três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural (Skinner, 1974, 1981/1987).

Aspectos mais específicos levantados por outros autores na introdução também podem ser encontrados na obra de Skinner. Segundo Ribeiro (2005), “a sexualidade, no nosso entender, é um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo ou à vida sexual” (p. 1). Considerando a definição de comportamento como uma *relação* entre organismo e ambiente (Lopes, 2008); no caso do comportamento sexual, essa relação seria necessariamente vinculada ao sexo ou à vida sexual, podendo ser constituída na forma de comportamentos sexuais abertos ou encobertos (i.e., pensamentos, emoções, sentimentos). Isso pode ser observado em Skinner (1953/2005) quando o autor aponta que uma das funções do comportamento sexual seria a produção de contato sexual como um reforçador primário e quando exemplifica como a punição social do comportamento sexual pode gerar fortes reações emocionais nos indivíduos.

Além disso, Ribeiro (2005) também constata que a sexualidade envolve “a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, a sublimação, a

repressão” (p. 1). Cada um desses aspectos também foi abordado por Skinner em diversos momentos de sua obra. Nos tópicos “Controle Social do Comportamento Sexual” e “Práticas Culturais e Sexualidade” foi discutido o controle ético exercido por diferentes grupos (e.g., família), além do controle exercido por agências controladoras, incluindo não só a religião, mas também o governo, a educação, a economia e a psicoterapia. Nesse contexto, Skinner (1953/2005) afirma que o comportamento sexual tem alta probabilidade de ser punido socialmente, principalmente por instituições religiosas e governamentais. Já no subtópico “Reforçadores Condicionados”, constata-se que Skinner (1953/2005) também menciona o processo de sublimação, dando uma explicação comportamental ao fenômeno e explicando que, no caso do comportamento sexual, a privação de contato sexual que pode exercer influência sobre a força de uma resposta também o faz com respostas semelhantes (e.g., o artista que “sublima” o comportamento sexual ao trabalhar com figuras ou modelos do corpo humano).

Outra citação resgatada de Ribeiro (2005) aponta que:

Em sua essência, a sexualidade é biológica, e tem como objetivo primordial – aqui com o significado de fonte, princípio, origem – a perpetuação da espécie. Mas o ser humano, com o uso da razão e das outras faculdades mentais, pôde ir além do impulso biológico e usar a manifestação da sexualidade para outros fins. (p. 1)

Entende-se assim que, para o autor, a sexualidade teria primeiramente uma importância biológica com a finalidade de reprodução, e essa finalidade passou a ser modificada pelo ser humano por meio de suas “faculdades mentais”. A importância biológica da sexualidade e as diferentes funções que o comportamento sexual pode exercer para o ser humano também foram abordadas por Skinner. Contudo, diferentemente da explicação pautada em uma noção mentalista dada por Ribeiro (2005), Skinner utiliza como modelo

explicativo a seleção pelas consequências, que, segundo Moore (2017), pode ser considerada uma explicação mais efetiva do comportamento.

Dessa maneira, para Skinner, não é necessário utilizar conceitos como “essência”, “faculdades mentais”, “impulso biológico” etc. para explicar qualquer comportamento, incluindo o comportamento sexual. A partir do modelo de seleção pelas consequências, entende-se que o comportamento sexual se tornou importante já na história filogenética, por meio da seleção natural, em que foram selecionados comportamentos que favorecessem a reprodução e sobrevivência da espécie (Moore, 2017). Também por meio da seleção natural, foi selecionada uma suscetibilidade ao reforçamento por alguns eventos ambientais, como o contato sexual, já que em um ambiente hostil permeado por fome, peste e guerras, foi necessário que os indivíduos reproduzissem ao máximo (Skinner, 1969). Essa suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual possibilitou que, na história ontogenética, novas formas de comportamento sexual fossem estabelecidas, incluindo comportamentos não relacionados à procriação (Skinner, 1981/1987).

Ainda que esta pesquisa tenha tido como foco a obra de B. F. Skinner, a maior parte dos textos selecionados foram publicados após a consolidação do Comportamentalismo Radical e, portanto, é possível observar implicações filosóficas importantes para o estudo da sexualidade. De acordo com o exposto, entende-se que a sexualidade não pode ser compreendida a partir de uma perspectiva essencialista ou reducionista biológica. Isso porque, para o Comportamentalismo Radical, é preciso considerar a aprendizagem por meio da ação do ambiente na história ontogenética. Ademais, além da dimensão individual da sexualidade explicada por meio da ontogênese, considera-se também a dimensão coletiva explicada por meio de práticas culturais. Por fim, uma perspectiva comportamentalista radical da sexualidade também considera aspectos éticos e políticos, discutidos por Skinner por meio do controle social do comportamento sexual, exercido pelo grupo e por agências

controladoras. Sendo assim, só é possível entender a sexualidade no Comportamentalismo Radical por meio de uma perspectiva interacionista e multidimensional.

Em relação às implicações para a Análise do Comportamento de maneira geral, é possível afirmar que a sexualidade se constitui com um fenômeno comportamental complexo e pode ser explicado por meio de contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Dessa maneira, o comportamento sexual pode ser emitido em diversas topografias, tanto mais explícitas como a copulação, a masturbação e a sedução; quanto menos explícitas como o imaginar ou sonhar com objetos ou atividades sexuais e produzir ou apreciar artes eróticas. Esse tipo de comportamento é emitido em situações antecedentes que envolvem a presença de um indivíduo considerado atraente, conversas, imagens ou apresentações excitantes e a própria arte ou objetos sexuais. Para ser considerado sexual, o comportamento precisa ter como função a produção de contato sexual como um reforçador primário, de reforçadores condicionados a ele, ou do afeto como um reforçador generalizado, se este estiver condicionado ao contato sexual. Essa relação de contingência também é influenciada por operações como a privação e saciação de contato sexual e alterações hormonais e de ciclo sexual.

Além disso, uma característica específica do comportamento sexual discutida por Skinner é a sua alta probabilidade de punição social, que ocorre por meio do controle social exercido por diferentes grupos e por agências de controle como a religião e o governo. Esse tipo de controle social baseado em técnicas aversivas atrelado ao poder reforçador do contato sexual e, em casos específicos, a um estado de privação sexual, produzem formas de comportamento sexual menos explícitas e aceitas socialmente. Exemplos dados por Skinner podem ser observados em comportamentos que envolvem artes eróticas e em relações sociais específicas, como o casamento.

É importante ressaltar algumas limitações desta pesquisa que podem servir como base para futuras pesquisas sobre sexualidade na Análise do Comportamento. Um aspecto importante pouco abordado por Skinner e, conseqüentemente, pouco discutido neste trabalho, é o comportamento respondente. Entende-se que respostas sexuais reflexas constituem um campo de estudo amplo e pode ser importante compreender como elas se relacionam com o comportamento sexual operante. Além disso, as operações de privação e saciação são estudadas atualmente na Análise do Comportamento como operações motivacionais ou estabelecedoras (cf. Michael, 2000; Pereira, 2013), contudo, não foram encontrados estudos que especifiquem a relação entre tais operações e a sexualidade. Dessa maneira, as descrições sobre a privação e saciação sexual apresentadas no presente estudo podem servir como base para a realização de futuras pesquisas que investiguem outras operações motivacionais que possam afetar o comportamento sexual. Outras pesquisas podem ter como foco a operacionalização dos reforçadores condicionados ao contato sexual e do afeto como um reforçador generalizado, levando em consideração as diferenças culturais que caracterizam os reforçadores sociais.

Outra temática de ordem social importante abordada por Skinner (1969, 1971, 1978, 1987) foram os problemas de superpopulação, sobre os quais o autor discorreu com a proposição de soluções baseadas em uma tecnologia do comportamento. Pesquisas que busquem aproximar a Análise do Comportamento de outras áreas que discorrem sobre o tema, como a Demografia e a Ecologia, também podem ter no presente estudo uma base de como uma ciência do comportamento poderia contribuir para o futuro da população. Ademais, também entende-se que é importante tornar como foco de futuras pesquisas a relação entre a educação e a sexualidade, haja vista que a educação sexual tem sido tratada por outras áreas do conhecimento como uma das ferramentas mais importantes para a solução

de diversos problemas de ordem social, como o preconceito e discriminação relacionados à diversidade sexual.

Nesse sentido, os tópicos “Orientação Sexual” e “Releituras” também podem apontar caminhos para futuras pesquisas sobre sexualidade em Análise do Comportamento que busquem se comprometer com a diversidade sexual e evitar os erros cometidos por autores da área no passado. Assim, esta pesquisa pode servir como base para futuro estudos teóricos que pretendam investigar aspectos mais específicos em torno do tema, e para pesquisas que busquem propor mudanças comportamentais e de práticas culturais, considerando aspectos éticos e políticos que envolvem o tema da sexualidade. Considera-se que as discussões que perpassam esse tema não foram esgotadas nesta pesquisa e, por isso se faz importante continuar estudando a sexualidade sob a ótica da Análise do Comportamento, com diálogos e aproximações com outras áreas do conhecimento que se dedicam a esse tema.

REFERÊNCIAS

- Abel, G. G., & Blanchard, E. B. (1974). The role of fantasy in the treatment of sexual deviation. *Archives of General Psychiatry*, 30(4), 467-475. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1974.01760100035007>
- Abel, G. G., Blanchard, E. B., Barlow, D. H., & Mavissakalian, M. (1975). Identifying specific erotic cues in sexual deviations by audiotaped descriptions. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 8(3), 247-260. <https://doi.org/10.1901/jaba.1975.8-247>
- Abramovay, R. (2010). Alimentos versus população: Está ressurgindo o fantasma malthusiano? *Ciência e Cultura*, 62(4), 38-42. http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400013
- Alvarenga, T. A. F. *Efeito da privação e restrição de sono na função reprodutiva de ratos machos* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Paulo]. Repositório Institucional Unifesp. <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/9357>
- Bancroft, J. (1970). A comparative study of aversion and desensitization in the treatment of homosexuality. In L. E. Burns & J. L. Worsley (Eds.), *Behaviour therapy in the 1970s: A collection of original papers* (pp. 12-33). John Wright & Sons LTD.
- Bancroft, J. (1994). Homosexual orientation: The search for a biological basis. *The British Journal of Psychiatry*, 164(4), 437-440. <https://doi.org/10.1192/bjp.164.4.437>
- Baquero, A., Puerta, A., & Gutiérrez, G. (2009). Magnitude Effects of Sexual Reinforcement in Japanese Quail. *International Journal of Comparative Psychology*, 22(2), 113-126.
- Barlow, D. H. (1973). Increasing heterosexual responsiveness in the treatment of sexual deviation: A review of the clinical and experimental evidence. *Behavior Therapy*, 4(5), 655-671. [https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(73\)80158-3](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(73)80158-3)

- Barlow, D. H., & Agras, W. S. (1973). Fading to increase heterosexual responsiveness in homosexuals. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 6(3), 355-366.
<https://doi.org/10.1901/jaba.1973.6-355>
- Barreto, W. (2020). *A perspectiva analítico-comportamental sobre a homossexualidade: Análise da produção acadêmica brasileira e reflexões ético-políticas* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.
<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10874>
- Benitez, M. E. D. (2009). *Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Repositório Institucional UFSC. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1250>
- Bermant, G. (1961). Response latencies of female rats during sexual intercourse. *Science*, 133(3466), 1771-1773. <https://doi.org/10.1126/science.133.3466.1771>
- Bernhardt, B. C., Studer, K. G., & Ribeiro, L. N. (2019). Feminismo e pornografia: Quando a violência contra a mulher é erotizada e capitalizada. In G. A. Baggenstoss, P. R. Santos, S. S. Sommariva & M. S. G. Hugill (Orgs.), *Não há lugar seguro: Vol. 4. Estudos e práticas sobre violências contra as mulheres nas perspectivas dos direitos sexuais e reprodutivos* (pp. 157-174). CEJUR.
- Bernstein, E. (2008). O significado da compra: Desejo, demanda e o comércio do sexo. *Cadernos Pagu*, (31), 315-362. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200015>
- Bongaarts, J. (2009). Human population growth and the demographic transition. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 364, 2985-2990. <https://doi.org/10.1098/rstb.2009.0137>
- Bongaarts, J. (2016). Development: Slow down population growth. *Nature*, 530, 409-412.
<https://doi.org/10.1038/530409a>

- Brandão, E. R., & Lopes, R. F. F. (2018). “Não é competência do professor ser sexólogo”: O debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação. *Civitas*, 18(1), 100-123. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28265>
- Burbulhan, F., Guimarães, R. M., & Bruns, M. A. T. (2012). Dinheiro, afeto, sexualidade: A relação de prostitutas com seus clientes. *Psicologia em Estudo*, 17(4), 669-677. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000400013>
- Caproni Neto, H. L. (2018). Breves considerações sobre LGBTfobia e o espaço escolar. In I. Dickmann. & A. F. Lazarotto (Orgs.), *Educação: Desafios da práxis e formação* (pp. 88-102). Plataforma Acadêmica.
- Carrara, K. (1992a). A questão do controle na abordagem comportamental. *Revista Psicologia Argumento*, 10(11), 109-115.
- Carrara, K. (1992b). Acesso a Skinner pela sua própria obra: Publicações de 1930 a 1990. *Didática*, 28, 195-212.
- Carvalho, M. R. A., Silveira, J. M., & Dittrich, A. (2011). Tratamento dado a tema “homossexualidade” em artigos do Journal of Applied Behavior Analysis: Uma revisão crítica. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 7(2), 72-81. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v7i2.1451>
- Ceccarelli, P. R. (2008). Prostituição - Corpo como mercadoria. *Mente & cérebro - Sexo*, 4(esp.), 1-14. http://www.cpaqv.org/socioantrop/corpo_prostituicao.pdf
- César, M. R. A. (2009). Gênero, sexualidade e educação: Notas para uma “Epistemologia”. *Educar*, 35, 37-51. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602009000300004>
- Chamie, J. (2005). Scenarios for the development of world population. *Genus*, 62(3/4), 69-89. <https://www.jstor.org/stable/29789269>
- Chauí, M. (1984). *Repressão sexual: Essa nossa (des) conhecida*. Brasiliense.

- Conrad, S. R., & Wincze, J. P. (1976). Orgasmic reconditioning: A controlled study of its effects upon the sexual arousal and behavior of adult male homosexuals. *Behavior Therapy*, 7(2), 155-166. [https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(76\)80271-7](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(76)80271-7)
- Couto, A. G., & Dittrich, A. (2017). Feminismo e análise do comportamento: Caminhos para o diálogo. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(2), 147-158. <https://doi.org/10.18761/PAC.2016.047>
- Crawford, L. L., Holloway, K. S., & Domjan, M. (1993). The nature of sexual reinforcement. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 60(1), 55-66. <https://doi.org/10.1901/jeab.1993.60-55>
- Cronin, B., & Davenport, E. (2001). E-Rogenous Zones: Positioning Pornography in the Digital Economy. *The Information Society: An International Journal*, 17(1), 33-48. <http://dx.doi.org/10.1080/019722401750067414>
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1), 12-24. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v57n1/v57n1a03.pdf>
- De Souza, F. H. S. (2018). *Uma análise conceitual das agências controladoras e sua relação com a sobrevivência das culturas* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000222841>
- De Toni, P. M., De Salvo, C. G., Marins, M. C., & Weber, L. N. D. (2004). Etologia humana: O exemplo do apego. *Psico-USF*, 9(1), 99-104. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712004000100012>
- Eliasson, M., & Meyerson, B. J. (1975). Sexual preference in female rats during estrous cycle, pregnancy and lactation. *Physiology and Behavior*, 14(6), 705-710. [https://doi.org/10.1016/0031-9384\(75\)90061-X](https://doi.org/10.1016/0031-9384(75)90061-X)

- Figueiró, M. N. D. (2009). Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. In M. N. D. Figueiró (Org.), *Múltiplos temas, compromissos comuns* (pp. 141-172). UEL.
- Foucault, M. (2018). *História da Sexualidade 1: A vontade de saber* (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trad.; 7ª ed.). Paz & Terra. (Trabalho Original publicado em 1976)
- Foucault, M. (2018). *História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres* (M. T. C. Albuquerque, Trad.; 5ª ed.) Paz & Terra. (Trabalho Original publicado em 1984)
- Freud, S. (1984). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 123–250). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Ganna, A., Verweij, K. J., Nivard, M. G., Maier, R., Wedow, R., Busch, A. S., Abdellaoui, A., Guo, S., Sathirapongsasuti, J. F., Lichtenstein, P., Lundström, S., Långström, N., Auton, A., Harris, K. M., Beecham, G. W., Martin, E. R., Sanders, A. R., Perry, J. R. P., Neale, B. M., Zietsch, B. P., & the 23andMe Research Team (2019). Large-scale GWAS reveals insights into the genetic architecture of same-sex sexual behavior. *Science*, 365(6456), 1-8. <https://science.sciencemag.org/content/365/6456/eaat7693>
- Garcia, A. (2005). Cognição e evolução: A contribuição de Konrad Lorenz. *Ciências & Cognição*, 4, 89-100. <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/488>
- Gegenfurtner, A., & Gebhardt, M. (2017). Sexuality education including lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) issues in schools. *Educational Research Review*, 22, 215-222. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2017.10.002>
- Glenn, S. S., Malott, M. E., Andery, M. A. P. A., Benvenuti, M., Houmanfar, R. A., Sandaker, I., Todorov, J. C., Tourinho, E. Z., & Vasconcelos, L. A. (2016). Toward

- consistent terminology in a behaviorist approach to cultural analysis. *Behavior and Social Issues*, 25(1), 11-27. <https://doi.org/10.5210/bsi.v25i0.6634>
- Guimarães, R. K. (2019). *Uma sistematização da literatura analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Biblioteca Digital Universidade Estadual de Londrina. <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000229240>
- Guimarães, R. M. (2007). *Prostituição: Patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP]. Repositório da Produção USP. <https://repositorio.usp.br/item/001622232>
- Hamer, D. H., Hu, S., Magnuson, V. L., Hu, N., & Pattatucci, A. M. (1993). A linkage between DNA markers on the X chromosome and male sexual orientation. *Science*, 261(5119), 321-327. <https://science.sciencemag.org/content/261/5119/321>
- Harlow, H. F. (1959). Love in infant monkeys. *Scientific American*, 200(6), 68-75. <https://www.jstor.org/stable/26309508>
- Hunziker, M. H. L. (2017). Dogmas sobre o controle aversivo. *Acta Comportamentalia*, 25(1), 85-100. <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/58803/51944>
- Keller, F. S., & Schoenfeld, W. N. (1995). *Principles of psychology: A systematic text in the science of behavior*. B. F. Skinner Foundation. (Trabalho original publicado em 1950)
- Keeverne, E. B. (1976). Sexual receptivity and attractiveness in the female rhesus monkey. *Advances in the Study of Behavior*, 7, 155-200. [https://doi.org/10.1016/S0065-3454\(08\)60167-9](https://doi.org/10.1016/S0065-3454(08)60167-9)

- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes & S. Araújo (Eds.), *Pesquisa teórica em Psicologia – Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-68). Hogrefe.
- LeVay, S., & Hamer, D. H. (1994). Evidence for a biological influence in male homosexuality. *Scientific American*, 270(5), 44-49.
<https://www.scientificamerican.com/article/evidence-for-a-biological-influence/>
- Lopes, C. E. (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 1-13.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v10i1.206>
- Louro, G. L. (2007). Gênero, sexualidade e educação: Das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em revista*, 46, 201-218.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982007000200008>
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: Princípios para ação. *Doxa*, 15(1), 75-84. <http://hdl.handle.net/11449/124985>
- Mallot, R. W. (1996). A behavior-analytic view of sexuality, transsexuality, homosexuality, and heterosexuality. *Behavior and Social Issues*, 6(2), 127-140.
<https://doi.org/10.5210/bsi.v6i2.288>
- Marzochi, M. L. (2003). Pornografia na internet. *Revista de Direito Administrativo*, 233, 229-244. <https://doi.org/10.12660/rda.v233.2003.45450>
- Matthews, T. J., Grigore, M., Tang, L., Doat, M., Kow, L. M., & Pfaff, D. W. (1997). Sexual reinforcement in the female rat. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 68(3), 399-410. <https://doi.org/10.1901/jeab.1997.68-399>
- Mawhinney, V. T. (1998). Behavioral sexual maladaptation contagion in America: An applied theoretical analysis. *Behavior and Social Issues*, 8(2), 159-193.
<https://doi.org/10.5210/bsi.v8i2.328>

- Menezes, A. B. C., & Brito, R. C. S. (2007). Reflexão sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 133-139. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000100016>
- Menezes, A. B., & Carvalho Neto, M. B. (2015). Reflexões sobre a interinfluência entre ciência e política: O caso da homossexualidade. *Temas em Psicologia*, 23(3), 621-634. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-08>
- Michael, J. (2000). Implications and refinements of the establishing operation concept. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(4), 401-410. <https://doi.org/10.1901/jaba.2000.33-401>
- Michael, R. P., & Keverne, E. B. (1968). Pheromones in the communication of sexual status in primates. *Nature*, 218(5143), 746-749. <https://doi.org/10.1038/218746a0>
- Mizael, T. M. (2018). Perspectivas Analítico-Comportamentais sobre a homossexualidade: Análise da produção científica. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(1), 15-28. <https://doi.org/10.18761/PAC.2017.011>
- Moore, J. (2017). Seleção comportamental por consequências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 13(2), 48-56. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v13i2.5905>
- Nordyke, N. S., Baer, D. M., Etzel, B. C., & LeBlanc, J. M. (1977). Implications of the stereotyping and modification of sex role. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 10(3), 553-557. <https://doi.org/10.1901/jaba.1977.10-553>
- Oliveira, V. R. B. (2009). Sexualidade no contexto contemporâneo: Um desafio aos educadores. In M. N. D. Figueiró (Org.), *Múltiplos temas, compromissos comuns* (pp. 173-189). UEL.
- Paiva, V. (2008). A psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em Estudo*, 13(4), 641-651. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000400002>

- Peirce, J. T., & Nuttall, D. L. (1961). Self-paced sexual behavior in the female rat. *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 54(3), 310-313.
<https://doi.org/10.1037/h0040740>
- Pereira, M. B. R. (2013). *A noção de motivação na análise do comportamento* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16713>
- Rachlin, H., & Green, L. (1972). Commitment, choice and self-control. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 17(1), 15-22.
<https://doi.org/10.1901/jeab.1972.17-15>
- Rekers, G. A., & Lovaas, O. I. (1974). Behavioral treatment of deviant sex-role behaviors in a male child. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 7(2), 173-190.
<https://doi.org/10.1901/jaba.1974.7-173>
- Ribeiro, P. R. M. (2005). A sexualidade também tem história: Comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: A. C. Bortolozzi & A. F. Maia (Orgs), *Sexualidade e infância* (pp. 17-32). FC/CECEMCA.
- Ribeiro, P. R. M. (2009). A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In M. N. D. Figueiró (Org.), *Múltiplos temas, compromissos comuns* (pp. 129-140). UEL.
- Rocha, J. G. (2014). *Privação como variável independente: Uma análise de estudos experimentais* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16741>
- Ruiz, M. R. (1995). B. F. Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. *Psychology of Women Quarterly*, 19(2), 161-179. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1995.tb00285.x>

- Russo, G. (2007). No labirinto da prostituição: O dinheiro e seus aspectos simbólicos. *Caderno CRH*, 20(51), 497-514. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792007000300009>
- Rutherford, A. (2006). The social control of behavior control: Behavior modification, individual rights, and research ethics in America, 1971–1979. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 42(3), 203-220. <https://doi.org/10.1002/jhbs.20169>
- Sá, C. P. (1983). Sobre o poder em Foucault e o controle em Skinner. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39(2), 136-145. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18923/17665>
- Sant'Ana, M. F., De Souza, F. H. S., & Melo, C. M. (2019). Uma discussão sobre identidade de gênero e orientação sexual no comportamentalismo radical. In A. T. Bolsoni-Silva et al. (Eds.), *Comportamento em foco: Vol. 9. Análises teóricas, educação e questões sociais* (pp. 136-152). Editora ABPMC.
- Senem, C. J., & Caramaschi, S. (2017). Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: Origem, história e atualidade. *Barbarói*, 49, 166-189. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.6420>
- Seward, J. P., & Seward, G. H. (1940). Studies on the reproductive activities of the guinea pig: IV. A comparison of sex drive in males and females. *Journal of Genetic Psychology*, 57, 429-440. <https://doi.org/10.1080/08856559.1940.10534544>
- Sidman, M. (1989). *Coercion and its fallout*. Authors Cooperative.
- Silveira, H. V., Lopes, C., & Pompermaier, H. M. (2019). Usos do termo emoção na obra de B. F. Skinner. *Acta Comportamentalia*, 27(4), pp. 481-496.
- Simpson, N. (2004). Coming attractions: A comparative history of the Hollywood Studio System and the porn business. *Historical Journal of Film, Radio and Television*, 24(4), 635-652. <https://doi.org/10.1080/0143968042000293900>

- Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1945a). The operational analysis of psychological terms. *The Psychological Review*, 52, 270-277.
- Skinner, B. F. (1945b). Rejoinders and second thoughts. *The Psychological Review*, 52, 291-294
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior* (R. M. Elliot, Ed.). Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Penguin Books.
- Skinner, B. F. (1974). *About Behaviorism*. Vintage Books.
- Skinner, B. F. (1977). Why I am not a cognitive psychologist. *Behaviorism*, 5(2), 1-10.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1987). Selection by consequences. In B. F. Skinner, *Upon further reflection* (pp. 51-63). Prentice-Hall. (Reimpresso de “Selection by consequences”, 1981, *Science*, 213[4507], 501-504, <https://doi.org/10.1126/science.7244649>)
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the Analysis of Behavior*. Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (2003). *The technology of teaching*. B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1968)
- Skinner, B. F. (2005). *Science and human behavior*. B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1953)
- Soares, J. F. S., Santos, L. C., Cardoso, J. P., Neves, L., & Batista, E. C. (2015). A Prostituição Como Profissão: Uma Análise Sob a Ótica das Profissionais do Sexo. *Revista Saberes*, 3(2), pp. 63-75. <https://facsao paulo.edu.br/wp->

content/uploads/sites/16/2018/05/ed3/6.pdf?fbclid=IwAR31Rhby8MVphXKea9BxT
wIj94HQC5Q1e1DhY91kplrdkxAcYpHtvrMCYvE

- Society for the Experimental Analysis of Behavior, & LeBlanc, L. A. (2020). Editor's note: Societal changes and expression of concern about Rekers and Lovaas' (1974) behavioral treatment of deviant sex-role behaviors in a male child. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 53(4), 1830-1836. <https://doi.org/10.1002/jaba.768>
- Souza, L. C., & Dinis, N. F. (2010). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Pro-Posições*, 21(3), 119-134. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072010000300008>
- Todorov, J. C. (1985). O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1(1), 75-88. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/16801>
- Tourinho, E. Z. (2006). Relações comportamentais como objeto da Psicologia: Algumas implicações. *Interação em Psicologia*, 10(1), 1-18. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v10i1.5792>
- Verneque, L., Moreira, M. B., & Hanna, E. S. (2012). Motivação. In M. M. C. Hubner, M. B. Moreira, E. F. M. Silvares, F. B. Assumpção Júnior, & L. Prizskulnik (Eds.), *Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp. 74-87). Guanabara Koogan.
- Weeks, J. (2000). O corpo e a sexualidade. In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (2ª ed., pp. 35-82). Editora Autêntica.
- Whalen, R. E. (1961). Effects of mounting without intromission and intromission without ejaculation on sexual behavior and maze learning. *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 54(4), 409-415. <https://doi.org/10.1037/h0046385>

Winkler, R. C. (1977). What types of sex-role behaviors should behavior modifiers promote?

Journal of Applied Behavior Analysis, 10(3), 549–552.

<https://doi.org/10.1901/jaba.1977.10-549>

APÊNDICES

APÊNDICE A - Buscas do radical *sex* nos livros de Skinner

<i>Sex</i>			
Livro	Ocorrências	Capítulos	Páginas
<i>The behavior of organisms: an experimental analysis. New York: Appleton-Century-Crofts, 1938.</i>	Total: 16 Capítulos: II: uma IX: 11 X: duas XIII: duas	II. Scope and method. IX. Drive. X. Drive and conditioning: the interaction of two variables. XIII. Conclusion.	46 (II), 342, 371, 372, 375 (IX), 403 (X), 434 (XIII).
<i>Science and human behavior. New York: MacMillan, 1953.</i>	Total: 118 Capítulos: V: 14 IX: 32 XI: quatro XII: duas XIII: três XIV: quatro XV: seis XVII: sete XVIII: quatro XIX: duas XX: três XXIII: três XXIV: cinco XXVII: 25 XXVIII: duas	V. Operant behavior. IX. Deprivation and satiation. XI. Aversion, avoidance, anxiety. XII. Punishment. XIII. Function versus aspect. XIV. The analysis of complex cases XV. "Self-control". XVII. Private events in a natural science. XVIII. The self XIX. Social behavior. XX. Personal control XXIII. Religion. XXIV. Psychotherapy. XXVII. Culture and control. XXVIII. Designing a culture.	62, 73, 76, 78, 80, 81, 83, 84 (V), 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157 (IX), 173, 175 (XI), 187 (XII), 196 (XIII), 207, 208, 217 (XIV), 232, 235, 237 (XV), 272, 273 (XVII), 284, 292, 293 (XVIII), 298, 310 (XIX), 314, 317, 318 (XX), 354, 356 (XXIII), 361, 367 (XXIV), 415, 420, 421, 422 (XXVII), 431, 432 (XXVIII).
<i>Verbal behavior. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.</i>	Total: 11 Capítulos: 2: uma 5: três 6: três 8: uma 10: duas 17: uma	2. General problems. 5. The tact. 6. Special conditions affecting stimulus control. 8. The verbal operant as a unit of analysis. 10. Supplementary stimulation. 17. Self-strengthening of verbal behavior.	27 (2), 124, 136, 137 (5), 154, 165 (6), 214 (8), 274, 288 (10), 412 (17).
<i>The technology of teaching. New York: Appleton-Century-Crofts, 1968.</i>	Total: 11 Capítulos: 4: uma 6: duas 9: sete	4. The technology of teaching. 6. Teaching thinking. 9. Discipline, ethical behavior, and self-control.	(páginas PDF) 76 (4), 124, 125 (6), 181, 187 (9).
<i>Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis. New York: Appleton-Century-Crofts, 1969.</i>	Total: 73 Capítulos: 1: uma 2: três 3: 37 4: uma 7: 25 8: duas	1. The role of the environment. 2. Utopia as an experimental culture. 3. The environmental solution. 4. The experimental analysis of behavior.	4 (1), 32, 37 (2), 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68 (3), 94 (4), 188, 189, 195, 197, 201, 203, 206, 207, 209, 210, 213 (7), 247,

		7. The phylogeny and ontogeny of behavior.	260 (8).
		8. Behaviorism at fifty.	
<i>Beyond freedom and dignity. New York: Alfred A. Knopf, 1971.</i>	Total: 35 Capítulos: 1: cinco 2: uma 3: duas 4: 15 6: três 7: duas 8: cinco 9: uma	1. A technology of behavior. 2. Freedom. 4. Punishment. 6. Values. 7. The evolution of a culture. 8. The design of a culture. 9. What is man?	15, 17, 20 (1), 39 (2), 50, 51 (3), 64, 65, 67, 68, 70, 77 (4), 107, 108, 117 (6), 129, 137 (7), 172, 175 (8), 183 (9).
<i>About behaviorism. New York: Alfred A. Knopf, 1974.</i>	Total: 16 Capítulos: 3: quatro 4: quatro 5: três 8: uma 9: uma 10: três	3. Innate behavior. 4. Operant behavior. 5. Perceiving. 8. Causes and reasons. 9. Knowing. 10. The inner world of motivation and emotion.	37, 39, 42, 43 (3), 47, 51, 63 (4), 75, 85 (5), 131 (8), 146 (9), 150 (homossexualidade), 152 (10).
<i>Reflections on behaviorism and society. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1978.</i>	Total: 21 Capítulos: 2: quatro 3: duas 4: três 7: três 8: quatro 15: três 17: uma	2. Are we free to have a future? 3. The ethics of helping people. 4. Humanism and behaviorism. 7. Can we profit from our discovery of behavioral science? 8. Why I am not a cognitive psychologist? 15. Reflections on meaning and structure. 17. Freedom and dignity revisited.	26, 31, 32 (2), 37, 40 (3), 50, 53 (4), 92 (7), 99, 100 (8), 177, 178 (15), 198 (17).
<i>Upon further reflection. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1987.</i>	Total: 16 Capítulos: 1: uma 2: uma 3: duas 4: oito 5: uma 10: uma 14: duas	1. Why we are not acting to save the world. 2. What is wrong with daily life in the western world? 3. News from nowhere, 4. Selection by consequences. 5. The evolution of behavior. 10. Intellectual self-management in old age. 14. Some thoughts about the future.	4 (1), 26 (2), 41, 48 (3), 53, 59, 60 (4), 72 (5), 147 (10), 196, 206 (14).
<i>Recent issues in the analysis of behavior. Columbus, Ohio: Merrill Publishing Company, 1989.</i>	Total: 9 Capítulos: 1: cinco 3: uma 7: duas	1. The place of feeling in the analysis of behavior. 3. The initiating self. 7. The operant side of	5 (1), 30 (3), 76 (7), 95 (8).

8: uma

behavior therapy.
8. The school of the
future.

APÊNDICE B - Tabelas de sistematização dos textos fundamentais com cinco ou mais ocorrências do radical *sex*

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (1938). Drive. In B. F. Skinner, <i>The behavior of organisms</i> (pp. 341-378). New York: Appleton-Century-Crofts.		
Definição de sexualidade	Sexualidade como um drive.		
Definição de outros conceitos relacionados	-		
Tese Tradicional	1. Concepção tradicional de 'drive': em um extremo, 'drive' é considerado como a energia básica disponível para as respostas de um organismo; em outro, ele é identificado como 'propósito' ou alguma representação interna de um objetivo.		
Crítica	1. O problema do 'drive' surge porque muito do comportamento de um organismo apresenta uma variabilidade aparente; é porque comer (ou outro 'drive') não é inevitável que somos levados à hipótese de um estado interno ao qual podemos atribuir a variabilidade. Explicações tradicionais para o problema da fome ou outros drives não são nossa preocupação atual.		
Tese Alternativa	1. Como em qualquer caso de variabilidade na força do reflexo, o problema aqui é encontrar a variável ou as variáveis das quais a força é função e expressar a relação em um conjunto de leis.		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
	X		
Aspectos relevantes	<p>1. "The formulation applied to hunger in the preceding pages may be extended to other drives. Each drive has its own defining operation, which raise special technical problems, but the same approach may be taken. Some measure of the strength of the behavior must be obtained and the relation between that strength and the various operations that affect it then determined" (p. 358).</p> <p>2. The preceding formulation of drive may be summarized as follows. In measuring the strength of a drive we are in reality only measuring strength of behavior. A complete account of the latter is to be obtained from an examination of the operations that are found to affect it. The 'drive' is a hypothetical state interpolated between operation and behavior and is not actually required in a descriptive system. The concept is useful, however, as a device for expressing the complex relation that obtains between various similarly effective operations and a group of co-varying forms of behavior. The properties assigned to the state are derived from the observations of these relations" (p. 368).</p> <p>3. The classification of drives: "It is important to make clear that we are not concerned with a classification of a number of <i>kinds</i> of behavior but only with behavior which undergoes changes in strength as the result of the kind of operation which defines the field. We do not list a drive for contracting the pupil of the eye because that bit of behavior is relatively invariable. If sexual reflexes were equally as invariable, we should not have a sex drive but only sexual behavior. We are concerned with the number of operations that will modify reflex strength or, to put the matter in a better order, with changes in reflex strength for which we undertake to find variables. When first observed, each variation in the strength of a reflex controlled by a given operation appears as a separate case and a separate drive must be assumed. If we observe, however, that the strengths of two or more reflexes are the same function of the same operation, a reduction in the number of drives is made possible. In this way we set up hunger, sex, and so on, as fairly inclusive drives relevant to a wide variety of forms of behavior. The unity of the drive depends upon the covariation of the reflexes to which it refers. And whether or not a given reflex belongs to a given drive must be answered by considering covariation rather than any essential property of behavior itself. Thus, the old question as to whether most behavior is</p>		

	<p>sexual is not a question as to whether it is sexual <i>in nature</i> but whether it varies as a function of the operations which define that drive. Does an operation which reduces the sex drive affect the behavior in question in the same way?" (pp. 371-372).</p> <p>4. "That some change occurs when we keep an animal from sex activity and that it has the effect of heightening the sex drive is obvious; but that the change is a stimulus or provides a stimulus does not follow" (p. 375).</p>
<p>Contribuições de outros textos</p>	<p>1. "Finalmente, do trabalho desenvolvido por Skinner nos anos 1930 conclui-se que o tratamento dado ao <i>drive</i> em uma análise do comportamento poderia ser assim caracterizado: <i>drive</i> é um termo geral que se refere a uma relação complexa entre um grande número de variáveis que, apesar de diferentes, têm como um efeito comum uma alteração gradual na probabilidade de todas as respostas que, no passado, estiveram relacionadas à obtenção de um determinado reforçador (Skinner, 1938)" (Pereira, 2013, pp. 43-44).</p> <p>2. "Neste sentido, parece importante apresentar aqui uma tentativa de sistematização do sentido pretendido por alguns destes termos/qualificadores a partir de uma análise do contexto em que eles são empregados por Skinner nos textos em que trata do tema.</p> <p>a) <i>Drive</i>/motivação como lei ou processo: os termos são utilizados para se referir a um tipo de fenômeno comportamental que pode ter suas regularidades observadas e descritas em forma de lei. Nestes casos, em algumas ocasiões Skinner utiliza a expressão 'lei do <i>drive</i>'.</p> <p>b) <i>Drive</i>/motivação como variáveis: por vezes Skinner faz uso destes termos em relação às variáveis envolvidas no fenômeno, ocasiões nas quais comumente utiliza os qualificadores 'variáveis' ou 'operações' para especificar esta opção. No entanto, como citado anteriormente, o termo variáveis motivacionais pode também ser utilizado como uma forma genérica para se referir ao <i>drive</i> como um processo.</p> <p>c) <i>Drive</i> como unidade: em algumas ocasiões o termo é utilizado para referir-se a unidades específicas de <i>drive</i> (e.g. fome, sede etc.). Nestas ocasiões geralmente fala em 'tipo' de <i>drive</i> ou especifica explicitamente a unidade a qual está se referindo (e.g. o <i>drive</i> fome é caracterizado por...).</p> <p>d) O tratamento tradicional do <i>drive</i> ou da motivação: os termos podem ser ainda utilizados como referência aos aspectos do fenômeno que deram origem e justificaram os tratamentos tradicionais do <i>drive</i> ou da motivação na psicologia. Geralmente utiliza os qualificadores 'problema' ou 'questão' (do <i>drive</i>/motivação) nestes casos" (REFERÊNCIA, p. 46).</p> <p>3. "Em suma, o problema do <i>drive</i> está relacionado à variabilidade observada no comportamento – mais especificamente, a um tipo de variação que apresenta uma grande extensão entre dois extremos – e ao desafio que ela traz a uma ciência do comportamento. Neste sentido, parte da importância do <i>drive</i> para uma compreensão adequada do comportamento estaria relacionada à possibilidade de se encontrar e compreender as fontes dessa variação. E como esta passagem parece demonstrar [citação do cap. IX do <i>the behavior of organisms</i> – pp. 341-342], a busca por estas fontes conduz Skinner a uma discussão sobre a 'natureza' das operações que promovem a variação comportamental observada quando se supõe a existência de um <i>drive</i>, e a contrapor a sua proposição com o tratamento tradicional do <i>drive</i> como um estado interno de natureza fisiológica ou psíquica" (Pereira, 2013, p. 49).</p> <p>4. "No entanto, Skinner (1938) mostra-se constantemente preocupado em lembrar o alcance que o tratamento da motivação deve ter em uma análise do comportamento: o termo <i>drive</i>, ele insiste, é apenas um artifício conceitual útil para expressar a complexidade da relação entre determinadas operações e certas respostas que covariam e não é de fato necessário em um sistema descritivo" (Pereira, 2013, p. 51).</p>

	<p>5. [depois de uma citação da página 371-372 do capítulo IX]. “Portanto, para Skinner (1938) o problema não é identificar comportamentos que são essencialmente diferentes entre si quando se trata de <i>drives</i>. Não existe um comportamento que seja na sua essência sexual ou alimentar, por exemplo. Certos comportamentos são assim referidos porque parecem sempre variar conjuntamente como função de determinadas operações. Neste sentido, a unidade dos <i>drives</i> (ex. fome, sede, sexo), cuja identificação ‘depende da covariação dos reflexos’, parece ser conferida pelas operações que lhe são peculiares. Dessa forma, Skinner (1938) parece acabar adotando também um critério operacional para delimitar unidades de <i>drive</i>, ou <i>drives</i> específicos” (Pereira, 2013, p. 56).</p> <p>6. “E a questão da unidade do <i>drive</i> pode ser assim apresentada: é a variação de certas respostas como função de certas operações [e. g., privação, saciação, drogas] que define uma unidade do <i>drive</i>, mas é o reforço que confere esta unidade” (Pereira, 2013, p. 57).</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (2005). Operant behavior. In B. F. Skinner, <i>Science and human behavior</i> (pp. 59-90). Cambridge: B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1953)
Definição de sexualidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Some reinforcements consists of <i>presenting</i> stimuli, of adding something – for example, food, water, or sexual contact – to the situation” (p. 73). 2. “This is important since only a small part of behavior is immediately reinforced with food, water, sexual contact, or other events of obvious biological importance” (p. 76). 3. “A still stronger generalized reinforcer is <i>affection</i>. It may be especially connected with sexual contact as a primary reinforcer but when anyone who shows affection supplied other kinds of reinforcement as well, the effect is generalized” (p. 79). 4. “Food, water, and sexual contact, as well as escape from injurious conditions (Chapter XI), are obviously connected with the well-being of the organism” (p. 83).
Comentários	<ol style="list-style-type: none"> 1. Skinner parece definir aqui o contato sexual como um reforçador positivo (um evento/estímulo que é adicionado a alguma situação e aumenta a probabilidade da resposta). 2. O contato sexual é um evento de importância biológica óbvia. 3. O contato sexual é um reforçador primário. 4. O contato sexual, como um reforçador primário com grande significado biológico, está obviamente conectado com o bem estar do indivíduo.
Definição de outros conceitos relacionados	<ol style="list-style-type: none"> 1. Afeto: “A still stronger generalized reinforcer is <i>affection</i>. It may be especially connected with sexual contact as a primary reinforcer but when anyone who shows affection supplied other kinds of reinforcement as well, the effect is generalized” (p. 79).
Comentários	<ol style="list-style-type: none"> 1. No capítulo <i>the phylogeny and ontogeny of behavior</i> Skinner também atrela o afeto à sexualidade, então parece ser um conceito importante a ser tratado. Aqui ele parece definir então o afeto como um reforçador generalizado, que é definido como: “A conditioned reinforcer is generalized when it is paired with more than one primary reinforcer. The generalized reinforcer is useful because the momentary condition of the organism is not likely to be important” (p. 77).
Tese Tradicional	<ol style="list-style-type: none"> 1. O afeto é algo que necessitamos, caracterizado como uma condição primária de privação. 2. Um reforçador reforça ou é efetivo porque reduz um estado de privação.
Crítica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dificilmente encontraremos na evolução explicações desse tipo, já que o afeto não tem características específicas, dependendo das idiosincrasias de cada grupo. 2. O estado de privação é sim importante para o condicionamento, entretanto,

	<p>não é verdade que o reforçamento sempre reduz a privação. Tudo o que podemos dizer é que o tipo de evento que reduz a privação também é reforçador.</p>		
Tese Alternativa	<ol style="list-style-type: none"> 1. O afeto pode ser denominado um reforçador generalizado, o qual está intimamente relacionado com o contato sexual (reforçador primário), entretanto contém aspectos, como os “sinais de afeto” que são selecionados culturalmente (dependem das particularidades de cada grupo). 2. A conexão entre o reforçamento e a saciação deve ser procurada no processo de evolução e no grande significado biológico dos reforçadores primários, os quais estão obviamente relacionados ao bem estar do organismo. Uma explicação biológica do poder do reforço é talvez o mais longe que conseguiremos chegar para explicar porque um reforçador reforça. 		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
	X	X	X
Aspectos filogenéticos relevantes	<ol style="list-style-type: none"> 1. “The connection between reinforcement and satiation must be sought in the process of evolution. We can scarcely overlook the great biological significance of the primary reinforcers. Food, water, and sexual contact, as well as escape from injurious conditions (Chapter XI), are obviously connected with the well-being of the organism” (p. 83). 2. “When the organism generates a tactual feed-back, as in feeling the texture of a piece of cloth or the surface of a piece of sculpture, the conditioning is commonly regarded as resulting from sexual reinforcement, even when the area stimulated is not primarily sexual in function. It is tempting to suppose that other forms of stimulation produced by behavior are similarly related to biologically important events” (p. 83). 3. “When the environment changes, a capacity to be reinforced by a given event may have a biological <i>disadvantage</i>. . . Sex provides another example. There is no longer a biological advantage in the great reinforcing effect of sexual contact, but we need not go back many hundred years to find conditions of famine and pestilence under which the power of sexual reinforcement offered a decisive advantage. A biological explanation of reinforcing power is perhaps as far as we can go in saying why an event is reinforcing” (p. 84). 		
Comentários	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aqui Skinner está tentando explicar porque um reforçador reforça, e então se volta para explicações biológicas. Ele afirma que não podemos ignorar o grande significado biológico dos reforçadores primários, que estão obviamente conectados com o bem-estar do indivíduo. 2. Ainda explicando porque um reforçador reforça e recorrendo a explicações biológicas, Skinner levanta a tese de que um feedback tátil, como o sentimento de tocar o tecido de uma roupa ou a superfície de uma escultura, pode ser um condicionamento ligado ao reforço sexual, mesmo que a área estimulada não seja primariamente sexual. Ele afirma que é tentadora a ideia de que outras formas de estimulação produzidas pelo comportamento estão semelhantemente ligadas a eventos biológicos importantes. 3. Skinner afirma que a capacidade de sermos reforçados é filogeneticamente determinada. Entretanto, quando o ambiente muda, essa capacidade pode resultar em uma desvantagem biológica. Um dos exemplos é como o açúcar já teve uma vantagem biológica, mas agora que o usamos em excesso é uma desvantagem. Outro exemplo é o sexo, o qual foi uma vantagem em momentos de fome e peste, mas agora não é mais (por conta da superpopulação). Ele termina o tópico de porque um reforçador reforça dizendo que uma explicação biológica é o máximo que podemos dizer sobre isso, entretanto ela não nos ajuda muito em uma análise funcional, e por isso precisamos nos contentar com a observação dos efeitos de um estímulo sobre o comportamento. 		
Aspectos ontogenéticos relevantes	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Conditioned reinforcers are often the product of natural contingencies. Usually, food and water are received only after the organism has engaged 		

	<p>in ‘precurrent’ behavior – after it has operated upon the environment to create the opportunity for eating or drinking. The stimuli generated by this precurrent behavior, therefore, become reinforcing. Thus before we can transfer food from a plate to our mouth successfully, we must get near the plate, and any behavior which brings us near the plate is automatically reinforced. The pre-current behavior, is, therefore, sustained in strength. This is important since only a small part of behavior is immediately reinforced with food, water, sexual contact, or other events of obvious biological importance. Although it is characteristic of human behavior that primary reinforcers may be effective after long delay, this is presumably only because intervening events become conditioned reinforcers” (p. 76).</p>
<p>Comentários</p>	<p>1. Mesmo que os reforçadores primários (i.e., água, comida, contato sexual) sejam efetivos depois de um longo atraso, isso parece ocorrer só porque outros eventos intervenientes que acontecem nesse meio tempo se tornam reforçadores condicionados. Skinner explica esse processo dando o exemplo da comida, mas aparentemente ocorre da mesma maneira com o contato sexual.</p>
<p>Aspectos culturais relevantes</p>	<p>1. “It is difficult to define, observe, and measure attention, approval, and affection. They are not things but aspects of the behavior of others. Their subtle physical dimensions present difficulties not only for the scientist who must study them but also for the individual who is reinforced by them. If we do not easily see that someone is paying attention or that he approves or is affectionate, our behavior is not be consistently reinforced. It may therefore be weak, may tend to occur at the wrong time, and so on. We do not ‘know what to do to get attention or affection or when to do it’. The child struggling for attention, the lover for a sign of affection, and the artist for professional approval show the persevering behavior which, as we shall see in Chapter VI, results from only intermittent reinforcement” (p. 79).</p> <p>2. “It is easy to forget the origins of the generalized reinforcers and to regard them as reinforcing in their own right. We speak of ‘need for attention, approval, or affection’, ‘the need to dominate’, and ‘the love of money’ as if they were primary conditions of deprivation. But a capacity to be reinforced in this way could scarcely have evolved in the short time during which the required conditions have prevailed. Attention, affection, approval, and submission have presumably existed in human society for only a very brief period, as the process of evolution goes. Moreover, they do not represent fixed forms of stimulation, since they depend upon the idiosyncrasies of particular groups. Insofar as affection is mainly sexual, it may be related to a condition of primary deprivation which is to some extent independent of the personal history of the individual, but the ‘signs of affection’ which become reinforcing because of their association with sexual contact or with other reinforcers can scarcely be reinforcing for genetic reasons. . . . Eventually generalized reinforcers are effective even though the primary reinforcers upon which they are based no longer accompany them. . . Affection is not always followed by a more explicit sexual reinforcement” (pp. 80-81).</p>
<p>Comentários</p>	<p>1. Por conta de a afeição/afeto ser um reforçador generalizado caracterizado por aspectos do comportamento de outros, com dimensões físicas muito sutis, é difícil que o próprio indivíduo que é reforçado por ele identifique o que fazer e quando fazer para obter tal reforçador. Dessa forma, o comportamento de quem age em função de receber afeto é persistente, resultado de reforçamento intermitente.</p> <p>2. Skinner aponta que muitas vezes é fácil esquecer a origem dos reforçadores generalizados, como podemos ver em expressões como “necessidade de afeto ou atenção”, como se isso fosse uma condição primária de privação. Entretanto, reforçadores como o afeto dificilmente foram selecionados pela evolução, mesmo porque a forma da estimulação depende das idiosincrasias de cada grupo (o que parece ser determinado culturalmente então). Mesmo que o afeto tenha relação principalmente sexual, o que</p>

	indica uma condição que independe da história do indivíduo (por ser filogenético), os “sinais de afeto” que se relacionam com o contato sexual dificilmente se tornam reforçadores por razões genéticas. Além disso, eventualmente, os reforçadores generalizados podem se tornar efetivos mesmo quando não são seguidos dos reforçadores primários. O afeto nem sempre é seguido por um reforçador sexual mais explícito, o que pode ter relação com o nosso “esquecimento” das origens dos reforçadores generalizados e por acharmos que o próprio afeto pode ser um reforçador primário.
Principais contribuições	O artigo apresenta diversas definições e características do contato sexual. Além disso, traz contribuições definindo também o afeto, o que pode ser parte da sexualidade, assim como o contato sexual.

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (2005). Deprivation and satiation. In B. F. Skinner, <i>Science and human behavior</i> (pp. 141-159). Cambridge: B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1953)
Definição de sexualidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Sexual satiation appears to be the result of the mere exercise of sexual behavior as well as of the special consequence known as the orgasm” (p. 142). 2. “Dryness of the throat does not vary continuously with a tendency to drink through the entire range of deprivation. Any comparable stimulation under sexual deprivation is poorly correlated with the probability of sexual behavior” (p. 145). 3. “Operations which have a similar effect [of the deprivation] are put to practical use . . . when sexual behavior is intensified by the administration of certain hormones or aphrodisiacs” (p. 146). 4. “Satiation is put to practical use when . . . legalized prostitution is recommended on the ground that it reduces the probability of sexual behavior in members of the population who might, if unsatiated, otherwise attack innocent women. . . . An effect comparable to satiation is obtained when a drug is administered to reduce the probability of sexual behavior” (p. 147).
Comentários	<ol style="list-style-type: none"> 1. O comportamento sexual aqui parece ser definido como o próprio ato sexual, o qual quando combinado com a consequência do orgasmo, resulta na saciação sexual. 2. Parece que qualquer estimulação sob privação sexual tem pouco a ver com a probabilidade de ocorrência do comportamento sexual. Skinner está aqui explicando como o “drive” não é um estímulo, ou seja, não aumenta a probabilidade do comportamento. 3. Hormônios ou afrodisíacos parecem ter um efeito similar ao da privação, o que faz com que o comportamento sexual se intensifique. 4. Assim como no caso da privação, a saciação pode ser usada na prática em casos como na legalização da prostituição a fim de reduzir o ataque a mulheres inocentes por indivíduos não saciados; efeito semelhante pode ser observado no uso de drogas pra diminuir o comportamento sexual.
Definição de outros conceitos relacionados	-
Tese Tradicional	<ol style="list-style-type: none"> 1. As vezes, o termo “drive” é utilizado para substituir termos como “querer” ou “necessitar”. Ele não precisa ser mental ou fisiológico. Há diversas maneiras de alterar a probabilidade de um indivíduo comer, por exemplo, assim como um único tipo de privação pode fortalecer diversos comportamentos. Utilizar o termo “drive” é melhor porque consegue abranger todas essas relações. 2. A privação afeta um organismo por criar um estímulo.
Crítica	<ol style="list-style-type: none"> 1. A simplicidade do conceito de “drive” é apenas aparente, assim como de

	<p>“necessitar” ou de “querer”. Não há nenhum termo que consiga eliminar uma diversidade de dados. “Drive” não pode responder perguntas experimentais.</p> <p>2. A estimulação de uma privação não está correlacionada com a probabilidade de um indivíduo se comportar.</p>		
Tese Alternativa	<p>1. “We cannot control the behavior of an organism by directly changing its hunger, its thirst, or its sex drive. In order to change these states indirectly, we must deal with the relevant variables of deprivation and satiation and must face all the complexity of these operations” (p. 144).</p> <p>2. A estimulação de uma privação é característica de apenas uma parte do alcance que a probabilidade de responder pode variar continuamente. Por exemplo, nós geralmente comemos sem precisar chegarmos à condição de privação que gera dores do estômago, assim como continuamos comendo mesmo quando essas dores são cessadas. Qualquer estimulação comparável em relação à privação sexual é pobremente correlacionada com a probabilidade do comportamento sexual. Em qualquer caso, um “drive” não pode ser um estímulo.</p>		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
	X	X	X
Aspectos filogenéticos relevantes	<p>1. “We cannot control the behavior of an organism by directly changing its hunger, its thirst, or its sex drive. In order to change these states indirectly, we must deal with the relevant variables of deprivation and satiation and must face all the complexity of these operations” (p. 144).</p> <p>2. Some questions concerning drive: “How many drives are there? Is the maternal drive stronger than sex or hunger? Will satiating such a drive as hunger partially reduce a drive like sex? Can all drives be reduced to sex? Questions of this sort are more easily answered when restated in terms of deprivation and satiation” (p. 148).</p> <p>3. “In Chapter V we saw that an event could be a positive reinforcer even though it did not reduce a level of deprivation. There is a related point to be made here: behavior which is strengthened through deprivation need not reduce that deprivation. The Freudian process of <i>sublimation</i> raises this issue. Through either stimulus or response induction an operation which strengthens a response also strengthens other responses having similar properties or the same response upon similar occasions. Deprivation is an example of such an operation. Thus a childless couple may ‘sublimate’ their parental behavior by treating a pet dog as a child. The artist ‘sublimates’ sexual behavior in working on pictures or models of the human body. If we believe that behavior always takes place ‘for good reason’ – that is, because of some conceivable biological advantage – many instances of this sort seem puzzling. But a response strengthened through induction may very well have no effect upon the deprivation, even though the response from which it borrows its strength does have such an effect. In many examples of sublimation the behavior itself is automatically satiating” (p. 153).</p>		
Aspectos ontogenéticos relevantes	<p>4. “Are drives interrelated? There is another area in which it is advantageous to deal with the processes of satiation and deprivation rather than with any drive. Efforts have been made to reduce all motivation to one primary drive. Freud, for example, emphasized sex. The contention that a given activity is ‘essentially sexual in nature’ may be translated in either of two ways depending upon whether we emphasize the dependent or the independent variable. To say that artistic and musical activities ‘express sexual impulses’ may mean that characteristic behavior in this field <i>resembles</i> sexual behavior in topography. The sculptor modeling a human figure is behaving to some extent as he would behave toward a human body; certain temporal aspects of musical behavior resemble the temporal pattern of sexual behavior. This is simply induction from one stimulus to another or from one response to another on the basis of similarity. But it is often difficult to decide whether two situations or two actions are similar</p>		
Aspectos culturais relevantes			

	<p>enough to warrant such an explanation. Often we have to infer the importance of a point of similarity from its effect upon behavior. On the other hand the issue may be expressed in a question of this form: does the probability of an act which is asserted to be sexual in nature change with sex deprivation or satiation? If so, it may be regarded as sexual even though it is not topographically similar to obviously sexual behavior” (pp. 152-153).</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. “Which drive is strongest? Is the maternal drive stronger than sex? Is sex stronger than hunger? We might answer questions of this sort by bringing some arbitrarily chosen response under the control of different deprivations (by reinforcing it in different ways) and then observing the maximal frequency under extreme values of each. How does the rate at which an extremely hungry male rat emits a response which is reinforced with food on a given schedule compare with the rate of the same rat under extreme sexual deprivation when the response has been reinforced on the same schedule with access to a receptive female? But there is little point in comparing deprivations unless situations arise naturally in which the relative magnitudes of their effects are important. By depriving an organism of both food and sexual contact, we can observe which behavior emerges when appropriate stimuli are presented together. These conditions are not easily satisfied, however. Many organisms suffering severe water deprivation cannot eat dry food; when we limit the ingestion of water, therefore, we create an effect similar to that of satiation with food. In the same way, sexual behavior is weakened when an organism is severely deprived of food for a long time” (p. 154). 6. “When the behavior is possible at all times, it shows a periodicity . . . A similar periodicity is seen when an interchange with the environment is not restricted – as in eating, drinking, or behaving sexually under conditions of unlimited opportunity. When the period can be established, we may use time as an independent variable in predicting behavior” (p. 155). 7. “Individual differences may be great; we cannot predict accurately when an individual will engage in a certain kind of sexual behavior by establishing the average age of onset in a population. Usually, therefore, practical problems of this kind are not solved by appeal to schedules of maturation. Certain instructional procedures are most effective when a child is ready for them, but in planning an educational program for young children chronological age may be of little value in determining readiness. The presence or absence of the relevant behavior may have to be determined by direct observation of each child” (p. 156).
<p>Contribuições de outros textos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. [depois de uma citação do Skinner da página 143-144]. “Em suma, o conceito de <i>drive</i> ou motivação teria surgido para explicar uma complexidade observada na relação entre diferentes operações ambientais com um mesmo efeito e a covariação de várias respostas como função de uma mesma operação . . . Neste contexto, o conceito de <i>drive</i> é apresentado como útil apenas se contribuir também para a tarefa de avaliar e/ou alterar a probabilidade de que uma determinada resposta ocorra em um determinado momento. Para isto, a atenção deveria estar voltada diretamente para a relação entre a mudança na probabilidade de respostas e as operações das quais ela é função” (REFERÊNCIA, p. 62). 2. “Assim, apesar das peculiaridades na forma de organização/expressão de suas ideias e das mudanças terminológicas que podem ser observadas, Skinner (1953) basicamente reafirma vários dos pontos que já haviam sido destacados em <i>The behavior of organisms</i> (1938), quando trata dos <i>drives</i> e da motivação, especificamente como (a) uma relação entre (b) um determinado grupo de variáveis e (c) várias respostas que covariam” (p. 63). 3. “Já em <i>Science and human Behavior</i> (1953), não há qualquer referência a um estado intermediário e <i>drive</i> sempre é tratado como um termo geral utilizado para se referir aos efeitos das operações de privação e saciação e de outras variáveis ambientais que tenham efeitos semelhantes a elas. Por

	<p>vezes, Skinner parece até mesmo evitar o termo <i>drive</i>, fazendo referência direta às duas principais operações que definem o campo: privação e saciação” (pp. 63-64).</p> <p>4. “Dentro desta perspectiva, portanto, ‘uma crença comum é que a privação afeta o organismo a partir da criação de um estímulo’ (p. 144). E embora esta interpretação possa parecer à primeira vista consistente com a de uma ciência do comportamento (ao buscar identificar relações entre estímulos e respostas), ela é, segundo Skinner (1953), uma extensão excessiva da noção de estímulo e um retorno a um modelo internalista de explicação” (p. 64).</p> <p>5. “Skinner parece, então, sugerir um cuidado especial com a utilização do termo: o <i>drive</i> não é apenas uma mudança na força da resposta, mas uma mudança em função de certas operações específicas como privação e saciação (história de ingestão)” (p. 65).</p> <p>6. “Ao discutir o papel das variáveis motivacionais (mais especificamente, privação e saciação), Skinner (1953) coloca que, apesar da privação afetar a frequência de respostas que resultam do reforçamento, ‘a magnitude reforçadora do alimento pode não depender do grau desta privação’ (p. 68). Skinner, portanto, reafirma a importância das variáveis relacionadas ao <i>drive</i> na descrição adequada dos efeitos do reforço, mas – diferentemente do que havia apresentado em <i>The behavior of organisms</i> (1938) – passa a atribuir apenas um efeito a elas: uma modificação momentânea na frequência daquelas respostas que foram selecionadas pelo reforço. O <i>drive</i> não estabelece o efeito selecionador do reforço” (pp. 68-69).</p> <p>7. [depois de uma citação do Skinner (1953) página 83]. “Nessa passagem, a explicação para o efeito reforçador dos estímulos parece baseada exclusivamente na história da espécie. Água, alimento e sexo, por exemplo, são eventos que, por ‘estarem conectados ao bem-estar do organismo’, adquiriram função reforçadora na história de evolução da espécie. São, portanto, reforçadores que, por causa de sua importância biológica, estão sempre potencialmente estabelecidos (independentemente de qualquer outra condição para exercerem tal função)” (p. 70).</p> <p>8. [depois de uma citação de Skinner (1953) página 150]. “Nesta passagem, Skinner explicitamente estabelece outra delimitação do <i>drive</i>: as únicas variáveis que compõem o campo da motivação são aquelas operações associadas aos reforçadores primários . . . Não se pode falar em <i>drives</i> associados aos reforçadores condicionados, porque nenhuma variabilidade nas respostas mantidas por estes reforçadores estaria relacionada a qualquer operação especial de privação ou saciação” (p. 74).</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (2005). “Self-control”. In B. F. Skinner, <i>Science and human behavior</i> (pp. 227-241). Cambridge: B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1953)
Definição de sexualidade	Sexual Behavior, pelo uso do termo nos trechos, parece estar sendo utilizado no sentido de ato sexual.
Definição de outros conceitos relacionados	-
Tese Tradicional	<ol style="list-style-type: none"> 1. A autoprivação no campo do sexo tem consequências valiosas em campos distantemente relacionados – por exemplo, pode encorajar conquistas literárias ou artísticas. 2. O autocontrole é um exemplo importante de responsabilidade pessoal – como algo interior determinante.
Crítica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Possivelmente a evidência é fraca. 2. A concepção tradicional do que está acontecendo quando um indivíduo se autocontrola nunca teve sucesso como um dispositivo educacional; é de pouca ajuda dizer a alguém para usar a sua força de vontade ou seu autocontrole.

Tese Alternativa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Skinner afirma que se o efeito não ocorre, não temos o que explicar. 2. Aparentemente, a sociedade é responsável pela maior parte do comportamento de autocontrole. Se isso está correto, sobra pouco controle final ao indivíduo. O autocontrole e a autodeterminação também são comportamentos, e são explicados por outras variáveis do ambiente e história do indivíduo. São essas variáveis que provém o controle final. Uma análise que apela para as variáveis externas torna a aceção de um agente interno originador e determinador desnecessária; uma análise alternativa do comportamento de controle pode tornar possível o ensino de técnicas relevantes tão facilmente quanto qualquer outro repertório técnico, bem como melhorar os procedimentos pelos quais a sociedade mantém o comportamento de autocontrole. 		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
		X	X
Aspectos ontogenéticos relevantes	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Heavy exercise is often recommended in the control of sexual behavior on the assumption that exercise has enough in common with sexual behavior to produce a sort of transferred satiation. (The effect is presumed to be due to topographical overlap rather than seer exhaustion)” (p. 235). 2. “Self-deprivation in the field of sex has been asserted to have valuable consequences in distantly related fields – for example, in encouraging literary or artistic achievements. Possibly the evidence is weak; if the effect does not occur, we have so much the less to explain” (p. 235). 3. “We use drugs which simulate the effect of other variables in self-control. . . Appetizers and aphrodisiacs are sometimes used in the belief that they duplicate the effects of deprivation in the fields of hunger and sex, respectively. Other drugs are used for the opposite effects” (p. 237). 		
Comentários	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aqui Skinner está explicando que outra técnica de controle é pela privação ou saciação e, no exemplo dado, aparentemente o exercício pesado pode ser utilizado como uma técnica de controle do comportamento sexual, já que eles têm o suficiente em comum para produzir um tipo de saciação transferida. Essa saciação não parece ser devida a mera exaustão, mas por uma sobreposição topográfica. 2. Dando um exemplo de como a auto-privação poderia ser uma técnica de controle, Skinner traz o que aparenta ser uma tese tradicional, já que afirma que a evidência é fraca: a privação de comportamento sexual poderia encorajar conquistas literárias ou artísticas. 3. Outra técnica de controle é o uso de drogas, para “autocontrolar” nosso comportamento sexual, nós utilizamos afrodisíacos na crença de que irão duplicar os efeitos da privação. Por outro lado, podemos usar outras drogas que tenham o efeito da saciação (como descrito no capítulo “<i>deprivation and satiation</i>” – lá ele explica que essas drogas podem ter efeitos similares ao da privação e saciação e aqui ele explica como isso é usado como uma técnica de controle ou autocontrole). 		
Aspectos culturais relevantes	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Non-coeducational institutions attempt to control certain kinds of sexual behavior by making the opposite sex inaccessible” (p. 232). 		
Comentários	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aqui, Skinner está explicando as técnicas de controle, sendo que uma delas é a restrição física, que pode ocorrer de diversas formas que não são baseadas em um processo comportamental. Uma das formas é retirar o indivíduo de uma situação ou até mesmo retirar a situação. Esse seria um exemplo em que as instituições não coeducacionais retirariam a situação, já que tornariam o contato dos alunos com o sexo oposto inacessível, como uma forma de controle de certos comportamentos sexuais. Esse exemplo é passível de problematização, já que Skinner está considerando que os comportamentos sexuais ocorreriam entre pessoas de sexos opostos, ou seja, só heterossexuais. Talvez dê pra fazer um paralelo com o controle exercício pelo governo e religião sobre os LGBT atualmente. 		
Principais contribuições	<p>O capítulo apresenta algumas técnicas de controle do comportamento ou do próprio comportamento, trazendo exemplos de controle do comportamento sexual: advindo de instituições não-coeducacionais ou mesmo do próprio</p>		

	indivíduo pelo uso de afrodisíacos ou outras drogas (efeito da privação e saciação). Além disso, o capítulo traz possibilidades de discussão a respeito do controle exercido pelas agências governamental e religiosa sobre o comportamento sexual dos jovens atualmente; traz também uma boa explicação do autocontrole.
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (2005). Private events in a natural science. In B. F. Skinner, <i>Science and human behavior</i> (pp. 257-282). Cambridge: B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1953)		
Definição de sexualidade	-		
Definição de outros conceitos relacionados	-		
Tese Tradicional	-		
Crítica	-		
Tese Alternativa	-		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
		X	
Aspectos ontogenéticos relevantes	1. <i>Operant seeing</i> : “Unlike conditioned seeing in the respondent pattern, such behavior is not elicited by current stimuli and does not depend upon the previous pairing of stimuli. The primary controlling variables are operant reinforcement and deprivation. . . . Similarly, it is characteristic of men under strong sexual deprivation, not only that they indulge in sexual behavior as soon as an occasion presents itself or concern themselves with the production or enjoyment of sexual art or engage in sexual self-stimulation, but that they also see sexual objects or activities in the absence of relevant stimuli. . . . A discriminative response which can be made when the appropriate stimulus is absent has certain advantages. It does not require the sometimes troublesome precurent behavior which generates an external stimulus, and it can occur when such behavior is impossible – as when we daydream of a lost love or an opportunity which is wholly out of the question. Also, the private response is not punished by society, even though the overt form may be. There are, however, certain disadvantages. Such behavior does not alter the state of deprivation. The fantasies of the . . . sexually deprived man do not alter the situation in such a way as to reduce the strength of the behavior through satiation. We often appeal to a reduction in deprivation to account for the effectiveness of a reinforcement, but, as we saw in Chapter V, the relation explains only why such stimuli are currently reinforcing in a given species. The reinforcing effect is carried by private as well as public stimuli. To one who is interested in dogs, simply seeing dogs is automatically reinforcing. The . . . sexually deprived man is reinforced by the appearance or presence of relevant objects, as well as by seeing them when they are absent. Such reinforcement is not dependent upon an actual reduction in the state of deprivation” (pp. 272-273).		
Comentários	1. Aqui, Skinner explica o ver respondente, que depende de pareamento, e o ver operante que não depende de pareamento e é primariamente controlado por reforçamento operante e privação. Basicamente o que ele diz é que homens fortemente privados sexualmente não só se engajam no comportamento sexual, na arte sexual ou na autoestimulação sexual, mas também em ver objetos ou atividades sexuais. O autor afirma que esse ver operante tem vantagens e desvantagens. As vantagens consistem no fato de que o indivíduo não precisa se engajar nos comportamentos precorrentes e que podem ocorrer quando o comportamento em si é impossibilitado; além de evitar punição social que pode ocorrer caso o comportamento seja aberto. As desvantagens consistem no fato de que esse comportamento não altera o estado de privação. O comportamento de ver objetos sexuais é reforçado,		

	mas esse reforçamento não depende de uma redução do estado de privação.
Principais contribuições	Esse capítulo não traz muitas contribuições diretas para a sexualidade, apenas o conceito de “ver operante” e como isso se aplica a um ser humano fortemente privado sexualmente. Ademais, o texto tenta explicar como uma ciência natural aborda os eventos privados, trazendo teses tradicionais e alternativas.

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (2005). <i>Psychotherapy</i> . In B. F. Skinner, <i>Science and human behavior</i> (pp. 359-383). Cambridge: B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1953)		
Definição de sexualidade	-		
Definição de outros conceitos relacionados	-		
Tese Tradicional	-		
Crítica	-		
Tese Alternativa	-		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
		X	X
Aspectos ontogenéticos relevantes	1. “Another possible explanation of masochistic self-stimulation is that the process of respondent conditioning has been effective in the wrong direction. In punishment aversive stimuli are paired with the strongly reinforcing consequences, of, say, sexual behavior. The expected result is that sexual behavior will automatically generate conditioned aversive stimuli – <i>but the aversive stimuli used in punishment may become positively reinforcing in the same process</i> ” (p. 367).		
Comentários	1. Skinner está explicando como a punição por agências controladoras ou pelo ambiente físico pode levar a auto-estimulação aversiva. Uma das explicações seria a fuga de eventos mais aversivos (como no caso de fugir dos sentimentos de culpa e pecado por meio da auto-estimulação aversiva). Outro processo seria esse em que o condicionamento respondente acaba sendo efetivo na direção errada, ou seja, quando, na punição, o estímulo aversivo é pareado com consequências reforçadoras extremas – como no caso do comportamento sexual. Dessa forma, o comportamento sexual irá gerar estimulação aversiva condicionada, podendo se tornar positivamente reforçadora no mesmo processo.		
Aspectos culturais relevantes	1. “The controlling practice which leads the individual to escape also gives rise to the emotional pattern of fear. Reflex responses in glands and smooth muscles are first elicited by the aversive stimuli used in punishment and later by any stimuli which have occurred by the same time. These responses may be accompanied by a profound change in operant behavior – an increase in the strength of any behavior which has led to escape and a general weakening of other forms. The individual shows little interest in food, sex, or practical or artistic enterprises, and in the extreme case he may be essentially ‘paralyzed by fear’. When the stimuli which have this effect are supplied by the punishing agent, the individual suffers from an excessive fear of his father, the police, God, and so on. When they arise from the occasion upon which punished behavior has occurred, the individual is afraid of such occasions. Thus if he has been punished for sexual behavior, he may become unduly afraid of anything which has to do with sex” (p. 361). 2. “The principal technique of psychotherapy is thus designed to reverse behavioral changes which have come about as the result of punishment. Very frequently this punishment has been administered by religious or governmental agencies” (p. 371).		
Comentários	1. Aqui, Skinner está explicando sobre os subprodutos do controle exercido pelas agências e como a Psicoterapia vai agir nestes (sendo também uma agência de controle). Então ele fala que um desses subprodutos é o medo e		

	<p>que este pode gerar um enfraquecimento de comportamentos que envolvem comida, sexo, etc. Quando a punição pela agência de controle acontece em alguma ocasião específica, o indivíduo sente medo nessas ocasiões (por exemplo, se for punido por comportamento sexual, ele pode passar a ter medo em qualquer ocasião que envolva sexo).</p> <p>2. Essa parte é interessante ao pensar-se a hipótese da “repressão”, em que vemos claramente o controle das agências religiosas e governamentais sobre o comportamento sexual ou a sexualidade. Acredito que lendo todos os capítulos sobre agências controladoras depois de ter bem definido a sexualidade, isso possa me ajudar em análises mais culturais mesmo sobre o tema.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (2005). Culture and control. In B. F. Skinner, <i>Science and human behavior</i> (pp. 415-425). Cambridge: B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1953)		
Definição de sexualidade	1. “What sorts of sexual behavior he engages in . . . depend in part upon the practices of the group of which he is a member” (p. 415).		
Comentários	1. Não define exatamente o termo, mas traz um dado interessante que indica a importância das práticas do grupo em relação ao comportamento sexual.		
Definição de outros conceitos relacionados	1. Cultura: “In the broadest possible sense the culture into which an individual is born is composed of all the variables affecting him which are arranged by other people. . . . It is not, however, unitary. In any large group there are no universally observed contingencies of control” (p. 419).		
Tese Tradicional	-		
Crítica	-		
Tese Alternativa	-		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
			X
Aspectos culturais relevantes	<p>1. “What a man eats and drinks and how he does so, what sorts of sexual behavior he engages in, how he builds a house or draws a picture or rows a boat, what subjects he talks about or remains silent about, what music he makes, what kinds of personal relationships he enters into and what kinds he avoids - all depend in part upon the practices of the group of which he is a member” (p. 415).</p> <p>2. “A given social environment may change extensively in the lifetime of a single individual, who is then subjected to conflicting cultures. In America, important changes have recently taken place in the techniques used to control sexual behavior. The unmarried female was formerly subjected to strict control by the ethical group and by governmental, religious, and educational agencies. Access to the world at large was forbidden or permitted only in the company of a chaperon who might use physical restraint if necessary. Stimuli leading to sexual behavior were, so far as possible, eliminated from the immediate environment. The anatomy and physiology of reproductive organs, particularly of the males, remained obscure, and any behavior which might alter this condition was severely punished. Such punishment, supplemented by other procedures, generated behavior which reflected ‘purity’ or ‘modesty’ as a form of self-control. Facts related to sexual behavior which could not be concealed were explained in fictitious ways. Incipient sexual behavior was, of course, severely punished, not only with aversive stimulation, but with such powerful conditioned punishments as disapproval, shaming, and threats of ostracism. As a result any incipient sexual behavior gave rise to aversive self-stimulation. This provided for the reinforcement of further acts of self-control and elicited emotional responses with which sexual behavior was incompatible. Such severe measures could be justified only by arguing that sexual behavior was wrong, that it was nevertheless very powerful, and that</p>		

	<p>aggressive sexual behavior on the part of the male must be met with exceptional defenses on the part of the female. There were often objectionable by-products, however. Although the control was intended to apply mainly to premarital sexual behavior, the effect commonly extended into the marital state, and the individual was prevented from enjoying sexual relations in a normal fashion. The resulting repression of sexual impulses had many of the neurotic effects outlined in Chapter XXIX - from perverted sexual activity to the behavior of the common scold. These consequences, doubtless in company with many other factors, led to a substantial change in practice. The modern version of sexual control is very different. Although there is no one clearly formulated program, it is recognized that anxiety with respect to sexual behavior is unnecessary. Instead of removing from the environment all stimuli which could possibly lead to sexual behavior, a knowledge of the anatomy and function of sex is supplied. Friendly relations with the opposite sex are more freely permitted, and severe punishment of sexual behavior is avoided in favor of instruction in the consequences of such behavior. It is possible that these techniques are not so effective as earlier measures. Sexual behavior is probably not so deeply repressed, and it is also probably commoner at the overt level. The net result may or may not be to the advantage of the individual and the group. In any case, the adolescent of today is affected by conflicting techniques which show a transition from one cultural practice to the other. In general, religious and governmental controls still follow the earlier pattern. Within the family, members of different ages frequently differ in their controlling techniques. The family as a whole may differ substantially from other groups of which the individual is a member. We cannot say that a single set of practices with respect to the control of sexual behavior is characteristic of the culture of such a person” (pp. 420-421).</p> <p>3. “His [an individual] sexual behavior will depend, not only upon the availability of members of the opposite sex, but upon the ethical control of sexual relations, upon governmental and religious restrictions, upon sex education, and so on” (p. 422).</p>
<p>Comentários</p>	<p>1. Esse trecho destaca a importância das práticas do grupo que o indivíduo é membro.</p> <p>2. Skinner está explicando como um ambiente pode mudar extensivamente durante a vida de um único indivíduo e como o indivíduo é afetado por várias culturas, não existindo uma cultura geral e única. O exemplo que o autor dá é em relação às mudanças no controle do comportamento sexual. Antigamente, as mulheres não casadas eram submetidas ao controle estrito do grupo ético e de agências de controle como o governo, religião e educação. Elas eram em geral proibidas de conhecer o mundo e, quando permitidas, o faziam apenas na presença de um acompanhante. Qualquer estimulação sexual era eliminada do ambiente imediato e todo comportamento sexual incipiente era punido, tanto com estimulação aversiva quanto com punições condicionadas fortes, como a desaprovação, vergonha etc. A anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais, principalmente masculinos, permanecia obscura e aquilo que não podia ser escondido era explicado de maneira fictícia. A pureza ou modéstia sexual era uma forma de autocontrole. Entretanto, essa forma de controle do comportamento sexual gerou subprodutos indesejáveis, como o fato de que as punições tiveram efeito também em relações maritais, nas quais os indivíduos não conseguiam então aproveitar as relações sexuais. Dessa forma, houve uma mudança nas práticas de controle: ao invés de eliminar qualquer estimulação que poderia levar a comportamento sexual do ambiente, é fornecido conhecimento sobre a anatomia e função do sexo. Relações amigáveis com o sexo oposto são mais livremente permitidas, e punições severas do comportamento sexual são evitadas em favor da instrução sobre as consequências de tal comportamento. Skinner afirma que é possível que essas técnicas não sejam tão efetivas quanto as estratégias anteriores; e que</p>

	<p>o comportamento sexual não é tão profundamente reprimido, além de ser mais comum a nível aberto. O resultado líquido pode ou não ser vantajoso para o indivíduo ou para o grupo. De toda forma, Skinner está explicando que o adolescente da época entra em contato com esse conflito de culturas, marcado pela transição de uma para outra. Em geral, as agências religiosa e governamental ainda mantêm as técnicas de controle antigas. Na família, membros de diferentes idades podem utilizar técnicas de controle diferentes. Além disso, a família como um todo se diferencia também de outros grupos dos quais o indivíduo é membro. Nós não podemos dizer que um único conjunto de práticas em relação ao controle do comportamento sexual é característico da cultura de certa pessoa.</p> <p>Vários apontamentos podem ser levantados em relação a esse trecho: quando Skinner afirma que as técnicas antigas provavelmente eram mais efetivas que as atuais, em que sentido ele está dizendo isso? A quem essa efetividade está direcionada? Há relação com a superpopulação? E com DSTs? Naquela época já tínhamos camisinha para prevenir doenças? Podemos dizer que hoje a camisinha é mais efetiva? Ou tão efetiva quanto?; ele dizer que relações amigáveis com o sexo oposto são mais livremente permitidas demonstra uma visão heteronormativa, o que faz sentido para a época; por que as punições e restrições aconteciam para com a mulher? É um questionamento que Skinner não levantou, mas que pode ser levantado por mim; parece que as agências religiosa e governamental ainda mantêm uma postura antiga em relação às técnicas de controle do comportamento sexual, o que hoje em dia entra em conflito com diversos outros grupos que defendem os direitos das pessoas LGBTs e as propostas de educação sexual; outro ponto importante é Skinner mencionar que a instrução sobre as conseqüências e anatomia do sexo já era algo que estava sendo feito naquela época, o que pode ser relacionado com as diversas propostas de educação sexual;</p> <p>3. Skinner afirma que o comportamento sexual de um indivíduo não depende somente da disponibilidade de membros do sexo oposto, mas também do controle ético das relações sexuais, das restrições do governo e da religião, da educação sexual etc. Essa afirmação demonstra novamente uma postura heteronormativa, que pode ser levada a outro nível de discussão nos dias atuais.</p>
Principais contribuições	Esse texto traz muitas contribuições para discutir o controle exercido pelas agências e até mesmo por outros ambientes sociais; além de trazer discussões importantes que podem ser levantadas em relação a gênero e homossexualidade.

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (2003). Discipline, ethical behavior, and self-control. In B. F. Skinner, <i>The technology of teaching</i> . Cambridge: B. F. Skinner foundation. (Trabalho original publicado em 1968)		
Definição de sexualidade	-		
Definição de outros conceitos relacionados	-		
Tese Tradicional	-		
Crítica	-		
Tese Alternativa	-		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
Aspectos ontogenéticos relevantes	<p>1. “No matter how good the contingencies or how light the punishment, the by-products discussed in Chapter 5 cannot all be avoided, and if we try to suppress them by punishing more severely, we only generate more severe by-products. Hence it is important to consider techniques which suppress behavior in other ways. One possibility is to eliminate the conditions which</p>		

	<p>give rise to unwanted behavior. We can avoid troublesome consequences of the punishment inherent in being wrong by constructing programs in which the student is almost always right. We can isolate the classroom to avoid the distractions of the outside world, we can make furniture too rugged to be damaged, we can build schools which have no windows to be broken, we can segregate the sexes. In other words we can construct a cloister – a world in which unwanted behavior is not likely to occur. Unfortunately, it is often a world in which wanted behavior is also lacking” (par. 9-10).</p> <p>2. “Techniques designed to change attitudes are also usually concerned with operant rather than respondent behavior. In an experimental procedure for treating homosexuality, the patient occasionally receives an electric shock while looking at pictures of people of the same sex, but is not shocked, and may even be positively reinforced, while looking at pictures of the opposite sex. The way the patient feels about the sexes changes as emotional responses are conditioned, but changes in operant behavior are the main objects of the therapy: the patient is to avoid certain kinds of relations with members of the same sex and to approach members of the opposite sex more freely” (par. 28).</p>
<p style="text-align: center;">Comentários</p>	<p>1. Skinner está dizendo então que separar os sexos pode fazer com que comportamentos desejáveis também fiquem em falta? Ou talvez que o uso da punição ainda parece melhor do que construir um ambiente onde o comportamento indesejável não seja possibilitado? Independente de qualquer uma dessas opções, só o fato de citar que segregar os sexos possa prevenir comportamentos indesejáveis já indica que há comportamentos problema em relação aos sexos opostos, o que indica mais uma vez uma postura heteronormativa do autor.</p> <p>2. Aqui Skinner parece descrever um procedimento para o tratamento da homossexualidade, o que indica o caráter patológico do fenômeno, o que é compreensível pela época em que o texto foi escrito e publicado. Skinner não parece prescrever ou dar uma opinião sobre o procedimento, além disso, não fala sobre os subprodutos que isso poderia gerar, mas ele fala sobre os subprodutos no capítulo como um todo, o que talvez possa ser ampliado para essa discussão. Parece que Skinner está dizendo que talvez o procedimento não atinja seu objetivo, já que ele parece mudar a forma como a pessoa se sente em relação ao mesmo sexo ou sexo oposto, mas não atinge o comportamento operante (que seria o objetivo da terapia).</p>

<p style="text-align: center;">Referência do capítulo</p>	<p>Skinner, B. F. (1969). The environmental solution. In B. F. Skinner, <i>Contingencies of reinforcement</i> (pp. 50-74). New York: Appleton-Century-Crofts.</p>
<p style="text-align: center;">Definição de sexualidade</p>	<p>1. Sexual behavior: “. . . much of which can be traced to contingencies of reinforcement. The conditions under which a young person is first sexually reinforced determine the extent as well as the form of later sexual activity” (p. 56).</p>
<p style="text-align: center;">Definição de outros conceitos relacionados</p>	<p style="text-align: center;">-</p>
<p style="text-align: center;">Tese Tradicional</p>	<p>1. Solução sibarítica ao problema do conflito entre a suscetibilidade ao reforço e o planejamento da cultura (superpopulação, por exemplo). Consiste em maximizar o reforço enquanto as consequências desastrosas ou são desconsideradas (vamos morrer logo, então vamos aproveitar) ou evitadas. No caso do reforçamento sexual, a solução sibarítica seria o aderir a relações sexuais irresponsáveis ou à prevenção das consequências por meio de contracepção ou de formas não-procriativas da sexualidade (homossexualidade?) (isso significa que skinner é contra o uso de anticoncepcionais ou do comportamento sexual que não reproduz?). Essa solução não é difícil de aderir, segundo Skinner, pois nela o ser humano</p>

	<p>estaria exposto a um estilo de vida onde os reforços primários seriam abundantes.</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Solução puritana ao problema do conflito entre a suscetibilidade ao reforço e o planejamento da cultura. Aqui o reforçamento é contrabalanceado pela punição. Gula, luxúria e violência são classificados como ruins ou errados; ilegais; pecaminosos; ou desajustados (e punidos pelas respectivas autoridades: grupo ético, governo, religião, terapeutas). 3. Solução de mudança corporal para resolver o problema do conflito entre a suscetibilidade ao reforço e o planejamento da cultura. Atualizar o corpo de forma que os efeitos reforçadores sejam adequados às necessidades de sobrevivência atuais. No caso do reforçamento sexual, isso parece ter sido feito por meio de drogas – efetivas ou não – em instituições penais e forças armadas; mesmo sem muita demanda, essas drogas poderiam ter seus usos e se tornarem muito populares (skinner defende o uso dessas drogas?). Outra forma utilizada é o jejum feito por algumas religiões com o propósito de enfraquecer o comportamento sexual, que pode ser explicado por gerar mudanças químicas no corpo. 4. Estado interno, “drive”, ou necessidade interna como causa de comportamentos: tradicionalmente, não dizemos, por exemplo, que uma criança tem uma necessidade básica de tocar piano; isso é facilmente atribuído à história de reforçamento. Entretanto, quando se trata de comida, sexo e violência, é dito que há necessidades internas ou “drives” que controlam o comportamento de “comer muito” ou o comportamento sexual, por exemplo. Tradicionalmente, a solução para esses problemas seria controlar essas necessidades internas que são causa dos comportamentos. 		
Crítica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Essa forma de solucionar os problemas da humanidade é ou perigosamente irresponsável ou deliberadamente não produtiva e desperdiçada/imoral. A saciação pode liberar o ser humano para o comportamento produtivo, mas em uma condição relativamente não produtiva. 2. A solução puritana nunca é fácil de ser vendida, e nem sempre obtém sucesso. A punição não cancela meramente o reforçamento; ela leva a uma luta de autocontrole que pode ser violenta e consumir tempo. Mesmo que a punição suprima os comportamentos não desejados e as energias sejam redirecionadas para a ciência, artes etc. (questão a que devemos retornar), ela sempre terá subprodutos indesejáveis e nós devemos explorar outras formas de gerar os comportamentos aceitáveis que lhe são atribuídos. 3. Skinner parafraseia La Rochefoucauld ao dizer que nós não devemos dar crédito ao um homem por ser tranquilo se suas inclinações agressivas forem suprimidas por um tranquilizante. Um problema dessa solução é que medidas desse tipo não são específicas e provavelmente debilitam efeitos reforçadores desejáveis. 4. Ao nos concentrarmos em formas de mudar as necessidades ou “drives”, nós negligenciamos a solução para o problema comportamental. 		
Tese Alternativa	<ol style="list-style-type: none"> 1. 2. 3. Solução sugerida pela análise experimental do comportamento: pode-se lidar com os problemas gerados por um reforçador poderoso simplesmente mudando as contingências de reforçamento. Pode-se planejar um ambiente no qual os reforçadores que geralmente gerariam comportamentos indesejáveis simplesmente não o façam. 4. O que precisa ser controlado para evitar as consequências problemáticas do reforçamento é o comportamento reforçado. Não é um estado interno que apresenta um problema, mas sim o comportamento excessivo. Assim, o comportamento pode ser enfraquecido ao se garantir que não será reforçado. Exemplo: não é um “sex drive” ou uma sexualidade que traz consequências problemáticas, mas sim o comportamento sexual em si mesmo, muito do qual pode ser explicado pelas contingências de reforçamento. As condições nas quais um jovem foi primeiramente reforçado sexualmente determinam a extensão e a forma da sua atividade sexual posterior. 		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
	X	X	X

Aspectos filogenéticos relevantes	- susceptibilidade ao reforçamento por comida, sexo e agressão.
Aspectos ontogenéticos relevantes	<ol style="list-style-type: none"> <li data-bbox="534 275 1412 728">1. “In a few hundred generations, highly beneficial characteristics of the human body have become troublesome. One of these is the extent to which human behavior is strengthened by certain kinds of reinforcing consequences. . . . A similar process of selection presumably explains the reinforcing power of sexual contact. At a time when the human race was periodically decimated by pestilence, famine, and war and steadily attenuated by endemic ills and an unsanitary and dangerous environment, it was important that procreative behavior should be maximized. Those for whom sexual reinforcement was most powerful should have most quickly achieved copulation and should have continued to copulate most frequently. The breeders selected by sexual competition must have been not only the most powerful and skillful members of the species but those for whom sexual contact was most reinforcing. In a safer environment the same susceptibility leads to serious overpopulation with its attendant ills” (pp. 50-51). <li data-bbox="534 728 1412 884">2. “Similarly, it is not some ‘sexuality’ or ‘sex drive’ which has troublesome consequences but sexual behavior itself, much of which can be traced to contingencies of reinforcement. The conditions under which a young person is first sexually reinforced determine the extent as well as the form of later sexual activity” (pp. 55-56). <li data-bbox="534 884 1412 1769">3. Making contingencies less effective: “The problem raised by man’s extraordinary sensitivity to reinforcement by food, sexual contact, and aggressive damage cannot be solved . . . simply by removing these things from the environment. It would be impossible to change the world that much, and in any case the reinforcers serve useful functions (one important function is simply to encourage support for a culture. A way of life in which food, sex, and aggression were kept to a bare minimum would not strongly reinforce those who adopted it nor discourage defections from it). The problem is not to eliminate reinforcers but to moderate their effects. Several possible methods are suggested by recent work in the experimental analysis of behavior. The mere frequency with which a reinforcer occurs is much less important than the contingencies of which it is a part. We can minimize some unwanted consequences by preventing the discovery of reinforcing effects. . . In any case, the processes which make things reinforcing need to be closely strutinized. . . . The excessive consummation which leads to overweight, overpopulation, and war is only one result of man’s sensitivity to reinforcement. Another, often equally troublesome, is an exhausting preoccupation with behavior which is only infrequently consummated. A single reinforcement may generate and maintain a great deal of behavior when it comes at the end of a sequence or chain of responses. . . Problems of this sort can be solved simply by breaking up the conditions under which long chains are formed. . . . Another kind of exhausting preoccupation is due to intermittent reinforcement. A single form of response is repeated again and again, often at a very high rate, even though only infrequently reinforced. . . The ratio schedule of sexual reinforcement is automatically stretched by satiation. . . Unwanted consequences are averted in all such cases by breaking up the programs through which infrequent reinforcement comes to sustain large quantities of behavior” (pp. 58-61). (isso seria uma tese tradicional pra skinner?) <li data-bbox="534 1769 1412 2013">4. Arranging useful contingencies: “We can use the same procedures in the more familiar direction, however, in another solution to our problem. Reinforcers can be made contingent on productive behavior to which they were not originally related. . . . Marriage is often described as a system in which unlimited sexual contact with a selected partner is contingent on nonsexual behavior useful to the culture – such as supporting and managing a household and family and, following St. Paul’s famous principle, forsaking sexual activity elsewhere. . . Homosexual reinforcement was

	<p>explicit in Greek education, however, and a sadistic or masochistic violence has supported corporal punishment and competitive arrangements among students down to modern times. Economic transactions characteristically involve food, sex, and aggression since money as a generalized reinforcer derives much of its power when exchanged for them. . . . A solution to our problem in which food, sex, and aggression are made contingent on useful forms of behavior to which they are not naturally related has much to recommend it. It should be acceptable to the sybarite because he will not lack reinforcement. It should also assuage the puritan, not only because objectionable consequences which seem to call for punishment have been attenuated but because a man must work for the reinforcers he receives. It should not require any change in human behavior through chemical, surgical, or even genetic means, since a natural sensitivity to reinforcement is now useful rather than troublesome. The solution has not yet been satisfactorily worked out, however. The contingencies of positive reinforcement arranged by governmental and religious agencies are primitive, and the agencies continue to lean heavily on the puritanical solution. . . In short, as we have seen, the most powerful forces bearing on human behavior are not being effectively used. The concept of drive or need is particularly at fault. We neglect contingencies of reinforcement because we seek solutions to our problems in the satisfaction of needs. . . This desperate move to preserve the concept of need is unnecessary because a much more interesting and fruitful design is possible. . . The trouble with both affluent and welfare societies is that reinforcers are not contingent on behavior. Men who are not reinforced for doing anything do little or nothing. . . Only when we stop using reinforcers to allay needs can we begin to use them to ‘fulfill man’s nature’ in a much more important sense” (pp. 61-64).</p> <p>5. “The greedy or lustful man is not suffering from deprivation (we do not call a starving man greedy); he is suffering from a particularly effective schedule of reinforcement. Don Giovanni is a classical example. Although an inherited or pathological condition may make a person ‘oversexed’, a Don Giovanni is more likely to be the product of a particularly effective schedule. A moderate susceptibility to sexual reinforcement should be enough to make every attractive girl the occasion for attempted seduction if early successes are favorably programmed. An effective variable-ratio schedule should maintain the behavior at a high level even in a person who is sexually below normal, in which case it might be tempting to argue that the above-normal behavior shows ‘compensation’” (p. 66).</p>
<p>Comentários</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aqui, Skinner está explicando como o ambiente em que o ser humano vive tem mudado, mais rápido até que o próprio ser humano. Então ele explica que em uma época em que a peste, a fome, doenças e etc. ameaçavam a espécie humana, a sensibilidade ao reforçamento por contato sexual era uma característica vantajosa e provavelmente foi selecionada, gerando assim indivíduos com alto reforçamento por contato sexual; entretanto, em um ambiente mais seguro (que parece ser o atual), essa suscetibilidade decorre na superpopulação e nos problemas que vem com ela. 2. Skinner afirma que não é a sexualidade ou o instinto sexual que produz consequências problemáticas (i.e., superpopulação), mas sim o comportamento sexual em si mesmo. Tal comportamento pode, em sua maioria, ser atribuído às contingências de reforçamento. As condições sob as quais um jovem foi primeiramente reforçado sexualmente determinam a extensão e a forma de sua atividade sexual posterior. 3. Nesse tópico, Skinner traz algumas soluções que vem sendo sugeridas pela análise experimental do comportamento para o problema levantado pela extraordinária sensibilidade ao reforçamento por comida, contato sexual e agressão. Ele afirma que não podemos resolver simplesmente eliminando tais reforçadores do ambiente, até porque eles possuem algumas funções úteis. A solução seria então moderar os efeitos de tais reforçadores. Isso

	<p>poderia ser feito, primeiramente, por meio da prevenção da descoberta dos efeitos reforçadores. Para isso, os processos que tornam coisas reforçadoras precisariam ser rigorosamente examinados. Um ponto importante levantado pelo autor é que a excessiva consumação que leva ao sobrepeso, à superpopulação e à guerra, é apenas um dos resultados da sensibilidade ao reforçamento. Outro resultado, igualmente problemático, é a exaustiva preocupação com comportamentos que são raramente executados: um único reforçamento pode gerar e manter um comportamento quando ele acontece no final de uma cadeia de respostas; problemas dessa natureza podem ser resolvidos simplesmente por meio da quebra das condições sob as quais longas cadeias são formadas. Outra preocupação surge em relação ao reforçamento intermitente. Uma única resposta pode ser repetida várias vezes, em alta frequência, mesmo que não seja frequentemente reforçada (o esquema de razão do reforçamento sexual é automaticamente estendido pela saciação); uma solução para esses problemas seria a quebra dos programas nos quais o reforço pouco frequente sustenta grandes quantidades de comportamentos.</p> <p>4. Arranjar contingências úteis parece ser a tese alternativa de Skinner. Ele afirma que os reforçadores podem se tornar contingentes a comportamentos produtivos aos quais eles não eram originalmente relacionados. O casamento parece ser um exemplo de como isso já é feito: ele frequentemente é descrito como um sistema no qual o contato sexual ilimitado com um parceiro é contingente a outros comportamentos que trazem benefícios à cultura, como sustentar e administrar a casa e a família, bem como abandonar a atividade sexual em outros lugares. Outro exemplo que o autor traz é o do reforçamento homossexual na educação grega, mas não traz maiores explicações sobre isso (uma pesquisa rápida na internet me informou que na Grécia Antiga, a pederastia – relações sexuais entre homens de idades diferentes – era uma prática na qual um homem mais velho tinha como função ensinar o mais novo). Além disso, as transações econômicas geralmente envolvem comida, sexo e agressão, já que o dinheiro, como reforçador generalizado, é frequentemente trocado por tais reforçadores. Skinner afirma que a solução de tornar a comida, o sexo e a agressão contingentes a comportamentos úteis aos quais eles não eram naturalmente relacionados pode ser bem aceita pelos que defendiam as soluções tradicionais. Entretanto, essa solução não está sendo colocada em prática efetivamente. As agências religiosa e governamental ainda arranjam contingências primitivas de reforçamento positivo e continuam aderindo à solução puritana (pela punição). Além disso, os conceitos de necessidade e “drive” acabam atrapalhando, já que acabamos negligenciando as contingências de reforçamento procurando soluções para os nossos problemas na satisfação de necessidades. O discurso da sociedade atual é que precisamos saciar nossas necessidades, mas o problema é que os reforçadores não são contingentes aos comportamentos, e isso nos leva a ação nenhuma. Somente quando pararmos de usar reforçadores para aliviar nossas necessidades é que poderemos usá-los para ‘satisfazer a natureza humana’ em um sentido muito mais importante.</p> <p>5. Skinner está nesse trecho rebatendo a tese das necessidades. Ele constata que o exemplo de Don Giovanni é clássico. Mesmo considerando que possam ter características herdadas ou patológicas em uma pessoa ‘supersexuada’, o caso de Don Giovanni parece estar mais relacionado a um esquema de reforçamento bastante efetivo. Basta uma baixa ou moderada susceptibilidade ao reforçamento por contato sexual que um esquema de razão variável pode manter o comportamento de sedução em alta frequência, indicando assim uma sobreposição das contingências de reforçamento em relação às contingências filogenéticas.</p>
<p>Aspectos culturais relevantes</p>	<p>1. “Such discrepancies between man’s sensitivity to reinforcement and the contribution which the reinforced behaviors make to his current welfare raise an important problem in the design of a culture. How are we to keep</p>

	from overeating, from overpopulating the world, and from destroying each other? How can we make sure that these properties of the human organism, once necessary for survival, shall not now prove lethal?" (p. 51).
Comentários	1. Skinner parece estar descrevendo um conflito entre aspectos filogenéticos (sensibilidade ao reforçamento) e culturais (o planejamento de uma cultura), se questionando como poderemos, por exemplo, evitar a superpopulação do mundo; como garantir que essas propriedades do organismo humano que já foram necessárias à sobrevivência não se tornem letais?
Principais contribuições	Esse capítulo traz muitas contribuições em relação à suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual, que parece ter sido selecionada em algum momento na nossa espécie e que agora gera problemas para a sociedade (superpopulação). Skinner tenta ao longo do capítulo sugerir soluções para esses problemas e enfatiza que tal reforçador (contato sexual) pode se tornar contingente a comportamentos produtivos aos quais ele não era naturalmente relacionado. Um exemplo disso é o casamento (mantém o reforçador sexual em uma relação restrita contingente a outros comportamentos como sustentar uma família e não procurar sexo em outros lugares). Além disso, Skinner enfatiza a importância das contingências de reforçamento e dos esquemas de razão variável na manutenção de certos comportamentos, o que parece sobrepor até mesmo a suscetibilidade filogenética.

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (1969). The phylogeny and ontogeny of behavior. In B. F. Skinner, <i>Contingencies of reinforcement</i> (pp. 172-220). New York: Appleton-Century-Crofts.		
Definição de sexualidade	-		
Definição de outros conceitos relacionados	1. Agressão e afeto: "Aggression might be defined as behavior which affects other organisms either phylogenically as a threat to their survival or ontogenically as a negative reinforcer. Both effects have opposites: behavior may promote the survival of others and positively reinforce them. . . .The phylogenic opposite of aggression has survival value with respect to a different object: survival is furthered by aggression toward competitors and by affection toward members of the same species. Maternal care, foraging for and protecting a mate or mates, and sexual behavior are examples of the latter . . . It has often been pointed out that love is close to hatred and that affection and aggression seem to be combined in certain forms of sadistic behavior. This has nothing to do with the essence of love or hatred or with anything in common in the accompanying feelings. It is the consequences which are close to one another and only then because both kinds of effects may be mediated by one person. Affectionate behavior, particularly when built up by intermittent reinforcement, may have strong aversive consequences which in turn evoke aggressive behavior toward the object of affection" (pp. 212- 213).		
Comentários	1. Aqui, o comportamento sexual parece ser tratado como uma forma de afeto, que é definida por promover a sobrevivência de outros ou por reforçar outros positivamente. Dessa forma, pode se interpretar que o comportamento sexual tem como consequência a sobrevivência de outros e é um reforçador positivo para o outro?		
Tese Tradicional	-		
Crítica	-		
Tese Alternativa	-		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
	X	X	X
Aspectos filogenéticos relevantes	1. "The provenance of 'first habit' has an important place in theories of the evolution of behavior. A given response is in a sense strengthened by consequences which have to do with the survival of the individual and the species. A given form of behavior leads not to reinforcement but to		

	<p>procreation. (Sheer reproductive activity does not, of course, always contribute to the survival of a species, as the problems of overpopulation remind us. A few well-fed breeders presumably enjoy an advantage over a larger but impoverished population. The advantage may also be selective. It has recently been suggested (169) that some forms of behavior such as the defense of a territory have an important effect in restricting breeding)" (pp. 174-175).</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. "Behavior is behavior whether learned or unlearned; it is only the controlling variables which make a difference. The difference is not always important. . . . Nevertheless, the distinction is important if we are to undertake to predict or control the behavior. Implications for humans affairs have often affected the design of research and conclusions drawn from it. A classical example concerns the practice of exogamy. Popper (114) writes: 'Mill and his psychologistic school of sociology . . . would try to explain [rules of exogamy] by an appeal to 'human nature', for instance to some sort of instinctive aversion against incest (developed perhaps through natural selection . . .); and something like this would also be the naïve or popular explanation. [From Marx's] point of view . . . however, one could ask whether it is not the other way round, that is to say, whether the apparent instinct is not rather a product of education, the effect rather than the cause of the social rules and traditions demanding exogamy and forbidding incest. It is clear that these two approaches correspond exactly to the very ancient problem whether social laws are 'natural' or 'conventions'...'. Much earlier, in his <i>Supplement to the Voyage of Bougainville</i>, Diderot (40) considered the question of whether there is a natural basis for sexual modesty or shame (pudeur). Though he was writing nearly a hundred years before Darwin, he pointed to a possible basis for natural selection. "The pleasures of love are followed by a weakness which puts one at the mercy of one's enemies. That is the only natural thing about modesty; the rest is convention." Those who are preoccupied with sex are exposed to attack (indeed, may be stimulating attack); hence, those who engage in sexual behavior under cover are more likely to breed successfully. Here are phylogenic contingencies which either make sexual behavior under cover stronger than sexual behavior in the open or reinforce the taking of cover when sexual behavior is strong. Ontogenic contingencies through which organisms seek cover to avoid disturbances during sexual activities are also plausible". (pp. 188-189). 3. "To deal successfully with any specific aggressive act we must respect its provenance. (Emotional responses, the bodily changes we feel when we are aggressive, like sexual modesty or aversion to incest, may conceivably be the same whether of phylogenic or ontogenic origin; the importance of the distinction is not thereby reduced)." (pp. 195-196). 4. "A similar variation in the strength of sexual behavior (in most mammals, though not in man) is more obviously of phylogenic origin. In a great many species the male is active sexually only when the behavior is likely to lead to procreation. The bitch in heat emit odors which greatly strengthen sexual behavior in the male dog, and she then cooperates in copulation. It might be argued that this shows a contemporary purpose, as implied in drive-reduction theories: sexual behavior is strong because it leads to fertilization. A plausible connection, however is to be found in the phylogenic contingencies: under normal contingencies of survival a constantly active sexual behavior when ovulation is not frequent would displace behavior important for survival in other ways. Man appears to be one of a few species which can afford sexual behavior unrelated to ovulation" (p. 206). 5. "<i>Phylogenic aggression</i>. . . . What evolved was not only efficient teeth and claws but the reflexes and released behaviors in which they played a part. Classical examples with obvious survival value include the aggression of carnivores toward their prey, sexual competition between male and male (the aggression of male against female – in rape – is said to be confined to
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	the human species). . . .Effective damage to a sexual competitor becomes reinforcing (if it has not been made so by phylogenic contingencies) when it is followed by unchallenged sexual reinforcement. (pp. 209-210).
Comentários	<p>2. Muito boa essa discussão sobre se a exogamia é filogeneticamente determinada; não parece haver uma conclusão sobre isso. A respeito da modéstia sexual: pode ser que tenha um aspecto filogenético nisso que envolve não estar exposto ao ataque do inimigo na hora do contato sexual, então se engajar em comportamento sexual em lugares fechados, não em público, parece ser mais favorável à procriação. Entretanto, Skinner argumenta que contingências ontogenéticas também podem ser possíveis explicações para esse comportamento.</p> <p>5. Parece então que a agressão macho-fêmea é determinada culturalmente</p>
Aspectos ontogenéticos relevantes	<p>1. “As we have seen, a schedule of sexual reinforcement may be naturally ‘stretched’ as the amount of behavior required for reinforcement increases with satiation and, on a different time scale, with age” (p. 201).</p> <p>2. “A behavioral mutation is not simply a new form of response; the probability that it will be emitted is as important as its topography. A given topography of sexual behavior may be relevant to survival, but so is the probability that it will be displayed. Any susceptibility to reinforcement, positive or negative, has also presumably evolved by degrees rather than by saltatory changes. If the behavior reinforced by sexual contact has survival value, an increase in the power of the reinforcer should have survival value” (p. 203).</p> <p>3. “The young boy discovering masturbation by himself may seem to be recalling a rhythmic topography exhibited by his ancestors (contributing perhaps to the topography of music and the dance); but the topography may be shaped simply by the reinforcing effects of certain contacts and movements, the capacity to be thus reinforced being possibly all that is inherited” (p. 206).</p>
Aspectos culturais relevantes	<p>1. “To take an important current problem as an example – the population of the world can presumably be kept within bounds without famine, pestilence, or war only if cultural practices associated with procreation can be changed with the aid of education, medicine, and law. It is also possible that man shows or will show when seriously overcrowded a population-limiting instinct, as certain other species appear to do. The question is not whether human procreative behavior is primarily instinctive or learned, or whether the behavior of other species is relevant, but whether the behavior can be controlled through accessible variables” (p. 199).</p> <p>2. “If a culture punishes incestuous behavior, then any move made toward sexual contact with a close relative will presumably generate conditioned responses which are felt as anxiety. Phylogenic contingencies may induce a man to stay away from incestuous contacts either by providing an innate topography from which such contacts are missing, or by imparting a capacity to be automatically punished by them (when they give rise to an ‘instinctive abhorrence’). If incestuous contacts are automatically punishing for phylogenic reasons, we may look for a difference in the feeling associated with the avoidance of conditioned and unconditioned aversive stimuli. If the feelings differ, we should be able to decide whether incest is a taboo resulting from an instinctive abhorrence or an abhorrence resulting from a taboo” (p. 207).</p>
Principais contribuições	O capítulo traz muitas contribuições importantes principalmente a respeito de variáveis filogenéticas e da relação delas com a ontogênese.

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (1976). A technology of behavior. In B. F. Skinner, <i>Beyond freedom and dignity</i> (pp. 9-30) Harmondsworth: Penguin Books. (Trabalho original publicado em 1971)
Definição de sexualidade	-

Definição de outros conceitos relacionados	-						
Tese Tradicional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Uso da ciência e da tecnologia para solucionar os terríveis problemas do mundo atual; exemplo: para conter uma explosão populacional nós procuramos por novos métodos de controle da natalidade. 2. “We are told that to control the number of people in the world we need to change <i>attitudes</i> toward children, overcome <i>pride</i> in size of family or in sexual potency, build some <i>sense of responsibility</i> towards offspring, and reduce the role played by a large family in allaying <i>concern</i> for old age” (p. 15). 3. Eventos físicos como explicação para eventos não-físicos; exemplo: a punição (física) que uma criança recebe quando se engaja em toques sexuais produz sentimentos de ansiedade (não-físicos) que interferem no seu comportamento sexual (físico) quando adulto. 						
Crítica	<ol style="list-style-type: none"> 1. As coisas ficam cada vez piores, saneamento e medicina tornaram os problemas de população cada vez mais agudos; a aplicação da física e da biologia sozinhas não irão resolver nossos problemas porque as soluções se encontram em outro campo. Contraceptivos melhores só irão controlar a população se as pessoas os usarem. 2. “Almost no one questions it. Yet there is nothing like it in modern physics or most of biology, and that fact may well explain why a science and a technology of behavior have been so long delayed” (p. 16). 						
Tese Alternativa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Uma tecnologia do comportamento: nós poderíamos solucionar nossos problemas rapidamente se pudéssemos ajustar o crescimento do mundo assim como ajustamos o curso de uma nave espacial. 2. Uma tecnologia do comportamento: alterar as contingências de reforçamento. 3. Relação entre organismo e ambiente: nós podemos negligenciar qualquer estado mental mediacional e partir direto para a relação entre o organismo e o ambiente. Exemplo: a punição do comportamento sexual muda o comportamento sexual, e qualquer sentimento que possa surgir é, na melhor das hipóteses, um subproduto. 						
Nível de seleção	<table border="1"> <thead> <tr> <th>Filogenético</th> <th>Ontogenético</th> <th>Cultural</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Filogenético	Ontogenético	Cultural			
Filogenético	Ontogenético	Cultural					
Principais contribuições	O capítulo traz muitas informações sobre a importância de uma tecnologia do comportamento, no qual Skinner crítica as versões tradicionais do “homem autônomo”, do “homem interior”, da liberdade e dignidade e recorre à ciência comportamental como alternativa a essas visões. Na análise eu busquei colocar apenas as contribuições para a sexualidade, entretanto, se achar válido, posso voltar no capítulo para embasar algumas discussões.						

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (1976). Punishment. In B. F. Skinner, <i>Beyond freedom and dignity</i> (pp. 63-83) Harmondsworth: Penguin Books. (Trabalho original publicado em 1971)
Definição de sexualidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sex play 2. Heterosexual behavior 3. Vicarious sexual behavior 4. Objectionable forms of sexual behavior 5. Unwanted homosexuality 6. Sexual reinforcement
Definição de outros conceitos relacionados	-
Tese Tradicional	1. Evitar a punição para outros indivíduos ao tornar o comportamento punível impossível de ocorrer ou ao administrar circunstâncias em que ele pode

	<p>ocorrer sem ser punido (e. g., segregar os sexos para evitar comportamento heterossexual ou sugerir casamento ou pornografia para reduzir comportamento sexual censurável).</p> <p>2. Noção de bondade e liberdade: o indivíduo é livre para ser bom quando tem a possibilidade de agir de forma boa ou ruim (e. g., quando casas de prostituição se mantêm abertas, o indivíduo pode escolher não ir e por isso será visto como um ser bom).</p> <p>3. Noção de responsabilidade: um indivíduo é responsável por suas atitudes ruins, mas o ambiente é responsável pelas coisas boas que ele faz ou vice versa. A responsabilidade precisa estar em algum lugar.</p>		
Crítica	<p>1. Tais estratégias são incompatíveis entre si e podem gerar consequências não previstas (e. g., comportamento homossexual indesejável).</p> <p>2. Impossibilitar o comportamento ou torna-lo aversivo de alguma forma produz os mesmos efeitos, e os conceitos de liberdade ou bondade não são explicação para o comportamento.</p> <p>3. O conceito de responsabilidade é de pouca ajuda. Se não responsabilizamos um indivíduo por ter um pé torto (i.e., um fator genético), devemos responsabilizá-lo por seu comportamento sexual (i.e., que também pode ser genético pela alta suscetibilidade ao reforçamento sexual)?</p>		
Tese Alternativa	<p>2. O fato de as pessoas não poderem fazer algo ou não fazerem tem a ver com as técnicas de controle, e não com a liberdade ou a bondade.</p> <p>3. O fato está relacionado ao controle. Não devemos mudar a responsabilidade do indivíduo autônomo e sim as condições, ambientais ou genéticas, das quais o comportamento do indivíduo é função.</p>		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
	X	X	X
Aspectos filogenéticos relevantes	<p>1. “Individuals presumably differ, as species differs . . . in the extent to which they engage in sexual behavior or are affected by sexual reinforcement” (p. 77).</p>		
Aspectos ontogenéticos relevantes	<p>1. “Punishment is designed to remove awkward, dangerous or otherwise unwanted behavior from a repertoire on the assumption that a person who has been punished is less likely to behave in the same way again. Unfortunately the matter is not that simple. Reward and punishment do not differ merely in the direction of the changes they induce. A child who has been severely punished for sex play is not necessarily less inclined to continue. . . Punished behavior is likely to reappear after the punitive contingencies are withdrawn. What seem to be the intended effects of punishment can often be explained in other ways. For example, punishment may generate incompatible emotions. A boy who has been severely punished for sex play may no longer be, as we might say, in the mood to continue, and fleeing to escape from a punisher is incompatible with attacking him. Future occasions for sex play . . . may evoke similar incompatible behavior through conditioning. Whether the effect is felt as shame, guilt, or a sense of sin depends upon whether the punishment is administered by parent or peer, by a government, or by a church, respectively” (pp. 64-65).</p>		
Comentários	<p>1. Skinner explica que punição e recompensa não se diferenciam somente na direção das mudanças que produzem. Um comportamento que foi punido pode voltar a ocorrer depois que as contingências punitivas forem retiradas. Por exemplo, um garoto que foi severamente punido por “brincar sexualmente” não está necessariamente menos inclinado a fazê-lo. Além disso, a punição pode gerar emoções incompatíveis; por exemplo, o garoto severamente punido por “brincar sexualmente” pode não estar no clima de continuar, e fugir do punidor é incompatível com querer ataca-lo. Futuras ocasiões para a emissão desse comportamento podem gerar comportamentos incompatíveis semelhantes por condicionamento. Se o efeito vai ser sentido como vergonha, culpa ou um senso de pecado vai depender de quem administra a punição (um pai ou parceiro, o governo ou a igreja, respectivamente).</p>		

<p style="text-align: center;">Aspectos culturais relevantes</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Punishable behavior can be minimized by creating circumstances in which it is not likely to occur. . . Heterosexual behavior is impossible when the sexes are segregated, and the vicarious sexual behavior evoked by pornography is impossible in the absence of pornographic material. . . . Another technique is to arrange circumstances under which behavior may occur without being punished. Saint Paul recommended marriage as a means of reducing objectionable forms of sexual behavior, and pornography has been recommended for the same reasons. . . . If all these fails, punishable behavior may be made less likely by changing physiological conditions. Hormones may be used to change sexual behavior. . . . Measures of this sort are no doubt often inconsistent with each other and may have unforeseen consequences. It proved to be impossible to control the supply of alcohol during prohibition, and segregation of the sexes may lead to unwanted homosexuality” (pp. 67-68). 2. “It is one thing to . . . close houses of prostitution. It is another thing to make all these things aversive, as by punishing the behavior they evoke, by calling them temptations contrived by the devil . . . or describing the venereal diseases acquired from prostitutes. The effect may be the same: people may not . . . go to prostitutes, but the fact that they <i>cannot</i> do so in one environment and <i>do not</i> do so in the other is a fact about techniques of control, not about goodness or freedom. In one environment the reasons for behaving well are clear; in another they are easily overlooked and forgotten” (p. 73). 3. “Individuals presumably differ, as species differs . . . in the extent to which they engage in sexual behavior or are affected by sexual reinforcement. Are they, therefore, equally responsible for controlling their . . . sexual behavior, and is it fair to punish them to the same extent? If we do not punish a person for a club foot, should we punish him for being . . . highly susceptible to sexual reinforcement? The issue has recently been raised by the possibility that many criminals show an anomaly in their chromosomes. The concept of responsibility offers little help. The issue is controllability. . . What must be changed is not the responsibility of autonomous man but the conditions, environmental or genetic, of which a person’s behavior is a function” (pp. 77-78). 4. “The genetic sources of human behaviour are particularly useful in exoneration. If some races are less intelligent than others, the teacher cannot be blamed if he does not teach them as well. If some men are born criminals, the law will always be broken no matter how perfect the enforcing agency. If men make war because they are by nature aggressive, we need not be ashamed of our failure to keep the peace. A concern for exoneration is indicated by the fact that we are more likely to appeal to genetic endowment to explain undesirable results than positive accomplishments. Those who are currently interested in doing something about human behaviour cannot be given credit for, or blamed for, consequences which can be traced to genetic sources; if they have any responsibility, it is to the future of the species. The practice of attributing behaviour to genetic endowment - of the species as a whole or of some subdivision like a race or family - may affect breeding practices and eventually other ways of changing that endowment, and the contemporary individual may in a sense be held responsible for the consequences if he acts or fails to act, but the consequences are remote and raise a different kind of problem, to which we shall eventually turn” (p. 80).
<p style="text-align: center;">Comentários</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nesse trecho, Skinner está descrevendo que um efeito da condição aversiva da punição é que o indivíduo passa a se comportar para evita-la. Ele descreve então diversas formas, efetivas e não efetivas que uma pessoa utiliza ou pode utilizar para evitar punição. Logo após, ele diz que isso também pode ser administrado por outras pessoas (e aqui infiro que por agências de controle). Aqui, eu citei apenas aquelas em que ele traz exemplos relacionados à sexualidade. Uma delas seria minimizar o

	<p>comportamento punível ao se criar circunstâncias nas quais ele não seria passível de ocorrer; por exemplo, ao segregar os sexos, evitando assim o comportamento heterossexual; ou tornar o comportamento sexual vicário evocado pela pornografia impossível com a retirada de materiais pornográficos. Outra possibilidade de evitar os comportamentos puníveis seria arranjar circunstâncias nas quais o comportamento pode ocorrer sem ser punido. Como exemplo, Skinner cita o casamento e a própria pornografia como forma de reduzir o comportamento sexual censurável. Uma última alternativa, caso qualquer uma dessas falhe, seria alterar o comportamento por meio de mudanças fisiológicas; um exemplo seria o uso de hormônios para alterar o comportamento sexual. Por fim, Skinner critica todas essas formas de controle dos comportamentos puníveis ao afirmar que elas são sem dúvidas incompatíveis entre si e que podem gerar consequências não previstas. Um exemplo dessas consequências seria a indução a comportamentos homossexuais indesejáveis no caso de segregação dos sexos.</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Skinner critica as noções tradicionais de liberdade e bondade, afirmando que geralmente as pessoas são vistas como boas quando o controle exercido pela punição é mascarado. Nesse exemplo, ele cita John Stuart Mill, quando tal afirma que a bondade só pode ser vista quando uma pessoa é livre para se comportar de forma boa ou ruim e assim, por exemplo, as casas de prostituição deveriam continuar existindo para que a pessoa exercesse sua liberdade e bondade por meio do autocontrole. A crítica de Skinner recorre ao fato de que fechar as casas de prostituição ou tornar isso aversivo por meio da descrição das doenças venéreas que as prostitutas podem passar produzem o mesmo efeito: pessoas não irão às casas de prostituição. Entretanto, o fato de não poderem ir ou não irem tem a ver com as técnicas de controle e não com a bondade ou liberdade; no primeiro caso, as razões para o comportamento são bem claras, mas no segundo geralmente são negligenciadas ou esquecidas. 3. Skinner aqui está criticando a noção de responsabilidade. Ele descreve como ela é vista em âmbito legal, por exemplo, quando a responsabilidade de um indivíduo é diminuída ao ser considerada a criação dele. Um jovem que vive em ambiente hostil, por exemplo, acaba sendo menos punido por roubar ou cometer um crime. Já em relação a aspectos genéticos o conceito de responsabilidade é fraco. Ninguém é culpado por ser feio ou daltônico, mas outros aspectos genéticos menos notáveis geram problemas. Skinner afirma que os indivíduos se diferenciam em relação à extensão em que se engajam em comportamento sexual ou são suscetíveis a reforçamento sexual. Eles seriam responsáveis então por seu comportamento sexual? Seria justo puni-los na mesma extensão? Seria justo punir alguém por ser altamente suscetível a reforçamento sexual? Skinner afirma que aqui o conceito de responsabilidade é de pouca ajuda, o que está em questão é o controle. O que deve ser mudado não é a responsabilidade do homem autônomo, mas as condições, ambientais ou genéticas, das quais o comportamento de um indivíduo é função. 4. Essa citação, mesmo não tendo relação direta com a sexualidade, pode ser relacionada às discussões atuais sobre o “gene homossexual” e como as pessoas recorrem a explicações genéticas para tirar a responsabilidade do indivíduo ou da criação.
<p>Principais contribuições</p>	<p>Skinner parece tratar o comportamento sexual aqui sempre como algo a ser punido, mesmo quando questiona se o indivíduo deve ser responsabilizado por seu comportamento sexual se ele pode ter sido geneticamente selecionado. Além disso, Skinner aponta que segregar os sexos pode produzir comportamento homossexual indesejável, entretanto, não fica claro se essa é a posição do autor ou se ele está apenas descrevendo o que as agências esperam em relação ao controle do comportamento sexual. Skinner deixa clara sua posição contra o uso da punição nesse capítulo, mas ainda não traz uma alternativa a essa estratégia de controle. Além disso, uma citação importante</p>

	sobre como as pessoas costumam recorrer a causas genéticas para explicar maus comportamentos pode auxiliar na discussão a respeito do que tem sido dito atualmente sobre a homossexualidade.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (1976). The design of a culture. In B. F. Skinner, <i>Beyond freedom and dignity</i> (pp. 143-179) Harmondsworth: Penguin Books. (Trabalho original publicado em 1971)		
Definição de sexualidade	-		
Definição de outros conceitos relacionados	-		
Tese Tradicional	1. O lazer é a epítome da liberdade.		
Crítica	1. As espécies foram preparadas para curtos períodos de lazer, mas o efeito é bem diferente quando não há nada pra fazer por longos períodos.		
Tese Alternativa	1. O lazer é uma condição para a qual a espécie humana tem sido mal preparada. Quando fortes reforçadores não são mais efetivos, os inferiores assumem o controle. O reforçamento sexual, por exemplo, assume um lugar proeminente no lazer.		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
	X		X
Aspectos filogenéticos relevantes	1. “Survival value changes as conditions change. For example, a strong susceptibility to reinforcement by . . . sexual contact . . . was once extremely important. . . When famine and pestilence frequently decimated the population, it was important that men should breed at every opportunity, but with improved sanitation, medicine, and agriculture, the susceptibility to sexual reinforcement now means overpopulation. . . It is one of the functions of a culture to correct for these innate dispositions through the design of techniques of control, and particularly of self-control, which moderate the effects of reinforcement” (pp. 172-173).		
Aspectos culturais relevantes	1. “There is nothing to be done about completely unpredictable difficulties, but we may foresee some trouble by extrapolating current trends. It may be enough simply to observe a steady increase in the number of people on the earth. . . ; we may then change practices to induce people to have fewer children. . . A culture is presumably stronger if it induces its members . . . to maintain a population density appropriate to its resources and space” (pp. 149-150). 2. “A sensitive test of the extent to which a culture promotes its own future is its treatment of leisure. Some people have enough power to force or induce others to work for them in such a way that they themselves have little to do. . . Leisure is the epitome of freedom. The species is prepared for short periods of leisure. . . But the result is very different when there is nothing to do for long periods of time. . . Leisure is a condition for which the human species has been badly prepared, because until very recently it was enjoyed by only a few, who contributed very little to the gene pool. . . . When stronger reinforcers are no longer effective, lesser reinforcers take over. Sexual reinforcement survives affluence or welfare because it is concerned with the survival of the species rather than the individual, and the achievement of sexual reinforcement is not a thing one delegates to others. Sexual behavior, therefore, takes a prominent place in leisure” (pp. 174-175).		

Referência do capítulo ou artigo	Skinner, B. F. (1987). Selection by consequences. In B. F. Skinner, <i>Upon further reflection</i> (pp. 51-64). Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
Definição de sexualidade	-

Definição de outros conceitos relacionados	-		
Tese Tradicional	-		
Crítica	-		
Tese Alternativa	-		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
		X	X
Aspectos ontogenéticos relevantes	1. “Since a species which quickly acquires behavior appropriate to a given environment has less need for an innate repertoire, operant conditioning could not only supplement the natural selection of behavior, it could replace it. There were advantages favoring such a change. . . when sexual behavior is simply a product of natural selection, sexual contact does not need to be, and presumably is not, a reinforcer. But when, through the evolution of special susceptibilities . . . sexual contact become reinforcing, new forms of behavior can be set up . . . new ways of behaving sexually or of behaving in ways which lead only eventually to sexual reinforcement can be shaped and maintained. The behavior so conditioned is not necessarily adaptive; . . . sexual behavior strengthened which is not related to procreation” (pp. 52-53).		
Comentários	1. Skinner explica que o condicionamento operante pode suplementar ou até mesmo substituir a seleção natural. Quando o comportamento sexual é somente produto de seleção natural, o contato sexual provavelmente não será um reforçador. Mas quando, pela evolução de algumas susceptibilidades especiais, o contato sexual se torna reforçador, novas formas de se comportar sexualmente ou de se comportar de forma a obter reforçamento sexual podem ser modeladas e mantidas. Tal comportamento não é necessariamente adaptativo: comportamento sexual não relacionado à procriação é reforçado.		
Aspectos culturais relevantes	1. “Many issues which arise in morals and ethics can be resolved by specifying the level of selection. What is good for the individual or culture may have bad consequences for the species, as when sexual reinforcement leads to overpopulation . . . ; what is good for the species or culture may be bad for the individual, as when practices designed to control procreation . . . restrict individual freedom . . . There is nothing inconsistent or contradictory about these uses of ‘good’ or ‘bad’, or about other value judgments, so long as the level of selection is specified” (p. 60).		
Comentários	1. Skinner afirma que muitos dos problemas morais e éticos podem ser resolvidos ao se especificar o nível de seleção. O que é bom para um indivíduo ou para a cultura pode ter consequências ruins para a espécie, como, por exemplo, quando o reforçamento sexual leva à superpopulação. Da mesma forma, o que é bom para a espécie ou para a cultura pode ser ruim para o indivíduo, como quando práticas planejadas de controle da procriação restringem a liberdade individual. Segundo o autor, não há nada inconsistente ou contraditório quanto aos usos do “bom” ou “ruim”, ou de outros julgamentos de valor, contanto que o nível de seleção seja especificado.		

Referência do capítulo	Skinner, B. F. (1989). The place of feeling in the analysis of behavior. In B. F. Skinner, <i>Recent issues in the Analysis of Behavior</i> (pp. 3-12). Columbus: Merrill Publishing Company.
Definição de sexualidade	Não traz, mas traz uma definição de amor (como um sentimento) que pode estar relacionada à sexualidade. “A critic has said that, for a behaviorist, ‘I love you’ means ‘you reinforce me’. Good behaviorists would say, ‘you reinforce my behavior’ rather than ‘you

	reinforce me’, because it is behavior, not the behaving person, that is being reinforced in the sense of being strengthened; but they would say much more. There is no doubt a reinforcing element in loving. Everything lovers do that brings them closer together or keeps them from being separated is reinforced by those consequences, and that is why they spend as much time together as they can. We describe the private effect of a reinforcer when we say that it ‘pleases us’ or ‘makes us feel good’, and in that sense, ‘I love you’ means ‘you please me or make me feel good’. But the contingencies responsible for what is felt must be analyzed further” (p. 5).		
Definição de outros conceitos relacionados	<ol style="list-style-type: none"> 1. Eros: “<i>Eros</i> is usually taken to mean sexual love, in part no doubt because the word <i>erotic</i> is derived from it. It is that part of making love that is due to natural selection; 2. Philia: “<i>Philia</i> refers to a different kind of reinforcing consequence and, hence, a different state to be felt and called love. The root <i>phil</i> appears in words like <i>philosophy</i> (love of wisdom) and <i>philately</i> (love of postage stamps), but other things are loved in that way when the root word is not used” (pp. 5-6). <p>“It is sometimes hard to distinguish between <i>eros</i> and <i>philia</i>. Those who ‘love Brahms’ may report that they play or listen to his works almost erotically, and courtship and lovemaking are sometimes practiced as forms of art” (p. 6).</p> 3. “<i>Agape</i> comes from a word meaning to welcome or, as a dictionary puts it, ‘receive gladly’. By showing that we are pleased when another person join us, we reinforce joining. The direction of reinforcement is reversed. It is not our behavior but the behavior of those we love that is reinforced. The principle effect is on the group. By showing that we are pleased by what other people do, we reinforce the doing and thus strengthen the group” (p. 6). 		
Comentários	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nessa descrição de Skinner do amor <i>eros</i>, este parece estar relacionado ao contato sexual, o qual tem como traço evolutivo a suscetibilidade ao reforçamento. Essa parece não ser tão forte em algumas espécies, que mantém o caráter genético nas relações sexuais, mas parece ser bastante modificada por condicionamento operante nos seres humanos, que possuem diversas formas de “fazer amor”. Skinner também aponta que <i>eros</i> pode ser modificado pela cultura, o que acaba criando intersecções tanto com o amor <i>philia</i> e o amor <i>ágape</i>. 		
Tese Tradicional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sobre sentimentos: tese do behaviorismo metodológico – ciência deve restringir-se a eventos observáveis e veracidade de um fato depende da concordância, portanto os sentimentos ficam de fora da ciência. 2. Por séculos, tem sido dito que nós nos comportamos de determinadas formas por causa de nossos sentimentos. 		
Crítica	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Como as pessoas se sentem é frequentemente tão importante quanto o que elas fazem” (p. 13 – tradução). 2. O que é sentido não é uma causa inicial ou iniciadora. 		
Tese Alternativa	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Sentimento é um tipo de ação sensorial, assim como ver e ouvir”; “o que sentimos é uma condição do nosso corpo” (p. 14 – tradução). 2. Nós choramos e nos sentimos tristes porque alguma coisa aconteceu. Os eventos responsáveis pelo que nós fazemos (e também pelo que sentimos) residem no passado possivelmente distante. 		
Comentário	O amor aqui é tratado como um sentimento, sendo <i>eros</i> o amor sexual que é selecionado prioritariamente pela seleção natural, podendo ser modificado pelo condicionamento operante. Dessa forma, sendo <i>eros</i> um tipo de amor, e sendo amor um sentimento, ele é definido como qualquer outro sentimento e que nesse caso possui reforçadores, já que pode ser classificado como algo bom ou que gera prazer.		
Nível de seleção	Filogenético	Ontogenético	Cultural
	X	x	x

<p>Aspectos filogenéticos relevantes</p>	<p>1. “<i>Eros</i> is usually taken to mean sexual love, in part no doubt because the word <i>erotic</i> is derived from it. It is that part of making love that is due to natural selection; we share it with other species. (many forms of parental love are also due to natural selection and are also examples of <i>eros</i>. To call mother love erotic is not to call it sexual). Erotic lovemaking may also be modified by operant conditioning, but a genetic connection survives, because the susceptibility to reinforcement by sexual contact is an evolved trait. (variations which have made individuals more susceptible have increased their sexual activity and hence their contribution to the future of the species). In most other species the genetic tendency is the stronger. Courtship rituals and modes of copulation vary little from individual to individual and are usually related to optimal times of conception and seasons for the bearing of offspring. In <i>homo sapiens</i> sexual reinforcement predominates and yields a much greater frequency and variety of lovemaking” (p. 5).</p>
<p>Aspectos ontogenéticos relevantes</p>	<p>1. “Erotic lovemaking may also be modified by operant conditioning. . . In <i>homo sapiens</i> sexual reinforcement predominates and yields a much greater frequency and variety of lovemaking” (p. 5).</p>
<p>Aspectos culturais relevantes</p>	<p>1. “If we can say that <i>eros</i> is primarily a matter of natural selection and <i>philia</i> of operant conditioning, then <i>agape</i> represents a third process of selection – cultural evolution” (p. 6). 2. “The direction of reinforcement is also reversed in <i>eros</i> if the manner in which we make love is affected by signs that our lover is pleased. . . A reversed direction of reinforcement must be explained, especially when it calls for sacrifice. We may act to please a lover because our own pleasure is then increased, but why should we do so when it is not? . . . The primary reinforcing consequences of <i>agape</i> are, in fact, artificial. They are contrived by our culture and contrived, moreover, just because the kind of thing we then do has helped the culture solve its problems and survive” (pp. 6-7).</p>
<p>Principais contribuições</p>	<p>Esse capítulo traz fortes contribuições quando se trata da relação entre sexualidade e amor – quais os sentimentos envolvidos na sexualidade? Definição de <i>eros</i>, <i>philia</i> e <i>ágape</i> trazem informações importantes sobre as variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais envolvidas no amor, seja ele o sexual (filogenético), ou o que é selecionado pela ontogênese e cultura.</p>

APÊNDICE C - Tabelas de sistematização dos textos fundamentais com menos de cinco ocorrências do radical *sex*

Caracterização do comportamento sexual	
<p>XIII. <i>Conclusion.</i></p> <p>“The term <i>system</i> when applied to behavior frequently oscillates between two fairly distinct meanings. On the one hand it may refer to a systematic compilation or classification of data by some person or school, often with the use of a special terminology. The opinion is commonly expressed, perhaps with some justification, that we have had enough systems of this sort. Without the check provided by the consideration of dynamic properties a purely topographical description may be carried out in many different ways, and investigators may therefore emerge with different systems in this sense. On topographical grounds alone there may be no way of obtaining agreement. For example, a large part of the behavior of an organism may appropriately be called sexual if it bears the proper hall-mark according to some scheme of classification. There is nothing to prevent anyone from making such a classification if only the features of the behavior are taken into account, nor from making another classification in which the term ‘sexual’ would be given a much more limited or conflicting application. Disagreements among systems of this sort are largely verbal” (Skinner, 1938, p. 434)</p>	<p>Parece que Skinner está criticando as classificações, em que tradicionalmente as pessoas classificam um comportamento pela sua topografia, e aí então poderiam chamar uma grande parte do comportamento de um organismo de sexual. Mas parece que só com a descrição topográfica é difícil de chegar a um acordo.</p>
<p>Reforçadores são eventos que, quando apresentados após a emissão de uma ação, aumentam a probabilidade de ações do mesmo tipo ocorrerem novamente no futuro (Skinner, 1953/2005). Reforçadores primários são eventos que se tornaram reforçadores por adquirir importância na <i>seleção natural</i>. Segundo Skinner (1953/2005), “nós dificilmente podemos ignorar o grande significado biológico dos reforçadores primários. Comida, água, e <i>contato sexual</i> [ênfase adicionada], assim como escapar de condições prejudiciais, estão obviamente conectados com o bem-estar do organismo” (p. 83). Essa importância biológica dos reforçadores primários acabou, tradicionalmente, levando à ideia de que os reforçadores reforçam porque reduzem um estado de privação. Segundo Skinner (1953/2005), o estado de privação pode ser importante para o condicionamento, contudo, o reforçamento nem sempre reduz a privação; tudo o que se pode afirmar é que o tipo de evento que reduz a privação também é reforçador.</p> <p>Desse modo, entendendo o contato sexual como um reforçador primário, o mesmo possui uma importância biológica óbvia e, pelo processo de seleção natural, está ligado ao bem-estar do organismo. Entretanto, o contato sexual também se torna importante na ontogênese por meio dos reforçadores condicionados:</p> <p>Os reforçadores condicionados são frequentemente o produto de contingências naturais. Geralmente, alimento e água são recebidos apenas depois de o organismo ter se engajado em um comportamento “precorrente” – depois de ter operado no ambiente para criar a oportunidade de comer ou de beber. Os estímulos gerados por esse comportamento precorrente, portanto, se tornam reforçadores. Assim, antes que possamos transferir alimento do prato à boca com sucesso, precisamos chegar perto do prato, e qualquer comportamento que nos leve em sua direção é automaticamente reforçado. O comportamento precorrente é, portanto, sustentado em força. Isso é importante, já que apenas uma pequena parte do comportamento é imediatamente reforçada com alimento, água, <i>contato sexual</i> [ênfase adicionada], ou outros eventos de importância biológica óbvia. Apesar de ser característico do comportamento humano que reforçadores primários podem ser efetivos após um longo atraso, isso ocorre, presumivelmente, porque eventos intervenientes tornam-se reforçadores condicionados. (Skinner, 1953/2005, p. 76)</p> <p>Estendendo a explicação dada acima para o contato sexual, pode-se dizer que um indivíduo, antes de produzir tal reforçador, se engaja em comportamentos precorrentes e as consequências geradas por eles se tornam reforçadores condicionados. Uma analogia possível em relação ao exemplo do alimento seria dizer que, antes de produzir o reforçador denominado contato sexual, o indivíduo pode se engajar, por exemplo, no comportamento</p>	

de ir a uma festa, e as consequências de tal comportamento podem se tornar reforçadores condicionados.

Skinner (1953/2005) ressalta a importância da ontogênese e dos reforçadores condicionados ao afirmar que, em alguns casos, é *quase impossível* identificar a gênese de um reforçador, ou seja, é difícil rastrear o condicionamento entre reforçador primário e reforçador condicionado:

Um bebê é reforçado, não somente por comida, mas também pelo toque de um sino ou pelo brilho de um objeto. O comportamento que é consistentemente seguido por tais estímulos mostra uma probabilidade aumentada. É difícil, se não impossível, rastrear esses efeitos reforçadores a uma história de condicionamento. (p. 83)

Como alternativa a essa busca pela gênese dos reforçadores, Skinner (1953/2005) assume ser plausível argumentar que “uma capacidade para ser reforçado por qualquer estímulo do ambiente seria biologicamente vantajosa, já que prepararia o indivíduo para manipular o ambiente efetivamente antes que um dado estado de privação pudesse se desenvolver” (p. 83). Assim, não parece ser útil buscar pela gênese de todo e qualquer reforçador condicionado, pois, em alguns casos, basta saber que o mesmo possui função reforçadora, independentemente de sua relação com os reforçadores primários (e.g., alimento, água, contato sexual).

Entretanto, mesmo que a relação direta entre o reforçador primário e o reforçador condicionado se perca, é importante saber identificar o que evoluiu pela sobrevivência da espécie e o que faz parte de uma história de condicionamento. Esse problema surge em relação aos reforçadores generalizados, que são definidos como reforçadores condicionados pareados com mais de um reforçador primário (e.g., atenção, afeto, dinheiro) (Skinner, 1953/2005).

Tradicionalmente, é comum dizer que os seres humanos têm uma “necessidade de atenção”, de afeto ou até mesmo um “amor por dinheiro”, como se fossem condições primárias de privação (Skinner, 1953/2005). Contudo, o autor afirma que tais reforçadores vigoram na sociedade humana há tão pouco tempo que dificilmente foram selecionados pelo processo de evolução da espécie. Além disso, “eles não representam formas fixas de estimulação, já que eles dependem das idiosincrasias de grupos particulares” (p. 80), o que indica também uma influência da cultura em relação a esses reforçadores.

Entre os reforçadores generalizados, o afeto merece uma atenção especial por estar diretamente relacionado à sexualidade. Conforme afirmou Skinner (1953/2005): “um reforçador generalizado ainda mais forte é o afeto. Ele pode estar *especialmente relacionado ao contato sexual* [ênfase adicionada] como reforçador primário, mas quando alguém que mostra afeto também fornece outros tipos de reforçadores, o efeito é generalizado” (p. 79). Dessa forma, o afeto parece ter uma relação especial com o contato sexual, porém, tem também suas particularidades como um reforçador generalizado:

Na medida em que o afeto é principalmente sexual, pode ser relacionado com uma condição primária de privação que é, até certo ponto, independente da história pessoal do indivíduo, mas os “sinais de afeto” que se tornaram reforçadores por sua associação com o contato sexual ou com outros reforçadores dificilmente poderiam ser reforçadores por razões genéticas. (Skinner, 1953/2005, p. 80)

Sendo assim, os denominados “sinais de afeto” se tornariam reforçadores a partir da história do indivíduo e de cada grupo em particular. Outra característica do afeto como reforçador generalizado é que é difícil defini-lo, observá-lo e medi-lo, o que faz com que o indivíduo que se comporta em função dele não consiga identificar claramente o que fazer para obtê-lo. Segundo Skinner (1953/2005), a atenção, a aprovação e o *afeto* “não são coisas, mas aspectos do comportamento de outros. Suas dimensões físicas sutis apresentam dificuldades não só para o cientista que precisa estudá-los, mas também para o indivíduo que é reforçado por eles” (p. 79), fazendo com que tais indivíduos apresentem um comportamento persistente que é resultado de reforçamento intermitente.

Por fim, uma última característica dos reforçadores generalizados é que, eventualmente, estes podem ser efetivos, mesmo que, por um longo período de tempo, não sejam acompanhados pelos reforçadores primários dos quais se originaram. Dessa forma, um indivíduo pode continuar se comportando em função de receber dinheiro, por exemplo, ainda que este não seja mais seguido por reforçadores primários (e.g., alimento ou contato sexual). Da mesma maneira, “o afeto nem sempre é seguido por um reforçamento sexual mais explícito” (Skinner, 1953/2005, p. 81), e ainda assim pode continuar sendo efetivo como reforçador.

Além disso, uma explicação comportamental do processo de *sublimação* demonstra uma forte relação entre a privação e a história ontogenética. Skinner (1953/2005) afirma que: “um comportamento que é fortalecido por meio da privação não precisa reduzir tal privação” (p. 153). Isso acontece porque uma operação (e.g., privação) que exerce influência sobre a força de uma resposta também o faz com respostas semelhantes, ou com a mesma resposta em ocasiões parecidas (Skinner, 1953/2005). Dessa forma: “o artista ‘sublima’ o comportamento sexual trabalhando com figuras ou modelos do corpo humano” (p. 153). Tal comportamento pode aumentar em probabilidade com o aumento da privação de contato sexual, “mas a resposta fortalecida por indução pode perfeitamente não ter efeito sobre a privação, mesmo que a resposta da qual empresta sua força exerça esse efeito” (p. 153).

Outra relação interessante é estabelecida por meio da tese tradicional de que tudo pode ser reduzido a

uma única necessidade, como por exemplo, ao sexo. Conforme afirma Skinner (1953/2005), isso pode acontecer porque algumas atividades podem ser topograficamente semelhantes ao comportamento sexual, contudo, é importante, ao se fazer essa relação, identificar a função do comportamento:

O escultor modelando uma figura humana está se comportando, até certo ponto, como se comportaria perante um corpo humano; alguns aspectos temporais do comportamento musical relembram o padrão temporal do comportamento sexual. Isso é simples indução de um estímulo para outro ou de uma resposta para outra com base na similaridade. Mas, frequentemente, é difícil decidir se duas situações ou duas ações são similares o suficiente para garantir tal explicação. Muitas vezes temos que inferir a importância de um ponto de similaridade a partir de seu efeito sobre o comportamento. Por outro lado, a questão pode ser expressa da seguinte forma: a probabilidade de uma ação, dita ser sexual em sua natureza, muda com a privação ou saciação sexual? Se sim, ela pode ser considerada como sexual mesmo que não seja topograficamente semelhante ao comportamento sexual óbvio. (p. 153)

Essa afirmação de Skinner (1953/2005) parece trazer uma contribuição importante para uma definição comportamental de sexualidade, pois indica que um comportamento qualquer, mesmo que não tenha similaridade com o comportamento sexual em sua forma (i.e., topografia) (acho que não foi isso que o skinner disse...), pode ser remetido à sexualidade se tiver sua probabilidade alterada por meio da privação ou saciação de contato sexual. Pode-se considerar assim que não há comportamentos pré-determinados que definam a sexualidade, pois é necessário saber a função daqueles para classificá-los como parte ou não desta.

Citação	Comentário
<p>XIII. <i>Function versus aspect.</i></p> <p>“Differences in variables. Some differences are due to the differences in the independent variables to which people are exposed. Although we may be struck by the effect upon behavior, the original individuality lies outside the organism. . . . Differences in deprivation lead us to distinguish between the ‘voracious’ and the ‘finicky’, the ‘libidinous’ and the ‘sexless’. . . . Traits of this sort are simply a way of representing the repertoire of an organism, with some indication of the relative strength of its parts and with certain inferences regarding relevant variables. . . . The Kinsey reports on sexual behavior are surveys of frequencies of certain types of responses from which we may infer certain conditions of deprivation, a history of sexual reinforcement, and the health and hereditary endowment of the organism” (Skinner, 1953/2005, pp. 195-196).</p>	<p>Skinner está explicando a noção de traços, que surge por conta da individualidade de cada pessoa e do fato de a própria pessoa apresentar características diferentes em diferentes momentos da vida. Analisando funcionalmente essa noção, podemos nos perguntar de quantas maneiras uma pessoa pode se diferenciar de outra ou dela mesma de tempos em tempos. Uma dessas maneiras são diferenças nas variáveis em que uma pessoa é exposta. Skinner afirma que diferenças na privação nos levam a chamar alguém de “libidinoso” ou “assexual”, e que traços desse tipo são simplesmente uma forma de representar o repertório de um organismo, com alguma indicação da força relativa de suas partes e com certas inferências a respeito de variáveis relevantes. Os relatórios Kinsey, por exemplo, são pesquisas da frequência de certos tipos de respostas pelas quais podemos inferir certas condições de privação, a história de reforçamento sexual, e a saúde e carga hereditária do organismo.</p>
<p>XIV. <i>The analysis of complex cases.</i></p> <p>“A somewhat more important parallel also shows how easily ‘drive’ is identified with probability of response rather than with a probability due to deprivation. An individual in whom sexual behavior is at the moment not conspicuous may be aroused by exciting conversations, pictures, performances, and so on. It is not correct to say that his sex drive has then been strengthened. Sexual behavior has been strengthened, but by the presentation of stimuli appropriate to such behavior rather than by deprivation” (Skinner, 1953/2005, pp. 207-208).</p>	<p>Skinner está explicando como uma mesma variável pode ter diversos efeitos. Ele dá o exemplo de uma criança que está brincando e alguém dá chocolate a ela e ela então pede por mais chocolate depois, o que aparentemente então aumentou a fome de chocolate dela. Pela definição que Skinner deu de saciação (enfraquecer o comportamento já que a privação o fortalece), dar o chocolate a criança deveria enfraquecer o comportamento e não o fortalecer. A explicação para isso é que o chocolate tem um segundo efeito: a visão e o gosto do chocolate são estímulos discriminativos sob os quais o comportamento de pedir chocolate é frequentemente efetivo. Então, dando chocolate à criança, nós estabelecemos uma situação comum em que um comportamento forte sob controle de privação de chocolate é geralmente efetivo e consequentemente forte. Nós não deixamos a criança com mais fome em termos de privação. Um paralelo mais importante mostra como facilmente o <i>drive</i> é identificado com a probabilidade da resposta ao invés da probabilidade pela privação. Um indivíduo que não</p>

	<p>está se comportando sexualmente no momento pode ficar excitado por conversas excitantes, imagens, performances etc. Não é correto dizer que o seu <i>drive</i> sexual foi fortalecido, mas que comportamento sexual foi fortalecido pela apresentação de estimulação apropriada e não pela privação.</p>
<p>Tendo como variáveis controladoras o reforçamento operante e a privação, o “ver operante” se caracteriza pelo ver “objetos ou atividades na ausência de estímulos relevantes” (Skinner, 1953/2005, p. 272). Um exemplo para isso seria alguém extremamente privado sexualmente que, além de se engajar em comportamento sexual ou autoestimulação sexual quando possível, também imagina ou sonha com objetos ou atividades sexuais (Skinner, 1953/2005). Uma desvantagem do “ver operante” é que ele não altera o estado de privação, ainda que seja reforçador: “o homem . . . sexualmente privado é reforçado pelo aparecimento ou presença de objetos relevantes, tanto quanto por vê-los quando estão ausentes. Esse reforçamento não depende de uma verdadeira redução no estado de privação” (Skinner, 1953/2005, p. 273).</p>	
<p>XIX. <i>Social behavior.</i></p> <p>“In the field of social behavior special emphasis is laid upon reinforcement with attention, approval, affection, and submission. These important generalized reinforcers are social because the process of generalization usually requires the mediation of another organism.” (Skinner, 1953/2005, p. 299).</p>	<p>Afeto é um reforçador social.</p>
<p>XIX. <i>Social behavior.</i></p> <p>“Although the interchange between two or more individuals whose behavior is interlocked in a social system must be explained in its entirety, certain variables may remain obscure. . . . Such terms as ‘favor’ and ‘friendship’ refer to tendencies to administer positive reinforcement, and love might be analyzed as the mutual tendency of two individuals to reinforce each other, where the reinforcement may or may not be sexual” (Skinner, 1953/2005, pp. 309-310).</p>	<p>O importante aqui parece o fato de Skinner falar que o amor pode ser analisado como uma tendência mútua de dois indivíduos reforçarem um ao outro, onde o reforçamento pode ou não ser sexual. Se é sexual ou não seria uma variável obscura?</p>
<p>6. <i>Special conditions affecting stimulus control.</i></p> <p>Special reinforcement from the listener’s emotional behavior.</p> <p>“Among the important special effects of verbal behavior are the emotional reactions of the listener. . . . The salesman tells funny stories to his prospect and is reinforced by the laughter which follows. . . . He may be reinforced for describing a gruesome accident by the horror which he engenders in his listener, or for describing an obscene event because the listener blushes or becomes sexually excited. . . . All of this is likely to occur under circumstances in which any injury inflicted upon the listener can be shown to be reinforcing. (Why such an event is reinforcing lies beyond the field of verbal behavior itself)” (Skinner, 1957, p. 154).</p>	<p>Skinner está explicando que um dos efeitos especiais do comportamento verbal são as reações emocionais do ouvinte. Segundo o autor, o falante pode ser reforçado por descrever uma cena obscena porque o ouvinte fica vermelho ou excitado sexualmente. O motivo desse evento ser reforçador ao falante está além do campo do próprio comportamento verbal.</p>
<p>8. <i>The verbal operant as a unit of analysis.</i></p> <p>General behavioral processes relevant to verbal behavior.</p> <p>Emotion.</p> <p>“The conditions which cause an organism to be ‘emotional’ have never been exhaustively studied or even satisfactorily classified. Many are clearly related to reinforcement and to appropriate states of</p>	<p>O que parece interessar aqui é que comportamento sexual é acompanhado por marcadas mudanças emocionais. O que isso quer dizer? Não sei...</p>

<p>deprivation and aversive stimulation. Thus, dangerous or harmful stimuli not only make possible the reinforcement of avoidance or escape, they generate emotional conditions by virtue of which such behavior is more effective. Highly favorable reinforcing conditions produce a characteristic reaction (as in 'joy'), and sexual behavior is accompanied by marked emotional changes. The existence of strong behavior which cannot be executed or, if executed, is repeatedly ineffective, generates the familiar pattern called 'frustration'. And so on" (Skinner, 1957, p. 214).</p>	
<p>4. <i>The technology of teaching.</i></p> <p>Operant conditioning "The basic contingency between an act and its consequences has been studied over a fairly wide range of species. For example, pigeons have been reinforced for pecking at transilluminated disks (Figure 8), monkeys for operating toggle switches which were first designed for that more advanced primate, man. Reinforcers which have been studied include water, sexual contact, the opportunity to act aggressively, and – with human subjects – approval of one's fellow men and the universal generalized reinforcer, money" (Skinner, 1968, p. 76 – do PDF).</p>	<p>Skinner aqui apenas cita o contato sexual como um reforçador que tem sido estudado.</p>
<p>3. <i>The environmental solution.</i></p> <p>Sexual behavior: ". . . much of which can be traced to contingencies of reinforcement. The conditions under which a young person is first sexually reinforced determine the extent as well as the form of later sexual activity" (Skinner, 1969, p. 56).</p>	
<p>3. <i>The environmental solution.</i></p> <p>"The greedy or lustful man is not suffering from deprivation (we do not call a starving man greedy); he is suffering from a particularly effective schedule of reinforcement. Don Giovanni is a classical example. Although an inherited or pathological condition may make a person 'oversexed', a Don Giovanni is more likely to be the product of a particularly effective schedule. A moderate susceptibility to sexual reinforcement should be enough to make every attractive girl the occasion for attempted seduction if early successes are favorably programmed. An effective variable-ratio schedule should maintain the behavior at a high level even in a person who is sexually below normal, in which case it might be tempting to argue that the above-normal behavior shows 'compensation'" (Skinner, 1969, p. 66).</p>	<p>Skinner está nesse trecho rebatendo a tese das necessidades. Ele constata que o exemplo de Don Giovanni é clássico. Mesmo considerando que possam ter características herdadas ou patológicas em uma pessoa 'supersexuada', o caso de Don Giovanni parece estar mais relacionado a um esquema de reforçamento bastante efetivo. Basta uma baixa ou moderada susceptibilidade ao reforçamento por contato sexual que um esquema de razão variável pode manter o comportamento de sedução em alta frequência, indicando assim uma sobreposição das contingências de reforçamento em relação às contingências filogenéticas.</p>
<p>4. <i>The experimental analysis of behavior.</i> Note 4.4 Progress "(8) Many more reinforcers have been studied – including, in addition to food and water, sexual stimulation, the opportunity to behave aggressively, and the production of novel stimuli" (Skinner, 1969, p. 94).</p>	<p>Em uma nota desse capítulo, Skinner fala de alguns progressos da análise experimental, como, por exemplo, o tempo dos experimentos (que agora duram horas, dias, ou meses), o controle da história prévia do sujeito e do local do experimento e, ao que nos interessa, a inclusão do estudo de novos reforçadores além de comida e água, como estimulação sexual, a oportunidade de se comportar agressivamente e a produção de novos estímulos.</p>

<p>7. <i>The phylogeny and ontogeny of behavior.</i></p> <p>“As we have seen, a schedule of sexual reinforcement may be naturally ‘stretched’ as the amount of behavior required for reinforcement increases with satiation and, on a different time scale, with age” (Skinner, 1969, p. 201).</p>	
<p>7. <i>The phylogeny and ontogeny of behavior.</i></p> <p>“A behavioral mutation is not simply a new form of response; the probability that it will be emitted is as important as its topography. A given topography of sexual behavior may be relevant to survival, but so is the probability that it will be displayed. Any susceptibility to reinforcement, positive or negative, has also presumably evolved by degrees rather than by saltatory changes. If the behavior reinforced by sexual contact has survival value, an increase in the power of the reinforcer should have survival value” (Skinner, 1969, p. 203).</p>	
<p>7. <i>The phylogeny and ontogeny of behavior.</i></p> <p>“The young boy discovering masturbation by himself may seem to be recalling a rhythmic topography exhibited by his ancestors (contributing perhaps to the topography of music and the dance); but the topography may be shaped simply by the reinforcing effects of certain contacts and movements, the capacity to be thus reinforced being possibly all that is inherited” (Skinner, 1969, p. 206).</p>	
<p>7. <i>The phylogeny and ontogeny of behavior.</i></p> <p>“Aggression might be defined as behavior which affects other organisms either phylogenically as a threat to their survival or ontogenically as a negative reinforcer. Both effects have opposites: behavior may promote the survival of others and positively reinforce them. . . .The phylogenic opposite of aggression has survival value with respect to a different object: survival is furthered by aggression toward competitors and by affection toward members of the same species. Maternal care, foraging for and protecting a mate or mates, and sexual behavior are examples of the latter . . . It has often been pointed out that love is close to hatred and that affection and aggression seem to be combined in certain forms of sadistic behavior. This has nothing to do with the essence of love or hatred or with anything in common in the accompanying feelings. It is the consequences which are close to one another and only then because both kinds of effects may be mediated by one person. Affectionate behavior, particularly when built up by intermittent reinforcement, may have strong aversive consequences which in turn evoke aggressive behavior toward the object of affection” (Skinner, 1969, pp. 212- 213).</p>	<p>Aqui, o comportamento sexual parece ser tratado como uma forma de afeto, que é definida por promover a sobrevivência de outros ou por reforçar outros positivamente.</p>
<p>2. <i>Freedom.</i></p> <p>“But the misuse of many social reinforcers often goes unnoticed. Personal attention, approval, and affection</p>	<p>Skinner está explicando como reforçadores positivos podem ser utilizados com consequências aversivas postergadas. Um exemplo disso é o mal uso de alguns</p>

<p>are usually reinforcing only if there has been some connection with already effective reinforcers, but they can be used when a connection is lacking. The simulated approval and affection with which parents and teachers are often urged to solve behaviour problems are counterfeit. So are flattery, backslapping, and many other ways of ‘winning friends’.</p> <p>Genuine reinforcers can be used in ways which have aversive consequences. A government may prevent defection by making life more interesting – by providing bread and circuses and by encouraging sports, gambling, the use of alcohol and other drugs, and various kinds of sexual behaviour, where the effect is to keep people within reach of aversive sanctions. The Goncourt brothers noted the rise of pornography in the France of their day: ‘Pornographic literature’, they wrote, ‘serves a Bas-Empire one tames a people as one tames lions, by masturbation’” (Skinner, 1971, pp. 38-39).</p>	<p>reforçadores sociais, como o afeto, que geralmente funciona como reforçador quando ligado a reforçadores já efetivos, mas que pode perder essa conexão e, às vezes, ser “falso”.</p> <p>Reforçadores genuínos também podem ser utilizados de formas a ter consequências aversivas. Por exemplo, um governo pode prevenir a deserção ao tornar a vida mais interessante – encorajar o uso de álcool e drogas e vários tipos de comportamento sexual – e o efeito ser manter as pessoas ao alcance de sanções aversivas. Os irmãos Goncourt notaram o aumento da pornografia na França de sua época ao afirmarem que: “a literatura pornográfica serve a um Baixo Império que domestica um povo como domestica leões, por meio da masturbação”.</p>
<p>Presumivelmente, os indivíduos diferem, assim como as espécies . . . na extensão em que se engajam em comportamento sexual ou em que são afetados por reforçamento sexual. São eles, portanto, igualmente responsáveis por controlar seu . . . comportamento sexual, e é justo puni-los na mesma medida? Se não punimos uma pessoa por ter um pé torto, devemos puni-la por ser . . . altamente suscetível a reforçamento sexual? (Skinner, 1971/1976, p. 77)</p>	
<p>3. <i>Innate behavior.</i> Preparation for new environments II: operant conditioning. “A very different process, through which a person comes to deal effectively with a new environment, is operant conditioning. Many things in the environment, such as food and water, sexual contact, and escape from harm, are crucial for the survival of the individual and the species, and any behavior which produces them therefore has survival value. Through the process of operant conditioning, behavior having this kind of consequence becomes more likely to occur. The behavior is said to be <i>strengthened</i> by its consequences, and for that reason the consequences themselves are called ‘reinforcers’” (Skinner, 1974, p. 39).</p>	<p>O condicionamento operante é um processo no qual uma pessoa passa a lidar efetivamente com novos ambientes. Muitas coisas no ambiente, como comida e água, contato sexual e fuga de danos, são cruciais para a sobrevivência do indivíduo e da espécie, e qualquer comportamento que produz essas coisas tem valor de sobrevivência. Por meio do processo de condicionamento operante, comportamento tendo esse tipo de consequência se torna mais provável de ocorrer. É dito que o comportamento é <i>fortalecido</i> por suas consequências, e por essa razão as consequências são chamadas de “reforçadoras”.</p>
<p>3. <i>Innate behavior.</i> Intermingling of contingencies of survival and reinforcement <i>Territoriality and Aggression.</i> “Aggressive behavior may be innate and released by specific circumstances in which survival value is plausible. An infant or child may bite, scratch, or strike if physically restrained when it could not have learned to do so. Or the behavior may be shaped and maintained because people are susceptible to reinforcement by signs of damage to others. The capacity to be reinforced when an opponent cries out or runs away would have survival value because a person so endowed would quickly learn to defend himself. Or, third, the behavior may be reinforced by consequences not explicitly related to aggression. Food and sexual contact, reinforcing for other reasons, may reinforce an attack on a competitor if food or a sexual partner is thus obtained” (Skinner, 1974, pp. 42-43).</p>	<p>Skinner está explicando a mescla entre contingências de sobrevivência e reforçamento, dizendo que um comportamento agressivo, por exemplo, pode ser explicado pelo menos de três maneiras. Pode ser inato, pode ser modelado e mantido porque as pessoas são suscetíveis ao reforçamento por sinais de perigo a outros, ou pode ser reforçado por consequências não relacionadas explicitamente com a agressão. Por exemplo, comida e contato sexual, reforçadores por outras razões, podem reforçar um ataque a um competidor se a comida e o parceiro sexual foram obtidos dessa maneira.</p> <p>Talvez da pra pensar aqui como isso acontece também com o comportamento sexual, que pode ser inato por uma questão de sobrevivência, pode ser aprendido pela suscetibilidade ao reforçamento, e pode ser reforçado por consequências não explicitamente relacionadas – prostituição? Comportamento sexual tem como</p>

	consequência o dinheiro que é trocado por comida?
4. <i>Operant behavior.</i> “It has often been pointed out that competition for a mate tends to select the more skillful and powerful members of a species, but it also selects those more susceptible to sexual reinforcement. As a result, the human species, like other species, is powerfully reinforced by . . . sexual contact” (Skinner, 1974, p. 47).	Frequentemente se diz que a competição por parceiros tende a selecionar os membros mais poderosos e habilidosos de uma espécie, mas ela também seleciona aqueles mais suscetíveis a reforçamento sexual. Como resultado, a espécie humana, assim como outras espécies, é poderosamente reforçada por contato sexual.
4. <i>Humanism and behaviorism.</i> “The things people call good are positive reinforcers, and they reinforce because of the contingencies of survival under which the species has evolved. Until recently, the species could survive famine, pestilence, and other catastrophes only if its members procreated at every opportunity, and under such contingencies sexual contact became highly reinforcing. Sex is not reinforcing because it feels good; it is reinforcing <i>and</i> feels good for a common phylogenetic reason” (Skinner, 1978, pp. 52-53).	As coisas que as pessoas chamam de boas são reforçadores positivos, e eles reforçam por causa das contingências de sobrevivência sob as quais as espécies evoluíram. Até recentemente, as espécies podiam sobreviver à fome, peste e outras catástrofes somente se os seus membros procriassem em cada oportunidade, e sob essas contingências o contato sexual se tornou altamente reforçador. Sexo não é reforçador porque é bom; ele é reforçador <i>e</i> é bom por uma razão filogenética comum.
7. <i>Can we profit from our discovery of behavioral science?</i> “Sexual behavior is essential to the survival of the species; is it not extremely important that sexual contact feel good? But the important thing for the individual and the species is not how things taste or feel but whether they are reinforcing – that is, whether they strengthen the behavior upon which they are contingent. Susceptibilities to reinforcement have presumably evolved because of their survival value. When, through a mutation, an organism’s behavior is more strongly reinforced by . . . sexual contact, the organism is more likely to . . . have offspring. The increased susceptibility to reinforcement is then contributed to the species. The important thing is that the susceptibility should survive. The feelings are incidental” (Skinner, 1978, p. 92).	Comportamento sexual é essencial para a sobrevivência das espécies; não é extremamente importante que o contato sexual seja bom? Parece que não. O importante para o indivíduo e para a espécie não é como as coisas são sentidas, mas se elas são reforçadoras – isto é, se elas fortalecem o comportamento ao qual são contingentes. Suscetibilidades ao reforçamento evoluíram por causa do seu valor de sobrevivência. Quando, por uma mutação, o comportamento de um organismo é mais fortemente reforçado por contato sexual, é mais provável que o organismo tenha filhos. A aumentada suscetibilidade ao reforçamento é então contribuída às espécies. O importante é que a suscetibilidade sobreviva. Os sentimentos são incidentais.
<p>No capítulo selecionado de <i>Upon further reflection</i> (1987), “<i>Selection by consequences</i>”, o qual foi originalmente publicado em 1981, Skinner (1987) explica que o condicionamento operante pode suplementar ou até mesmo substituir a seleção natural, o que indica que o planejamento de técnicas de controle do comportamento pode, por exemplo, suplantar a suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual, fator que gera os problemas de superpopulação tão comentados pelo autor. Segundo Skinner (1987):</p> <p>Quando, através da evolução de suscetibilidades especiais . . . o contato sexual se torna reforçador, novas formas de comportamento podem ser estabelecidas . . . novas formas de se comportar sexualmente ou de maneiras que levam apenas eventualmente ao reforçamento sexual podem ser modeladas e mantidas. O comportamento assim condicionado não é necessariamente adaptativo . . . comportamento sexual não relacionado à procriação é fortalecido. (p. 53)</p>	
<p>Tradicionalmente, é comum dizer que os seres humanos têm uma “necessidade de atenção”, de afeto ou até mesmo um “amor por dinheiro”, como se fossem condições primárias de privação (Skinner, 1953/2005). Contudo, o autor afirma que tais reforçadores vigoram na sociedade humana há tão pouco tempo que dificilmente foram selecionados pelo processo de evolução da espécie. Além disso, “eles não representam formas fixas de estimulação, já que eles dependem das idiosincrasias de grupos particulares” (p. 80), o que indica também uma influência da cultura em relação a esses reforçadores.</p>	
<p>Na medida em que o afeto é principalmente sexual, pode ser relacionado com uma condição primária de privação que é, até certo ponto, independente da história pessoal do indivíduo, mas os “sinais de afeto” que se tornaram reforçadores por sua associação com o contato sexual ou com outros reforçadores</p>	

<p>difícilmente poderiam ser reforçadores por razões genéticas. (Skinner, 1953/2005, p. 80)</p> <p>Sendo assim, os denominados “sinais de afeto” se tornariam reforçadores a partir da história do indivíduo e de cada grupo em particular. Outra característica do afeto como reforçador generalizado é que é difícil defini-lo, observá-lo e medi-lo, o que faz com que o indivíduo que se comporta em função dele não consiga identificar claramente o que fazer para obtê-lo. Segundo Skinner (1953/2005), a atenção, a aprovação e o <i>afeto</i> “não são coisas, mas aspectos do comportamento de outros. Suas dimensões físicas sutis apresentam dificuldades não só para o cientista que precisa estudá-los, mas também para o indivíduo que é reforçado por eles” (p. 79), fazendo com que tais indivíduos apresentem um comportamento persistente que é resultado de reforçamento intermitente.</p>	
Citação	Comentário
<p>XIX. <i>Social behavior</i>.</p> <p>“Social reinforcement. Many reinforcement require the presence of other people. In some of these, as in certain forms of sexual and pugilistic behavior, the other person participates merely as an object. We cannot describe the reinforcement without referring to another organism. But social reinforcement is usually a matter of personal mediation. . . . In the field of social behavior special emphasis is laid upon reinforcement with attention, approval, affection, and submission. These important generalized reinforcers are social because the process of generalization usually requires the mediation of another organism.” (Skinner, 1953/2005, pp. 298-299).</p>	<p>Aqui o Skinner tá dizendo que em certas formas de comportamento sexual, a outra pessoa participa apenas como um objeto, o que não configura então um reforçamento social, já que esse seria definido por uma mediação.</p> <p>Aqui, ler texto da Andery sobre comportamento social, há controvérsias sobre o que seria social ou não.</p> <p>Ele também fala aqui de afeto ser um reforçador social, já que o processo de generalização geralmente requer a mediação de outro organismo.</p>

Drive/operação de privação e saciação
<p><i>The Behavior of Organisms: An experimental analysis</i> (1938) pode ser considerada uma obra teórico-experimental que reapresenta e sistematiza um programa de pesquisa desenvolvido por Skinner na década de 1930 (Pereira, 2013). O tratamento da sexualidade nessa obra resume-se principalmente em sua relação com o conceito de <i>drive</i>, o qual Skinner (1938) operacionaliza para explicar fenômenos como a fome, a sede e o próprio sexo. O autor critica a noção tradicional de <i>drive</i> como uma necessidade, um estado ou energia interna ao afirmar que essa hipótese é facilmente aceita para explicar uma variabilidade no comportamento de um organismo, mas não leva à explicação das variáveis das quais essa variabilidade é função:</p> <p>O problema do <i>drive</i> surge porque muito do comportamento de um organismo apresenta uma variabilidade aparente. Um rato nem sempre responde à comida colocada diante dele, e um fator chamado “fome” é evocado como uma forma de explicação. É dito que um rato come apenas quando está com fome. É porque comer não é inevitável que somos levados a levantar a hipótese de um estado interno ao qual devemos atribuir a variabilidade. Onde não há variabilidade, nenhum estado é necessário . . . Soluções tradicionais para o problema da fome e de <i>outros drives</i> [ênfase adicionada] não são nossa presente preocupação. Como em qualquer caso de variabilidade na força de um reflexo, o problema aqui é encontrar a variável ou variáveis das quais a força é função e expressar tal relação em um conjunto de leis. (Skinner, 1938, pp. 341-342)</p> <p>Dessa forma, Skinner (1938) afirma que o termo <i>drive</i> seria apenas um artifício conceitual útil por “expressar a complexa relação obtida entre várias operações igualmente eficazes e um grupo de formas de comportamento que covariam” (p. 368). Entre tais operações, destacam-se a privação e saciação, as quais foram estudadas por meio de experimentos realizados por Skinner (1938) para a explicação do <i>drive</i> denominado <i>fome</i>. A privação e a saciação parecem então estar entre as operações que fazem com que o comportamento de comer apresente variabilidade.</p> <p>Skinner (1938) aponta que uma unidade de <i>drive</i> (e.g., fome) pode surgir se o comportamento variar em força como resultado do tipo de operação citado (e.g., privação e saciação). Assim, o sexo é tratado como uma unidade de <i>drive</i> quando Skinner (1938) aponta que: “nós não listamos um <i>drive</i> pela contração da pupila do olho porque essa parte de comportamento é relativamente invariável. Se os reflexos sexuais fossem igualmente invariáveis, nós não deveríamos ter um <i>drive</i> sexual, mas somente comportamento sexual” (p. 371). Entende-se então que o comportamento sexual ou o próprio comportamento de comer já era visto como diferente do comportamento de contração da pupila, pois os primeiros variam em sua força a depender de algumas operações que vigoram no ambiente:</p>

Nesse caso, estabelecemos fome, sexo, e assim por diante como *drives* relativamente inclusivos relevantes para uma grande variedade de formas de comportamentos. A unidade do *drive* depende da covariação dos reflexos aos quais se refere. E, se um dado reflexo pertence ou não a um dado *drive* deve ser determinado considerando-se a covariação, e não qualquer propriedade específica do comportamento. Desta forma, a velha questão de se grande parte do comportamento é sexual não seria uma questão sobre o comportamento ser sexual *em sua natureza*, mas se varia com as operações que definem esse *drive*. (Skinner, 1938, pp. 371-372)

Além das operações já citadas que parecem definir uma unidade de *drive* (e.g., privação e saciação), Skinner (1938) aponta que outra operação é importante para estabelecer essa unidade: o reforçamento. Nas palavras do autor:

Em um operante condicionado, o *drive* controlando a força é determinado pelo reforçamento. Se pressão à barra foi reforçada com alimento, a força varia com a fome; se foi reforçada com água, varia com a sede; e assim por diante. Um operante pode ser reforçado por estímulos em mais de uma classe de *drives*, e sua força é, então, determinada por dois ou mais *drives*. . . . Todos os casos desse tipo devem ser identificados pela presença de reforçadores em mais de uma classe de *drive*. (p. 372)

Entende-se assim, que há uma estreita relação entre as operações de privação e saciação que definem a unidade de *drive* e o reforçamento que a estabelece. Da mesma forma que o alimento pode reforçar uma resposta de pressão à barra e sua força variar com a fome, o sexo pode reforçar uma resposta qualquer e sua força variar com o que foi chamado de *drive* sexual. Pereira (2013) resume a questão da unidade do *drive* da seguinte forma: “é a variação de certas respostas como função de certas operações que define uma unidade do *drive*, mas é o reforço que confere esta unidade” (p. 57).

Citação	Comentário
<p><i>X. Drive and conditioning: the interaction of two variables.</i></p> <p>The question how we are to measure the strength of drive is practically answered when we have once decided upon a definition. We are to measure, not the drive as such, but behavior. This statement does not identify the behavior and the drive. It has been shown that a drive is most accurately regarded as a state of proportionality between the reserve and the momentary strength. But if no changes occur in the size of the reserve and if other variables are held constant, the strength of a drive is proportional to the strength of any reflex associated with it. Hence any technique for measuring drive will be a technique for measuring reflex strength. It is a poor substitute to measure the operation responsible for the state of a drive until the relation between the state and the operation is accurately known. A 'twenty-four-hour hunger' is perhaps a relatively constant degree of hunger, but the 'twenty-four' is not a convenient representation of the value since hunger does not vary quite linearly with the time of fasting. A well-known way of estimating the strength of behavior as a function of a drive-operation is to observe the relative prepotency of the behavior over incompatible behavior assumed to be of relatively constant strength. In the Columbia 'obstruction method' (74) a response away from an electric grid is opposed to a response toward the grid conditioned by placing food or some other reinforcing stimuli on the other side. The strength of the response across the grid is estimated by counting the number of occasions upon which it takes prepotency over the response away from it in a given period. Several objections may be raised to such a method. (r) The response away from the grid is affected by variations in the intensity of the shock (which are hard to avoid), upon the development</p>	<p>Medir a força do drive e como dois drives se influenciariam... quando aparecem os radicais, ele tá falando de como medir se o drive fome é mais forte que o drive sexo e depois que o sexo é difícil de medir.</p>

<p>of methods of walking which reduce the intensity, upon adaptation to the shock, and so on. (a) The conditioning of the response across the grid may not begin or remain maximal. (3) The conflict of responses and the shock itself may be additional (emotional) variables modifying the strength during the experiment. The use of a standard reflex against which other reflexes are compared is unnecessary. The same methods of measuring strength are available in the study of drive as in any other field in which the strength varies. But it may be argued that the obstruction method excels the direct measurement of behavior by providing a means of comparing different drives. Drives A and B stand in a relation to each other given by the relative prepotency of reflexes typical of each when opposed to the same standard reflex. But the third term of the standard reflex is unnecessary. The simplest way to determine whether hunger is stronger than sex is to place appropriate stimuli for each drive before the organism at the same time. If it is argued that drives mutually influence each other, so that maximal degrees of two drives cannot exist at the same time, then the question of comparison is academic and may be passed by. Any method of measuring drive is handicapped by the fact that if more than one measurement is to be taken, either the drive must be modified by a consummatory reflex after the first measurement or the degree of conditioning must be affected by withholding the reinforcing stimulus. Sex is particularly hard to measure for that reason. Even in the case of hunger, where one consummatory response may have a very slight effect, some weakening of the strength must occur. Because of different solutions to this problem the curves for the change in hunger during starvation given above (Figures 142 and 143) differ significantly from those obtained with the obstruction technique. In order to avoid the effect of consummatory reflexes Warden and Warner (74) used groups of rats for each period of starvation and took one measurement only with each individual. In the experiment described above some reinforcement with food was supplied each day, and although this delayed starvation to some extent it was then possible to follow each individual throughout the process (Skinner, 1938, pp. 402-404).</p>	
<p>O tratamento do sexo como um <i>drive</i> e sua relação com o reforçamento também foram abordados por Skinner em <i>Science and human behavior</i> (1953). Skinner (1953/2005) ainda utiliza o conceito de <i>drive</i> para explicar fenômenos como a fome, a sede e o sexo. Entretanto, o autor deixa claro que o conceito não ajuda em uma análise experimental e sugere a descrição apenas utilizando as operações de privação e saciação: “por vezes, Skinner parece até mesmo evitar o termo <i>drive</i>, fazendo referência direta às duas principais operações que definem o campo: privação e saciação” (Pereira, 2013, pp. 63-64). Uma característica dessas operações é que elas estão necessariamente relacionadas a reforçadores primários, uma vez que só as respostas mantidas por tais reforçadores variam em função dessas operações (Pereira, 2013; Skinner, 1953/2005).</p>	
<p>Essa importância biológica dos reforçadores primários acabou, tradicionalmente, levando à ideia de que os reforçadores reforçam porque reduzem um estado de privação. Segundo Skinner (1953/2005), o estado de privação pode ser importante para o condicionamento, contudo, o reforçamento nem sempre reduz a privação; tudo o que se pode afirmar é que o tipo de evento que reduz a privação também é reforçador.</p>	
<p style="text-align: center;">Citação</p>	<p style="text-align: center;">Comentário</p>
<p>IX. <i>Deprivation and satiation.</i></p>	<p>A saciação sexual aparentemente é o resultado do mero</p>

<p>“Sexual satiation appears to be the result of the mere exercise of sexual behavior as well as of the special consequence known as the orgasm” (Skinner, 1953/2005, p. 142).</p>	<p>exercício do comportamento sexual assim como da consequência especial conhecida como orgasmo.</p>
<p>IX. <i>Deprivation and satiation.</i></p> <p>“Dryness of the throat does not vary continuously with a tendency to drink through the entire range of deprivation. Any comparable stimulation under sexual deprivation is poorly correlated with the probability of sexual behavior” (Skinner, 1953/2005, p. 145).</p>	<p>A secura da garganta não varia continuamente com uma tendência de beber durante toda a faixa de privação. Qualquer estimulação comparável sob privação sexual está pouco correlacionada com a probabilidade do comportamento sexual. O <i>drive</i> não é um estímulo, não aumenta a probabilidade do comportamento! A estimulação de uma privação é característica de apenas uma parte do alcance que a probabilidade de responder pode variar continuamente.</p>
<p>A privação pode ser colocada em uso prático por meio da administração de hormônios ou afrodisíacos que intensificam o comportamento sexual. De maneira semelhante, a saciação é colocada em uso prático tanto por meio do uso de fármacos que reduzem a probabilidade do comportamento sexual quanto por meio, por exemplo, da recomendação de prostituição legalizada, que acontece “com o argumento de que diminui a probabilidade de comportamento sexual em membros da população que, se não estiverem saciados, podem atacar mulheres inocentes” (Skinner, 1953/2005, p. 147).</p>	
<p>Outra relação interessante é estabelecida por meio da tese tradicional de que tudo pode ser reduzido a uma única necessidade, como por exemplo, ao sexo. Conforme afirma Skinner (1953/2005), isso pode acontecer porque algumas atividades podem ser topograficamente semelhantes ao comportamento sexual, contudo, é importante, ao se fazer essa relação, identificar a função do comportamento:</p> <p>O escultor modelando uma figura humana está se comportando, até certo ponto, como se comportaria perante um corpo humano; alguns aspectos temporais do comportamento musical relembram o padrão temporal do comportamento sexual. Isso é simples indução de um estímulo para outro ou de uma resposta para outra com base na similaridade. Mas, frequentemente, é difícil decidir se duas situações ou duas ações são similares o suficiente para garantir tal explicação. Muitas vezes temos que inferir a importância de um ponto de similaridade a partir de seu efeito sobre o comportamento. Por outro lado, a questão pode ser expressa da seguinte forma: a probabilidade de uma ação, dita ser sexual em sua natureza, muda com a privação ou saciação sexual? Se sim, ela pode ser considerada como sexual mesmo que não seja topograficamente semelhante ao comportamento sexual óbvio. (p. 153)</p> <p>Essa afirmação de Skinner (1953/2005) parece trazer uma contribuição importante para uma definição comportamental de sexualidade, pois indica que um comportamento qualquer, mesmo que não tenha similaridade com o comportamento sexual em sua forma (i.e., topografia), pode ser remetido à sexualidade se tiver sua probabilidade alterada por meio da privação ou saciação de contato sexual. Pode-se considerar assim que não há comportamentos pré-determinados que definam a sexualidade, pois é necessário saber a função daqueles para classificá-los como parte ou não desta.</p>	
Citação	Comentário
<p>IX. <i>Deprivation and satiation.</i></p> <p>“Which drive is strongest? Is the maternal drive stronger than sex? Is sex stronger than hunger? We might answer questions of this sort by bringing some arbitrarily chosen response under the control of different deprivations (by reinforcing it in different ways) and then observing the maximal frequency under extreme values of each. How does the rate at which an extremely hungry male rat emits a response which is reinforced with food on a given schedule compare with the rate of the same rat under extreme sexual deprivation when the response has been reinforced on the same schedule with access to a receptive female? But there is little point in comparing deprivations unless situations arise naturally in which the relative magnitudes of their effects are important. By depriving an organism of both food and sexual contact, we can observe which behavior emerges when</p>	

<p>appropriate stimuli are presented together. These conditions are not easily satisfied, however. Many organisms suffering severe water deprivation cannot eat dry food; when we limit the ingestion of water, therefore, we create an effect similar to that of satiation with food. In the same way, sexual behavior is weakened when an organism is severely deprived of food for a long time” (Skinner, 1953/2005, p. 154).</p>	
<p>XI. <i>Aversion, avoidance, anxiety.</i></p> <p>“Hunger pangs are a possible source of confusion between deprivation and aversive stimulation. Since hunger is the commonest drive, we have tended to model our formulation of all drives upon it. But we have seen that pangs are not representative of drives in general and that, even in the case of hunger, they call for a separate formulation. Insofar as one eats in order to reduce hunger pangs, the behavior is aversive. Whether pangs ever lead to eating before negative reinforcement has taken place would be difficult to determine, since pangs are produced by the very conditions which produce a heightened probability of eating regardless of the presence or absence of pangs. It is possible, however, to separate the producing of pangs from the increase in likelihood that eating will take place. When stimulation which resembles a hunger pang arises from other sources – for example, an inflammation – aversive eating may take place without deprivation. On the other hand, when we drink water, chew an indigestible substance, or take certain drugs in order to reduce hunger pangs, we are emitting behavior which otherwise may not vary with food deprivation. Similarly, although an individual may engage in certain sex practices because they reduce the time wasted in other sexual preoccupations, it does not follow that this result or the reduction of any other aversive consequence is essential to the normal variation in sexual behavior with deprivation or satiation” (Skinner, 1953/2005, pp. 172-173).</p>	<p>Skinner está dizendo que as dores de fome são uma possível fonte de confusão entre privação e estimulação aversiva. Se comemos para reduzir as dores da fome, o comportamento é aversivo. Contudo, é difícil determinar se a dor da fome leva a comer antes do reforçamento negativo acontecer. Conseguimos, no entanto, separar a produção de dores do aumento na probabilidade de comer. Quando a estimulação que se assemelha a uma dor de fome surge de outras fontes – como uma inflamação – o comer aversivo pode acontecer sem a privação. Por outro lado, quando bebemos água, mastigamos um alimento indigesto ou tomamos certas drogas para reduzir as dores de fome, estamos emitindo comportamentos que de outra forma podem não variar com a privação de comida. Semelhantemente, embora um indivíduo se engaje em certas práticas sexuais porque elas reduzem o tempo perdido em outras preocupações sexuais, não quer dizer que esse resultado ou a redução de qualquer outra consequência aversiva é essencial para a variação normal do comportamento sexual com a privação ou saciação.</p> <p>Parece que ele tá dizendo que alguns comportamentos que reduzem as dores de fome são reforçados, e não necessariamente ocorrem pela privação. Da mesma forma, algumas práticas sexuais que reduzem o tempo perdido em outras preocupações sexuais (estimulação aversiva?) não necessariamente ocorrem por meio da privação ou saciação, mas podem ocorrer só por reforçamento negativo.</p>
<p>Alguns exemplos de técnicas de controle do comportamento se relacionam à sexualidade. Skinner (1953/2005) retoma um exemplo já dado em “<i>Deprivation and satiation</i>” para explicar como fármacos são utilizados para controlar o comportamento sexual:</p> <p>Nós usamos medicamentos que simulam o efeito de outras variáveis no autocontrole. . . . Aperitivos e afrodisíacos às vezes são utilizados na crença de que eles duplicam o efeito da privação nos campos da fome e do sexo, respectivamente. Outros medicamentos são usados para o efeito oposto. (p. 237)</p> <p>Sem o uso de fármacos, outra técnica de controle do comportamento sexual baseada na privação e saciação é a recomendação de exercício físico pesado. Conforme afirma Skinner (1953/2005):</p> <p>O exercício pesado é frequentemente recomendado no controle do comportamento sexual na suposição de que o exercício tem o suficiente em comum com o comportamento sexual para produzir um tipo de saciação transferida. (Presume-se que o efeito se deva a uma sobreposição topográfica e não à pura exaustão). (p. 235)</p>	
Citação	Comentário
<p>1. <i>The role of the environment.</i></p> <p>“This was patchwork, designed to salvage the stimulus-response formula, and it had the effect of moving the determination of behavior back into the organism. When external stimuli could not be found, internal had to be invented. If a shortage of food was</p>	<p>Skinner está explicando como o ambiente se tornou importante para o comportamento a partir do século dezessete com Descartes etc., mas que ao longo do tempo o que era chamado de estímulo não conseguia mais explicar todos os comportamentos dos organismos, e aí se volta a colocar uma causa interna para explicar alguns deles. Nesse contexto, a noção de</p>

<p>not itself a stimulus, it could at least generate a ‘drive’ which prodded the organism from within. (Hunger pangs seemed to confirm this view, but comparable stimulation from swollen seminal vesicles, which Watson thought might explain sexual behavior, was less plausible.) Emotional variables led to the invention of other inner stimuli; fear, for example, became an acquired drive. Even instincts became stimuli, a view supported curiously enough by Freud” (Skinner, 1969, p. 4).</p>	<p>drive é sugerida, como um estado interno que é gerado por uma situação do ambiente, por exemplo, a escassez de comida. Skinner afirma que as dores de fome parecem confirmar essa visão, mas que uma estimulação comparável das vesículas seminais inchadas, as quais Watson pensou que explicariam o comportamento sexual, era menos plausível.</p>
<p>4. <i>Operant behavior.</i> Wants, needs, desires, and wishes “If we know the level of deprivation or aversive stimulation, we can more accurately predict how reinforcing a given event will be and how likely it is that a person will engage in relevant behavior. The knowledge has long been used for purposes of control. People have been made hungry so that they will ‘work for food’ and so that they can be reinforced with food, as they have been made miserable so that they will act in ways which reduce their misery. An event is not reinforcing <i>because</i> it reduces a need. Food is reinforcing even when it does not satiate, and deprivation can be changed in ways which are not reinforcing. The relation between a state of deprivation and the strength of appropriate behavior is presumably due to survival value. If behavior leading to ingestion were strong at all times, a person would grossly overeat and use his energies inefficiently. . . . The effects of operant reinforcement are often represented as inner states or possessions. When we reinforce a person we are said to give him a motive or incentive, but we infer the motive or the incentive from the behavior. We call a person highly motivated when all we know is that he behaves energetically. Depriving a person of something he needs or wants is not a forceful act, and the effect builds up slowly, but states of deprivation are given a more dramatic role when they are called drives or urges. Freud saw men mercilessly ‘driven by powerful biological forces dwelling in the depths of the mind or personality.’ We are said to be at the mercy of sex, hunger, and hatred, even though they are said to supply the psychic energy needed for action. Freud’s libido has been defined as ‘emotional or psychic energy derived from primitive biological urges.’ These metaphors are based on aversive control. The coachman does <i>drive</i> his horses by whipping them until they move forward, and, in the case of hunger as least, strong internal stimulation may have a similar function, but deprivation as such is not a driving force” (Skinner, 1974, pp. 49-52).</p>	<p>A primeira parte me ajuda a entender um pouco a relação entre reforçamento e privação; E depois ele parece explicar que não há um <i>drive</i> no sentido de uma força que impulsiona. Privar uma pessoa de alguma coisa não é um ato de força! O efeito é lento. Crítica ao Freud – a noção de impulso ou libido como uma “energia emotiva ou psíquica derivada de primitivos impulsos biológicos” está baseada no controle aversivo. Paralelo com o cocheiro que <i>dirige</i> seus cavalos chicoteando-os até que avancem. No caso da fome, uma forte estimulação interna pode exercer função semelhante, mas a privação como tal não é uma força condutora.</p>
<p>5. <i>Perceiving.</i> Conditions affecting what is seen “When a stimulus is weak or vague, it is often clear that other conditions are affecting the probability that a person will see a thing in a given way. . . . Level of deprivation makes a difference: one mistakenly ‘hears the telephone’ if a call is important, and the sexually deprived see phalluses or vaginas in objects bearing</p>	<p>Aqui Skinner está explicando como o nível de privação pode afetar o que uma pessoa vê. Uma pessoa sexualmente privada vê falos e vaginas em objetos pouco semelhantes com esses órgãos. Ou seja, a pessoa vê uma coisa como outra coisa quando a probabilidade de ver esta é alta e o controle exercido por aquela é baixo.</p>

little geometrical similarity to those organs. In other words, a person sees one thing *as something else* when the probability of seeing the latter is high and the control exerted by the former is low” (Skinner, 1974, p. 75).

Controle social do comportamento sexual

Pode-se dizer que os indivíduos e as agências de controle fazem parte da cultura. Apesar de não haver uma definição cabal desse conceito, Skinner (1953/2005) define cultura da seguinte forma:

No sentido mais amplo possível, a cultura que um indivíduo nasce é composta por todas as variáveis que o afetam e que são arranjadas por outras pessoas. . . . No entanto, não é unitária. Em qualquer grupo grande, não há contingências de controle universalmente observadas. (p. 419)

Dessa forma, a cultura se faz importante para a sexualidade porque o tipo de comportamento sexual em que um indivíduo se engaja depende, em parte, das práticas do grupo em que ele está inserido (Skinner, 1953/2005). Além disso, o comportamento sexual “dependerá, não somente da disponibilidade de membros do sexo oposto, mas do controle ético das relações sexuais, de restrições governamentais e religiosas, da educação sexual e assim por diante” (Skinner, 1953/2005, p. 422).

“Dentro da família, os membros de diferentes idades frequentemente diferem em suas técnicas controladoras. A família como um todo pode diferir substancialmente de outros grupos dos quais o indivíduo é membro. Não podemos dizer que um único conjunto de práticas com respeito ao controle do comportamento sexual é característico da cultura dessa pessoa. (Skinner, 1953, p. 421)

Citação

Comentário

XII. *Punishment.*

“Punishment is generally supposed to have some abiding effect. Is it hoped that some change in behavior will be observed in the future, even though further punishment is withheld. . . . As an effect of the severe punishment of sexual behavior, the early stages of such behavior generate conditioned stimuli giving rise to emotional responses which interfere with the completion of the behavior. One difficulty with the technique is that punishment for sexual behavior may interfere with similar behavior under socially acceptable circumstances – for example, in marriage. In general, then, as a second effect of punishment, behavior which has consistently been punished becomes the source of conditioned stimuli which evoke incompatible behavior” (Skinner, 1953/2005, pp. 186-187).

Skinner explica que um dos efeitos da punição é a supressão momentânea do comportamento e que um segundo efeito pode ser um efeito mais permanente. Esse efeito parece ser produzido por meio de condicionamento. Por exemplo, como efeito da severa punição de comportamento sexual, os estágios iniciais desse comportamento geram estímulos condicionados que produzem reações emocionais que podem interferir na conclusão do comportamento. Entretanto, uma dificuldade dessa técnica é que a punição do comportamento sexual pode interferir em comportamentos similares socialmente aceitáveis, como no casamento. Em geral, então, um segundo efeito da punição é que comportamento consistentemente punido se torna a fonte de estimulação condicionada que evoca comportamentos incompatíveis.

Por fim, outro ponto que parece ser característico de uma sociedade que agia em função de controlar o comportamento sexual é a descrição feita por Skinner (1953/2005) de uma técnica de controle do comportamento utilizada por instituições educacionais (agência de controle): “instituições não coeducacionais tentam controlar certos tipos de comportamento sexual tornando o sexo oposto inacessível” (p. 232). Esse processo é descrito como uma técnica de restrição física, na qual a restrição feita é a do próprio indivíduo em relação a certa situação (i.e., um indivíduo de um sexo não teria acesso a um indivíduo do sexo oposto). Skinner (1953/2005) não deixa clara a sua posição em relação a esse exemplo, mas a própria descrição indica uma visão heteronormativa e sexualmente restritiva de ser humano.

Ao se debruçar sobre técnicas de controle do comportamento, Skinner (1953/2005) procura definir o autocontrole como um comportamento, criticando a tese de que ele é estabelecido por meio de um agente iniciador interno. Sendo assim, o autocontrole seria explicado pelas variáveis ambientais e pela história do indivíduo, as quais teriam o controle final do comportamento. Segundo Skinner (1953/2005), tal explicação pode tornar possível o ensino de técnicas relevantes tão facilmente quanto qualquer outro repertório técnico, bem como melhorar os procedimentos pelos quais a sociedade mantém o comportamento de autocontrole.

Alguns exemplos de técnicas de controle do comportamento se relacionam à sexualidade. Skinner (1953/2005) retoma um exemplo já dado em “*Deprivation and satiation*” para explicar como fármacos são utilizados para controlar o comportamento sexual:

Nós usamos medicamentos que simulam o efeito de outras variáveis no autocontrole. . . . Aperitivos e

afrodisíacos às vezes são utilizados na crença de que eles duplicam o efeito da privação nos campos da fome e do sexo, respectivamente. Outros medicamentos são usados para o efeito oposto. (p. 237)

Sem o uso de fármacos, outra técnica de controle do comportamento sexual baseada na privação e saciação é a recomendação de exercício físico pesado. Conforme afirma Skinner (1953/2005):

O exercício pesado é frequentemente recomendado no controle do comportamento sexual na suposição de que o exercício tem o suficiente em comum com o comportamento sexual para produzir um tipo de saciação transferida. (Presume-se que o efeito se deva a uma sobreposição topográfica e não à pura exaustão). (p. 235)

Ao destacar esses exemplos, entende-se que Skinner (1953/2005) está descrevendo técnicas que pareciam ser comuns na sociedade e época em que vivia, o que demonstra, a princípio, que o controle do comportamento sexual era importante.

Citação	Comentário
<p>XVIII. <i>The self.</i></p> <p>“Symbols. In Chapter XIV [<i>the analysis of complex cases</i>], we saw that a group of responses strengthened by a common variable might not all have the same aversive consequences and that as a result of the principle of summation the response with the least aversive consequence would emerge. In more general terms, we may note that the property of a response which achieves reinforcement need not coincide with the property upon which punishment is based. A response may appear, therefore, which achieves reinforcement while avoiding punishment. For example, the visual stimulation of a nude figure may be reinforcing because of previous connection with powerful sexual reinforcement. But in many societies the behavior of looking at such figures is severely punished. Under special circumstances – as, for example, in an art museum – it is possible to engage in this behavior and escape punishment. The behavior of the artist may show a similar compromise. His art must not be pornographic or too sensual, but while staying within certain limits which avoid punishment, it may nevertheless be successfully reinforcing for biological reasons. In fantasy the individual makes a similar compromise between seeing certain objects or patterns and avoiding aversive stimulation: he daydreams in a given area but in such a way that he does not generate too much guilt.</p> <p>A symbol, as the term was used by Freud in the analysis of dreams and art, is any temporal or spatial pattern which is reinforcing because of similarity to another pattern but escapes punishment because of differences. Thus an abstract sculpture is symbolic of the human form if it is reinforcing because of resemblances. A musical composition symbolizes sexual behavior if it is reinforcing because of a similarity in temporal pattern and if it is emitted in place of such behavior because it is different enough to escape punishment.</p> <p>The principal realm of the symbol is the dream which occurs when we are asleep. This is a species of private event which is extremely difficult to study and is, therefore, the subject of much conflicting discussion. In a dream the individual engages in private discriminative behavior, in the sense of Chapter XVII [<i>private events in a natural science</i>]. He sees, hears, feels, and so on, in the absence of the usual stimuli. Controlling variables</p>	<p>Essa citação tem bastante relação com o “ver operante” e também com outro lugar em que o Skinner fala de indução de estímulo ou resposta e dá o exemplo da música etc. Aqui, ele está explicando os símbolos, e fala que uma resposta que é reforçada e ainda evita a punição pode surgir por meio deles. Um exemplo disso é o ver uma figura nua: é uma resposta com grande chance de reforço por causa de uma relação prévia com reforçamento sexual; mas também é bastante punida em muitas sociedades. Entretanto, em circunstâncias especiais, como em um museu de arte, é possível se engajar nesse comportamento e evitar a punição. O mesmo acontece com o comportamento do próprio artista, que não pode produzir artes pornográficas ou muito sensuais, mas que ainda pode ter seu comportamento reforçado por razões biológicas. Na fantasia é a mesma coisa, o indivíduo imagina certas coisas, mas que ainda não geram muita culpa. Nesse sentido, Skinner define símbolo por meio de Freud, afirmando que é qualquer padrão temporal ou espacial que é reforçador por conta da similaridade com outros padrões, mas que escapa da punição pelas suas diferenças. Assim, uma música simboliza comportamento sexual se ela é reforçadora pelo padrão temporal semelhante e se acontece no lugar do comportamento sexual em si porque evita a punição por suas diferenças.</p> <p>O principal domínio dos símbolos, no entanto, é o sonho quando estamos dormindo. Aqui, Skinner afirma que é um campo difícil de estudo e por isso gera muitas discussões conflitantes. Mas ele concorda com a interpretação de Freud, que parece encontrar na história de vida do indivíduo a relação com os sonhos. Segundo Skinner, quando sonhamos emitimos comportamentos privados em que vimos, ouvimos e sentimos na ausência de estímulos usuais, e que as variáveis controladoras estão provavelmente no ambiente imediato ou na história recente do indivíduo. Skinner afirma que o indivíduo está fortemente disposto a se engajar em comportamentos que produzam reforçadores como contato sexual ou infligir danos a outras pessoas. Esses tipos de comportamento, no entanto, são precisamente o tipo com maior probabilidade de serem punidos. Como resultado, o indivíduo não apenas não se envolve abertamente em tal comportamento, como também não pode se envolver de maneira privada ou se ver se</p>

<p>may sometimes be discovered in the immediate environment or in the recent history of the individual. In the perseverative dream, for example, one may dream of driving a car if one has been driving for many hours. More often, however, the relevant variables are harder to identify. The attempt to do so is commonly called the interpretation of dreams. Freud could demonstrate certain plausible relations between dreams and variables in the life of the individual. The present analysis is in essential agreement with his interpretation. The individual is strongly disposed to engage in behavior which achieves such reinforcements as sexual contact or the infliction of damage upon others. These kinds of behavior, however, are precisely the sort most likely to be punished. As a result the individual not only does not overtly engage in such behavior, he cannot engage in it covertly or see himself engaging in it covertly without automatic aversive self-stimulation. In the symbolic dream and in artistic or literary behavior, however, he may engage in discriminative behavior which is strengthened through stimulus – or response - induction by the same variables but which is not liable to punishment. It is often said or implied that some skillful agent engages in a sort of ‘dream-work’ to produce this result, but the result follows automatically from the discrepancy between the properties of behavior upon which reinforcement and punishment are contingent” (Skinner, 1953/2005, pp. 292-294).</p>	<p>envolvendo de maneira privada sem autoestimulação aversiva automática. No sonho simbólico e no comportamento artístico ou literário, no entanto, ele pode se envolver em um comportamento discriminativo que é fortalecido por indução de estímulo – ou resposta – pelas mesmas variáveis, mas que não é passível de punição.</p>
<p><i>XX. Personal control.</i></p> <p>“Reinforcement as a technique of control. If the individual possesses money or goods, he may use them for purposes of reinforcement in the form of wages, bribes, or gratuities. If he is in a position to do someone a favor, he can reinforce accordingly. He may also be able to offer his own physical labor, either to an employer in return for wages or to a friend in return for particular action. Sexual stimulation is a common form of reinforcement and is widely used in personal control. In practice many of these reinforcers are preceded by more immediate conditioned reinforcers” (Skinner, 1953/2005, p. 317).</p>	<p>Estimulação sexual é uma forma comum de reforçamento e é amplamente usada no controle pessoal. Na prática, muitos desses reforçadores são precedidos de reforçadores condicionados mais imediatos [exemplo afeto?].</p> <p>Skinner dá exemplos de reforçadores condicionados mais imediatos que podem preceder os reforçadores primários (como contato sexual) no controle pessoal do comportamento: dinheiro, contratos, promessas verbais, elogios e agradecimentos.</p>
<p><i>XX. Personal control.</i></p> <p>“Punishment as the removal of positive reinforcers, conditioned or unconditioned, is exemplified by cutting a dependente off ‘without a cent’, refusing to supply food or shelter previously given, imposing economic sanctions, and refusing customary sexual contact. Another important example is withholding customary social stimulation, as in snubbing an acquaintance or ‘putting a schoolboy on silence.’ Lesser degrees of such punishments are social neglect and inattention. None of these are punishments in their own right, but only when made contingent upon behavior” (Skinner, 1953/2005, p. 318).</p>	<p>Skinner está explicando como a punição negativa é usada no controle pessoal, e um dos exemplos é a recusa de contato sexual costumeiro. Vale ressaltar que a punição só é punição quando ocorrem contingentes ao comportamento.</p>
<p><i>XXIII. Religion.</i></p>	<p>Aqui é legal que Skinner faz um link com as técnicas de controle descritas no capítulo de autocontrole e de</p>

<p>“In short, all the techniques described under self-control in Chapter XV and under personal control in Chapter XX are available to the agency possessing the necessary power.</p> <p>The use of physical restraint by a religious agency is exemplified by actual incarceration, as in treatment of women in Moslem countries. Relevant environmental conditions are manipulated when the stimuli which elicit or set the occasion for sinful behavior are weakened or removed and when stimuli which elicit or serve as the occasion for virtuous behavior are pointed up. Suggested regimens of simple fare, unsexed clothing, limited personal contact, and the other features of the cloister or the ‘sheltered life’ follow this pattern. Religious agencies are likely to favor censorship of movies, plays, and books, the enforcement of laws governing modesty of dress, the prohibition of the sale of alcoholic beverages, and so on, because these measures reduce occasions for sinful behavior. Satiation and deprivation also are manipulated. St. Paul defended marriage as a measure which reduces licentious behavior, and periods of fasting and regimens of exercise may be employed for the same effect. Ritualistic techniques which affect the physiology of the organism are common – in Hindu practices, for example. Some religions encourage substitute forms of behavior to reduce sexual or other tendencies; the practice is based upon the transferred satiation discussed in Chapter IX [<i>deprivation and satiation</i>]. Since emotion is usually an important means of religious control, respondent conditioning is important. Religious art, music, and pageantry generate emotional responses by portraying the suffering of martyrs, the torments of the damned, the tender emotions of the family, and so on. These responses are transferred to stimuli, verbal or nonverbal, which are later used by the agency for purposes of control. Some religious agencies resort to the use of drugs, either to induce appropriate emotional or motivational conditions or to produce effects which seem to support the claim of a supernatural connection” (Skinner 1953/2005, pp. 354-355).</p>	<p>controle pessoal. Ele fala que todas as técnicas descritas lá podem também ser usadas pelas agências de controle. Alguns exemplos são os mesmos que ele dá em outros lugares (casamento em 1969 e 1971; exercício em autocontrole; etc). Explica como a religião exerce seu controle, sugerindo o uso de roupas não sedutoras, limitando o contato pessoal etc. além de agências religiosas serem favoráveis à censura de filmes, livros, jogos e fortalecer leis que governam a modéstia das roupas, a proibição de bebidas alcoólicas etc. As agências religiosa fazem isso porque isso reduz as chances de comportamento pecaminoso acontecer. Saciação e privação também são usadas como forma de controle, pelo casamento por jejum e por exercícios, por exemplo. Algumas religiões encorajam formas substitutas de comportamento para reduzir tendências sexuais; essa prática é baseada na transferência da saciação. Além disso tudo, também exerce seu controle por meio de emoções.</p>
<p>XXIII. <i>Religion.</i></p> <p>“The behavior which comes under religious control depends upon the type of agency. For the medicine man, who uses his magic for his own aggrandizement, ‘pious’ behavior is simply any behavior which reinforces him. On the other hand, the well-developed religious agency which derives much of its power from the group may control largely in accordance with group practice. It works in concert with ethical control in suppressing selfish, primarily reinforced behavior and in strengthening behavior which works to the advantage of others. The control is usually much more stringent, however, than that exercised by the group. Variables are manipulated in ethical control because of some current threat to the welfare of a member of the group, but the religious agency maintains its practices</p>	<p>Ele fala que o controle exercido pela agência religiosa trabalha junto com o controle ético na supressão de comportamentos egoístas e no fortalecimento de comportamentos que beneficiam os outros. Mas que as agências religiosas são muito mais rigorosas. Comer e beber se tornam pecados, assim como o comportamento sexual, que é tolerado apenas no casamento para fins de procriação.</p>

<p>according to more enduring criteria of virtuous and sinful behavior. Where eating and drinking may be restricted by ethical reinforcement only when they work to the momentary disadvantage of others, religious control may establish much narrower limits by classifying gluttony as a deadly sin and temperance as a cardinal virtue. Where sexual behavior is controlled by the group mainly in certain competitive situations, the religious agency may encourage chastity and celibacy as a general program and may tolerate sexual behavior even in marriage only for the purpose of procreation” (Skinner, 1953/2005, pp. 355-356).</p>	
<p>A psicoterapia é descrita por Skinner (1953/2005) como uma agência de controle. Junto com governo, educação, religião e economia, ela detém o poder sobre a administração de alguns reforçadores para a sociedade em geral. Entretanto, o que parece diferenciar a psicoterapia é que ela surge para lidar com os problemas gerados por outras agências, principalmente governo e religião, (ou ensinar os indivíduos a se adequarem às normas das outras agências) os quais geralmente se utilizam de punição para controlar o comportamento dos indivíduos: “a principal técnica da psicoterapia destina-se assim a reverter as mudanças comportamentais que aconteceram como resultado da punição. Muito frequentemente, essa punição tem sido administrada por agências religiosas ou governamentais” (Skinner, 1953/2005, p. 371).</p>	
<p>Um dos subprodutos gerados pela punição exercida por agências de controle é um padrão emocional de medo, composto por respostas reflexas eliciadas pelos estímulos aversivos da punição e, mais tarde, por qualquer estímulo que ocorra ao mesmo tempo (Skinner, 1953/2005). Esse padrão emocional pode ser acompanhado por mudanças no comportamento operante: “um aumento na força de qualquer comportamento que leve à fuga e um enfraquecimento geral de outras formas [de comportamento]” (p. 361). Esse enfraquecimento pode ocorrer como um baixo interesse em comida, <i>sexo</i> e atividades artísticas. Além disso, quando essa estimulação aversiva surge da ocasião em que o comportamento punido ocorreu, o indivíduo passa a ter medo de ocasiões semelhantes: “assim, se ele foi punido por comportamento sexual, ele pode ficar indevidamente com medo de qualquer coisa que tenha a ver com sexo” (Skinner, 1953/2005, p. 361).</p>	
<p>A estimulação aversiva gerada por agências de controle pode resultar em autoestimulação aversiva (e.g., masoquismo). Uma das explicações para tal comportamento é a fuga de eventos ainda mais aversivos (e.g., fugir das condições que produzem sentimentos de culpa ou pecado). Outra explicação se dá por meio do condicionamento respondente:</p>	
<p>Na punição, estímulos aversivos são pareados com as fortes consequências reforçadoras do, por exemplo, comportamento sexual. O resultado esperado é que o comportamento sexual automaticamente gere estimulação aversiva condicionada – <i>mas o estímulo aversivo usado na punição pode se tornar positivamente reforçador nesse mesmo processo.</i> (Skinner, 1953/2005, p. 367)</p>	
<p>A psicoterapia exerce então um papel essencial na sociedade como um todo ao buscar estratégias de modificação do comportamento que desenvolvam nos indivíduos um repertório de autoconhecimento e autogoverno, fazendo-os reconhecer o controle exercido pelas agências sobre o próprio comportamento.</p>	
<p>Dessa forma, a cultura se faz importante para a sexualidade porque o tipo de comportamento sexual em que um indivíduo se engaja depende, em parte, das práticas do grupo em que ele está inserido (Skinner, 1953/2005). Além disso, o comportamento sexual “dependerá, não somente da disponibilidade de membros do sexo oposto, mas do controle ético das relações sexuais, de restrições governamentais e religiosas, da educação sexual e assim por diante” (Skinner, 1953/2005, p. 422).</p>	
<p>Entretanto, como a cultura não é unitária e não há contingências de controle universalmente observadas, um mesmo indivíduo pode ser afetado por uma extensa mudança no ambiente cultural. Um exemplo dado por Skinner (1953/2005) é exatamente em relação às mudanças nas práticas de controle do comportamento sexual que ocorreram na América. O autor afirma que, nas práticas anteriores, a mulher solteira era sujeita a um controle extremo exercido pelo grupo ético, pela religião, governo e sistema educacional. Qualquer estímulo que pudesse levar ao comportamento sexual era retirado do ambiente imediato; fatos sobre o comportamento sexual que não podiam ser ocultos eram explicados de maneira fictícia; a anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutivos permaneciam obscuras e qualquer comportamento que pudesse alterar essa condição era punido. Essa punição, juntamente com outros procedimentos, gerava um comportamento que refletia em “pureza” ou “modéstia” como uma forma de autocontrole. Além disso, também era severamente punido qualquer comportamento sexual incipiente, não apenas com estimulação aversiva, “mas com punições condicionadas poderosas como desaprovação, vergonha e ameaças de ostracismo” (p. 420). Isso gerava um comportamento de autoestimulação aversiva, que, juntamente com o reforçamento de outros comportamentos de autocontrole, provocavam respostas emocionais incompatíveis com o comportamento sexual (Skinner, 1953/2005).</p>	

Essas práticas culturais eram justificadas com o argumento de que o comportamento sexual era errado, mas muito poderoso. Portanto, “o comportamento sexual agressivo dos homens deveria ser prevenido com defesas excepcionais da mulher” (Skinner, 1953/2005, p. 420). Segundo o autor, essas medidas severas de controle geraram subprodutos indesejáveis: o controle que deveria ser direcionado apenas a relações pré-maritais acabou estendendo seus efeitos às relações conjugais, fazendo com que os indivíduos não mais aproveitassem suas relações sexuais de forma saudável (Skinner, 1953/2005). Assim, as práticas culturais passaram por mudanças e a “versão moderna do controle sexual é muito diferente” (pp. 420-421). Conforme afirma o autor, parece não haver um programa claramente formulado, mas é reconhecido que a ansiedade em relação ao comportamento sexual é desnecessária. As novas práticas priorizam o ensino da anatomia e função do sexo, além de instrução quanto às consequências do comportamento sexual ao invés de remover do ambiente qualquer estímulo que pudesse levar a tal ou mesmo punir esse comportamento. Além disso, “relações amigáveis com o sexo oposto são mais livremente permitidas” (Skinner, 1953/2005, p. 421). Skinner (1953/2005) discorre sobre essas mudanças:

É possível que essas técnicas não sejam tão efetivas quanto as medidas anteriores. O comportamento sexual provavelmente não é tão profundamente reprimido, e é provavelmente muito mais comum também abertamente. O resultado final pode ou não ser vantajoso para o indivíduo e para o grupo. Em todo caso, o adolescente de hoje é afetado por técnicas conflitivas que mostram uma transição de uma prática cultural para outra. Em geral, os controles religiosos e governamentais ainda seguem o padrão antigo. Dentro da família, os membros de diferentes idades frequentemente diferem em suas técnicas controladoras. A família como um todo pode diferir substancialmente de outros grupos dos quais o indivíduo é membro. Não podemos dizer que um único conjunto de práticas com respeito ao controle do comportamento sexual é característico da cultura dessa pessoa. (p. 421)

Entende-se assim que mudanças nas práticas culturais geram conflitos entre gerações e já na época em que Skinner (1953) publicou *Science and human behavior*, as mudanças em relação ao controle do comportamento sexual eram evidentes. Uma consideração a ser feita em relação ao que afirmou o autor vai ao encontro das discussões de gênero muito pertinentes atualmente: a mulher sofria mais repressões em relação ao comportamento sexual do que os homens (Couto & Dittrich, 2017). Mesmo que as discussões sobre sexualidade e gênero sejam de campos diferentes, as duas questões estão intimamente relacionadas (Paiva, 2008).

Outra consideração a ser feita é em relação às próprias mudanças nas práticas de controle. Skinner (1953/2005) mesmo afirmou que as novas práticas, as quais priorizam a não punição e a instrução em relação ao comportamento sexual, podem não ser tão efetivas quanto as práticas antigas. É possível problematizar o que significaria essa efetividade e a quem ela deveria servir, mas cabe ressaltar que as mudanças ainda eram incipientes e era realmente difícil prever os efeitos que elas poderiam gerar. Hoje, há argumentos fortes a favor de uma educação sexual de qualidade que priorize o respeito à diversidade sexual, a autonomia dos jovens e relacionamentos sexuais saudáveis (Figueiró, 2009; Maia & Ribeiro, 2011).

Por fim, uma consideração feita por Skinner (1953/2005) se faz presente nos dias atuais. As agências de controle religiosa e governamental ainda parecem utilizar técnicas de controle baseadas na punição e na restrição. Atualmente, as práticas exercidas por tais agências se chocam com práticas de outros grupos formados por indivíduos que lutam pela igualdade de gênero e pelo direito à diversidade sexual. Enquanto alguns governos e religiões se unem em prol de preservar uma “moral tradicional”, outros grupos reivindicam seu direito à liberdade e educação sexual (Gegenfurtner & Gebhardt, 2017).

XXVIII. *Designing a culture.*

“A given culture is, in short, an experiment in behavior. It is a particular set of conditions under which a large number of people grow and live. These conditions generate the patterns or aspects of behavior – the cultural character – which we have already examined. The general interest level of members of the group, their motivations and emotional dispositions, their behavioral repertoires, and the extent to which they practice self-control and self-knowledge are all relevant to the strength of the group as a whole. In addition the culture has an indirect effect upon other factors. The general health of the group will depend upon birth rate, hygiene, methods of child care, general living conditions, and hours and kinds of work, upon whether many men and women of talent go into medicine and nursing, and upon what proportion of the wealth of the

group goes into the construction of hospitals, public health services, and so on. All these conditions, in turn, depend upon the culture. Cultural practices are also largely responsible for the use which is made of the genetic material born into the group, since they determine whether the individual will be able to develop his talents fully, whether educational institutions will be open to him regardless of class or other distinction, whether educational policies are progressive or reactionary, whether he will be subject to political or economic favoritism in the selection of a profession, and so on. The culture also determines the extent to which the members of the group are preoccupied with food or sex or with escape from minor aversive stimulation in the search for 'comfort' or from such major aversive stimulation as hard labor or combat, as well as the extent to which they are subject to exploitation by powerful agencies. In turn, therefore, it determines the extent to which they are able to engage in productive activities in science, art, crafts, sports, and so on. The experimental test of a given culture is provided by competition between groups under the conditions characteristic of a particular epoch.

Is survival, then, a criterion according to which a given cultural practice may be evaluated? Those who are accustomed to appealing to more traditional values are usually not willing to accept this alternative. Survival value is a difficult criterion because it perhaps even less obvious dimensions than happiness, freedom, knowledge, and health. It is not an unchanging criterion, for what may in this sense be a 'good' culture in one period is not necessarily 'good' in another. Since survival always presupposes competition, if only with the inanimate environment, it does not appear to define a 'good' culture in the absence of competition. There appears to be no way in which we can test the survival value of a culture *in vacua* to determine its absolute goodness. Conversely, the temporary survival of a culture is no proof of its goodness. All present cultures have obviously survived, many of them without very great change for hundreds of years, but this may not mean that they are better cultures than others which have perished or suffered drastic modification under more competitive circumstances. The principle of survival does not permit us to argue that the status quo must be good because it is here now.

Another difficulty is that survival is often in direct conflict with traditional values. There are circumstances under which a group is more likely to survive if it is not happy, or under which it will survive only if large numbers of its members submit to slavery. Under certain circumstances the survival of a culture may depend upon unrestricted exercise of sexual behavior, while under other circumstances severely repressive control may strengthen advantageous behavior of other sorts. In order to accept survival as a criterion in judging a culture, it thus appears to be necessary to abandon such principles as happiness, freedom, and

<p>virtue. Perhaps the commonest objection to survival is essentially an aversive reaction to the practices which have, thus far in the history of mankind, had survival value. Aggressive action has usually been most successful in promoting the survival of one group against another or of one individual against another” (Skinner, 1953/2005, pp. 430-432).</p>	
<p>10. <i>Supplementary stimulation.</i></p> <p>Strengthening verbal behavior in the listener. Thematic correspondences between speaker and listener. “. . . Psychoanalysis has emphasized another reason. Some forms of verbal behavior – concerned, for example, with sex or with aggressive action toward other persons – are frequently punished in everyday life, though the same forms of behavior generated by a text go unpunished. Thus, one may be punished for a verbal attack upon a parent or sibling, though not for reading of such an attack in a novel. To Freud, the behavior ‘repressed’ by punishment was released through ‘identification’ with a character in a novel, but the facts may be represented without using the Freudian conceptual scheme” (Skinner, 1957, p. 274).</p>	<p>Skinner está falando que gostar de ler pode vir do fato de que a literatura diz o que o leitor tende a dizer e que muitas vezes essa leitura ajuda o leitor a falar apropriadamente. E então ele fala que uma das razões pelas quais um leitor não fala sem ajuda textual vem da psicanálise. Algumas formas de comportamento verbal, como por exemplo, as relacionadas a sexo ou agressão, são frequentemente punidas no dia a dia e esse mesmo comportamento gerado por um texto não é punido. Assim, uma pessoa pode ser punida por um ataque verbal a um irmão e não ser punida por ler o mesmo ataque em um romance. Para Freud, esse comportamento ‘reprimido’ pela punição é liberado por meio da identificação com um personagem do romance, mas os fatos podem ser representados sem utilizar o esquema conceitual freudiano.</p>
<p>9. <i>Discipline, ethical behavior, and self-control.</i></p> <p>“No matter how good the contingencies or how light the punishment, the by-products discussed in Chapter 5 cannot all be avoided, and if we try to suppress them by punishing more severely, we only generate more severe by-products. Hence it is important to consider techniques which suppress behavior in other ways. One possibility is to eliminate the conditions which give rise to unwanted behavior. We can avoid troublesome consequences of the punishment inherent in being wrong by constructing programs in which the student is almost always right. We can isolate the classroom to avoid the distractions of the outside world, we can make furniture too rugged to be damaged, we can build schools which have no windows to be broken, we can segregate the sexes. In other words we can construct a cloister – a world in which unwanted behavior is not likely to occur. Unfortunately, it is often a world in which wanted behavior is also lacking” (par. 9-10).</p>	<p>Segregar os sexos.</p>
<p>A única consideração feita por Skinner (1968/2003) sobre tal procedimento é que a forma como o paciente se sente em relação aos sexos muda conforme as respostas emocionais são condicionadas, mas as mudanças no comportamento operante é que seriam o real objetivo da terapia: “o paciente deve evitar certos tipos de relação com membros do mesmo sexo e se aproximar de membros do sexo oposto mais livremente” (para. 28).</p>	
<p>Entretanto, “a solução ainda não foi satisfatoriamente elaborada. As contingências de reforçamento positivo arranjadas pelas agências governamentais e religiosas são primitivas, e as agências continuam a se apoiar fortemente na solução puritana” (Skinner, 1969, p. 63).</p>	
Citação	Comentário
<p>8. <i>Behaviorism at fifty.</i> Note 8.7 Feelings <i>The feelings of others.</i> “But why should we alter the conditions in others which are felt? And why does this involve our feelings? How are we in turn reinforced when we reinforce</p>	<p>Skinner parece estar dizendo que os sentimentos dos outros se tornam importantes por meio da cultura e, antes disso, afirma então que poucas pessoas demonstram simpatia ou compaixão, fazem bem para os outros e evitam ser cruéis. Além disso, as respostas de um parceiro sexual provavelmente foram</p>

others? Some answers may seem cynical. It may be that we feed the hungry not out of compassion, whatever that means, but because they show their gratitude by positively reinforcing us or ceasing to act in aversive ways. Quite apart from whether these reasons are admirable, it may be argued that they are not powerful; but the answer to that is that few people do indeed show sympathy or compassion. Very few people do good to others or avoid being cruel. Many primitive cultures, and current cultures which have not taken this line, seem to show that cruelty and indifference are 'human nature'. The psychoanalyst claims to have discovered this in the depths of the human mind. The responses of a sexual partner have probably been important to only a small percentage of people. The tenderhearted is atypical. The feelings of animals are usually taken into account very late in the development of a culture; most people avoid hurting only those animals which can hurt them.

In some cultures, nevertheless, it is common for people to rejoice in the pleasure of others and to suffer when they suffer. To understand this, we must look at the techniques with which the culture sets up compassionate behavior of this sort. Men are punished not only by those they punish but by society in general, in its concern for the overall reduction of aversive stimuli. To personal retribution we must add contingencies arranged by the group, similar to the contingencies which support ethical practices. The group also reinforces us when we reinforce others; and these consequences, added to those of gratitude and retribution, not only maintain compassionate behavior but generate some of the conditions which are felt as compassion.

This will not explain the fact that what is felt seems to resemble what is felt by others under the same circumstances, but an additional cultural technique supplies further information. The culture may punish grossly aggressive behavior and reward grossly reinforcing, possibly in terms of topography alone; but more subtle instances call for some attention to independent variables. As a culture develops, it becomes more and more difficult to specify doing good or doing ill in arranging ethical contingencies. A useful solution to the problem is formulated as the Golden Rule. If a man is to avoid hurting others, he can learn that what he does hurts by applying the Golden Rule in its negative form. He is to examine the effect on himself; he is not to do unto others what would be aversive if done by others to him.

It is perhaps significant that the negative form emerged first, but the positive is soon reached. A man who behaves in ways which reinforce others is reinforced in turn by the group as well as by the others. He can discover ways which will have these consequences by asking himself whether he would be reinforced. The ethical contingencies which maintain doing good thus lead to an examination of how one would feel oneself if treated as one proposes to treat someone else. When we

importantes para uma pequena porcentagem de pessoas.

Em algumas culturas, é comum que as pessoas se alegrem com o prazer dos outros ou sofram quando eles sofrem. Isso vai depender das técnicas que essa cultura utiliza para desenvolver comportamentos desse tipo. Conforme uma cultura se desenvolve, acaba ficando mais difícil entender o que é bom ou ruim nesse sentido e uma boa estratégia utilizada é a Regra de Ouro (não fazer aos outros o que não gostaria que fizessem a você e vice versa).

James levantou essa questão ao perguntar se as pessoas fazem amor com pessoas insensíveis e nós podemos nos perguntar se um sadista seria cruel com essa pessoa. A resposta é que sim, pessoas ocasionalmente fazem amor ou atacam outras pessoas insensíveis, mas quando a outra pessoa demonstra algum sentimento, isso envolve um reforçador adicional. Então, se considerarmos que fazer amor é estimular outra pessoa de determinada maneira, não deveríamos fazer amor com alguém insensível, assim como não mostramos fotos bonitas a um cego ou colocamos músicas para tocar a um surdo.

<p>say that in a given culture a man refrains from hurting someone because he ‘knows how it feels to be hurt’ we are defining a class of behaviors suppressed by the culture. When we say that he feeds the hungry because he knows ‘how good food tastes when hungry,’ we are referring to a class of approved behaviors.</p> <p>William James raised the question by asking whether one would make love to an unfeeling person, and we might ask whether a sadist would be cruel to such a person. The answer, as a plain matter of fact, is ‘Yes’: men occasionally make love to and attack unfeeling objects and persons. But when the recipients behave in ways which show feeling, an additional reinforcement is involved. The torturer restores the victim who has fainted before proceeding with his torture, and the schoolboy who is being caned deprives the teacher of part of his reinforcement when he refuses to show that he is hurt. If by making love we mean stimulating a person in a given way, we should not make love to an unfeeling person any more than we would play recorded music to a deaf person or show a blind person beautiful pictures—even though, if we are enthusiastic about music or pictures, we may be aware of a generalized tendency to do so.” (Skinner, 1969, p. 260).</p>	
<p>2. <i>Freedom</i>.</p> <p>“But the misuse of many social reinforcers often goes unnoticed. Personal attention, approval, and affection are usually reinforcing only if there has been some connection with already effective reinforcers, but they can be used when a connection is lacking. The simulated approval and affection with which parents and teachers are often urged to solve behaviour problems are counterfeit. So are flattery, backslapping, and many other ways of ‘winning friends’.</p> <p>Genuine reinforcers can be used in ways which have aversive consequences. A government may prevent defection by making life more interesting – by providing bread and circuses and by encouraging sports, gambling, the use of alcohol and other drugs, and various kinds of sexual behaviour, where the effect is to keep people within reach of aversive sanctions. The Goncourt brothers noted the rise of pornography in the France of their day: ‘Pornographic literature’, they wrote, ‘serves a Bas-Empire one tames a people as one tames lions, by masturbation’” (Skinner, 1971, pp. 38-39).</p>	<p>Skinner está explicando como reforçadores positivos podem ser utilizados com consequências aversivas postergadas. Um exemplo disso é o mal uso de alguns reforçadores sociais, como o afeto, que geralmente funciona como reforçador quando ligado a reforçadores já efetivos, mas que pode perder essa conexão e, às vezes, ser “falso”.</p> <p>Reforçadores genuínos também podem ser utilizados de formas a ter consequências aversivas. Por exemplo, um governo pode prevenir a deserção ao tornar a vida mais interessante – encorajar o uso de álcool e drogas e vários tipos de comportamento sexual – e o efeito ser manter as pessoas ao alcance de sanções aversivas. Os irmãos Goncourt notaram o aumento da pornografia na França de sua época ao afirmarem que: “a literatura pornográfica serve a um Baixo Império que domestica um povo como domestica leões, por meio da masturbação”.</p>
<p>Um exemplo dado pelo autor é a explicação tradicional de que a punição do comportamento sexual quando criança gera sentimentos de ansiedade que no futuro alterarão o comportamento sexual do adulto. Isso é pouco efetivo tanto para explicar quanto para intervir nesses casos, pois a punição do comportamento sexual altera o comportamento sexual, e os sentimentos que possam surgir são, na melhor das hipóteses, subprodutos (Skinner, 1971/1976).</p> <p>No capítulo “<i>Punishment</i>”, os efeitos e subprodutos da punição são mais explorados pelo autor. A punição geralmente é utilizada na suposição de que um comportamento desajustado ou indesejável não mais ocorrerá. Porém, Skinner (1971/1976) afirma que a questão não é tão simples assim, pois o comportamento punido pode reaparecer quando as contingências punitivas forem retiradas e a punição pode gerar emoções incompatíveis. Por exemplo, um garoto que foi severamente punido por “brincar sexualmente” pode voltar a fazê-lo quando a punição for retirada e, ao mesmo tempo, pode sentir vergonha, culpa ou um senso de pecado, a depender do agente punidor (e.g., pelos pais, pelo governo ou pela religião) (Skinner, 1971/1976).</p>	

Outro efeito da condição aversiva da punição é que o indivíduo que teve seu comportamento punido passa a se comportar para evita-la (Skinner 1971/1976). Assim, algumas estratégias são ou podem ser utilizadas por outras pessoas a fim de minimizar a ocorrência de comportamentos puníveis. Uma delas é criar circunstâncias em que o comportamento passível de punição não tenha possibilidade de ocorrer, como exemplifica Skinner (1971/1976): “o comportamento heterossexual é impossível quando os sexos são segregados, e o comportamento sexual vicário evocado pela pornografia é impossível na ausência de material pornográfico” (p. 67). Outra estratégia seria arranjar circunstâncias nas quais o comportamento passível de punição pode ocorrer, porém, sem ser punido: “São Paulo recomendou o casamento como um meio de reduzir formas censuráveis de comportamento sexual, e a pornografia foi recomendada pelas mesmas razões” (Skinner, 1971/1976, p. 68). Além disso, uma estratégia também utilizada é a mudança de condições fisiológicas, como acontece com o uso de hormônios para controlar ou alterar o comportamento sexual. Segundo Skinner (1971/1976), “medidas desse tipo são sem dúvidas frequentemente inconsistentes entre si e podem ter consequências imprevistas . . . a segregação dos sexos pode levar à homossexualidade indesejada” (p. 68).

Ao discorrer sobre isso, Skinner (1971/1976) parece estar se posicionando contra algumas formas de controle do comportamento sexual, o qual ele utiliza como exemplo diversas vezes. Entretanto, a afirmação de que a segregação dos sexos pode produzir uma “homossexualidade indesejada” demonstra uma postura heteronormativa que pode ser aceitável para a época, mas que precisa ser revista na atualidade, priorizando-se o respeito à diversidade sexual.

Citação	Comentário
<p>6. <i>Values.</i> “When the control exercised by others is thus evaded or destroyed, only the personal reinforcers are left. The individual turns to immediate gratification, possibly through sex or drugs. If he does not need to do much to find food, shelter, and safety, little behaviour will be generated. His condition is then described by saying that he is suffering from a lack of values. As Maslow pointed out, valuelessness is ‘variously described as anomie, amorality, anhedonia, rootlessness, emptiness, hopelessness, the lack of something to believe in and be devoted to’. These terms all seem to refer to feelings or states of mind, but what are missing are effective reinforcers” (Skinner, 1971, p. 117).</p>	<p>Skinner explica que as agências de controle ou outros grupos arranjam contingências para que as pessoas ajam “para o bem do outro”, mas o controle excessivo pode fazer com que as pessoas passem a contestá-lo e se questionarem porque agir para o bem dos outros. E então, quando o controle exercido por outros é destruído, só restam os reforçadores pessoais. O indivíduo se comporta para produzir prazer imediato, possivelmente por meio de drogas ou sexo; e se ele não precisa fazer muito para conseguir comida, abrigo e segurança, pouco comportamento será emitido. Essa condição geralmente é descrita como uma falta de valores, mas Skinner afirma que o que está faltando são reforçadores efetivos.</p>
<p>6. <i>Values.</i> “Some of the simple goods which function as reinforcers come from other people. People keep warm or safe by keeping close together, they reinforce each other sexually, and they share, borrow, or steal each other’s possessions. . . . It becomes intentional if the effect is reinforcing. A person acts intentionally, as we have seen, not in the sense that he possesses an intention which he then carries out, but in the sense that his behaviour has been strengthened by consequences. . . . When other people intentionally arrange and maintain contingencies of reinforcement, the person affected by the contingencies may be said to be behaving ‘for the good of others.’ Probably the first, and still the commonest, contingencies generating such behaviour are aversive. Anyone who has the necessary power can treat others aversively until they respond in ways that reinforce him. Methods using positive reinforcement are harder to learn and less likely to be used because the results are usually deferred, but they have the advantage of avoiding counterattack. Which method is used often depends upon the available power: the strong threaten physical harm, the ugly frighten, the physically attractive reinforce sexually, and the wealthy pay” (Skinner, 1971, pp. 107-108).</p>	<p>Alguns dos bens que funcionam como reforçadores vem de outras pessoas, por exemplo, quando elas se reforçam sexualmente. Esses reforçamentos se torna intencional se o seu efeito é reforçador – uma pessoa age intencionalmente quando seu comportamento foi fortalecido pelas consequências. Quando outras pessoas intencionalmente arranjam e mantêm contingências de reforçamento, se diz que a pessoa afetada por essas contingências está agindo ‘para o bem de outros’. Geralmente, as contingências que produzem esse comportamento são aversivas. Qualquer um com o poder necessário pode tratar os outros aversivamente até que eles se comportem de forma a reforça-lo. Métodos utilizando reforçamento positivo são mais difíceis de aprender, mas tem a vantagem de evitar o contracontrole. Qual método vai ser usado depende do poder disponível: o forte ameaça com dano físico, o fisicamente atraente reforça sexualmente etc.</p>
<p>7. <i>The evolution of a culture.</i></p>	<p>A origem de uma prática cultural não precisa estar</p>

<p>“Just as a mutation, a change in the structure of a gene, is unrelated to the contingencies of selection which affect the resulting trait, so the origin of a practice need not be related to its survival value. The food allergy of a strong leader may give rise to a dietary law, a sexual idiosyncrasy to a marriage practice, the character of a terrain to a military strategy – and the practices may be valuable to the culture for quite unrelated reasons” (Skinner, 1971, p. 129).</p>	<p>relacionada com o seu valor de sobrevivência. Uma forte alergia de um líder forte pode dar início a uma lei alimentar; bem como uma idiosincrasia sexual a uma prática de casamento – e as práticas podem se tornar valiosas para a cultura por razões também não relacionadas.</p> <p>Exemplo: práticas de ensino da sexualidade que são estabelecidas por grupos específicos (religião e governo) apenas pelas crenças que algumas pessoas têm.</p>
<p>9. <i>Knowing</i>. Isms “The ascetic is no less reinforced by delicious food, sex, and so on than others (indeed, his asceticism would scarcely be admired if he were), but his behavior is clearly under the control of other consequences – most of them probably the punitive sanctions of early Christianity” (Skinner, 1974, p. 146).</p>	<p>Skinner está explicando como algumas filosofias, espíritos da época etc., são posses intelectuais que pertencem ao campo do conhecimento e explicam alguns padrões comportamentais de um povo ou cultura. E então dá o exemplo do asceta, que não se comporta dessa forma porque é menos reforçado por comida, sexo etc., mas sim porque seu comportamento está sob controle de outras consequências – a maioria provavelmente relacionada às sanções punitivas do Cristianismo. Além disso, seu ascetismo não seria tão admirado se esses reforçadores (comida, sexo) não fossem efetivos.</p>
<p>2. <i>Are we free to have a future?</i> “Those who have proposed and effected changes of this kind have moved to destroy certain aversive or exploitative features of the environment. As a result people have more often felt free, and they have also probably enjoyed a greater sense of achievement or worth. But we can scarcely overlook the fact that some of the contrived contingencies under which human behavior has had important deferred consequences have been destroyed. As a result people are more susceptible to immediate consequences. It would be unfair to take the hippy culture as typical of American life today, but it served to point up certain features. Young people turned in large numbers to the immediate gratifications of drugs and sex, to forms of art and music which can be enjoyed without preparation, and to idleness as an escape from social and economic responsibilities” (Skinner, 1978, p. 26).</p>	<p>Skinner está falando sobre como retirar consequências aversivas do ambiente pode fazer com que as pessoas se sintam mais livres e desfrutem de um maior senso de conquista ou valor. Porém, isso também faz com que contingências que deixavam o comportamento sob controle de consequências atrasadas sejam destruídas, tornando os indivíduos mais sob controle de consequências imediatas. Um exemplo disso é o movimento hippie, em que jovens se voltam às consequências imediatas das drogas e do sexo, de artes e música sem preparação etc., como uma fuga da responsabilidade social e econômica.</p>
<p>2. <i>Are we free to have a future?</i> “Let us compare the lives of young people in China and the United States today. We say that young Americans are sexually free, while the Chinese, if we can trust the accounts, observe a strict moral code. . . . The Chinese no doubt have some choice, and not all Americans are free to choose their work of where they live. But, even so, the Americans seem to have much more freedom. Clearly, they have many more opportunities; they can do a great many more kinds of things. But are they really free to choose among them? Why, in fact, do they . . . observe a particular sexual standard? Certainly the answer is not as easy as, ‘because the government tells them to do so,’ but that does not mean that there is <i>no</i> answer. It is much harder to demonstrate the control exerted by family, friends, education, religion, work,</p>	<p>Comparando as vidas dos jovens americanos e dos jovens chineses, falamos que os americanos são mais livres. Dizemos que os americanos são sexualmente livres, enquanto que os chineses obedecem a um código moral rigoroso. Mas por que, de fato, eles seguem um padrão sexual particular? Certamente a resposta não é tão fácil quanto “porque o governo diz para que eles o façam”, mas isso não significa que não há resposta. É muito mais difícil demonstrar o controle exercido pela família, amigos, educação, religião, trabalho etc., mas seria tolice negligenciar ele.</p>

<p>and so on, but it would be foolish to neglect it” (Skinner, 1978, p. 31).</p>	
<p>3. <i>The ethics of helping people.</i></p> <p>“The recipients of bountiful help are rather in the position of those who live in a benign climate or possess great wealth. They are not strongly deprived or aversively stimulated and, hence, not subject to certain kinds of reinforcement. Some important forms of behavior are never acquired or, if they have been acquired, are no longer exhibited. But such people do not simply do nothing; instead, they come under the control of lesser reinforcers. No objection is likely to be raised to the classic examples found in art, music, literature, and scientific exploration. Individuals are encouraged to devote themselves to these fields through the kind of help called patronage or grants-in-aid. But these reinforcing consequences are, unfortunately, seldom as immediate or as personally effective as others, which have long given the leisure classes a special character. Sweets remain reinforcing to the nonhungry; alcohol and drugs have anomalous reinforcing effects; sexual reinforcement survives because we do not leave satiation to others; certain special schedules of reinforcement (such as those basic to all gambling devices) make weak reinforcers effective; and just the spectacle of other people living seriously or dangerously is often reinforcing, as in films or television” (Skinner, 1978, p. 37).</p>	<p>As pessoas que recebem ajuda vivem em uma posição de riqueza. Elas não ficam fortemente privadas e não são estimuladas aversivamente e, portanto, não estão sujeitas a certos tipos de reforçamento. Assim, algumas formas importantes de comportamento nunca são adquiridas, e, se são, não são mais exibidas. Portanto, essas pessoas passam a ficar sob controle de reforçadores menores. Não há objeção nos exemplos clássicos encontrados na arte, música, literatura e exploração científica. Os indivíduos são encorajados a se dedicar a esses campos pelo tipo de ajuda chamada patrocínio. Mas as consequências reforçadoras desses campos não são imediatas ou pessoalmente efetivas quanto outras, que tem dado um caráter especial ao lazer. O doce continua sendo reforçador para os que não tem fome; álcool e drogas tem um efeito reforçador anômalo; e reforçamento sexual sobrevive porque nós não deixamos saciação para outros.</p>
<p>3. <i>The ethics of helping people.</i></p> <p>“In many cultures, food, shelter, clothing, security, and possibly privacy have been made available to those who for any reason cannot otherwise obtain them. Homes for the very young, the aged, the infirm, and the retarded, hospitals for psychotics, and prisons are far from a benign world, but those who live in them, characteristically, have little reason to work for the basic reinforcers because the reinforcers have been guaranteed, as rights. Most of the alternatives, such as gambling, sex, alcohol, and drugs, are not available (except surreptitiously in prisons). As a result, such people suffer all the ills of having nothing to do. Troublemaking may be unintentionally reinforced, and if possible they escape, but otherwise we say that their behavior tends to be marked by boredom, abulia, acedia, and apathy” (Skinner, 1978, pp. 40-41).</p>	<p>Em muitas culturas, comida, abrigo, roupas, segurança e possivelmente privacidade tem sido dados aqueles que por qualquer razão não conseguem obtê-los. Casas para os muito novos, os idosos, enfermos e retardados, hospitais para os psicóticos, e prisões, estão longe de um mundo favorável, mas aqueles que vivem nelas, caracteristicamente, tem poucas razões para trabalhar pelos reforçadores básicos porque eles têm sido garantidos, como direitos. A maioria das alternativas, como jogos, sexo, álcool e drogas, não estão disponíveis (exceto de forma clandestina em prisões). Como resultado, essas pessoas sofrem todas as condições de não ter nada para fazer. Entrar em confusão pode ser reforçado, e se possível eles se esquivam, mas de outra forma nós dizemos que seus comportamentos tendem a ser marcados por tédio, abulia, acedia e apatia.</p>
<p>17. <i>Freedom and dignity revisited.</i></p> <p>“Young Chinese wear plain clothing, live in crowded quarters, eat simple diets, observe a rather puritanical sexual code and work long hours – all for the greater glory of China. Are they sacrificing freedom? They are if they are under aversive control, if they behave as they do because they will be denounced by their fellows when they behave otherwise. But if Mao succeeded in making signs of progress toward a greater China positively reinforcing, it is possible that they feel freer, and happier, than most young Americans” (Skinner,</p>	<p>De novo Skinner está falando sobre como os jovens chineses seguem um código sexual puritano entre outras coisas, tudo pelo seu país. Ele afirma aqui que eles estão sacrificando sua liberdade se estiverem sob controle aversivo, mas que se Mao conseguiu dar sinais de progresso em direção a uma China maior reforçando positivamente, provavelmente eles se sentem mais livres e felizes que a maioria dos jovens americanos.</p>

1978, p. 198).

No último capítulo selecionado para análise, “*The place of feeling in the analysis of behavior*” (1989), Skinner (1989) explica o papel do sentimento na Análise do Comportamento e um deles está intimamente relacionado à sexualidade: o amor. Ao recuperar descrições gregas do amor *eros*, *philia* e *ágape*, Skinner (1989) descreve os papéis da seleção natural, da ontogênese e da cultura, fazendo uma relação com os amores citados.

O amor *eros* seria definido então como o amor sexual, aquele que é fruto da seleção natural e é compartilhado com outras espécies (Skinner 1989). Esse amor pode ser modificado por condicionamento operante, “mas uma conexão genética sobrevive, porque a suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual é um traço evoluído” (p. 5). Na maioria das espécies, a tendência genética é mais forte, mas no *homo sapiens* “o reforçamento sexual predomina e produz uma frequência e variedade muito maior de fazer amor” (Skinner, 1989, p. 5).

O amor *philia* é, então, aquele selecionado ontogeneticamente e que pode envolver diversos reforçadores, não apenas o reforçador sexual. Essa relação é construída na história do indivíduo e, portanto, cada um terá como reforçador algo diferente. Muitas vezes, o amor *eros* e o amor *philia* podem estar relacionados (Skinner, 1989). Por fim, o amor *ágape* é selecionado pela cultura. Segundo Skinner (1989), nesse tipo de amor a direção do reforçamento é revertida, pois é o comportamento de outros que é reforçado: “o efeito principal é sobre o grupo. Ao demonstrar que estamos satisfeitos com o que as outras pessoas fazem, nós reforçamos o fazer e, assim, fortalecemos o grupo” (p. 6).

É possível observar essa reversão do reforçamento também em *eros*, quando a maneira que uma pessoa se comporta em relação ao sexo muda a depender se o parceiro demonstra estar gostando ou não. Como afirma Skinner (1989):

A direção do reforçamento também é invertida em *eros* se a maneira pela qual fazemos amor é afetada por sinais de que nosso amante está satisfeito . . . Uma direção invertida do reforço deve ser explicada, especialmente quando exige sacrifício. Podemos agir para agradar um amante porque nosso próprio prazer é aumentado, mas por que devemos fazê-lo quando não o é? . . . As principais consequências reforçadoras de *ágape* são, de fato, artificiais. Elas são inventadas por nossa cultura, e planejadas, além disso, apenas porque o tipo de coisa que então fazemos ajudou a cultura a resolver seus problemas e sobreviver. (pp. 6-7)

Sendo assim, tanto o amor *eros*, *philia* e *ágape* podem estar relacionados à sexualidade, o primeiro estando mais diretamente ligado ao contato sexual como traço evolutivo e os outros dois, sendo desenvolvidos pela história individual e cultural, podem ou não ter relação com o que Skinner (1989) chamou de “fazer amor”, expressão que parece estar ligada a relacionamentos sexuais e afetivos. Mais uma vez entende-se então que a sexualidade é formada por aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais e o amor é um dos sentimentos que pode estar ligado a ela.

Superpopulação

Outro exemplo disso é o fato de que uma mudança no ambiente pode fazer com que a capacidade de ser reforçado resulte em uma desvantagem biológica:

O sexo fornece outro exemplo. Já não há uma vantagem biológica no grande efeito reforçador do contato sexual, mas não precisamos voltar muitas centenas de anos para encontrar condições de fome e peste sob as quais o poder do reforçamento sexual oferecia uma vantagem decisiva. (Skinner, 1953/2005, p. 84)

Citação	Comentário
<p>3. <i>The environmental solution.</i></p> <p>Making contingencies less effective: “The problem raised by man’s extraordinary sensitivity to reinforcement by food, sexual contact, and aggressive damage cannot be solved . . . simply by removing these things from the environment. It would be impossible to change the world that much, and in any case the reinforcers serve useful functions (one important function is simply to encourage support for a culture. A way of life in which food, sex, and aggression were kept to a bare minimum would not strongly reinforce those who adopted it nor discourage defections from it). The problem is not to eliminate reinforcers but to moderate their effects. Several possible methods are</p>	<p>Nesse tópico, Skinner traz algumas soluções que vem sendo sugeridas pela análise experimental do comportamento para o problema levantado pela extraordinária sensibilidade ao reforçamento por comida, contato sexual e agressão. Ele afirma que não podemos resolver simplesmente eliminando tais reforçadores do ambiente, até porque eles possuem algumas funções úteis. A solução seria então moderar os efeitos de tais reforçadores. Isso poderia ser feito, primeiramente, por meio da prevenção da descoberta dos efeitos reforçadores. Para isso, os processos que tornam coisas reforçadoras precisariam ser rigorosamente examinados. Um ponto importante levantado pelo autor é que a excessiva consumação que leva ao sobrepeso, à superpopulação e à guerra, é</p>

suggested by recent work in the experimental analysis of behavior. The mere frequency with which a reinforcer occurs is much less important than the contingencies of which it is a part. We can minimize some unwanted consequences by preventing the discovery of reinforcing effects. . . In any case, the processes which make things reinforcing need to be closely strutinized. . . . The excessive consummation which leads to overweight, overpopulation, and war is only one result of man's sensitivity to reinforcement. Another, often equally troublesome, is an exhausting preoccupation with behavior which is only infrequently consummated. A single reinforcement may generate and maintain a great deal of behavior when it comes at the end of a sequence or chain of responses. . . Problems of this sort can be solved simply by breaking up the conditions under which long chains are formed. . . . Another kind of exhausting preoccupation is due to intermittent reinforcement. A single form of response is repeated again and again, often at a very high rate, even though only infrequently reinforced. . . The ratio schedule of sexual reinforcement is automatically stretched by satiation. . . Unwanted consequences are averted in all such cases by breaking up the programs through which infrequent reinforcement comes to sustain large quantities of behavior" (Skinner, 1969, pp. 58-61). (isso seria uma tese tradicional pra skinner?)

apenas um dos resultados da sensibilidade ao reforçamento. Outro resultado, igualmente problemático, é a exaustiva preocupação com comportamentos que são raramente executados: um único reforçamento pode gerar e manter um comportamento quando ele acontece no final de uma cadeia de respostas; problemas dessa natureza podem ser resolvidos simplesmente por meio da quebra das condições sob as quais longas cadeias são formadas. Outra preocupação surge em relação ao reforçamento intermitente. Uma única resposta pode ser repetida várias vezes, em alta frequência, mesmo que não seja frequentemente reforçada (o esquema de razão do reforçamento sexual é automaticamente estendido pela saciação); uma solução para esses problemas seria a quebra dos programas nos quais o reforço pouco frequente sustenta grandes quantidades de comportamentos.

No primeiro capítulo selecionado de *Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis* (1969), "The environmental solution", Skinner (1969) se debruça sobre uma questão importante: o conflito entre a suscetibilidade ao reforçamento que foi selecionada filogeneticamente e as rápidas mudanças no ambiente, produzidas pela cultura: "em poucas centenas de gerações, características altamente benéficas do corpo humano tornaram-se problemáticas. Uma delas é a extensão na qual o comportamento humano é fortalecido por certos tipos de consequências reforçadoras" (Skinner, 1969, p. 50).

Um exemplo desse conflito é a suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual e os problemas decorridos da superpopulação. Como já afirmado anteriormente e retomado por Skinner (1969), o reforçamento por contato sexual trouxe vantagens em épocas de fome, peste e guerras (i.e., em ambientes perigosos à sobrevivência). Contudo, no ambiente atual, "essa mesma suscetibilidade conduz a uma séria superpopulação com seus males correspondentes" (Skinner, 1969, p. 51). Uma questão importante então decorre desse problema: "como podemos garantir que essas propriedades do organismo humano, uma vez necessárias à sobrevivência, não provem ser letais?" (p. 51).

Algumas soluções a esse problema são discutidas e criticadas por Skinner (1969). A primeira delas é a denominada solução "sibarítica", a qual consiste em maximizar o reforçamento (e.g., por contato sexual) enquanto as consequências desastrosas ou são desconsideradas ou são evitadas (e.g., aderir a relações sexuais irresponsáveis ou a prevenção das consequências por meio de contracepção ou de relações sexuais que não levem à procriação) (Skinner, 1969). Mesmo que essa solução seja tentadora, pois os reforços primários estariam disponíveis em abundância, Skinner (1969) afirma que ela é "perigosamente irresponsável ou deliberadamente improdutiva" (p. 52).

Outra solução tradicional é a chamada puritana. Nesta, o reforçamento é contrabalanceado com a punição, a qual é exercida pelas agências de controle por meio da classificação de certos comportamentos como ruins, errados, ilegais, pecaminosos ou desajustados. Segundo Skinner (1969), essa solução não é efetiva porque a punição sempre gerará subprodutos indesejáveis. Por fim, uma última solução descrita e criticada é a que consiste em uma mudança corporal que se adeque às necessidades de sobrevivência atuais. No caso do reforçamento sexual, ela tem sido utilizada por meio de medicamentos ou até mesmo no caso do jejum extremo, o qual pode gerar mudanças químicas no corpo, praticado por algumas religiões com o propósito de enfraquecer o comportamento sexual. Um problema dessas técnicas é que elas podem debilitar efeitos reforçadores desejáveis (Skinner, 1969).

Todas essas soluções parecem ter como premissa que o comportamento sexual, além de outros comportamentos relacionados a reforçadores primários, é instintivo ou movido por uma necessidade interna.

Segundo Skinner (1969), essa concepção faz com que as soluções para os problemas da humanidade se concentrem nas mudanças dessas necessidades internas, o que faz com que a solução para o problema comportamental seja ignorada.

Sendo assim, uma solução alternativa seria justamente modificar as contingências de reforçamento: “reforçadores podem se tornar contingentes a um comportamento produtivo ao qual não eram originalmente relacionados” (Skinner, 1969, p. 61). O casamento parece ser um exemplo de como isso já é feito: ele frequentemente é descrito como um sistema no qual o contato sexual ilimitado com um parceiro é contingente a outros comportamentos que trazem benefícios à cultura, como sustentar e administrar a casa e a família, bem como abandonar a atividade sexual em outros lugares (Skinner, 1969). Essa solução, conforme afirma o autor, seria bem aceita pelos defensores das soluções sibarítica, puritana e de mudança corporal, pois não faltaria reforçamento, o ser humano deveria trabalhar por seus reforçadores e os mesmos seriam úteis, e não mais produziram problemas. Entretanto, “a solução ainda não foi satisfatoriamente elaborada. As contingências de reforçamento positivo arranjadas pelas agências governamentais e religiosas são primitivas, e as agências continuam a se apoiar fortemente na solução puritana” (Skinner, 1969, p. 63).

Além do casamento, outro exemplo que o autor traz é o do reforçamento homossexual na educação grega, mas não traz maiores explicações sobre isso (uma pesquisa rápida na internet me informou que na Grécia Antiga, a pederastia – relações sexuais entre homens de idades diferentes – era uma prática na qual um homem mais velho tinha como função ensinar o mais novo). Além disso, as transações econômicas geralmente envolvem comida, sexo e agressão, já que o dinheiro, como reforçador generalizado, é frequentemente trocado por tais reforçadores.

Além disso, os conceitos de necessidade e “drive” acabam atrapalhando, já que acabamos negligenciando as contingências de reforçamento procurando soluções para os nossos problemas na satisfação de necessidades. O discurso da sociedade atual é que precisamos saciar nossas necessidades, mas o problema é que os reforçadores não são contingentes aos comportamentos, e isso nos leva a ação nenhuma. Somente quando pararmos de usar reforçadores para aliviar nossas necessidades é que poderemos usá-los para ‘satisfazer a natureza humana’ em um sentido muito mais importante.

Skinner (1969) também retoma um importante problema atual para exemplificar que, em alguns casos, a origem do comportamento pode não ser tão importante. O autor afirma que a população mundial pode ser mantida dentro de limites, sem fome, peste ou guerras, por meio da alteração de práticas culturais que poderiam ser realizadas pela educação, medicina ou direito. Entretanto, esse controle populacional também poderia ocorrer pelo desenvolvimento de um “instinto limitador da população”, o qual já pode ser visto em outras espécies. Segundo Skinner (1969): “a questão não é se o comportamento procriador humano é principalmente instintivo ou aprendido, ou se o comportamento de outras espécies é relevante, mas se o comportamento pode ser controlado por meio de variáveis acessíveis” (p. 199).

Essa questão volta a ser discutida em *Beyond freedom and dignity* (1971), mais especificamente em “*A technology of behavior*”, capítulo em que o autor parece se posicionar mais claramente em relação ao que considera boas soluções para problemas sociais, como, por exemplo, o da superpopulação. Por mais que a ciência e as tecnologias da medicina e da biologia sejam importantes na resolução de problemas mundiais, Skinner (1971/1976) afirma que elas sozinhas não serão suficientes, pois muitos problemas se encontram em outro campo.

Em relação ao problema da superpopulação, o autor deixa claro que bons contraceptivos só funcionarão no controle populacional se as pessoas os *usarem*, e isso têm a ver com contingências de reforçamento (Skinner, 1971/1976). Contudo, tradicionalmente, as soluções são baseadas em mudanças de comportamento por meio de alterações de estados internos:

Dizem-nos que, para controlar o número de pessoas no mundo, precisamos mudar *atitudes* em relação às crianças, superar o *orgulho* no tamanho da família ou na potência sexual, construir algum *senso de responsabilidade* em relação à prole e reduzir o papel desempenhado por uma família numerosa em dissipar a *preocupação* com a velhice. (Skinner, 1971/1976, p. 15)

Essas soluções quase nunca são questionadas, mesmo que nada parecido tenha sido feito na física ou na biologia. Isso pode explicar o motivo pelo qual uma ciência e uma tecnologia do comportamento têm sido adiadas por muito tempo. Ainda há uma concepção muito forte de que comportamentos são causados por sentimentos e que as mudanças devem se direcionar a eles. Segundo Skinner (1971/1976), é possível negligenciar qualquer estado mental ou mediacional e partir direto para a relação entre organismo e ambiente.

Citação	Comentário
<p>8. <i>The design of a culture.</i></p> <p>“Survival value changes as conditions change. For example, a strong susceptibility to reinforcement by . . . sexual contact . . . was once extremely important. . .</p>	

<p>When famine and pestilence frequently decimated the population, it was important that men should breed at every opportunity, but with improved sanitation, medicine, and agriculture, the susceptibility to sexual reinforcement now means overpopulation. . . It is one of the functions of a culture to correct for these innate dispositions through the design of techniques of control, and particularly of self-control, which moderate the effects of reinforcement” (Skinner, 1971, pp. 172-173).</p>	
<p>2. <i>Are we free to have a future?</i></p> <p>“The powerful reinforcing effects of drugs like alcohol and heroin are no doubt accidents, but our susceptibilities to reinforcement by food, sexual contact, and signs of aggressive damage have had great survival value. Without them the species would probably not be here today, but under current conditions they are almost as nonfunctional as drugs, leading not to survival but to obesity and waste, to overpopulation, and to war, respectively” (Skinner, 1978, p. 32).</p>	<p>Skinner afirma que o poder reforçador do álcool e da heroína é sem dúvida um acidente, mas nossa suscetibilidade ao reforçamento por comida, contato sexual e sinais de dano agressivo tiveram grande valor de sobrevivência. Sem eles, as espécies provavelmente não estariam aqui hoje, mas sob as condições atuais eles são tão não funcionais como as drogas, nos levando não à sobrevivência, mas à obesidade e desperdício, à superpopulação e à guerra, respectivamente.</p>
<p>1. <i>Why we are not acting to save the world.</i></p> <p>“Two other susceptibilities have caused more of the trouble we are concerned with here. First, when the species was living in a far-from-hospitable world and was periodically decimated by famine and pestilence, it was important for people to breed as often as possible. A heightened susceptibility to reinforcement by sexual contact evolved, which is now responsible for the danger and misery of overpopulation” (Skinner, 1987, p. 4).</p>	<p>Quando a espécie vivia em um mundo longe de ser hospitaleiro e era periodicamente dizimada pela fome e pela peste, era importante que as pessoas procriassem o mais rápido possível. Uma suscetibilidade aumentada ao reforçamento por contato sexual evoluiu, a qual é agora responsável pelo perigo e pela miséria da superpopulação.</p>
<p>No capítulo selecionado de <i>Upon further reflection</i> (1987), “<i>Selection by consequences</i>”, o qual foi originalmente publicado em 1981, Skinner (1987) explica que o condicionamento operante pode suplementar ou até mesmo substituir a seleção natural, o que indica que o planejamento de técnicas de controle do comportamento pode, por exemplo, suplantando a suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual, fator que gera os problemas de superpopulação tão comentados pelo autor. Segundo Skinner (1987):</p> <p>Quando, através da evolução de suscetibilidades especiais . . . o contato sexual se torna reforçador, novas formas de comportamento podem ser estabelecidas . . . novas formas de se comportar sexualmente ou de maneiras que levam apenas eventualmente ao reforçamento sexual podem ser modeladas e mantidas. O comportamento assim condicionado não é necessariamente adaptativo . . . comportamento sexual não relacionado à procriação é fortalecido. (p. 53)</p> <p>Além disso, ao discorrer sobre problemas morais e éticos, Skinner (1987) afirma que eles podem ser resolvidos ao se especificar o nível de seleção. O que é bom para um indivíduo ou para a cultura pode ter consequências negativas para a espécie, assim como o que é bom para a espécie ou para a cultura pode ser ruim para o indivíduo. Exemplo do primeiro caso é justamente o reforçamento sexual levando à superpopulação (i.e., pode ser bom para o indivíduo, mas prejudica a espécie). Já no segundo caso, pode ser ruim para o indivíduo quando práticas planejadas de controle da procriação restringem sua liberdade individual, mas isso poderia ser bom para a cultura e para espécie (Skinner, 1987).</p>	
Citação	Comentário
<p>5. <i>The evolution of behavior.</i></p> <p>“In the human species, operant conditioning has very largely replaced natural selection. A long infancy gives the ontogenic process greater scope, and its role in adapting to very unstable environments is a great advantage. Nevertheless, the process is not untouched by environmental changes. As I have pointed out</p>	<p>A suscetibilidade humana ao reforçamento por contato sexual pode ter tido valor de sobrevivência muito maior do que agora. Os avanços tecnológicos no controle da peste podem ter tornado essa suscetibilidade mais letal.</p>

<p>elsewhere, the human susceptibilities to reinforcement by sugar and salt, sexual contact, and signs of aggressive damage may once have had much greater survival values than they have now. Technological advances in the production, storage, and distribution of foodstuffs, in the control of pestilence, and in the improvement of weapons may have made these susceptibilities more likely to be lethal” (Skinner, 1987, p. 72).</p>	
<p>7. <i>The operant side of behavior therapy.</i></p> <p>“An increased susceptibility to reinforcement by sexual contact would also have had great survival value in a world subject to famine, pestilence, and predation. However, it now raises problems, not only for individuals but for an already overpopulated world. A strong susceptibility to reinforcement by signs that one has hurt another person could also have evolved, because such signs shape and maintain skillful combat. (The boxer who shows that he has been hurt has taught his opponent how to hurt.) Hence, aggressive behavior has been strongly reinforced, which, like that of sexual behavior, raises problems both for the individual and the world as a whole (Skinner, 1989, p. 76).</p>	<p>Mesma coisa de sempre, mas aqui ele também fala que a suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual cria problemas para o indivíduo (como?) além de para o mundo como um todo.</p>

Orientação sexual/homossexualidade	
<p>No capítulo selecionado de <i>The technology of teaching</i> (1968), “<i>Discipline, ethical behavior, and self-control</i>”, Skinner (1968/2003) aborda uma questão relacionada à homossexualidade. O autor descreve um procedimento experimental utilizado para o tratamento da homossexualidade: “o paciente ocasionalmente recebe um choque elétrico enquanto olha para fotos de pessoas do mesmo sexo, mas não recebe o choque, e pode até ser positivamente reforçado, enquanto olha para figuras do sexo oposto” (Skinner, 1968/2003, para. 28).</p>	
<p>A única consideração feita por Skinner (1968/2003) sobre tal procedimento é que a forma como o paciente se sente em relação aos sexos muda conforme as respostas emocionais são condicionadas, mas as mudanças no comportamento operante é que seriam o real objetivo da terapia: “o paciente deve evitar certos tipos de relação com membros do mesmo sexo e se aproximar de membros do sexo oposto mais livremente” (para. 28). Nesse exemplo, pode-se observar que Skinner (1968/2003) também não se posicionou claramente em relação ao experimento, mas a própria descrição demonstra uma posição desfavorável em relação à homossexualidade, o que pode ser justificado pelo fato de que naquela época, essa orientação sexual ainda era considerada um distúrbio, e deixou de ser classificada como tal somente em 1973, pela Associação Americana de Psiquiatria, e em 1975, pela Associação Americana de Psicologia (Carvalho, Silveira, & Dittrich, 2011; Mizael, 2018).</p>	
<p>Outro efeito da condição aversiva da punição é que o indivíduo que teve seu comportamento punido passa a se comportar para evita-la (Skinner 1971/1976). Assim, algumas estratégias são ou podem ser utilizadas por outras pessoas a fim de minimizar a ocorrência de comportamentos puníveis. Uma delas é criar circunstâncias em que o comportamento passível de punição não tenha possibilidade de ocorrer, como exemplifica Skinner (1971/1976): “o comportamento heterossexual é impossível quando os sexos são segregados, e o comportamento sexual vicário evocado pela pornografia é impossível na ausência de material pornográfico” (p. 67).</p>	
<p>Segundo Skinner (1971/1976), “medidas desse tipo são sem dúvidas frequentemente inconsistentes entre si e podem ter consequências imprevistas . . . a segregação dos sexos pode levar à homossexualidade indesejada” (p. 68).</p>	
Citação	Comentário
<p>10. <i>The inner world of motivation and emotion.</i> Personalities “A self or personality is at best a repertoire of behavior imparted by an organized set of contingencies. The</p>	<p>O corpo que se comporta heterossexualmente na maior parte do tempo é o mesmo corpo que é ocasionalmente homossexual.</p>

<p>behavior a young person acquires in the bosom of his family composes one self; the behavior he acquires in, say, the armed services composes another. The two selves may exist in the same skin without conflict until the contingencies conflict – as they may, for example, if his friends from the services visit him in his home.</p> <p>. . . Conflicting contingencies lead to conflicting repertoires of behavior, but they are all exhibited by one body, by one member of the human species. The body that behaves in a considerate way most of the time is the same body that is occasionally callous or cruel; the body that behaves heterosexually most of the time is the same body that is occasionally homosexual” (Skinner, 1974, pp. 149-150).</p>	<p>Skinner dá esse exemplo quando ele fala que contingências conflitivas levam a repertórios conflitivos, então ele quis dizer que ser heterossexual e homossexual é conflitivo??</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Releituras	
<p>De maneira semelhante, a saciação é colocada em uso prático tanto por meio do uso de fármacos que reduzem a probabilidade do comportamento sexual quanto por meio, por exemplo, da recomendação de prostituição legalizada, que acontece “com o argumento de que diminui a probabilidade de comportamento sexual em membros da população que, se não estiverem saciados, podem atacar mulheres inocentes” (Skinner, 1953/2005, p. 147).</p>	
Citação	Comentário
<p>XII. <i>Punishment.</i></p> <p>“Punishment is generally supposed to have some abiding effect. Is it hoped that some change in behavior will be observed in the future, even though further punishment is withheld. . . . As an effect of the severe punishment of sexual behavior, the early stages of such behavior generate conditioned stimuli giving rise to emotional responses which interfere with the completion of the behavior. One difficulty with the technique is that punishment for sexual behavior may interfere with similar behavior under socially acceptable circumstances – for example, in marriage. In general, then, as a second effect of punishment, behavior which has consistently been punished becomes the source of conditioned stimuli which evoke incompatible behavior” (Skinner, 1953/2005, pp. 186-187).</p>	<p>Skinner explica que um dos efeitos da punição é a supressão momentânea do comportamento e que um segundo efeito pode ser um efeito mais permanente. Esse efeito parece ser produzido por meio de condicionamento. Por exemplo, como efeito da severa punição de comportamento sexual, os estágios iniciais desse comportamento geram estímulos condicionados que produzem reações emocionais que podem interferir na conclusão do comportamento. Entretanto, uma dificuldade dessa técnica é que a punição do comportamento sexual pode interferir em comportamentos similares socialmente aceitáveis, como no casamento. Em geral, então, um segundo efeito da punição é que comportamento consistentemente punido se torna a fonte de estimulação condicionada que evoca comportamentos incompatíveis.</p>
<p>Uma desvantagem do “ver operante” é que ele não altera o estado de privação, ainda que seja reforçador: “o homem . . . sexualmente privado é reforçado pelo aparecimento ou presença de objetos relevantes, tanto quanto por vê-los quando estão ausentes. Esse reforçamento não depende de uma verdadeira redução no estado de privação” (Skinner, 1953/2005, p. 273).</p>	
<p>Por fim, outro ponto que parece ser característico de uma sociedade que agia em função de controlar o comportamento sexual é a descrição feita por Skinner (1953/2005) de uma técnica de controle do comportamento utilizada por instituições educacionais: “instituições não coeducacionais tentam controlar certos tipos de comportamento sexual tornando o sexo oposto inacessível” (p. 232). Esse processo é descrito como uma técnica de restrição física, na qual a restrição feita é a do próprio indivíduo em relação a certa situação (i.e., um indivíduo de um sexo não teria acesso a um indivíduo do sexo oposto). Skinner (1953/2005) não deixa clara a sua posição em relação a esse exemplo, mas a própria descrição indica uma visão heteronormativa e sexualmente restritiva de ser humano.</p>	
<p>Mesmo demonstrando uma postura tradicional em relação à diversidade sexual, Skinner (1971/1976) já discorria sobre diferenças sexuais ao criticar o conceito tradicional de responsabilidade. Conforme afirma o autor, tradicionalmente a responsabilidade de um indivíduo por suas ações não entra em questão quando se trata de aspectos genéticos ou biológicos óbvios (e.g., ninguém é “culpado” por ser daltônico). Porém, outros aspectos genéticos menos notáveis causam problemas, como no caso do próprio comportamento sexual:</p> <p>Presumivelmente, os indivíduos diferem, assim como as espécies . . . na extensão em que se engajam em</p>	

<p>comportamento sexual ou em que são afetados por reforçamento sexual. São eles, portanto, igualmente responsáveis por controlar seu . . . comportamento sexual, e é justo puni-los na mesma medida? Se não punimos uma pessoa por ter um pé torto, devemos puni-la por ser . . . altamente suscetível a reforçamento sexual? (Skinner, 1971/1976, p. 77)</p> <p>Segundo Skinner (1971/1976), o conceito de responsabilidade então é de pouca ajuda e o que está em pauta é o controle. Não se deve mudar a responsabilidade do indivíduo autônomo, mas sim as condições ambientais ou genéticas das quais seu comportamento é função. De maneira semelhante, Skinner (1971/1976) também examina as noções tradicionais de bondade e liberdade, criticando a afirmação de que a bondade de um indivíduo é expressa quando esse pode se comportar livremente. Um exemplo dado pelo autor é a defesa de que as casas de prostituição deveriam continuar existindo para que os indivíduos, por meio do autocontrole, demonstrassem sua “bondade” ao não frequentá-las. Segundo Skinner (1971/1976), a diferença entre manter as casas de prostituição abertas ou fechadas é que, no primeiro caso, o controle exercido pela punição é mascarado:</p> <p>Uma coisa é . . . fechar as casas de prostituição. Outra coisa é tornar todas essas coisas aversivas, como punir o comportamento que elas evocam, chamando-as de tentações planejadas pelo diabo . . . ou descrevendo as doenças venéreas adquiridas de prostitutas. O efeito pode ser o mesmo: as pessoas podem não . . . ir às prostitutas, mas o fato de não <i>poderem</i> fazê-lo em um ambiente e não <i>o fazer</i> em outro é um fato sobre técnicas de controle, não sobre bondade ou liberdade. Em um ambiente, as razões para o bom comportamento são claras; no outro elas são facilmente omitidas ou esquecidas. (p. 73)</p> <p>Entende-se assim que as tentativas de modificar o comportamento sexual dos indivíduos por meio da atribuição de responsabilidade, bondade ou liberdade como causas interiores não são efetivas. Para Skinner (1971/1976), os problemas causados pelo comportamento sexual, por exemplo, devem ser solucionados por meio do planejamento de uma cultura que desenvolva técnicas efetivas de controle e autocontrole do comportamento.</p>	
<p>XX. <i>Personal control.</i></p> <p>“The power to manipulate the conditions affecting another individual may be delegated to the controlling individual by one of the organized agencies to be discussed in Section V. The controller’s relation to the controllee may then be characterized as that of governor to governed, priest to communicant, therapist to patient, employer to employee, teacher to pupil, and so on. But almost everyone controls some relevant variables, apart from such a role, which he may employ to his own advantage. This we may speak of as <i>personal control</i>. The kind and extent depend upon the personal endowment and skill of the controller. The strong man uses the variables which derive from his strength. The wealthy man resorts to money. The pretty girl uses primary or conditioned sexual reinforcement. The weakling becomes a sycophant. The shrew controls through aversive stimulation” (Skinner, 1953/2005, p. 314).</p>	<p>Skinner fala que no controle pessoal, as pessoas utilizam de variáveis que serão vantajosas para elas. Por exemplo, a menina bonita usa de reforçamento sexual primário ou condicionado.</p> <p>Depois ele fala de novo algo do tipo em 1971 (Values p. 108), mas ele não fala mais da GAROTA BONITA, e sim do indivíduo sexualmente atraente!</p>
<p>XI. <i>Aversion, avoidance, anxiety.</i></p> <p>“We also condition aversive stimuli in order to provide for negative reinforcement. A neutral stimulus which is likely to occur on some later occasion is made aversive by being paired with aversive stimuli. Escape is then automatically reinforced. For example, the spread of venereal disease is to some extent controlled by educational programs which provide for the future reinforcement of aversive behavior to prostitutes or “easy pickups”. Descriptions or pictures of such people are paired with aversive information about venereal disease. One result is a strong emotional response at the sight of a prostitute which may be effective from the point of view of the educational program by being incompatible with sexual behavior: the individual may be too frightened to participate. To</p>	<p>Skinner afirma que a estimulação aversiva condicionada pode ser usada para fornecer reforçamento negativo. Isso acontece, por exemplo, quando programas educacionais pareiam o estímulo neutro “fotos ou descrições de prostitutas ou ‘easy pickups’” com informações aversivas de doenças venéreas. A princípio, isso gera uma resposta emocional de medo em relação às prostitutas, e não necessariamente é um efeito aversivo (não gera comportamento aversivo/fuga); o que parece ser efetivo do ponto de vista do programa educacional, já que se imagina que ficar com muito medo das prostitutas é incompatível com comportamento sexual. Entretanto, o programa educacional também reforça negativamente o comportamento aversivo, ou seja, quando o indivíduo se afasta de prostitutas, seu comportamento será reforçado pela redução de um</p>

<p>this extent the effect is emotional rather than aversive. Another object of such a program, however, is to guarantee the reinforcement of aversive behavior. When the individual looks away, turns away, or walks away from the prostitute, his behavior will be reinforced by the reduction of a conditioned aversive stimulus.</p> <p>An important example of this use of aversive conditioning is the practice of branding an act wrong or sinful. Any behavior which reduces the stimulation arising from the early stages of such an act is then negatively reinforced. A single pairing of two stimuli may be sufficient to transfer aversive power, and a conditioned reinforcer may continue to be effective long after the basic unconditioned reinforcers have disappeared from the environment. Many problems in psychotherapy arise from the strength and duration of this effect, as we shall see in Chapter XXIV” (Skinner, 1953/2005, pp. 174-175).</p>	<p>estímulo aversivo condicionado. Um exemplo dessa estimulação aversiva condicionada é a prática de chamar uma ação de errada ou pecaminosa. Qualquer comportamento que reduza essa estimulação é negativamente reforçado, sendo que apenas um emparelhamento entre dois estímulos pode ser suficiente para transferir o poder aversivo. Além disso, um reforçador condicionado pode continuar a ser efetivo mesmo depois de os reforçadores incondicionados desaparecerem do ambiente por muito tempo, e muitos problemas que aparecem em psicoterapia surgem da força e duração desses efeitos.</p>
<p>Além disso, o comportamento sexual “dependerá, não somente da disponibilidade de membros do sexo oposto, mas do controle ético das relações sexuais, de restrições governamentais e religiosas, da educação sexual e assim por diante” (Skinner, 1953/2005, p. 422).</p>	
<p>O autor afirma que, nas práticas anteriores, a mulher solteira era sujeita a um controle extremo exercido pelo grupo ético, pela religião, governo e sistema educacional. Qualquer estímulo que pudesse levar ao comportamento sexual era retirado do ambiente imediato; fatos sobre o comportamento sexual que não podiam ser ocultos eram explicados de maneira fictícia; a anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutivos permaneciam obscuras e qualquer comportamento que pudesse alterar essa condição era punido. Essa punição, juntamente com outros procedimentos, gerava um comportamento que refletia em “pureza” ou “modéstia” como uma forma de autocontrole. Além disso, também era severamente punido qualquer comportamento sexual incipiente, não apenas com estimulação aversiva, “mas com punições condicionadas poderosas como desaprovação, vergonha e ameaças de ostracismo” (p. 420). Isso gerava um comportamento de autoestimulação aversiva, que, juntamente com o reforçamento de outros comportamentos de autocontrole, provocavam respostas emocionais incompatíveis com o comportamento sexual (Skinner, 1953/2005).</p> <p>Essas práticas culturais eram justificadas com o argumento de que o comportamento sexual era errado, mas muito poderoso. Portanto, “o comportamento sexual agressivo dos homens deveria ser prevenido com defesas excepcionais da mulher” (Skinner, 1953/2005, p. 420). Segundo o autor, essas medidas severas de controle geraram subprodutos indesejáveis: o controle que deveria ser direcionado apenas a relações pré-maritais acabou estendendo seus efeitos às relações conjugais, fazendo com que os indivíduos não mais aproveitassem suas relações sexuais de forma saudável (Skinner, 1953/2005). Assim, as práticas culturais passaram por mudanças e a “versão moderna do controle sexual é muito diferente” (pp. 420-421). Conforme afirma o autor, parece não haver um programa claramente formulado, mas é reconhecido que a ansiedade em relação ao comportamento sexual é desnecessária. As novas práticas priorizam o ensino da anatomia e função do sexo, além de instrução quanto às consequências do comportamento sexual ao invés de remover do ambiente qualquer estímulo que pudesse levar a tal ou mesmo punir esse comportamento. Além disso, “relações amigáveis com o sexo oposto são mais livremente permitidas” (Skinner, 1953/2005, p. 421). Skinner (1953/2005) discorre sobre essas mudanças:</p> <p>É possível que essas técnicas não sejam tão efetivas quanto as medidas anteriores. O comportamento sexual provavelmente não é tão profundamente reprimido, e é provavelmente muito mais comum também abertamente. O resultado final pode ou não ser vantajoso para o indivíduo e para o grupo. Em todo caso, o adolescente de hoje é afetado por técnicas conflitivas que mostram uma transição de uma prática cultural para outra. Em geral, os controles religiosos e governamentais ainda seguem o padrão antigo. Dentro da família, os membros de diferentes idades frequentemente diferem em suas técnicas controladoras. A família como um todo pode diferir substancialmente de outros grupos dos quais o indivíduo é membro. Não podemos dizer que um único conjunto de práticas com respeito ao controle do comportamento sexual é característico da cultura dessa pessoa. (p. 421)</p>	
<p>Algumas soluções a esse problema são discutidas e criticadas por Skinner (1969). A primeira delas é a denominada solução “sibarítica”, a qual consiste em maximizar o reforçamento (e.g., por contato sexual) enquanto as consequências desastrosas ou são desconsideradas ou são evitadas (e.g., aderir a relações sexuais irresponsáveis ou a prevenção das consequências por meio de contracepção ou de relações sexuais que não levem</p>	

<p>à procriação) (Skinner, 1969). Mesmo que essa solução seja tentadora, pois os reforços primários estariam disponíveis em abundância, Skinner (1969) afirma que ela é “perigosamente irresponsável ou deliberadamente improdutiva” (p. 52).</p>	
<p>Segundo Skinner (1971/1976), “medidas desse tipo são sem dúvidas frequentemente inconsistentes entre si e podem ter consequências imprevistas . . . a segregação dos sexos pode levar à homossexualidade indesejada” (p. 68).</p> <p>Ao discorrer sobre isso, Skinner (1971/1976) parece estar se posicionando contra algumas formas de controle do comportamento sexual, o qual ele utiliza como exemplo diversas vezes. Entretanto, a afirmação de que a segregação dos sexos pode produzir uma “homossexualidade indesejada” demonstra uma postura heteronormativa que pode ser aceitável para a época, mas que precisa ser revista na atualidade, priorizando-se o respeito à diversidade sexual.</p>	
<p>8. <i>Why I am not a cognitive psychologist?</i></p> <p>“A passage from a recent discussion of the development of sexual identity in a child might be translated as follows: “The child forms a concept based upon what it has observed and been told of what it means to be a boy or girl.” (A child’s behavior is affected by what it has observed and been told about being a boy or girl.) “This concept is oversimplified, exaggerated, and stereotyped.” (The contingencies affecting the behavior are simplified and exaggerated and involve stereotyped behavior on the part of parents and others.) “As the child develops cognitively, its concepts, and consequently its activities, become more sophisticated and realistic.” (As the child grows older, the contingencies become more subtle and more closely related to the actual sex of the child.) Children do not go around forming concepts of their sexual identity and ‘consequently’ behaving in special ways; they slowly change their behavior as people change the ways in which they treat them because of their sex. Behavior changes because the contingencies change, not because a mental entity called a concept develops” (Skinner, 1978, pp. 99-100).</p>	<p>Skinner fala de “sexo real”.</p>
<p>8. <i>The school of the future.</i></p> <p>“Programmed instruction will permit students to choose among many more fields because curricula will not be restricted to the competence of available teachers. Bright students will be able to pursue given fields much further than is now possible because the programs will be available. Students will be free to move on to subjects that are particularly interesting and reinforcing in their own right. They will have fewer reasons to turn elsewhere for their reinforcers – for example, to sex, violence, and drugs” (Skinner, 1989, pp. 94-95).</p>	<p>Skinner está descrevendo “a escola do futuro” e parece descrever algo que ele desejaria que acontecesse. Mas, ao mesmo tempo que ele afirma que os estudantes poderão estudar aquilo que é particularmente interessante e reforçador, ele fala que eles terão menos motivos para se virarem para outro lugar em busca de reforçadores – como para o sexo, violência ou drogas. Ele trata o sexo como algo ruim e a ser evitado.</p>